

ANNE HOLT MILLER



DA AUTORA DE
ENQUANTO VOCÊ DORMIA
E AREIA MOVEDIÇA

EU DESAPARECEREI COM A FRIA BRISA DE INVERNO

intempérie



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





**EU
DESAPARECEREI
COM A FRIA BRISA
DE INVERNO**



COPYRIGHT © 2019 todos os direitos reservados à Anne Hølt Muller
COPYRIGHT © 2019 direitos de distribuição pertencentes à editora Intempérie
TÍTULO ORIGINAL: I'll Be Gone With The Cold Winter Breeze

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Tradução de *A Crazy Girl* por Anne Hølt Muller; direitos reservados a seu criador.

PRODUÇÃO EDITORIAL
Editora Intempérie

CAPA | DESIGN DA CAPA
Anne Hølt Muller

IMAGEM NA CAPA
Young Female/Unsplash

ILUSTRAÇÃO
Woman in Blue/Pixabay. Editada por Alexandra Haynak e reeditada por Anne Hølt Muller/Unsplash

EDIÇÃO DO TEXTO, PREPARAÇÃO E REVISÃO
Camila Bergamini dos Reis
Anne Hølt Muller
João Victor Gonçalves

IMAGENS NO CORPO DO TEXTO
The Rising, por Agnes Cecile; *Pier Beach*, por Samuel Foster; *Boston Winter*, por Nathan Duarte; *Blue Eyes*, por Alex Perez. Todos os direitos reservados.



Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Hølt, 1999 —

EU DESAPARECEREI COM A FRIA BRISA DE INVERNO/Anne Hølt
Muller — Vitória: intempérie, 2019.

286p.; 16x23cm

Tradução de I'll Be Gone With The Cold Winter Breeze

ISBN 978-17239-305-46

I. Mistério e suspense. II. Thriller psicológico. III. Ficção. IV. Título.

CDD: B840

CDU: 821.134.3(81)

Direitos de distribuição reservados exclusivamente à editora intempérie:

Rua A, 12A — 29353-259 – Vitória, ES

intemperieditora@gmail.com

Conheça mais livros da autora:

Trilogia Areia Movediça:

1. [Areia Movediça](#)
2. [Ponto Cego](#)
3. [Ponto de Ruptura](#)
4. [Sem Saída](#)

Ponto Sem Retorno – Histórias de Areia Movediça

Spin-off de Areia Movediça:

A Árvore Envenenada

Enquanto Você Dormia:

1. [Enquanto Você Dormia](#)
2. [Sob Sua Pele](#) – uma novela
3. O Diabo Dentro De Si

Outros livros:

[Eu Desaparecerei Com a Fria Brisa de Inverno](#)

[Borboleta na Roda](#)

[Minta Por Mim](#)

Limerência

Eu Estou Te Vendo (em breve)

*Aquela moça enlouquecida,
Improvisando a sua música e poesia,
Dançando em meio à praia; a alma apartada de si
mesma,
A subir e descer aonde a moça não sabia;
A esconder em meio à carga de um vapor
A rótula quebrada,
Eu proclamo essa moça algo de belo e alto, ou
algo
Perdido heroicamente, achado heroicamente.*

*Pouco importa o acidente que ocorreu,
Ela envolvia-se em desesperada música,
Ela envolvia-se, envolvia-se,
E não ergueu seu triunfo,
Onde os fardos e cestos repousavam,
Som que fosse trivial e inteligível,
porém cantou: "Mar esfomeado, ó mar famélico de
mar".*

A Moça Enlouquecida, William Butler Yeats

Riley Harred trabalha às tardes na livraria local em Surrey e desaparece certa noite voltando para casa enquanto o tempo passa e as folhas de outono caem, as pistas vão desaparecendo no ar. Em seu cativeiro com um homem perturbado, Riley deve entender sua mente para permanecer viva, mas nenhum deles saíra de lá sendo o mesmo.

Sumário

[classificação de conteúdo](#)

[prefácio](#)

[parte um](#)

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[parte dois](#)

[capítulo 10](#)

[intermédio](#)

[capítulo 11](#)

[intermédio](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[intermédio](#)

[capítulo 14](#)

[capítulo 15](#)

[capítulo 16](#)

[parte três](#)

[capítulo 17](#)

[capítulo 18](#)

[capítulo 19](#)

[capítulo 20](#)

[capítulo 21](#)

[capítulo 22](#)

[capítulo 23](#)

[parte quatro](#)

[capítulo 24](#)

[capítulo 25](#)

[capítulo 26](#)

[capítulo 27](#)

[capítulo 28](#)

[capítulo 27](#)

[parte cinco](#)

[capítulo 30](#)

[capítulo 31](#)

[capítulo 32](#)

[capítulo 33](#)

[capítulo 34](#)

[capítulo 35](#)

[intermédio](#)

[capítulo 36](#)

[capítulo 37](#)

[epílogo](#)

[remi](#)

[nota da autora](#)

[agradecimentos](#)

Confira um trecho de ***Enquanto Você Dormia***

sobre a autora

informações sobre a autora:

Classificação de conteúdo

Não recomendado para menores de 16 (dezesesseis anos). Pode conter: linguagem de conteúdo sexual, insinuação sexual, violência, ato libidinoso, consumo de drogas lícitas, banalização da violência, nudez, discurso adulto e depreciativo, descrição de violência, medo, agressão violenta e/ou de forte impacto, possível presença de sangue e situações sexuais complexas e conteúdo perturbador.

*“A felicidade é salutar para o corpo,
mas só a dor robustece o espírito.”*

Marcel Proust

Prefácio

Tendo aceitado a árdua e honrosa tarefa de escrever estas palavras, me encontro mergulhado no oceano de memórias que recontam a nossa amizade em forma de sentimentos mais do que de fatos. E o fato é que, muito antes de conhecer a Anne Hølt Muller que escreveu esta e tantas outras obras maravilhosas, eu conheci a Anne que me tocou com palavras doces, ideias instigantes e uma personalidade ímpar. Seu gosto pelo mistério vai muito além de suas obras, tornando-se uma parte fundamental de seu charme. Não fosse por um desses acasos do destino, talvez ainda hoje eu não conhecesse a fantástica escritora que ela é.

Em seu ritmo frenético de criação, Anne arquiteta infundáveis tramas que envolvem e engolem a vida de seus personagens, explorando os aspectos emocionais e psicológicos mais genuínos e intensos da condição humana. A profundidade com a qual ela desenvolve cada uma das figuras de suas obras aliada à imprevisibilidade de seus enredos, nos torna reféns de suas histórias, fazendo com que queiramos obsessivamente virar as páginas como se sofrêssemos de síndrome de Estocolmo.

Tendo encontrado desde muito cedo a paixão pela literatura, seu catálogo já conta com um extenso número de publicações. Não é de se espantar, visto que Anne passa boa parte do seu tempo mergulhada em um universo particular, no qual diversas ideias nascem, se desenvolvem e são postas no papel em um processo não linear, que resulta no desenvolvimento de diversos

trabalhos simultâneos. Não é raro ela estar escrevendo três ou quatro obras ao mesmo tempo.

E esse trabalho apaixonado tem recebido cada vez mais reconhecimento não só por figurar constantemente nas primeiras posições das listas de mais vendidos da Amazon - plataforma na qual são publicados seus livros – mas também pela recorrente presença em blogs de literatura e sites especializados, sempre com opiniões positivas e carinhosas.

Nesta obra, Anne nos convida a mergulhar no intenso suspense que envolve o desaparecimento de Riley e na conturbada, sombria e emotiva relação que ela desenvolve com seu raptor. Com sua narrativa comovente, *Eu Desaparecerei Como a Fria Brisa de Inverno* é provavelmente a obra mais emocionante que ela já escreveu.

Mesmo que o destino não tivesse me revelado o lado literário de Anne, ainda sim, estaria imensamente feliz por ter em minha vida esta sublime amizade que, por si só, já constituiria as bases de uma bela estória. Talvez não tão cheia de suspenses e reviravoltas, mas ainda sim bela e verdadeira.

Texto por Alexandre Reis

PARTE UM

capítulo 1

Inspirei profundamente, um som que preencheu o cômodo por inteiro no vazio da noite silenciosa. Nada mais se fazia ouvir a minha volta, e com um puxão em meus pulsos, que notei estarem amarrados, perguntei-me se não estaria drogada, pois não via outro tipo de explicação para a sensação que percorria meu corpo. Nenhuma.

Eu estava imóvel, os membros pesados - mal os sentia àquele ponto. O sangue pulsava em minhas têmporas a uma velocidade assustadora que me fazia piscar sem parar no segundo em que me vi em uma consciência gradual de tudo o que me cercava. Notei, também, o quão seca estava a minha garganta e como o movimento de tentar engolir em seco a fazia arder cada vez mais.

Meus arquejos, então, substituíram a sensação desagradável de queimação para que a sonolência e a falta de ar tomassem conta. Eu estava em uma posição terrível para pegar no sono, o que era bom, porque eu piscava e apertava os olhos na tentativa de permanecer acordada e alerta, mas eu *tinha* que estar drogada, pois era a segunda vez em que pegava no sono. Os minutos transcorriam, apressados, e assim que consegui inflar por completo o peito, preenchê-lo pelo ar até que eu fosse invadida pela sensação confortável de dor quando minha caixa torácica não podia se expandir mais, tentei içar meu corpo para cima.

Mexi nas cordas que apertavam meus pulsos, joguei a cabeça para trás e dei uma olhada no nó complicado. Senti lágrimas se formando em meus olhos, não pela dor que queimava em minha pele a cada vez em que tentava me livrar das cordas e a cada vez em que as friccionava contra minha pele sensível para tanto, mas por desespero por me dar conta de que não era capaz de me soltar. Tampouco sair daquele lugar.

Meu corpo voltou a cair na cama e fechei os olhos por um instante com um suspiro exausto. Precisava descansar, mas não podia. Só queria aquele minuto, que ele se arrastasse até o fim, antes de tentar de novo. Avaliar novas saídas. Não havia nenhuma. Janelas, não. Buracos, não.

Apenas a saída a minha esquerda, e apreciei dali o espaço de poucos metros da cama onde estava meu corpo inútil e inválido. Dois metros? Acho que dois e meio, no máximo.

Antes de cair no sono pela primeira vez, eu notara que a cama estava parafusada ao chão de cimento de um cinza deprimente; parecia uma medida de segurança. Parecia que ele tinha pensado bem em tudo.

Soltei uma risada histérica e sem motivo.

Estava começando a me desesperar, na verdade, e estava com tanta sede. Não me lembrava quando comera pela última vez, então podia ser as drogas que eu ainda não sabia que realmente existiam, unindo-se a um estágio inicial de inanição e insanidade. Minhas pálpebras pesaram de novo e daquela vez, decidi que não iria mais resistir. Mesmo com meus braços erguidos e amarrados no alto da cabeceira de ferro com entalhes antigos, com minhas escapulas doloridas por não poder mudar de posição há tanto tempo, não foi difícil acomodar minhas costas no travesseiro fofo.

A cabeça tombou para o lado e ficou apoiada em meu braço. E mergulhei rapidamente em direção a doce inconsciência, feita de algodão e sonhos adocicados.

Sem sonhos daquela vez. Dormi um sonho tranquilo que, embora estivesse longe de ser suficiente, recarregou minhas energias e me vi completamente desperta no segundo em que acordei. Meus olhos arderam com a claridade repentina, mas ajustaram-se depois de apertá-los por dois segundos que soaram como uma eternidade. Um estalo longo e seco.

Era luz artificial, branca.

Cheirava a sabonete, shampoo, flores campestres e um perfume bem fraco. Fiquei olhando para cima. Eu estava com medo, mas estava repetindo o tempo inteiro e sem parar que eu não estava.

Equilíbrio. Parecia difícil no momento; impossível, era provável. Senti meu peito doer como se uma punhalada atravessasse minhas costelas depois de rasgar minha pele, a ponta estava em meu pulmão. Era coisa da minha cabeça, no entanto, a única coisa que senti foi sua mão, o colchão afundando um pouco diante de seu peso; ele se sentara na borda, ao que percebi, mas não sabia se tinha coragem para olhar o que ele estava fazendo.

Dor. Ele tocou meu tornozelo e recuei, meu corpo inteiro se encolheu em uma reação espontânea e apertei meus olhos. *Em não olhar.* Abri meus olhos e deixei o ar sair de novo, bem devagar, encarei o teto baixo com o mesmo tom de cinza que dominava cada polegada do cômodo apertado.

Eu estou bem, vai ficar tudo bem. Estou mentindo.

— Você vai me estuprar? — Não acreditei que acabara de perguntar aquilo a ele. Eu não deveria irritá-lo, devia imaginar que aquela seria a última reação que eu iria querer arrancar-lhe no momento. Já vira filmes de gente perturbada o suficiente para saber que era melhor não.

Ainda sentia seus dedos pouco acima de meu tornozelo esquerdo, mas então finalmente tomei coragem para encarar o homem. Olhos azuis se chocaram contra os meus como um soco violento, claros e limpos como uma manhã ensolarada de junho, sem uma nuvem no céu. Vi suas pupilas dilatarem quando o fiz e forcei-me a engolir a saliva que se acumulara no interior de minha boca pelos longos segundos em que permaneci a encará-lo.

Quem de nós deveria desviar o olhar?

— Não. — A resposta foi sucinta, mas sua mão ainda estava parada ali. Pareceu ter ido uma polegada para cima.

— Porque tudo bem.

Ele me encarou como se eu fosse louca e eu entendia como deveria soar exatamente para parecia. Mas talvez, se fosse aquela a sua intenção, o fato de não oferecer resistência o fizesse pensar que ele estava plenamente no controle, que eu iria obedecer a cada palavra que ele me dissesse e então eu tivesse a minha chance.

— Eu não quero. Só estou vendo seu tornozelo. — Seus dedos mornos deslizaram em direção a meu pé e ele girou-o para avaliar o corte minúsculo. Eu tinha caído no que julgara ser a noite anterior, se não tivesse dormido tanto assim, quando tentara correr dele, voltando do trabalho.

— Não está doendo muito. — Abaixei o olhar. Ainda estava vestida, pude constatar, mas se ele não era um estuprador, maníaco, nem nada parecido, talvez fosse pior.

Observei-o levantar-se com uma expressão apática deslizando pelo seu rosto. Camisa branca de botões, calça escura, quase preta, e mocassins. Os cabelos eram loiros e curtos, as pontas pareciam queimadas depois de muitos dias na praia. Percebi que não era muito mais velho que eu, talvez três ou quatro anos, não mais.

E percebi ainda que não era uma pessoa da qual eu teria medo, caso ele estivesse na mesma calçada que eu. Mas que cara devia ter um sociopata? Um velho desdentado? Certo, eu estava sendo ridícula.

Passava na tevê o tempo inteiro casos de pessoas com boa aparência cometendo crimes. Homicídios. Escondendo corpos. Desmembrando-os e queimando. Respirei fundo enquanto ele estava de costas. Havia uma mesinha a minha frente encostada a parede, de aparência simples, e estiquei o pescoço para ver que havia uma bandeja, mas, notei, ele era alto e seu corpo ocultava o que quer que ele fizesse em movimentos ritmados e rotineiros.

Não como se fosse um homem louco que tivesse sequestrado alguém.

Certo, eis o que você precisa fazer: seja legal, mas não demais. Ele não pareceu ser idiota para acreditar em qualquer merda. Dei uma olhada na pesada porta de aço e umedecei meus lábios pela centésima vez.

— Você deve estar com fome. — Ergui o olhar rapidamente.

Ele me flagrou! Eu encarava a porta como um cão faminto baba por uma carne suculenta e aquilo não pareceu afetá-lo de forma alguma, o som de sua voz ainda era calmo e controlado quando fez seu caminho até a cama e colocou a bandeja no móvel ao lado dela, de madeira simples e sem nada para decorá-lo, como era de se esperar.

Não respondi. Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Não imaginei por um segundo que o homem fosse me desamarrar, dei uma olhada no pão com queijo derretido e uma fatia de presunto; minha boca encheu d'água. Eu adorava aquilo. Não era das melhores cozinheiras e às vezes estava tão cansada ao chegar do trabalho que só queria cair na cama, então era o que rolava na maior parte das noites em casa.

Só que também não previ o que ele fez.

— Sente-se direito. — Ordenou com firmeza. Tinha escorregado o máximo que pudera e pegara no sono daquele jeito. Endireitei meu corpo como pude, apertando o ferro da cabeceira para me puxar para cima e sentar-me no travesseiro.

Ele estendeu uma caneca de alumínio até meus lábios e inclinei o rosto para tomá-la por entre eles. Senti o cheiro de café antes de sorver o líquido. Café com leite, pouca açúcar como eu costumava tomar pela manhã. Dei dois goles longos e o homem devolveu a caneca à bandeja antes de pegar o pão e repetir o movimento de aproximá-lo o suficiente e esperar que eu me inclinasse por três centímetros para alcançá-lo. Como se espera de um cãozinho de estimação ao ensiná-lo um truque novo.

Seu olhar me desconsertava enquanto eu mastigava entre uma mordida e outra, dividida entre comer rápido e acabar com aquilo ou saborear a comida, sem saber quando iria comer de novo.

Apertei meus olhos por um instante antes que ele tornasse a estender o pão pela metade. O que será que ele pensava?

O que passava pela sua cabeça para manter alguém presa em sua casa, ou no que *julguei* ser sua casa, e como podia agir daquela forma? Ele me deu mais café com leite quando terminei de comer e tomei coragem de erguer um pouco o queixo e encontrar seus olhos.

— Estava bom? — Será que ele realmente se importava com a qualidade do café da manhã ou o quanto aquilo me agradara? Retorci os lábios por meio segundo antes de me dar conta do que fazia e parar.

— Sim, obrigada. — Houve uma pausa. Ele recolocou a caneca na bandeja e inclinou o corpo para frente, prestes a levantar-se. — Qual o seu nome?

Recebi um olhar calmo, não um de “*sou um sequestrador, eu não tenho nome*”, e quando ele não disse nada, inclinei meu rosto até sentir minha bochecha contra o braço.

— Não precisa ser seu nome de verdade, só... Um nome pelo qual você gostaria de ser chamado.

— Qual o seu? — Ele olhou para mim e então acrescentou no mesmo tom calmo: — Nome pelo qual gosta de ser chamada?

Encolhi os ombros de forma desajeitada e forcei-me a engolir o nó em minha garganta e ignorar as vozes da paranoia me dizendo para parar de conversar coisas irrelevantes com aquele homem e começar a tramar minha fuga.

— Mamãe me chama de Ray.

— Você é pouco velha para usar essa palavra. — Ele agarrou as bordas da bandeja e levantou-se com os movimentos um pouquinho mais apressados que antes.

— Eu gosto. Mamãe e eu somos próximas o suficiente para eu chamá-la assim. — Tentei parecer tão casual quanto ele era, mas havia sempre traços de desespero que carregavam minha voz antes que chegasse a seus ouvidos, espalhando-se por todo o cômodo.

Fitei-o de costas. Na mesa, ele pegou o bule e colocou na bandeja, pareceu distraído. Engoli em seco de novo, com uma nova sensação ruim torcendo minha garganta.

Será que era verdade que contar histórias de nossas vidas convenciam assassinos a não nos matar? Ele permaneceu frio e alheio, apenas pegou o que levava ali e dispusera sobre a mesa para organizar na bandeja e levar embora.

Para me deixar sozinha de novo, foi o que concluí, mas então não fazia sentido. O que ele queria de verdade? Deixar-me trancada ali? Por quê? Achei que ele fosse um maníaco, mas não. E se eu estava com medo com o pensamento de que suas intenções fossem essas, claras e delineadas, o pânico começou a instalar-se por minhas veias quando me dei conta de que talvez fosse mais.

Mais que eu não sabia o quê. Um mais pavoroso e desconhecido.

Ele se virou, carregando a bandeja consigo, e endireitei-me quando comecei a escorregar de novo pelo travesseiro.

— Você me drogou? — A pergunta saltou pela minha boca antes que eu tivesse forças para impedi-la.

— Só clorofórmio para colocá-la no meu carro. Mas não, você só estava exausta e pegou no sono depois. — Ele repetiu o movimento e daquela vez, estendeu a mão em direção a maçaneta.

— Seu nome. — O tom de minha voz sugeriu um esquecimento por parte dele.

— Chame-me de Adler.

capítulo 2

Estávamos em meados de junho, quando as chuvas constantes meio que começavam a ceder seu espaço para o calor abafado e a sensação de sufocamento em cômodos fechados, suor. Era parte do que eu sentia naquele momento, naquele lugar sem janelas, com pensamentos cada vez mais assustadores e muito tempo para passar, imaginando a minha morte tendo olhos azuis gélidos.

Ele podia me matar rapidamente. Jogar meu corpo em um rio e esperar que a natureza fizesse o trabalho árduo. Será que ele usaria alguma coisa para limpar suas digitais do meu corpo? Meu tornozelo começou a formigar com o pensamento, queimando como se tocasse ácido. Cloro, eu acho. Talvez não precisasse. Será que poderiam vasculhar meu corpo com o tipo de perícia moderna e então prendê-lo?

Engoli em seco pela segunda vez na longa hora que se passou desde que ele saíra e inclinei a cabeça para trás para voltar a remexer meus pulsos nas cordas em meio a uma inspiração tranquila, longa. Eu precisava parar, na verdade, e repensar tudo o que eu sabia, mapear as informações que possuía e então formular uma estratégia.

É tão fácil dizer.

Havia uma segunda porta no cômodo que eu não notara mais cedo, provavelmente pela posição em que eu me encontrava, e só ao me contorcer foi que deslizei a língua pela textura ressecada de meus lábios. O primeiro pensamento que me

ocorreu foi de que se tratasse de um banheiro, com uma pequena reviravolta em minha mente, mas então disse a mim mesma para não contar vitória em dois segundos.

O quarto não tinha janelas, era provável que o banheiro fosse outro cômodo fechado e apertado. Puxei meu braço direito com força e soltei um gemido abafado antes de me deixar desabar mais uma vez mais na cama e então descansar, por fim. Fechei meus olhos com uma dor incômoda no fundo de meus olhos.

As horas foram se arrastando em minha luta silenciosa contra as cordas. Estava tão quente que percebi que mal enxergava, apenas sentia ondas de calor pelo meu corpo, minha pele começou a suar por estar envolta e cercada do tecido pesado do cobertor que se embolara pelas minhas pernas, pelo jeans e a camiseta.

No início da tarde, estava sedenta. Morreria por um copo d'água que aliviasse a sensação seca e preguenta em minha garganta e no interior da minha boca. Esfreguei a ponta da língua áspera contra o céu da boca e fechei meus olhos, concentrada em ignorar todas aquelas sensações, todos os pedidos desesperados do meu corpo por água, comida, um local fresco, banho, relaxamento. Uma aspirina.

Como eu poderia dar o fora dali, era a pergunta que meu cérebro insistia em deixar de lado para se concentrar em questões ridículas.

Nós precisamos sobreviver, eu lhe dizia. Podemos lidar com isso depois.

Ficava difícil me equilibrar daquela forma. Puxei meu corpo pela centésima vez mais cima e tentei me sentar direito no travesseiro, mesmo que fosse acabar escorregando em minutos, e agarrei o ferro da cama, arrastei minha bunda pelo colchão e joguei o travesseiro no chão. Daquela forma eu poderia me sentar sem precisar interromper meus pensamentos e parar de traçar meus planos para ajeitar minha postura quando as cordas apertavam demais contra minha pele.

Na verdade, eu queria me convencer de que minha mãe iria ligar para a polícia quando eu não fosse almoçar na casa dela, no domingo. Ou que ela chamaria ajuda quando eu não

atendesse suas chamadas ou não ligasse ao fim de cada turno meu como atendente em uma livraria. Ela me esperava ligar mesmo que eu trabalhasse meio período e saísse do trabalho especialmente tarde.

Ela chamaria por ajuda, um sorriso surgiu em meu rosto quando me dei conta de que era apenas uma questão de tempo, pouquíssimo, até me encontrarem e eu estaria sã e salva para o almoço sem graça de domingo no quintal da casa de minha mãe, comendo a comida incrível que ela fazia e encarando a claraboia no telhado escuro que obscurecia o local, o tornava agradável e permitia a entrada de luz natural em alguns níveis ao mesmo tempo.

Comprimi os lábios em um centésimo de segundo quando a porta foi aberta e tratei de endireitar meu corpo ao fitar Adler na porta, sua sombra, ao menos, já que estava escuro ali. Ele ficou parado por um instante, apenas seu braço visível na pouca luz que entrava pelas frestas no telhado. O sol salpicava alguns pontos luminosos em seus cabelos louros, sua pele bronzeada se destacava, porque, como diabo dava para ficar bronzeado?

Eu não conseguia, mesmo indo à praia na maior parte dos fins de semana quando estava com minha mãe.

— Qual a sua música favorita, Riley? — Ele estava brincando?

Remexi-me sem saber o que dizer e senti quando ele ergueu os olhos. Não se aproximou muito, mas eu sentia fisicamente quando os fixava em mim, como se eu tivesse sua atenção, mas, ao mesmo tempo, qualquer coisa que eu me atrevesse a dizer fosse irrelevante.

— O que tem escutado ultimamente? — A ênfase carregou sua voz e vi que a mão escondida nas sombras carregava um pequeno dispositivo luminoso. Um celular, talvez. Mas pareceu muito pequeno, até mesmo para os modelos mais antigos.

— Ahn... O *High as Hope*. Lançou na semana passada. — Pareceu uma justificativa, minha voz soou como um sopro.

— Qual a sua banda favorita?

— *The Smiths*. Gosto de uma coletânea...

— Qual música?

Engoli com esforço para conseguir continuar a usar minha voz.

— *William, It Was Really Nothing.* — Adler anuiu devagar. Ao descer os olhos, pude notar que ele mexia os pés de forma muito sutil, indo para trás e para frente em movimentos que teriam passado despercebidos se eu não estivesse tão atenta a ele a cada segundo, aguardando com ânsia e desespero o que faria a seguir. E como. E por que.

— Eu gosto disso.

— Dos *Smiths*? — Murmurei confusa, o cenho retorcido em descrença enquanto sentia meus membros enrijecerem. Seu corpo penetrou a luz e meu coração retumbou no peito, batidas fortes, espaçadas. Pararia a qualquer segundo com sua fúria, a descarga de adrenalina iria abrandar, desaparecer e ficaria apenas o pânico causado por sua presença e pela situação.

— Do fato de você não se esforçar para mentir. — Ele agitou o aparelho e percebi ser um MP3 com os fones embolados enrolados em sua palma comprida que daria duas da minha sem dificuldade.

— Isso é... *Meu*? — Adler apenas fez que sim e parou aos pés da cama enquanto mexia no aparelho, entretido em conhecer meus gostos musicais, o que eu andava a escutar.

Mais pânico, como um soco sem avisos dóceis daquela vez. Eu não o tinha em minha bolsa, apenas meu celular e um livro, alguns cacarecos. O que significava, então, que ele estivera em minha casa. Aliás, eu não me dera conta no instante de pavor e surpresa, mas ele tinha me chamado pelo nome ao entrar pela porta.

— Que livro você está lendo agora? — Inspirei com força e tentei manter a calma. Só até o fim de sua rodada de perguntas. Poderíamos ter acabado de nos conhecer, flertando e descobrindo mais um sobre o outro antes de seguir adiante.

Deixei o ar sair com esforço e concentrei-me nele e em minha farsa silenciosa.

— 11/22/63.

— Você não gosta de um bom romance, Riley? — Havia um toque de humor em sua voz, puro sarcasmo, e fiz que não devagar.

— Não é o que tenho lido... Ultimamente. — Pude ouvir o som do oxigênio preenchendo meu peito por cada parte do cômodo. Adler permaneceu onde estava, deslizando pela lista de músicas enquanto eu sentia meu corpo paralisar e voltar dezenas de vezes no espaço de um minuto. Seus olhos estavam concentrados, um vinco formou-se entre suas sobrancelhas de pelos claros, alguns tons mais claros que seus cabelos marcados pelo sol em um corte que permitia que os cachos caíssem um mísero centímetro pela testa. — Você vai me matar, Adler?

Ele ergueu os olhos e abaixou os braços devagar. A expressão entretida que consumia seu rosto há um instante já não existia em nenhum lugar por perto, apenas algo sombrio e fosco.

— Eu *tenho* que matá-la, Riley. O que é uma pena. Sabe o que eu quero? — Ele passou pelos pés da cama e sentou-se na borda, distante de mim uma vez em que minhas pernas estavam encolhidas para a minha direita há uma boa hora, começando a sentir os efeitos da posição. Fiz que não devagar. — Quero não precisar. Quero que *me faça* não precisar, entende?

Adler inclinou o rosto com uma centelha de frustração ultrapassando-lhe como uma sombra breve. Fiz que sim e mordi meus lábios. Como eu poderia? Como eu poderia salvar a mim mesma quando ele já parecia ter decidido e traçado em sua mente doentia o que fazer a seguir?

— O que você quer que eu faça? — Mal senti a fragilidade abatida de minha voz, apenas um arrepio quente pelo meu corpo que o estremeceu, as batidas do meu coração, o suor em meu corpo e a umidade em meus olhos.

Fitei sua hesitação enquanto a pulsação do sangue ficava cada vez mais forte em minha têmpora, mais alto, e eu podia ouvir o som do ar entrando e saindo do meu peito com mais clareza.

— Eu não sei. — Ele curvou os lábios no que quase poderia ter sido um sorriso. — Mas você pode se esforçar, Ray.

De pé, ele enfiou meu MP3 no bolso e saiu, fechou a porta atrás de si e voltou dois minutos depois com uma bandeja. Tinha o cheiro bom, saía fumaça do prato e percebi que era sopa antes mesmo que ele a colocasse no móvel ao meu lado e eu fitasse o

caldo espesso e amarelado que me contorceu o estômago, dado o fato de que eu tinha ficado o dia inteiro com fome.

No momento, meu cérebro implorava por comida, por mais que eu tivesse meu plano de atacá-lo e sair dali, mas precisaria que ele me desamarrasse para tanto, pois não havia brecha de um milímetro entre as cordas para que eu tentasse fazê-lo sozinha. Praticara o dia inteiro. Talvez, se ele fosse achar que eu não ofereceria risco em algum momento ou e então se distraísse. Mas eu precisaria estar com as mãos livres para tentar.

Apertei os olhos por um instante breve e Adler sentou-se ao meu lado. Era constrangedor e íntimo o fato de ele me dar comida na boca, de uma forma com a qual eu não deveria me incomodar, dadas as circunstâncias, mas me causava uma sensação no peito que eu não podia ignorar por completo. Ele estendeu a colher e abri a boca devagar, senti o gosto delicioso com um pequeno pedaço de carne, nem quente nem frio. Como se ele tivesse colocado ali e esperado até alcançar uma temperatura em que se tornasse perfeito para mim.

— Conte-me alguma coisa.

— Como o quê?

— Qualquer coisa. Sobre você. — Ele me ofereceu outra colherada e remexi-me para ficar ereta, meu olhar deslizando pelos botões de sua camisa até seu pescoço e então, de volta a cor brilhante de forma quase assustadora que eram as esferas de seus olhos. Suas pupilas dilataram de novo quando olhei para ele, como se olhar para ele fosse como apontar-lhe um fecho de luz que lhe provocava reações inesperadas.

Ele não pareceu se dar conta do fato.

— Eu costumava ir passar as férias de verão com meus pais na praia, nessa ilhazinha na Irlanda chamada Lettermullan. — Tomei mais uma colherada da sopa e relaxei meus ombros. — Quando meu pai estava de férias, ele iria nos encontrar, quase sempre uma semana depois de eu chegar com minha mãe. Era um lugar lindíssimo, sabe? Calmo, sem sombra de pessoas por muitos, muitos quilômetros e apenas uma sensação de quietude por todos os lados. — Adler parou de me alimentar para fitar meu rosto e prestar atenção à forma com que meus lábios se moviam

enquanto eu falava as palavras em um tom mais baixo que o usual, como a maciez em minha voz, pouco empregada. Provavelmente pela forma com que a nostalgia em minha mente, inconsciente, se alinhava a gradação soturna de minha narrativa.

“Pelos últimos dois anos, ele tinha começado a levar um amigo. *Um sócio*. Ele é arquiteto. E... Apesar de ser verão, era frio. Quase nunca havia sol ou bronzeados elegantes, apenas o vento uivante, cabelos ao vento... Eu gostava de passar meu tempo lendo, de maiô, fingindo que acabaria com a pele queimada de sol, com os pés enfiados na água em um laguinho descendo a colina onde ficava a casa...

— Qual era o nome dele? — Adler me interrompeu com a voz arrastada, um murmúrio, como quem não queria quebrar de forma abrupta a atmosfera da minha história e pisquei. Estivera absorta demais em minhas memórias enquanto falava. — O amigo.

— Ahn... Andre. Ele era de Londres, eu acho, tinha aquele ar aristocrata e meio esnobe dos londrinos. Fomos para o lago juntos no dia seguinte a sua chegada, nos sentamos e falamos sobre arte. Meus pais saíram depois do almoço, porque não existe mercado na ilha, para ir fazer compras na cidade mais próxima, em Connemara, e Andre disse que estava cansado demais para viagem, assim ficaríamos sozinhos; me deixou beber vinho e fizemos sexo antes dos meus pais chegarem. — Respirei devagar e esfreguei a ponta da língua contra o céu da boca por um instante. — Ele foi embora dois dias depois.

Adler enfiou a colher na minha boca, com um pouco menos de paciência daquela vez e cerrou os olhos enquanto eu tentava não engasgar.

— Que história terrível, Riley. — Ele rosnou meu nome com certa indignação, mas então parou ao olhar em meus olhos assustados e recuou.

— Eu não sabia o que você queria ouvir.

— Pense em alguma coisa mais divertida da próxima vez, eu não quero ouvir histórias sobre abuso infantil. — Engoli em seco e ele me deu um instante, o olhar cravado em meu rosto com força suficiente para causar dor física seguida por uma

dormência que se instalou pelo meu corpo, para que eu processasse e fixasse para sempre a informação.

Parecia dizer “*que isso não se repita*”, como uma mãe zangada com a filha malcriada, e então voltou a me oferecer uma colherada de sopa de forma gentil, esperando que eu cortasse o centímetro até a colher por mim mesma. Meu coração foi se acalmando devagar enquanto eu comia durante os minutos seguintes. Ele não falou mais nada, não me machucou e ficou apenas levando a colher a minha boca como se não houvesse nada mais importante no universo do que me alimentar.

Foi uma má ideia contar aquilo a ele, mas eu nunca fui boa em dizer as coisas certas. Só precisaria ser um pouco mais cuidadosa com ele do que com a maioria.

capítulo 3

Hardlyn inclinou-se para frente com uma longa respiração para deixar que as cinzas do cigarro em sua mão caíssem no cinzeiro colocado na borda da mesa do detetive Starr, que lançou-lhe um olhar experiente e enfático quando estava entediado a fim que ela terminasse logo seu relato do que achava ser um desses casos que não daria em nada no fim do dia.

— Não aceitar minhas ligações é normal, ela faz isso às vezes porque sempre esquece o celular no silencioso quando está dormindo, ou no trabalho, o que é o que ela está fazendo na maior parte do tempo. Mas faltar ao almoço de domingo... — Ela balançou a cabeça e levou o cigarro aos lábios. Starr inclinou-se à frente e uniu os dedos em uma pose reflexiva antes de voltar o olhar ao rosto, por ora, frágil de Hardlyn, fixou-se em seus olhos de um tom de castanho explosivo e feroz.

— Então a senhora acha que ela... *Desapareceu* porque não foi almoçar?

— Não fale como se eu fosse inventiva. Riley gosta de passar o dia comigo na praia. Ela cancelou *uma vez* em *anos* e me ligou antes para pedir tantas desculpas que *eu* tive que dizer estar ocupada, então se estou preocupada que o telefone da minha filha está desligado e ela não está em casa, eu tenho motivos.

— Não estou dizendo... Espera. Você esteve na casa dela? Por que não disse isso antes? — Hardlyn encolheu os ombros, como se questionasse a importância do pequeno fragmento de

informação quando tinha despejado toneladas no detetive pelos últimos quinze minutos.

Starr jogou os ombros para frente para alcançar uma caneta e Hardlyn apagou o cigarro com impaciência, passou-lhe o endereço de Riley, disse que podiam entrar porque o lugar estava no nome dela, antes de sair pela porta com uma sensação desconfortável apertando-lhe o peito ao fazer seu caminho até o carro.

Nada lhe tirava da cabeça que Riley estava com problemas e a polícia era sobrecarregada e desinteressada demais para ajudá-la, por isso ligou o rádio do carro enquanto acendia outro cigarro em uma estação conhecida que tocava música disco dos anos oitenta. Impaciente com o trânsito no caminho, ela buzinou, rolou os olhos e girou o volante com a mão direita, soprando a fumaça com a janela aberta ao mesmo tempo, para pegar um caminho alternativo e parar o carro diante de um prédio de estilo antigo, feito de tijolos e de aparência abandonada.

Seus olhos deslizaram pelo corredor com lixo empilhado quando ela entrou e segurou a porta para uma garota de cabelo tingido de roxo mascarando chiclete com entusiasmo e usando fones de ouvido. Hardlyn contorceu os lábios, mas não deixou que o aspecto do lugar a impedisse de chegar a sala onde antes podia-se ler o nome Lorcan Griffith, mas agora estava recoberto por uma camada de poeira tão densa que dificilmente sairia.

Hardlyn soltou o ar e empurrou a porta sem bater para encontrar o detetive particular, um *quase antigo amigo* com quem ela tinha dormido há alguns anos, fato que acumulara-se aos problemas de seu casamento superestimado e as traições de seu marido, e fora o estopim necessário.

Agora finalmente havia alguma utilidade em não terem levado o caso a frente nem terem se apaixonado um pelo outro.

Hardlyn apagou o cigarro no cinzeiro na mesa de Lorcan e olhou-o de cima, sentado em sua cadeira com as pernas cruzadas e com um copo de uísque em sua mão pouco antes das onze da manhã.

— Preciso dos seus serviços, Lorc. — Não pareceu um apelido carinhoso vindo de uma ex-amante, apenas um nome

pronunciado com pressa e desprovido de emoções.

— Você deveria procurar alguém mais... Profissional.

Considerando que ele estava bêbado no local de trabalho, qualquer um teria pensado o mesmo. Mas se seu mau gênio não o tivesse expulsado da polícia, ele teria sido um bem sucedido detetive cuidando de casos de homicídios. Ou um caso como *aquela*. Hardlyn ainda achava que era qualquer outra coisa. Riley sempre tinha sido uma criança estranha, ainda mais na adolescência, sempre procurando as ocupações menos usuais. Talvez tivesse ingressado em algo perigoso agora que estava entediada depois de ter trancado o curso na faculdade.

— Mas eu preciso de você. Não um profissional, alguém que não vá parar de procurar até encontrar minha filha. — Ela apoiou a ponta dos dedos na mesa e limpou a garganta. Lorcan finalmente girou, abaixou as pernas em um movimento ruidoso e fixou os olhos em Hardlyn.

— Ray está com problemas? Quando foi a última vez em que a viu? — Ele largou o copo e Hardlyn levou a mão aos cabelos para ajeitar uma mecha que caiu por seu rosto com uma longa inspiração.

— A vi no último domingo. Ela me ligou antes de ir trabalhar na sexta. O celular está dando desligado desde sexta à noite. Fui até o apartamento dela e nada. — Ela sabia que citar Riley iria trazer a mente de Lorcan memórias antigas. Ele a adorava.

Todos a adoravam. Apesar de seus modos singulares, ela tinha uma intensidade no modo como agia com as pessoas que as marcava permanentemente. Sua personalidade era inesquecível.

Lorcan puxou o casaco, mas deu um passo para trás para terminar a bebida antes de seguir Hardlyn para fora do prédio velho até o apartamento de Riley, em uma vizinhança dividida entre prédios envelhecidos de tijolos expostos, predominantemente jovem, de três ou quatro andares e sem muito movimento pelas calçadas. A algumas ruas de distância, tinha boates, por onde eles passaram enquanto Hardlyn fumava com nervosismo seu quarto ou quinto cigarro de um maço no fim quando seu dia mal parecia ter começado.

Ela bateu a porta do carro e Lorcan a seguiu pela calçada até a porta para a qual ela tinha a chave, que Riley lhe dera depois citar alguma coisa sobre uma overdose e no caso de precisar de primeiros socorros. Hardlyn até pensara no assunto enquanto dirigia de sua casa até o apartamento da filha, mas o pensamento evaporara quando ela pisara os pés ali, cerca de duas horas antes de fazê-lo pela segunda vez com Lorcan ao seu lado, com seu olhar cerrado transcorrendo por cada móvel.

Riley não usava drogas, na verdade, então ela se sentiu idiota por um segundo por ter considerado a hipótese, mas então sentiu pânico ao começar a ponderar onde ela tinha se metido.

— Onde ela trabalha mesmo?

— Na Barto's. Abre aos domingos. — Hardlyn transferiu o peso de um pé para o outro com as mãos firmemente enfiadas nos bolsos de seu sobretudo creme enquanto Lorcan dava uma olhada em volta. Não sabia dizer se ele estava concentrado enquanto calculava as possibilidades ou se estava bêbado demais para sequer conseguir fazer com que um pensamento coerente lhe atravessasse a mente.

O *flat* estava uma bagunça, como sempre. Mas uma bagunça organizada, como dizia Riley, onde ela conseguia encontrar tudo o que precisava sem ter de sacrificar suas horas de sono em nome de arrumação. Ela arrumava aos sábados, quando dava e quando não estava trabalhando, ou aos domingos, já no fim da noite.

Nos outros dias, era fácil limpar a cama, trocar os lençóis e apenas cair em um sono profundo depois do jantar tardio. Ou pegar um livro qualquer até que o sono a alcançasse.

— Ela trancou a faculdade? — Hardlyn retorceu o nariz ao som da voz de Lorcan e voltou à realidade depois do minuto longo imersa nas memórias da última vez em que estivera ali e Riley tentara cozinhar um assado para agradá-la, alguma receita que tinha encontrado na internet.

— Sim, disse que história não era *o que ela queria*. — Ela não sabia, na verdade, se Riley conseguiria encontrar uma coisa só, por isso trabalhava em uma livraria imensa em que sua ocupação, em boa parte do tempo, era matar o tempo lendo os

livros das prateleiras enquanto fazia anéis em seus cabelos castanho-loiros, recém tingidos de um tom de cobre desbotado e *hippie*, e cantarolava alguma coisa indie ou dos anos oitenta. Às vezes uma combinação de ambos.

— Ela é muito jovem para saber o que quer. — Lorcan estendeu a mão para abrir a gaveta do criado e Hardlyn pegou a si mesma movendo-se de forma incômoda. Não por culpa de Lorc, mas talvez, se Ray tivesse apenas surtado e passado uns dias fora de casa não gostaria de ter a noção de que estranhos estiveram ali mexendo em suas coisas. Isso incluía sua mãe. — Sem livro de cabeceira. O celular dela não está por aqui, nem aquela coisinha de escutar música com a qual Ray está sempre grudada... — Ele fechou a gaveta para voltar-se para Hardlyn, que tomava notas mentais e esperava por sua conclusão dramática de detetive da tevê para saber se se acalmava ou surtava. — Por que não olha no armário dela? — Ele indicou o móvel antigo e eurocêntrico de madeira antiga que Riley tinha adorado e comprado há alguns anos, quando foi morar sozinha.

Hardlyn abriu as portas, ainda incomodada ao se lembrar no quanto a tinha aborrecido que sua única filha, quem ela achou que fosse morar com ela até os quarenta anos, tivesse saído de casa tão logo completara dezoito. Apesar do fato de ter sido Hardlyn a comprar o lugar, Riley era autossuficiente demais para suas expectativas. Deveria ter tido mais filhas.

— Está bagunçado, mas não sei dizer se falta alguma coisa. Mas Riley sempre deixa um livro na cabeceira, e uma escova ao lado. Nenhum dos dois está aqui e ela nunca os tira. — No momento em que fechou a boca, pensando no que diria a seguir, alguma pista a perseguir, a porta foi aberta e Starr entrou por ela.

— Sra. Ramsey? — Ele pareceu surpreso, mais por vê-la acompanhada por Griffith do que por ter suposto que ela ficaria parada com tantas teorias do que poderia ter acontecido a sua garotinha.

— Já estamos de saída, pode ficar a vontade. Estarei à disposição, se precisar. — Ela lançou um olhar a Lorcan e com uma olhada debochada em direção ao detetive Starr, que ficou

sem entender a cena, eles passaram por outro policial na porta e desceram as escadas em direção à rua.

Hardlyn puxou o ar com força e olhou para Lorcan antes de tirar outro cigarro do maço e então abaixá-lo ao lembrar-se de que seu isqueiro estava no porta-luvas. Ficaram parados na calçada, observando o movimento do outro lado da rua enquanto ele pensava sobre o fazer. Na verdade, já sabia que iriam à Barto's a seguir, mas começava a se perguntar o que teria acontecido a Ray.

No instante seguinte, Hardlyn acendia o cigarro e dirigia em direção à livraria onde Riley desaparecera.

capítulo 4

Era domingo, pelas minhas contas, quando Adler despertou-me de um sono profundo, o qual eu só alcançara incontáveis horas depois que ele me deixara na noite anterior, maquinando minha fuga. Ele estava cortando as cordas, percebi, e assim que me vi liberta, minhas mãos permaneceram entrelaçadas aos entalhes da cama, paralisadas depois de todas as formas que eu tinha pensado em fazer aquilo na minha cabeça. No momento, não consegui colocar em prática nenhuma delas.

Fiquei sem ar, imóvel, olhando para cima na tentativa de capturar seu olhar e antever o que ele estava prestes a fazer. Se o que eu tinha dito a ele na noite anterior tinha acabado de vez com minhas chances de convencê-lo a não me matar. Ele tocou minhas costas e sentei-me, joguei as pernas devagar para fora da cama seguindo suas instruções não verbais.

Contrariando tudo o que achei que fosse fazer, Adler abaixou e segurou meu joelho, movendo minha patela de um lado a outro com o polegar e o indicador. O ar deslizou lentamente para fora de seu peito e vi-me paralisada, sem saber o que fazer com minhas mãos, e então mantive-as unidas em meu colo, com os ombros contraídos e meu cérebro me dizendo para eu fazer alguma coisa e sair dali, mas meus olhos se afastaram da porta entreaberta de volta ao rosto dele.

— Quero que vá lá para cima comigo, mas terei que matá-la se tentar fugir. — Adler contraiu as sobrancelhas, lançou-me um olhar bem ensaiado de preocupação e empurrou o polegar contra

o osso com a intenção de me lembrar o que fazia, mas, de longe, a de causar dor. — Você entende, não é, Riley?

— É... Entendo. — Murmurei com a garganta seca e ele levantou.

— Boa garota. — Mordi o interior da minha bochecha e lancei um novo olhar à porta quando ele desviou o olhar. Eu deveria sair dali, e então reavaliar meu plano. Ter um pouco mais de coragem.

Ainda estava imaginando o que minha mãe estaria fazendo no momento. Se já tinha se dado conta de que havia algo errado por eu passar dois dias sem ligar, por não aparecer na casa dela logo cedo no domingo para conversar e almoçar com ela.

Afastei o pensamento e levantei devagar, caminhei a frente de Adler com passos rasos para fora do quatinho para encontrar-me em um corredor de cerca de três metros, talvez um pouco mais, porém tão estreito que, mesmo sem me tocar, tive a impressão de que Adler estava apertando as mãos em torno do meu pescoço. Dei-me conta de que eu estava abaixo de sua casa, não importando onde fosse, e por isso não adiantaria em nada gritar até perder minhas forças.

Tinha poucos degraus, no entanto, então não estávamos muito abaixo da superfície. Quis olhar por cima do meu ombro, mas tive medo de fazê-lo. Apenas sabia que Adler ainda estava atrás de mim, o olhar fixo em meus movimentos, e meus pés alcançaram os degraus, arrastaram-se por eles até eu sentir a mão de Adler em minhas costas empurrando-me para cima.

Engoli com uma secura incômoda em minha garganta.

Será que esse é o momento em que eu deveria tentar? Ou o momento em que, como ele disse, ele me mata por eu tentar fugir? Eu nem sabia onde estávamos, talvez *tentar* para descobrir que falhara fosse inútil, talvez eu devesse alcançar a superfície e respirar um novo sopro de ar fresco antes de começar a formular minha ideia de modo concreto.

Dei uma olhada nele por cima do meu ombro e subi mais rápido. Dois degraus, quatro. Mais dois e estávamos à frente de uma porta, que fui instruída a abrir com um aceno para descobrir-me em uma casa de estilo antigo. Meus olhos passearam pelo

que minha mente notou ser a cozinha, arrumada à perfeição, nenhum garfo fora do lugar.

Quando meu pé esquerdo e descalço tocou o piso de madeira e ouvi a porta fechar atrás de mim, percebi meu corpo paralisado, minha pulsação tão acelerada que não consegui me mover. Tive a noção de que meu peito subia e descia, mas o oxigênio não o penetrava de forma adequada, tampouco era a maneira com que eu enchia os pulmões. Nada parecia em ordem no momento.

— Pare de fazer isso. — Adler falou de forma abrupta e pisquei na tentativa de obedecer a seus comandos, não apenas para não irritá-lo, o que seria a decisão mais inteligente e se tomar. Mas também porque eu realmente não conseguia respirar. Como se eu estivesse flutuando em algum lugar além da realidade enquanto podia sentir toda a agonia que se espalhava pelo meu corpo.

Minha boca seca, o formigamento espalhando-se, gradual, minha visão embaçada e a ciência de que eu cairia. Levei a mão ao peito, engasgando com o ar que tentava entrar de forma lenta, mas eu o puxava rápido demais e acabava engasgando com ele.

— Eu não... Consigo respirar. — Gaguejei e Adler, irritado, deu a volta para colocar-se atrás de mim. Temi pelo que ele fosse fazer. Que achasse que eu estava encenando aquilo para enganá-lo. E, Deus, eu poderia ter pensado naquilo, mas no momento, não tinha nenhum controle sob nenhuma parte do meu corpo para pensar em acertá-lo onde ele estava.

Seria tão fácil.

Adler espalmou a mão em meu estômago e passou a direita por debaixo do meu braço para posicioná-la em meu peito. Senti seu queixo pairar pouco acima do meu ombro, mas não tive noção no momento para tentar me desvencilhar-me dele ou de seu toque, ou de saber com certeza os sentimentos que me atravessavam ao sentir aquele homem colocar as mãos em mim por qualquer motivo que fosse.

Eu *quis* me afastar, mas meu cérebro reconheceu a aproximação como *não perigosa* e me manteve firme no lugar.

— Feche a boca e respire pelo nariz, Riley. — O ar continuou a entrar e engasguei com ele, tossi e meu corpo dobrou-se para

frente. Adler impediu que fosse mais que poucas polegadas e fiz o que ele disse. Fechei a boca e apertei os olhos com força.

Recusava-me a chorar, mas as lágrimas queimaram no fundo de meus olhos. Talvez nem meu subconsciente tivesse acreditado em toda aquela situação e agora o pânico me atingia com uma espécie de dor brusca e falhas generalizadas pelo meu sistema.



Meu corpo estava dormente na banheira enquanto a água esfriava e o sol lá fora começava a se erguer na linha opaca do horizonte que fazia com que meus olhos ardessem depois de dias sem que luz do sol penetrasse por minhas íris. Percebi que estava trêmula e fraca de tanta fome enquanto esfregava meu corpo, e contrariando todas as hipóteses em minha mente de que seria fácil escapar uma vez que eu pudesse sair daquele quarto abafado no subsolo, de que eu poderia usar alguma coisa, qualquer coisa, não havia nada por ali.

Adler, na verdade, ainda estava na porta, cuja fechadura fora delicadamente arrancada. Alguns objetos pontiagudos que poderiam ferir foram substituídos por plástico ou um material molengo que eu não conhecia, alguns eram emborrachados.

Ainda estava chocada com a forma súbita com que tudo tinha acontecido há pouco; anestesiada, eu diria, para me importar com um estranho atrás de mim enquanto eu tomava banho depois de sei lá quanto tempo. Um dia inteiro, pela minha conta, mas, Jesus, poderia ter sido dez deles.

Não importa mais, repeti mais uma vez e pisquei. Esfreguei o rosto para despertar.

— Eu terminei. — Virei a cabeça devagar e Adler me jogou uma toalha, comendo uma maçã verde enquanto fingia não me

olhar, mas seria imprudente desviar sua atenção.

Será que ele era gay? E se fosse, o que ele queria comigo então?

Ou será que ele era apenas solitário e tinha chegado ao extremo de sequestrar uma pessoa com o propósito de que ela lhe proporcionasse companhia? Soltei o ar devagar, envolvi meu corpo com a toalha e sequei as pontas de meus cabelos que já alcançavam meus seios, aderindo à pele de forma incômoda conforme a brisa começava a soprar cada vez mais gelada e fazia com que eu me encolhesse, completamente desnorteada.

— Por que você pintou os cabelos? — Encolhi meus ombros e abri a boca, mas algo me impediu de falar, então limpei a garganta e tentei de novo.

— Achei que fosse combinar comigo. — Adler cerrou o olhar como se minha resposta fosse insuficiente e ele esperasse por mais, analisou-me.

— Não combinou. — Estremeci e parei de respirar por dois segundos.

Ele segurava uma camisa que atirou em minha direção. Abri para constatar que era minha e vesti-a pela cabeça antes de puxar a toalha sob seu olhar vigilante e usá-la para secar a ponta de meus cabelos e então deixar o banheiro.

Passando pela sala de estar no que parecia uma mistura de casa antiga com cabana de férias, procurei por um telefone na mesinha ao lado do sofá no canto, perto de uma pilastra que levava a cozinha, onde ficava a porta que levava ao cômodo onde eu estivera no último dia. Mas não havia nada.

Coloquei as mãos atrás das costas e entrelacei os dedos, ainda com os olhos em busca de qualquer coisa que fosse, mas, já na cozinha, não havia nem uma faca sequer. O que ele tinha usado para cortar ao preparar o café que estava disposto na mesa encostada à parede? Sentei-me com o ombro contra a parede de madeira firme, sólida e grossa demais, observando o que pareceu-me, em uma primeira olhada, ser uma floresta lá fora, através das grades com pequenas fendas quadriculadas.

Ninguém nunca calculava, ao ver uma daquelas em lojas, que eram feitas com o propósito para as quais eram usadas ali.

Presumia-se que um pobre trabalhador queria manter os ladrões fora de sua propriedade, manter seus filhos pequenos e sua esposa adorada seguros e livres de todo o mal, não aprisionar uma desconhecida.

Havia um prato com ovos, bacon e torradas. Tudo o que eu gostava de comer pela manhã. Um vasilhinho no centro da mesa com lírios amarelos e por cima delas, olhos azuis gelados queimando minha pele, os cabelos loiros salpicados por raios de sol que entravam, furtivos, e eram divididos em cubículos pelas grades antes que atingir sua face.

Estendi as mãos com um nó na garganta, senti o alumínio queimar a ponta dos meus dedos ao tocar a caneca com café e inspirei, o que pareceu tanto despertar-me por completo quanto amortecer cada músculo do meu corpo.

Adler puxou um dos lírios do vaso e empurrou uma chávena de cerâmica na minha direção para que eu me servisse de leite, o que fiz, perguntando-me o que mais ele sabia sobre mim. Ele sabia que eu tinha pintado os cabelos há pouco tempo, que eu gostava de leite no café e o que comia pela manhã.

Ele tinha me seguido por algum tempo antes de me sequestrar? Se sim, por quanto tempo e por quê? Se não por uma escolha aleatória, apenas pelo azar do destino de ser eu a pessoa a me encontrar passando tarde da noite perto dele, então que outro motivo haveria?

— Conte-me mais sobre Andre. — Dei um gole no café ainda com os movimentos desacelerados para alcançar o garfo e provar a comida. Ainda a espera de que ele fosse dizer alguma coisa. Ou fazer qualquer movimento repentino.

— Não tem muito mais. — Ele se inclinou para a esquerda e abaixou os braços enquanto eu dava uma garfada no bacon e pensava no que deveria lhe dizer.

— Ele foi o primeiro? — O som de sua voz soou mais macia. Soturna, a seu modo. Forcei-me a engolir e encolhi meus ombros enquanto anuí, incapaz de pronunciar uma palavra. Nem sequer elaborar uma frase. — Você se apaixonou por ele?

— Sim. Acho que sim. — Murmurei e Adler contraiu as sobrancelhas, não satisfeito. Livrei-me do meu lado que se sentia

ridículo por dizer aquelas coisas em voz alta e apoiei o cotovelo esquerdo na mesa, girando um pouco o corpo e empertigando os ombros para olhar diretamente para ele.

Nunca deveria ter tocado naquela história, mas naquela relação que tínhamos, parecia que eu poderia lhe dizer qualquer coisa. Não importava se era o disparate mais absurdo, ou a história mais nojenta da minha vida. Ou como tinham partido meu coração e se aproveitado de mim.

Não parecia importar ao fitar seus olhos. A atenção que ele me dispensava no momento era tão íntima, e ao mesmo tempo tão distante, que eu teria lhe contado todos os meus segredos, não importava se o pensamento fosse o mais ilógico que eu já tivera em minha vida.

— Eu nunca fui uma adolescente boba, e disse que não criaria ilusões delirantes. Sabia o que tinha acontecido naquele dia. Que talvez, era muito provável, nunca mais acontecesse de novo. — Abaixei os olhos ao sentir meu rosto corar. Era mais fácil encarar o prato a minha frente, ou minhas próprias mãos, do que enfrentar o olhar dele enquanto eu admitia a alguém o que nunca me permitira aceitar. — Foi uma paixão tola, então nunca me permiti alimentar esperanças, mas fiquei pensando naquilo tudo por um bom tempo.

— E ele sabia disso? Que a tinha feito se apaixonar assim? — Adler foi para perto de mim e apenas a mesa impôs a distância entre nós quando tomei coragem de erguer os olhos e fazer que não devagar.

— Não. Foi idiota. Passou com o tempo. Nunca foi real ou verdadeiro.

— Mas foi para você. — Soou como uma indagação não intencional, uma afirmação que perdera sua convicção aos poucos conforme ele buscava pelos meus olhos e fui obrigada a ir para trás para desviar da intensidade com que ele o fazia e fingir que ajeitava uma mecha do meu cabelo úmido para trás da orelha. — Você não contou aos seus pais? — Ele mudou um pouco o assunto e ajeitou os ombros.

Observei suas mãos entrelaçarem-se com o lírio entre elas e mordi o lábio.

— Claro que não. Mamãe teria feito um escândalo e demandado que o prendessem, e Andre era casado, então eu não teria contado a ninguém de qualquer forma. — Encolhi meus ombros como se aquela fosse uma justificativa plausível quando não fazia sentido para mim nem enquanto pronunciava as palavras. Adler parou por um instante sua sessão de perguntas e respostas e voltei a comer, tendo perdido o rumo até de meus pensamentos depois de tudo aquilo.

capítulo 5

Eu preciso sair daqui. Preciso sair daqui. Preciso...

Como um clique, um pouco mais literal que o esperado para me dragar de volta a realidade difusa, o som estalou no ar quando Adler acendeu a luz com o som parecido a um tapa no interruptor enquanto eu lavava meu rosto. A água corrente aberta no máximo de sua potência fazia com o que o som explodisse e as pequenas bolhas enchessem minhas palmas antes que eu jogasse-a em meu rosto.

Eu estava inclinada em direção a pia do banheiro e ele, parado a porta com o indicador e o dedo médio erguendo e abaixando o interruptor, apagando e acendendo a luz. Como uma criança entusiasmada com o novo brinquedo que quebra, por fim, sua onda de tédio.

Meus braços estavam formigando, eu estava, de novo, perguntando-me o que minha mãe estaria fazendo no momento. Mas, mais uma vez, o pensamento que sobrepunha aquele com mais força era de que eu precisaria escapar ao invés de esperar pela heroica, boa e velha polícia.

Adler abaixou bem devagar o interruptor, o som abafado contra seus dedos e tudo ficou escuro por dois segundos enquanto eu secava o rosto. O movimento me fez parar, imóvel, ao lado da pia e esperar que ele acendesse de novo.

— Você tem medo do escuro?

Engoli devagar a onda seca e nova de pavor que o som de sua voz habitando a escuridão provocou em meu corpo. Em minha

mente, esforcei-me para permanecer imune. Adler era apenas como uma fera, um animal que fareja o medo.

Um tubarão. Se eu não estivesse sangrando, ele não poderia rastrear meu cheiro e chegar até mim com seus dentes afiados.

Mas eu fiquei com os braços erguidos, os cotovelos contra a lateral do meu corpo, a toalha roçando minhas bochechas e um crescente grau de paranoia pelo que ele estaria pensando em fazer enquanto analisava minhas opções precárias.

— Sim. — Respondi, por fim. Eu queria ter mentido, mas falhei e apertei meus lábios ao invés disso, dei um passo em direção a ele. — Tenho medo do que a escuridão pode ocultar. — Ele sentiu minha voz mais perto, meus passos leves como um tic tac no assoalho. Mais perto. Sua respiração o denunciou, e quando ele acendeu a luz de repente, suas pupilas fizeram o mesmo. — Você também tem?

Adler inspirou com força e soltou o ar devagar.

— Todos nós não temos? Medo do escuro. — Abaixei os braços devagar e relaxei meus ombros quando ele não fez nada, apenas tirou a mão do interruptor para gesticular que eu deixasse o banheiro em direção a sala de estar.

Um crepúsculo melancólico se arrastava com pressa do lado de fora, de modo que a luz da sala diminuía, como uma poça d'água sendo enxugada às pressas no piso da sala. Adler sentou-se ao meu lado no sofá e apoiei as mãos espalmadas em meus joelhos, deslizei a língua pelos lábios com o corpo inclinado para frente no centro do móvel a fim de evitar como pudesse o contato visual com ele.

— O que você faz para relaxar, Riley? — Ele estendeu o braço e abriu a gaveta do móvel onde estava o abajur enquanto meus olhos passeavam pelos detalhes sem nunca abandonar a forma simplória de seus movimentos. Ele me estendeu um cigarro e peguei apenas para me permitir a descoberta do sabor.

Eu só tinha fumado maconha. Não muito.

— Você já fumou? — Fiz que não, mas segurei para que ele acendesse com o olhar fixo em meu rosto. Perto demais. Esperando por uma resposta.

— Gosto de escrever. — Puxei com força demais e inclinei meu corpo na direção contrária para tossir em meio a uma risada que escapou sem querer da minha garganta. — Poesia, não romances. Ouvir música... Você tem um cinzeiro? — Ele apoiou a bochecha na mão para ficar me olhando e fez que sim. Tentei tragar a coisa de novo, sem muita afobação e sem respirar rápido demais.

Meu episódio ridículo pela manhã não tinha sido o primeiro. Apenas o primeiro em muito tempo. Adler inclinou-se para pegar um cinzeiro, que parecia limpo demais para já ter sido usado, e colocou perto de mim no sofá.

— Você usa drogas? — Fiz que não com o ar queimando preso em minha garganta antes de conseguir soltar. Não tinha muita graça naquilo. — Já usou alguma vez?

— Não. Quero dizer... Não se você contar maconha como droga, mas foi só uma experiência momentânea.

Eu não conseguia entender como podia estar calma falando com ele depois de nossa conversa pela manhã. Cada minuto parecia estabelecer uma conexão de confiança, embora eu tivesse em mente que cada coisa que eu fazia podia ser errada a seus olhos e ele iria me matar. Ou que eu deveria fazer o que *ele* dizia quando todos os meus neurônios bons formulavam um plano de fuga.

— Você quer escrever uma poesia para mim, Riley? — Só me virei quando notei que as cinzas estavam prestes a cair no tapete e bati o cigarro de leve contra a borda do cinzeiro, inevitavelmente voltando-me para Adler, que tinha o cotovelo apoiado no braço do sofá e o queixo pressionado contra a mão, encarando-me como se me conhecesse há uma eternidade.

Se eu queria? Ele não estava me forçando, então?

— Eu não sei... — Encolhi meus ombros e senti minhas mãos suarem frio. — Nunca escrevi nada muito bom. Eram só para...

— *Externar.* — Ele me completou com um murmúrio lento quando as palavras me faltaram, o sotaque arrastado. Não como uma pergunta, mas uma afirmação convicta e vulnerável partindo do mesmo pressuposto que assumi de que ele me conhecia. Que

podia ler as pessoas e que tinha me perseguido por um tempo; os dois juntos, talvez.

— É. Para externar. Para mim mesma, não cartinhas de amor platônico. — Apertei um pouco mais o cigarro entre o indicador e o dedo médio sem coragem para levá-lo aos lábios e quebrar o contato visual que estabelecêramos. — Quero dizer, *tinham* as cartinhas de amor platônico, mas eram *tão ridículas* que as queimei. — Sorri e ergui o cigarro. Antes de virar o rosto na direção oposta, tive uma impressão ridícula de ter visto aquilo em minha mente.

A penumbra recobria seu rosto no momento, então era apenas um jogo ilusório de luzes tentando pregar uma peça em mim. Dizendo-me que eu tinha feito um sequestrador/possível assassino/maníaco sorrir e decidir que simpatizava comigo, e então me manter viva. Mas de que servia *me manter viva* se eu estava presa ali?

Deslizei os olhos pelos seus livros de capa dura na mesa de centro até encontrar um bloco de folhas em branco do tamanho de um caderno com uma caneta vermelha largada ao lado dele e quase que soterrada por um livro envelhecida, displicente como se fosse parte de uma decoração meticulosa e deliberada.

— Posso? — Gesticulei em direção ao bloco e Adler encolheu os ombros, como se não se importasse. Deixei o cigarro no cinzeiro e peguei o bloco, a caneta. Puxei minha perna esquerda para dobrá-la e usá-la como apoio ao curvar meu corpo para frente.

Imaginei durante um longo momento como seria cravar a ponta dela em sua jugular. Pressionei-a contra minha coxa enquanto dizia a mim mesma para me livrar do prazeroso pensamento de perfurar a jugular de alguém e observá-la sangrar até a morte para que eu pudesse obter de volta minha liberdade.

Em minha imaginação fértil, comparei o tom da caneta ao que o seu sangue teria; seria um pouco mais escuro, decerto.

— No que está pensando, Riley?

— Ahn... Estava... Lembrando-me de coisas do passado.

— Em escrever poemas com meu sangue?

— Não, eu... — Neguei rápido demais para conseguir usar de alguma veemência em minha voz. Era mentira. Ele sabia. Nós dois sabíamos e estava escrito na minha cara. Mas ao invés de fazer alguma coisa ou dizer algo a respeito, Adler endireitou-se e curvou o braço esquerdo para acender a luz do abajur, agora mais alerta do que antes enquanto eu tinha uma pequena e frágil arma branca equilibrada, girando em meus dedos.

Fiquei tanto tempo curvada para frente que meu pescoço começou a doer de forma absurda antes mesmo que eu começasse a escrever. Embora atento a mim durante cada segundo, cada respiração, Adler não pareceu interessado no que eu estava fazendo. Ou melhor, não em espiar sem meu consentimento.

Soltei a respiração com tanta força que o assustei. Senti isso quando seus ombros enrijeceram e quando olhei diretamente em seus olhos, larguei a caneta com os músculos doloridos. Eu costumava escrever bem devagar, no computador, na maioria das vezes, mas perto dele, foi como se, não uma onda, mas um tsunami feroz de criatividade me atingisse. E então só me restara a alternativa de nadar até meus braços ficarem dormentes ou deixar que a água me levasse e me afundasse.

— Eu terminei. — Sussurrei com a voz enfraquecida, mas o que minha postura corporal gritava era que eu não queria lhe mostrar, envolvendo o bloco com minhas mãos feito garras protegendo meu pequeno filhote rabiscado em garranchos dificilmente inteligíveis.

Soltei o ar e tentei relaxar.

Tudo bem me sentir ridícula, contanto que aquela coisa idiota e boba fosse a “história feliz” que ele queria para mantê-lo com o mesmo estado de espírito que o dominara ao longo do dia. Suficientemente contente para me deixar viva.

— Eu não quero ver. A não ser que queira mostrar. — Engoli com força e pressionei a língua com ainda mais força contra o céu da boca.

— Não, tudo bem. — Gaguejei a lhe estendi o bloco. Adler pegou apenas a caneta, no entanto, e inclinou-se para trás.

— Leia para mim.

Deslizei a língua pelos lábios meio sem jeito. Sem conseguir encontrar minha voz, ou então o tom certo para pronunciar as palavras como eu as sentia, como as batidas do meu coração pesado ditavam silenciosamente para mim.

*Se eu te lembrar o mar,
levará uma eternidade para perdoar,
manterá puro seu coração infantil
e não terá medo de amar e de ser quebrado*

*se eu te lembrar o aroma casto do oceano,
você se permitirá expurgar seus pecados
e lidará com seus medos sem temer
o mundo a sua volta*

*se eu conseguir recordá-lo da sensação que a brisa lhe traz,
sentirá seu coração reconfortado e livre,
leve e pleno com o amor;
não mais infectado de paixão*

*se o mundo te recordar do peso das rochas que carrega Atlas,
você o deixará ir e voará
como a soberana gaivota, Jonathan Livingston,
e sobreviverá ao que lhe fere.*

*se minhas lágrimas e meus olhos assustados
te lembrarem o que você já chorou,
você não se deixará abater
não mais terá medo das mãos que o afagaram para então feri-lo*

*se o crepúsculo rasga sua alma,
prometa que você cobrirá seus olhos e esperará pelo amanhecer,
que chamará por mim se a escuridão lhe tomar
e que me afastará de ti caso eu seja a própria escuridão.*

Temí que tivesse odiado quando Adler ficou parado, olhando para mim. Através de mim. Afinal, quem eu pensava que era para pensar saber e concluir qualquer coisa sobre aquele homem? Que eu conhecia seu coração em pedaços, sua mente que lhe gritava coisas a todo o tempo e seu corpo cansado?

O que eu podia saber sobre ele?

— Isso é péssimo, Riley. — Adler murmurou, apenas traços alquebrados do som de sua voz alcançando-me e partindo meu coração. Eu não deveria sentir pena dele, ou da forma como falou aquilo. Não deveria sentir nada além de nojo, e ódio. — Da pior forma possível.

Mas então soltei o ar que vinha prendendo com um arquejo alto e claro e disse a mim mesma que tudo bem sentir empatia por outro ser humano, não importando as coisas desprezíveis que ele teria feito. Ou se ele tinha olhado em meus olhos e dito que queria me matar. No fundo, e só por um instante, nenhuma daquelas ciências me ultrapassaram. Foram vagas e sem sentido.

Quis perguntar no que ele estava pensando, que memórias eu teria feito emergir, mas calei a voz em minha mente e tentei empertigar meus ombros.

— Mas é bom, ao mesmo tempo. — Consegui dizer um longo e autoconsciente minuto depois. Ele puxou o bloco da minha mão e colocou-se de pé.

Seu momento de vulnerabilidade se foi, a sombra retornou a seu rosto e ele me encarou de cima enquanto eu encolhia meus ombros trêmulos, dobrava minhas mãos com meus dedos entrelaçados.

— Vá para o quarto. — O som de sua voz me paralisou por um instante. Só um. Então eu me levantei, temendo sua ira repentina e passei por ele. Ele me seguiu, de qualquer forma, em direção ao corredor enquanto eu tentava não fazer mais nada que o irritasse.

Não pisar com muita força, não respirar muito alto. Não pensar, não me virar.

Uma porta abriu e fechou e eu estava presa de novo.

Abracei meus ombros e soltei o ar com força antes de dar uma olhada no cômodo obscurecido, com uma janela de cortina esvoaçante ao lado da cama, a luz prateada da lua brilhante a iluminar a planta de meus pés onde parei, detrás da porta. Cobri o rosto com ambas as mãos, parada por um instante, então ergui o olhar e encarei as grades da janela e suas minúsculas divisórias quadriculadas.

Tive vontade de chorar e nem ao menos entendi o porquê.



capítulo 6

— *Coma.* — *Adler disse quando me sentei* diante dele na manhã seguinte, ainda cedo demais. Depois dos dois dias mais loucos da minha vida, eu estava certa de que tínhamos chegado ao ponto em que eu tentaria escapar. De alguma forma, pareceu-me que ele sabia daquilo ao sentar-se a minha frente e apoiar o rosto em sua mão, como se apreciasse a vista enquanto eu comia.

Em seguida, ele se colocou a arrancar de modo delicado as pétalas de um lírio, dos que estavam no vaso posto entre nós. Nada parecia ter mudado. Mesmo depois da noite anterior, do que tínhamos dito um ao outro, sobretudo do que *eu* lhe dissera e principalmente do que não dissera. Respirei fundo e afastei uma mecha de cabelo por cima do ombro, sentindo que o sol começava a erguer-se lá fora, elevando a temperatura e a sensação de baixa umidade no ar.

Meu peito inflava com cada vez mais força na tentativa de obter oxigênio suficiente.

— Conte-me alguma coisa sobre você. Algo verdadeiro. — Pedi devagar, minha voz soou melhor e mais plácida do que eu planejara, levando Adler a estudar minha expressão com cuidado, contraindo as sobrancelhas a fitar meu rosto e cada traço que compunha seu panorama. Ele deixou a flor no canto da mesa com duas pétalas e girou o corpo.

— Não tenho tempo para isso agora, lamento. — Ele se levantou e fitei a mesa. Os armários. As grades nas janelas, deixei que minha mente flutuasse por um sem fim de ideias e

alternativas ao que eu poderia fazer com cada uma daquelas coisas.

Minhas mãos descansaram na mesa, inquietas, retorcendo meus dedos.

Corri a ponta de meus dedos pela madeira e observei o que ele fazia. Cada movimento. Adler tirou uma única chave de seu bolso e abriu a porta sem desviar o olhar de mim, evitando, porém, encarar diretamente meus olhos. Ele virou-se, então, e com um giro, um clique: a porta estava trancada de novo.

De meu lugar na janela, eu não podia ver por onde ele tinha se metido, mesmo tendo me inclinado com as mãos espalmadas na mesa. Dali, podia visualizar apenas parte da casa e um barracão de madeira com correntes e cadeados, folhas caídas ao chão e árvores a alguns metros. Um jardim com lírios amarelos e brancos.

Levantei-me, surpresa por ele ter saído antes de me amarrar. Talvez achasse que eu estava sob o domínio do medo. Agitei a cabeça com um sorriso ridículo e inapropriado; ele não podia ser tão idiota a ponto de tal pensamento lhe cruzar a mente.

Procurei pela sala de estar por uma chave. Ou um pé de cabra, não soube ao certo no momento. Não existia nenhuma arma além de papéis, livros didáticos sobre a ciência dos números. Cálculo. A Fórmula do Ensino. Rolei os olhos ao ajoelhar-me para ler as lombadas dos títulos no segundo nível da estante, de baixo para cima, ao lado do sofá.

O que ele era? Algum professor ou estudioso? Amante do tema? Larguei os livros ali depois de dar uma olhada e dar-me conta de que, não, não tinha chave nenhuma por entre eles, mas no momento, comecei a tentar catalogar o que eu sabia sobre Adler, pessoa cujo nome eu imaginava ter sido inventado há dois dias.

Eu não sabia nada sobre ele. Também não deveria ansiar por descobrir, apenas para me livrar dele. Dei uma olhada no corredor; portas trancadas. Só tinha o quarto onde eu dormira para vasculhar, o que não era lá a escolha mais inteligente a se fazer. Com apenas uma cama de casal com a mesma cabeceira de ferro antiga do quarto lá de baixo, lençóis brancos e limpos

demais, bem puxados e esticados mesmo eu tendo me revirado neles por horas, era óbvio demais que não haveria nada ali.

Contemplei por um instante a ideia de esperar que ele voltasse e atacá-lo, mas meu cérebro insistia em ir contra mim a todo instante. Eu nunca machucara ninguém em toda a minha vida. Não era da minha natureza, e não que eu estivesse me sentindo altruísta e benevolente, mas não conseguiria.

Mordi o nó do meu polegar e dei uma olhada a minha volta em busca de uma alternativa que pudesse colocar em prática. Aproximei-me da janela e agarrei as grades; meus dedos foram esmagados para entrarem nos cortes quadriculares e agitei-as em busca de um ponto frouxo ou qualquer coisa, mas estavam solidamente engessadas a parede. Gritei por ajuda, mas minha voz esganiçada apenas ecoou, e ecoou, até desvanecer e se perder já bem longe por entre as árvores, levada, mas não longe demais, com o vento calmo de verão que agitava as copas das árvores.

Quando me cansei de minhas tentativas inúteis, meu corpo desabou na cama e guardei minhas energias durante alguns minutos ridículos onde eu contemplava meu próprio fim sórdido e não muito glamoroso. Foi um momento especialmente ridículo em que bati meus polegares um contra o outro com meus dedos entrelaçados no colo.

O momento tolo pelo qual todo mundo, *todo mundo*, passa e a parte mais ridícula foi não me sentir especial em meus pensamentos de que eu não tinha feito nada muito relevante na minha vida miserável.

Eu tive uma vida mais ou menos com uma mãe que se esforçava para estar presente, mas estava quase sempre trabalhando durante minha infância. Um pai idiota que fingia com um pouco menos dignidade estar presente na minha vida escolar e em meu crescimento, no que cheguei a acreditar em meus primeiros anos, mas assim que cheguei a minha maturidade, aos onze anos, me dei conta de que ele parecia se sentir culpado por ter amantes e sempre voltava sendo atencioso.

Flores para minha mãe, chocolates e livros para mim.

Na verdade, ao contrário do que todos os conselheiros idiotas do colégio ao qual fui obrigada a *visitar* diziam, senti-me alegre e completa quando ele foi embora para a Holanda para casar-se com outra mulher e ficamos apenas mamãe e eu. A casa de praia. Seus quadros coloridos e seus livros pela casa.

Eu tinha a intenção de ganhar o mundo ao sair de casa, mas o máximo que consegui entrar na Universidade de Surrey, trancar o curso de história dois meses e meio depois e começar um romance com cinquenta páginas e uma história ridícula que estava jogada em uma das minhas gavetas. Isso porque eu tinha sido idiota o suficiente para começar a digitar em uma máquina de escrever e agora não tinha força de vontade para digitar tudo aquilo outra vez e dar continuidade a uma história patética que só podia ter saído da mente de uma garota com dezoito anos e muitas ilusões.

Desisti por um ano da faculdade e achei que ficaria melhor trabalhando em coisas que eu gostasse no momento. Eu nunca iria permanecer apaixonada por um curso só durante o processo e gostar de trabalhar naquilo pelo resto da vida. Foi como acabei trabalhando em uma livraria por alguns meses e lendo livros aborrecidos.

Indo a festas que eu não gostava nem um pouco de verdade, mas fingia para parecer jovem e na moda. Eu preferia ficar em casa em minhas folgas, ouvindo música e vendo coisas aleatórias por aí na internet, ou passando tempo com o gênio forte da minha mãe ao qual eu tinha me acostumado nos últimos anos.

Não gostava de ninguém em particular. Nunca tinha me apaixonado de verdade. Não tinha um foco para dizer que sempre quisera a mesma coisa na vida desde a infância quando esfregasse algum prêmio idiota na cara do meu pai esnobe.

E nem nada.

E mesmo assim, ao me levantar da cama, eu disse a mim mesma que eu iria sair daquele lugar. Fosse como fosse. Fiquei andando pela sala ao sair dali, tentando entrar na mente de Adler. Eu não conseguia entender suas motivações.

Sentei-me no chão aos pés do sofá e preendi meus cabelos com um nó frouxo que ameaçava desfazer-se ao menor sinal de movimento enquanto eu me ajeitava em posição de lótus com um *Cup Noddles* e um livro de Adler com o título em letras garrafais em fundo vermelho acima de um cérebro colorido, próprio de ilustrações de livros de ciência para crianças: O PROCESSO DE APRENDIZADO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOBRE COMO SER UM PROFESSOR E EDUCANDO EFETIVOS.

Só o título já me dava sono, mas abri assim mesmo e comecei a passar as páginas. Começava falando sobre crianças, o que era esperado, mas igualmente entediante, e uma baboseira de psicologia da educação, métodos de ensino e aprendizagem.

Quando terminei de comer, e como estava absurdamente quente ali, deitei-me no tapete macio e segurei o livro pesado acima de mim enquanto passava os olhos pelas linhas sem muito entusiasmo. Onde estavam as reviravoltas e as chocantes revelações feitas onde um capítulo era cortado e o outro era iniciado em uma situação diferente para me fazer ficar boquiaberta, perguntando-me que merda era aquela?



Movi meus olhos, ainda imersa em meu sonho, minhas pálpebras pesadas recusando-se a abrirem-se e encarar a realidade quando o sono parecia mais tranquilo e pacífico. Mais seguro. Acho que eu estava em nossa antiga casa de campo, a que não visitávamos mais, em Lettermullan, correndo colina abaixo com minhas pernas finas até o lago, que era raso até determinado ponto, onde eu gostava de tomar sol às tardes.

Abri meus olhos de repente com um longo arquejo, perdida. Ergui os braços para cobrir o rosto com as mãos e esfregar os olhos por um instante antes que minha mente me lembrasse de

onde eu estava, mas quando as afastei de meu rosto, deparei-me com Adler sentado do outro lado da sala. Seu livro ainda estava aberto em cima de mim e coloquei a mão direita sobre ele antes de tentar me levantar, como que em busca de proteção dos temores que seu olhar gelado causava pela minha pele.

Ele estava sentado em uma poltrona escura que não estivera ali antes, suficientemente distante da porta para não parecer que ele estava nem um pouco preocupado com minhas pretensões de fuga. Meu cabelo se desfizera durante meu sono tranquilo, mas no momento, tudo o que senti foi o sangue pulsar pelo meu corpo de modo doloroso com a ciência de sua presença, tão perto.

Estava escuro quando me sentei e fechei o livro em meu colo com uma dor incômoda latejando em minha têmpora. Com tudo fechado, a janela dava tudo de si, com sua abertura reduzida, para lançar no aposento as luzes soturnas vindas do exterior da casa. Era um pôr do sol bonito lá fora. O céu tinha um tom belíssimo, consumido por chamas alaranjadas e intensas, tornava-se púrpura com o passar dos segundos de um vídeo apressado que insistia em ter um fim cedo.

— Eu sou professor, por isso os livros. — Ele falou de repente, mas em sua voz, soou tão casual quanto se estivéssemos falando sobre o assunto há horas. Tão natural. Massageei meu pescoço com a ponta dos dedos e exprimi um gemido ininteligível na medida em que ele inclinava o rosto um centímetro curto para a esquerda para observar-me sem pressa. — Você pediu para eu te contar algo verdadeiro sobre mim. Eu sou professor.

Franzi o cenho e olhei diretamente em seus olhos. Ainda tinham o mesmo tom de azul que possuíam durante o dia; como se brilhassem no escuro para que eu pudesse encontrá-los.

— Tipo... De crianças? — Um arrepio interrompeu meus movimentos e Adler riu.

— Não se preocupe com elas, eu provavelmente vou receber uma menção de melhor professor no fim do ano. Agora... O que você fez o dia inteiro? — Ele olhou para mim com expectativa, fingindo um genuíno interesse que não possuía e que teria me

feito cair feito uma tonta no que quer que ele dissesse. Bem, se não estivesse na posição em que estávamos, é claro que sim.

— Eu li esse livro. — Falei simplesmente. Achei melhor excluir a parte em que eu planejava matá-lo para, em seguida, descartar a ideia, e a de encontrar uma saída dali.

— E qual a sua avaliação geral?

— Por que está fazendo isso? — Interrompi seus pensamentos seguintes, quaisquer que fossem, enquanto ele se divertia com a minha cara. Desejei poder arremessar aquele livro nele com sua lombada larga, mas contentei-me em atirar-lhe palavras. Ao menos por ora.

— Isso, o quê? Falando com você? — O tom dele começou a ficar sério, mas eu ainda podia sentir a pontada de deboche atingindo-me de forma certa.

— *Tudo isso!* O que você quer de mim? Se não quer me matar, então o quê, Adler? — O nome dele irrompeu pelos meus lábios antes que eu controlasse o impulso, e seguido dele, acrescentei: — Se esse for mesmo o seu nome, é claro.

— Quero que me faça companhia. Nada mais. — Ele falou com deliberada delicadeza e maneou seus ombros para trás.

— Você é louco? — As palavras saltaram de meus lábios, descrentes. Meu peito subiu e desceu com força e desejei pegá-las de volta quando dois segundos transcorreram, a espera de alguma reação por parte dele. Que fosse se sentir ofendido. Mas não consegui arrancar-lhe nada com minha declaração além de indiferença.

— A vontade é cega, pois não a controlamos. — Adler virou o rosto para olhar em meus olhos e permiti que o fizesse, com o queixo caído. — Somos escravos de nossos desejos mais primitivos.

— O quê?! — Murmurei sem ser capaz de acreditar no que escutara, e deslizei a língua pelos meus lábios secos.

Adler ajeitou-se e quando achei que fosse continuar a falar, ele se levantou e passou pela mesa de centro para acender o abajur no instante em que a luz natural desapareceu quase que com um estalar de dedos repentino. Como se não tivéssemos previsto a escuridão a recobrir-nos de forma gradual.

— Eu só quero parte sua, Riley, um pouco de compreensão... Não vou te machucar. — Ele se sentou na borda do sofá e pairou ao meu lado, perto o suficiente para eu prender minha respiração quando senti seus dedos em meus cabelos para tirar uma mecha espessa que caía pelo meu rosto. O roçar de seu indicador em minha bochecha congelou minha pele, roubou minha respiração.

Vi a mim mesma através de uma lente, movendo-me debaixo d'água enquanto meus pulmões queimavam, clamavam por ar puro que eu sabia que não poderia obter.

Com o livro ainda seguro em minhas mãos, arremessei-o em direção a Adler como desejara fazer. No entanto, o tiro saiu pela culatra em menos de um segundo. Ele agarrou meu braço quando me ergui. Seus dedos fizeram pressão contra minha pele, inicialmente, na medida em que ele se levantava também. Tentei desvencilhar-me dele. Chutá-lo, estapeá-lo. Minhas tentativas foram, não apenas vãs, como também ridículas; patéticas.

Adler aproximou o rosto do meu, com minhas pernas agora contra o sofá e meu corpo inclinado em sua direção, e torceu meu braço direito e um ponto de dor em que, quando ele me soltou de repente, meu corpo se dobrou para frente em uma posição não muito natural e soltei um grito agudo que me forcei a reprimir ao cair com força no sofá.

Levantei-me antes de me dar tempo suficiente para respirar e lancei-me em cima dele. Acertei meus punhos em seu peito e o empurrei para trás com toda a força que eu tinha, toda ela reunida não pareceu remotamente suficiente. Adler agarrou meus pulsos e girou meu corpo, imobilizando-me com meus braços atrás das costas com uma explosão dolorosa e abrupta.

— Teremos que nos livrar desse seu mau comportamento, Riley. — Arquejei e ele fez me tropeçar para frente antes de ir para o quarto e atirar meu corpo na cama como um saco de batatas até que cada músculo meu e cada articulação doessem, implorassem por alívio.

Adler puxou uma algema e em um clique, prendeu minhas mãos à cabeceira enquanto eu me debatia e tentava acertá-lo. Agarrei o ferro e ergui as pernas nuas para acertar um chute em

seu rosto. Ele se afastou e tocou o canto da boca que sangrou de imediato com o impacto.

— Seu filho da mãe... Desgraçado! — Puxei minhas pernas de volta para a cama quando meu corpo doeu a ponto de eu parar. Adler me lançou um olhar incomodado, mas não irritado pelo que eu tinha feito. Achei que ele fosse surtar ou algo assim, mas ele respirou devagar. Seu peito subiu e desceu por um instante e o espaço pareceu abrir um buraco no tempo enquanto minha têmpera latejava.

— Talvez eu estivesse errado. — Adler correu o polegar pelo canto ensanguentado do lábio inferior, o olhar desinteressado distante do meu. — Acho que você ainda precisa de tempo para aprender a socializar.

capítulo 7

Com uma longa expiração, Hardlyn virou-se e serviu chá nas duas xícaras postas sobre a mesa. Uma para si, outra para Lorcan, que parecia sóbrio de modo que nunca estivera em quase uma década, apenas empenhado em descobrir o paradeiro de Riley, e não só para acalmar os nervos a flor da pele de Hardlyn, mesmo que fosse algo pelo qual ele pudesse fazer qualquer coisa para amenizar.

Seus olhares se encontraram quando ela se sentou e colocou os braços a sua volta enquanto Lorcan pegava a xícara e dava um gole na bebida quente e calmante. Hardlyn odiava chá quente, quase todo mundo que a conhecia sabia daquilo e Riley ainda fazia piada com o fato.

Mais um motivo para sentir sua falta: piadas constantes e ridículas à mesa.

— Você ligou para... — Ele hesitou por um segundo. — O pai da Riley?

Hardlyn retorceu os lábios por um momento longo antes de pensar em responder. Pegou um cubo de açúcar, ao invés disso, e fitou-o enquanto afundava em sua xícara, derretendo lentamente. Seus pensamentos estavam distraídos demais com possibilidades para conseguir dispensar atenção a Lorcan e ao erguer o queixo, Hardlyn notou que ele estava igualmente

distraído com seus pensamentos e suas notas para perceber que ela não o respondera.

Sua visita à Berto's acabara sendo inconclusiva. O detetive Starr concordava e discordava de Hardlyn ao mesmo tempo por se *aliar* a alguém como Lorcan, olhando para ele de longe com o olhar cerrado como se o conhecesse. Ou como se estivesse em posição de fazer julgamentos de caráter.

— Não tenho nenhuma condição de lidar com aquele homem agora. — Ela fez um gesto no ar antes de dar um gole no chá.

Lorcan fez o mesmo e ambos ficaram em silêncio, temendo ter que revelar a verdade palpável. Hardlyn jogou uma mecha de seus cabelos castanho-loiros por cima de seu ombro e empertigou os ombros na tentativa de parecer minimamente apresentável e disposta.

— O que fazemos agora?

— Você deveria acompanhar as investigações do detetive Starr. Eu vou entrar em contato com algumas pessoas, procurar informações... Acho que não tem mais nada que você possa fazer. Tente... Fazer cartazes, distribuir por aí. Perguntas às pessoas. — Hardlyn assentiu como se fosse algo inovador e complexo, puxou o ar devagar e abaixou a xícara.

— Claro. Eu vou fazer isso pela manhã. Estou tão... Emocionalmente exausta. — Então ela buscou pelo olhar de Lorcan para fitar seus olhos diretamente enquanto falava em busca da honestidade que ele se recusava a expor em palavras: — Acha mesmo que eu deveria ligar para Landon e contar a ele o que está acontecendo?

Lorcan deu de ombros e pegou um dos biscoitos que estava no prato no centro da mesa.

— Sua decisão. — Ele comeu o biscoito como uma desculpa para desviar-lhe o olhar e fitar o fundo de sua xícara de chá. — Talvez você esteja certa: não precisa lidar com ele se não quiser.

Hardlyn deu mais um gole em seu chá, como se pudesse ajudá-la a refletir e então, como um filme em sua cabeça sendo reproduzido, ela ficou quieta, assistindo-o enquanto pesava prós e contras. Landon era um cretino, é claro, mas teria se importado e talvez ficasse até magoado quando soubesse tudo o que

estava se passando sem seu conhecimento; sem que ele pudesse fazer qualquer coisa para ajudar.

Com sorte, só saberia quando Riley já estivesse ali, na casa dela.

— Tudo bem... Vou ligar para ele no fim da semana.

— Não é aniversário dela na quinta? Ele deve ligar e vai estranhar se ela não retornar as chamadas. — Lorcan comeu mais um dos biscoitos com gotas de chocolate. — E então vai ligar para você.

— Certo. Ligarei amanhã.

— Nos falamos amanhã. — Lorcan levantou-se sem encará-la diretamente. Ele queria permanecer distante dela, na verdade, depois de sua desilusão amorosa.

Hardlyn agia como se não tivesse acontecido nada entre eles, durante todos aqueles anos, mas ele, na verdade, esperou de braços abertos que ela fosse correr para ele depois de se separar e ela era emocionalmente autossuficiente demais para um homem antiquado como ele. Ela não queria *precisar* de um homem, apenas um que estivesse ao seu lado, e ele não atendia aqueles requisitos.

— Obrigada. — Hardlyn estendeu o braço para tocar seu pulso e ele se viu obrigado a encará-la. — Por tudo.



Adler entrelaçou os dedos enquanto encarava, de onde estava sentado a sua mesa e absorto no silêncio que o momento lhe proporcionava, algumas fileiras onde as alunas do primeiro ano estavam concentradas nos cálculos complicados que ele tinha rabiscado no quadro.

Ele estava pensando em Andre naquela quarta-feira em específico. Não conseguia tirar o homem de sua mente desde

sua conversa com Riley. Ficava imaginando como ele seria fisicamente. Se era um esnobe londrino como Riley dissera ou se ela só estava irritada com ele. Se estaria magoada.

Estava a encarar suas alunas, na verdade, porque não conseguia entender como o homem podia ser um cretino nojento tão grande a ponto de abusar de uma adolescente. Uma criança.

Ele não sentiu muita pena de Riley no momento, no entanto, ainda estava irritado com ela. Consequentemente, ela ainda estava algemada à cama sem comer para que ele não precisasse lidar com ela. Pensou em desamarrá-la e alimentá-la, também não queria que ela morresse.

Adler pressionou o polegar contra o queixo e ergueu o olhar quando Larkin aproximou-se de sua mesa e então abaixou o braço para fixar a cor plácida de avelã nos olhos da garota. Ele gostava de olhar nos olhos das pessoas, mas a impressão que Larkin tinha era de que ele correspondia seus sentimentos platônicos e juvenis quando o fazia. O azul profundo de seu olhar nunca revelava nada. Seu suéter de tom pastel e quase sem graça lhe dizia que ele não tinha nada de interessante, mas ela fantasiava coisas quando não tinha todas as informações.

Que ele fazia coisas inimagináveis quando estava fora dali. Que seduzia mulheres e partia seus corações apenas por diversão, e que tomava bebidas com copos enfeitados e receitas complicadas, falava da mesma forma segura, desenvolta e hiperconfiante com que falava diante dela. Não que ele não estivesse com uma mulher há doze anos e que nunca sentira nenhum interesse em especial por álcool.

— Eu terminei. — Larkin lhe entregou o papel com seu nome feito em uma caligrafia ensaiada à perfeição para que ele pensasse que ela dera seu melhor assim que seus olhos deslizassem pelo papel. Pelos seus cálculos na folha. Estava tudo certo, ela sabia.

Larkin passava *tanto* tempo estudando na tentativa de impressioná-lo que era possível que tivesse negligenciado alguma outra matéria.

— Obrigado. Boa sorte.

Ela quase fugiu de seu olhar ao sentir seu rosto queimar, destacando o vermelho-escarlate em sua pele pálida e sardenta. Sentiu seu coração saltar e sua mente extrapolou todos os limites da imaginação ao voltar ao seu lugar.

Adler virou-se com desinteresse e olhou em seu relógio. Por algum motivo desconhecido e não desejado, incômodo, até, ele não parava de pensar em Riley. Talvez a tivesse punido de forma demasiada severa.

Já esperava que ela fosse tentar fugir em algum momento.

Previsível.

— Vocês têm sete minutos para me entregarem suas avaliações.

Quarenta minutos depois, Adler correu os dedos pelos cabelos dela. O ruivo de tom ligeiramente desbotado caindo em mechas pelo seu rosto de formas delicadas, lembrando-lhe demais alguém que costumava conhecer, exceto a cor brilhante de seus olhos, os quais ele não conseguiria definir se eram azuis ou verdes, mas tinham brilho próprio e mesmo ele, nem um pouco interessado nela, não conseguia ignorar o instinto de passar horas a contemplar seu rosto adormecido.

Era como uma obra de arte de traços ora delicados ora sombrios, sob uma penumbra constante e a um passo da luz, em busca da libertação completa. Adler podia ver muito em seus olhos, mas queria que ela lhe dissesse mais. O que ele não conseguiria descobrir.

Riley abriu os olhos devagar. Assustada. Ela conteve sua reação, no entanto, e permaneceu imóvel.

Aquela cama, diferente da cama da do quarto abaixo daquele, tinha entalhes diferentes e lineares, de modo que Riley abaixou os braços até que estivessem na altura da cabeça para conseguir adormecer em uma posição confortável. Seu estômago se retorceu, vazio, e seu corpo se encolheu, quase que anestesiado, pela visão de Adler ajoelhado ao lado da cama a encará-la assim que despertou de seu sono breve.

Tinha dormido daquela forma, por pouco tempo em intervalos curtos, durante muito tempo, desde que não tinha nada além daquilo a fazer. Adler abriu as algemas, que deixaram marcas vermelhas horríveis em seus pulsos depois das horas incontáveis em que ela passara gritando e agitando seus braços. Uma tentativa inútil, sem sombra de dúvidas, mas ela passara tanto tempo com fome e sede que começara a fazer coisas irracionais e ridículas.

Como uma fera que fora quebrada de dentro para fora lentamente, ele a deixou sozinha, já não representando perigo iminente. Ao menos, não por ora. Não naquele estado.

Adler foi refugiar-se em seu quarto para um banho longo. Com a toalha escura em torno da cintura, ele deslizou a ponta dos dedos com firmeza pelos cabelos molhados, respirando com força por cima do denso vapor de água que se formara no banheiro.

Então pegou um chicote de quatro pontas em seu quarto e sentou-se na borda da banheira com a porta cuidadosamente fechada, seus olhos fixos na fechadura ao desferir o primeiro acoite contra sua pele. Seus ombros se encolheram em um reflexo automático para escapar do objeto que causava lacerações em seu torso.

A pele estava coberta por linhas esbranquiçadas e cicatrizadas há muito tempo. Outras marcas mais evidentes de uma semana antes das que Adler provocou em si ainda estavam inchadas em torno da cicatriz de uma linha fina, avermelhada, em um processo de cicatrização conhecido.

Adler dobrou o corpo para frente com um arquejo, a respiração acelerada e a mão trêmula ao deixar que o chicote escorregasse em direção a banheira em um espasmo incontável. Ele praguejou e fechou os olhos com força. Precisava de um minuto para respirar fundo, como sempre, antes de colocar-se de pé e sair dali.

Seu coração ainda batia com força no peito ao deixar o quarto depois de vestido. O sol ainda não começara a se pôr, voltara mais cedo por causa dela e no momento, as sensações que

causava em si eram quase que uma experimentação magnífica dos sentidos.

Podia sentir o sangue pulsar por todo o seu corpo, finalmente um indício de ainda estar vivo, e seu olhar parecia enxergar mais no rosto dela agora do que outra pessoa. Ou meios para um fim.

Riley estava sentada perto da janela, fitando as árvores lá fora, os contornos trêmulos de suas copas e a iminente descida do sol pela linha distante do horizonte, nostálgica. Distante demais, quase que completamente fora do alcance.

Ela contraiu as sobrancelhas de contornos bem definidos, pouco mais claras que seus cabelos, que pareciam desafiá-lo em silêncio, muito embora seu rosto encontrasse-se inexpressivo ao fitar seus movimentos através da sala. Adler moveu-se em padrões elípticos até a geladeira, repentinamente preocupado em alimentá-la. Não porque se importasse, de fato, mas para mantê-la viva e falante.

Repreendeu a si mesmo pelo seu comportamento dos últimos dois dias e colocou-se a fazer um sanduíche elaborado para ela, já que se esquecera de fazer compras ao voltar do trabalho, o que o livrara do tempo de preparo de um jantar adequado.

Riley comeu com avidez enquanto Adler estendia a mão para recolher as flores mortas no vaso sobre a mesa e jogá-las no lixo, com a intenção de colher mais no dia seguinte e repetir o gesto. Ele podia sentir o olhar de Riley cravado nele quando não estava olhando, ao fingir distração, mas no momento em que se voltou para ela, seus olhares se encontraram e ela o encarou sem desviar-se mais.

Suas mãos abaixaram o sanduíche pela metade de volta ao prato e Riley deslizou a língua pelos lábios, mordendo-os de modo breve ao terminar de mastigar.

— O que aconteceu com você? — Adler virou-se por completo e parou a sua frente, a mesa entre eles.

— O que quer dizer?

— Suas costas. — Ela abaixou os braços e ergueu o queixo, analisou-o com cuidado e Adler seguiu seu olhar para ver que estava sangrando e agora marcara sua camisa, um tom de azul alvo, quase branco.

— Não tinha notado.

Adler colocara um curativo no local para impedir aquilo, mas talvez o corte tivesse sido profundo e sangrasse mais do que ele previra, e mais do que quisera infligir a si. Ele deixou a cozinha em direção ao quarto para desfazer os botões da camisa e puxar os curativos diante do espelho acima da cômoda com uma dor latejante onde o chicote encontrara sua pele com um estalo, um corte que ardia por longos centímetros em lacerações diagonais.

Ao livrar-se deles, Adler virou-se de repente e encontrou o olhar cáldo de Riley, parada à porta, mais fora do que dentro do quarto a fitá-lo sem ser capaz de encontrar uma reação apropriada em seu cérebro. Um pouco de choque misturado uma sensação de que estava anestesiada, além de reações que teria tido usualmente, em sua vida ordinária e cotidiana.

Sem se incomodar com sua presença ou seu olhar, seu queixo caído, Adler curvou seu corpo de modo a parar no centro do quarto e espiar por cima do ombro enquanto limpava e colocava novos curativos sobre os novos cortes.

capítulo 8

Permaneci onde estava, paralisada à porta a fitá-lo, capturada pela cadência de seus movimentos enquanto ele encarava seu próprio reflexo no espelho, encaixado em uma moldura antiga e destoante, e jogou a camisa em algum lugar no banheiro, da porta – um cesto, presumi.

— O que aconteceu com você? — Foi uma pergunta trêmula daquela vez, enquanto meu corpo se retesava com um misto de sensações conflitantes, medos incessantes e repulsa. Não dele, concluí por ora.

— Não estou interessado em contar. — Adler foi direto enquanto tirava o suéter que transformava sua aparência em “professor seguidor das leis e acima de qualquer suspeita de ter sequestrado alguém”, e me peguei pensando, então, em que tipo de pessoa ele seria fora daquela casa.

Você não tem tempo para isso. Certo, claro. Não tinha.

Mas mesmo assim, a cada instante, crescia dentro de mim aquela ânsia, o instinto incontrolável de querer ficar e conhecer sua mente. Não podia me livrar daquela necessidade por mais que tentasse guiar minha mente em direção ao pensamento de que precisava sobreviver. No momento, minha mente entrava em confrontos consigo mesma, em questionamentos que não paravam, e em uma guerra sem vencedores, a fim de decidir o que faríamos a seguir.

Mesmo ciente de que não deveria, nem sequer tentei impedir a mim mesma de entrar em seu quarto e aproximar-me dele. Era

uma decisão estúpida, então respirei fundo e tentei limpar minha mente e relaxar meus ombros. Ainda estava cansada; mentalmente, não poderia estar mais exausta depois dos últimos dias.

O hematoma ainda estava roxo no canto de sua boca quando parei para notar e acendi a luz para que iluminasse seu rosto sob a curiosidade de seu olhar perseguindo-me. Seria fácil apunhalá-lo, tão distraído, pelas costas, porém não consegui fazer aquilo.

Aproximei-me devagar e não apenas porque sentia-me fraca depois de ter comido o sanduíche pela metade, mas porque parecia que até eu reconhecia o quão estranho era o fato de me aproximar de Adler. Causava tremor pelas minhas mãos, suor frio em minhas palmas, agitava cada parte do meu corpo em uma onda de adrenalina e modo de autodefesa. Eu deveria *me afastar*, não o contrário, mas o fiz virar-se ao acender a luz e aproximar-me até estar a dois passos dele.

— Posso? — A aversão dele me parecia com um artigo que eu lera certa vez sobre como era difícil aproximar-se de determinados povos que viviam isolados, sem usar a língua como ferramenta de comunicação. Não uma que pudéssemos entender.

Como era difícil falar e tentar expor tudo o que queria que entendessem através de gestos que tentavam executar. Ou como tentar fazer com que um animalzinho ferido confie em você depois dos maus tratos.

Inspirei com força e ele abaixou os braços e virou-se por completo, permitindo-me que eu observasse sua pele de perto. As ondulações finas e esbranquiçadas, algumas antigas e outras, avermelhadas, mais recentes. As que ele tinha feito há pouco estavam ruins, me fizeram contrair meus ombros e erguer meu queixo para notar que ele me encarava com cuidado através do espelho, analisando meus movimentos.

Soltei o ar de uma vez e ergui os olhos da parte inferior de seu torso até seus ombros, processando cada centímetro de sua pele marcada por cima do bronzeado que desaparecia lentamente. Uma por cima da outra causada ao longo de muito tempo; anos, provavelmente. Adler inspirou com força e flexionou os músculos

de leve, seus ombros se moveram e pressionei a língua contra o céu da boca na tentativa de engolir comentários e perguntas que eu tivesse.

Tentei não fazer julgamentos precipitados, na verdade. Somei aquilo, em minha mente, ao fato de que eu já o considerava perturbado o bastante, mas somando tudo o que fui tomando conhecimento aos poucos, talvez em sua mente danificada, aquilo fizesse algum sentido. Também já tinha lido alguma coisa sobre mortificação, embora ele não fizesse o perfil de religioso. Na época, com uns dezesseis ou dezessete anos, eu tinha achado uma coisa de outro mundo. De gente louca, não sei.

E voltando a ter o mesmo pensamento que tivera ao vê-lo pela primeira vez, não pude evitar imaginar que talvez ele pudesse passar por mim na rua, ou entrar no mesmo café que eu no fim da tarde, e eu nunca refletiria sobre nenhuma daquelas questões.

Com as mãos recém-lavadas, inclinei-me para frente e peguei da cômoda o curativo em uma embalagem que rasguei sem desviar o olhar de sua pele, de suas marcas que iam desvanecendo, cicatrizando, mas nunca desapareciam por completo. Apertei os olhos e forcei-me a concentrar, não só no que estava fazendo no momento, mas com a mente também focada no que faria a seguir.

— Diga-me alguma coisa verdadeira sobre você, Riley.

— Por que você se importa em saber sobre mim? — Puxei um pedaço de esparadrapo para prender a parte de cima do curativo e ergui o olhar ao ver o movimento de suas costas quando ele respirou fundo.

— Porque somos estranhos um para o outro. Porque a maioria das pessoas se esforça muito para fingir, mentir... Parecer perfeita. Mas você não é como os outros. — Fiquei quieta e foquei em terminar o primeiro curativo, próximo a seu ombro. Parecera ser a frase mais longa que ele tinha proferido em dias, o som de sua voz dominando o ar com seu tom despretensioso e desolado ao mesmo tempo.

Senti meu coração dar um salto em meu peito e me virar do avesso.

— As pessoas costumam *compartilhar* coisas, também, não esperar tudo sem oferecer nada em troca. — Abaixei o olhar quando senti que ele virara a cabeça para encarar-me por cima de seu ombro, então peguei o outro curativo e passou pela minha cabeça que estaria acabado a partir dali.

Esprei seu silêncio em retorno a minhas palavras.

— Eu me apaixonei. Esse é o fato mais marcante sobre mim que tenho para te contar. — Comprimi os lábios, os olhos ainda baixos para adiar uma resposta iminente.

— O que houve? — Os ombros de Adler ficaram tensos.

— Não deu muito certo.

Anuí, breve, e coloquei o segundo curativo pouco abaixo do segundo, em uma linha diagonal que, quase pude visualizar, não estava tão ruim quanto ficaria nos próximos dias.

— Eu não te contei tudo sobre Andre e eu. — Eu nem gostava de usar aquelas palavras.

Andre e eu. Tanto tempo depois, soava sujo quando no início era puro e mágico. Estalei meus lábios antes de olhar diretamente para Adler. Um pedacinho meu, minúsculo, mas forte, sempre tivera vontade de contar tudo aquilo a alguém. Por pior que fosse, por mais sujo e repulsivo que pudesse parecer.

Mas a quem eu diria aquelas coisas certa de que permaneceriam para sempre como um segredo íntimo entre nós? Minha mãe sempre fora minha melhor amiga, acima de todos os amigos esporádicos, e é claro que eu não poderia lhe confessar sobre o que tinha acontecido bem debaixo de seu nariz. Acho que ela se sentiria culpada, e então horrível, e iria querer punição e justiça.

Minhas amiguinhas da época eram muito mais bobas do que eu, com interesses diferentes, vidas diferentes e mentes diferentes. E o tempo tinha passado. Merda, era meu aniversário no dia seguinte, o que significava seis anos e alguns meses desde que todo aquele turbilhão de emoções e acontecimentos tinha passado por ali, torrenciais.

— Eu imaginei o resto. — Adler inclinou o rosto um centímetro para a direita e fitei-o a distância através do espelho, muito embora tão próxima a seu corpo. Aquela forma de nos

entreolharmos parecia mais íntima, não sei, mais a altura de quem estava revelando coisas sobre si das quais tinha tanto medo e tanta vergonha de dizer em voz alta. — Que você se envolveu demais... Um verão e fim.

Em um sussurro denso, foi como se eu tivesse meu coração partido. Não entendi se era apenas por trazer à tona as memórias da minha juventude à flor da pele ou se era o que sua presença e o efeito que o som de suas palavras desejava causar em mim. Dor. Sofrimento.

— Foi o que aconteceu com você também? E essa... *Pessoa* pela qual você se apaixonou? — Ele ergueu um pouco o queixo e peguei-me remexendo em meus dedos, o olhar congelado em seu rosto. Na expressão que ele carregava. No amargor em seus olhos.

— Durou mais que isso, mas o fim é quase sempre o mesmo. Previsível, porém dificilmente evitável. — Abaixei meus olhos e dei um passo para o lado para sair de detrás dele e, conseqüentemente, do quarto.

Porém, parei na porta e apoiei a mão no batente, corri os dedos de cima para baixo por alguns centímetros pela textura áspera da madeira escura.

— Você ainda pensa nela? — Adler ergueu os olhos na minha direção.

— Ela é a razão de você estar aqui, Riley. — Antes que eu tivesse a chance de sequer abrir a boca para fazer perguntas conforme milhares delas surgiam em minha mente, ele aproximou-se a passos lerdos, mas cortou rápido demais um espaço curto e deu um empurrão na porta, dando-me tempo apenas de tirar minhas mãos e recuar um passo para que ela não acertasse meus dedos.

capítulo 9

Sentei-me no chão da sala de estar aos pés do sofá, roendo minhas unhas e folheando um livro bonito. Quadrado e com fotografias de guerras. Estava em outro idioma, eu não sabia qual, por isso não pude ler os textos de algumas linhas abaixo das fotos, mas eram de tirar o fôlego, embora tão tristes. E me ajudaram por alguns minutos a tirar meus pensamentos de Adler e de tudo aquilo.

Fiquei acordada até muito tarde. Depois de dormir tanto, eu estava elétrica, cheia de energias que não conseguia gastar andando de um lado a outro na sala, indo e voltando e pensando em tópicos tão exaustivos. Quando o relógio marcou onze da noite, e Adler tinha ido dormir há muito tempo, vesti meias e coloquei uma blusa de mangas por cima do pijama ao sentir a queda drástica de temperatura.

Devia ter previsto, era sempre da mesma forma.

Fazia frio em Surrey desde meados de junho até o início do outono desde que o mundo existia, o que era bom. O clima gelado era o primeiro atrativo daquele país, no fim das contas.

Fui fazer chocolate quente para mim e terminei de comer o sanduíche de mais cedo antes de sentar-me no sofá com a cabeça apoiada no braço, de modo que o livro fosse iluminado de

perto pela luz fraca do abajur enquanto eu tentava entender o livro de fotografias da metade para o final.

Fechei-o quando começou a chover de forma torrencial, tão alto e com tanta força que parecia que a água levaria tudo, mas eu adorava dormir com o som da chuva, por isso apaguei o abajur e me virei para cair em um sono lento e tranquilo.

ADLER

A madeira rangeu quando apoiei meu pé no pedaço descascado, pintado de branco há duas décadas, onde a tinta mais recente, um azul-celeste desbotado e sem graça, perdera sua coloração e agora, começava a desgastar-se rapidamente, corroída por cupins que gritavam a todo o mundo que partiriam o degrau ao meio sob o peso de um novo corpo. E mesmo assim, superei os quatro degraus que me deixaram no meio da varanda, entre a porta e minha decisão de dar meia volta em direção ao meu carro parado ao lado do meio-fio.

Convenci a mim mesmo de que não deveria ir embora e bati três vezes na porta. Corri os dedos pelos cabelos enquanto esperava, livrando-me das minúsculas gotículas de água que a garoa com aroma límpido deixara por cima de meus fios arrumados de forma impecável para demonstrar equilíbrio. A droga da chuva tinha arruinado meus esforços.

— Querido! — Um segundo de distração e ela estava a minha frente.

Soltando a porta. Agarrando meus ombros. Envolvendo seus braços a minha volta. Colocando a cabeça em meu peito com um sorriso.

Uma fração minúscula da minha mente tentou me forçar a sentir culpa por privá-la da sensação por períodos tão longos, mas simplesmente não consegui sentir qualquer coisa relevante

por ela. A não ser um sentimento de afastamento emocional quase que completo.

Às vezes eu a amava, não conseguia ser apenas indiferente. Mas na maior parte do tempo, olhar no fundo de seus olhos e fitar tudo de degradante a sua volta me provocava uma ânsia em lhe dizer que eu ficava muito melhor sem sua presença constante em minha vida.

— Meu bem... — Ophelia afastou-se, os braços ainda a minha volta, e voltou o olhar para meu rosto. Seus olhos diretamente conectados aos meus. — Como você cresceu!

— Tenho vinte e seis anos, mãe, não cresço há muito tempo. — Ela riu e agitou a mão no ar antes de me dar um empurrãozinho para que eu entrasse. A porta bateu atrás de mim e fiquei parado na sala, bem ao lado da porta, só em caso de precisar sair com urgência.

Não gostava daquela casa. De seu aspecto de madeira descascada, do motivo de minha mãe ainda viver ali depois de tanta coisa ter se passado dentro daquelas paredes, das matrioscas nas estantes ao lado de seus livros de literatura, os vasos perto dos livros que formavam uma pilha na estante atrás do sofá: todo o tipo de coisa sobre como funciona a mente de crianças e adolescentes, crianças lidando com o crescimento, como crianças se enxergam no mundo e seus papéis na sociedade, e se fosse dar uma olhada no lixo de psicologia infantil ficava ainda pior.

Ophelia fez um gesto para que eu me sentasse antes de começar sua lista longa de perguntas desinteressantes. Meus olhos foram do sofá onde ela estava, a mesa de centro, o segundo sofá, até a lareira, onde o fogo crepitando produzia o único som que se podia ouvir no ambiente, com estalos esporádicos de uma madeira que ela mesma tinha cortado na tentativa de se fazer de independente e autossuficiente.

Fui me sentar a sua frente, o mais distante possível dela, que pressionou o cigarro no cinzeiro até que apagasse para então voltar-se para mim.

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

— Você tem falado com o cretino do seu pai?

Senti ligeira necessidade em lhe dizer que ele não era um cretino. Que o único motivo para ter se tornado “o cretino” dava-se ao fato de que ele já não a amava como ela achava que merecia. Inclinei-me para trás, ao invés disso, e deixei que a oportunidade se esvaísse ao longo de três segundos de olhares cortantes e ininterruptos.

— Por telefone. Às vezes.

— Como está o trabalho, querido?

— Ótimo. — Encolhi os ombros. Não tinha muito a dizer a ela.

Também não tinha muito que ela pudesse me falar. Não havia um assunto neutro sobre o qual pudéssemos falar sem atritos ou discussões há muito, muito tempo, e ao parar para pensar, não consegui compreender em que momento aquela mulher estranha sentada a minha frente, esperando por carinho, afeto e compreensão e querendo oferecer-me o mesmo, tinha perdido o encantamento diante de meus olhos.

Quando eu tinha parado de tê-la como o centro do meu universo tolo e infantil, uma deusa, acima de toda a justiça e pecados, para se tornar tão mortal e imoral como qualquer desconhecido?

Soube de imediato a resposta, mas busquei afastá-la de meus pensamentos.

— Eu não posso demorar. Tenho mil coisas a fazer até segunda. — Ophelia agitou a cabeça com desgosto em seus modos. Estava certo de que ela não acreditava no que eu dizia, em grande parte de tudo o que eu lhe dizia, mas já não me importava com qualquer coisa que ela pensasse ou dissesse.

Já não era uma criança fraca vivendo sob seu teto.

Coloquei-me de pé e ela seguiu meus passos enquanto me aproximava para beijar-lhe o rosto: — Lamento por não poder ficar mais. Eu volto outra hora. — Depositei um beijo demorado em sua testa e seus braços me envolveram, breves e artificiais.

— Eu faço uma visita a qualquer hora. Você sempre vai e vem em instantes, meu bem. — Ofereci-lhe um sorriso forçado, que ela fingiu não notar, e me virei para ir embora.



Riley estava deitada no sofá com as pernas para cima, lendo, ou passando as páginas, de um dos livros de fotografias em sueco, empilhados na estante; algo sobre transformações em períodos de guerra. Bati a porta ao entrar, segurando a caixa em minha mão e equilibrando uma pequena pilha de livros em outra que eu tirara de meu porta-malas, vindo de uma Berto's entre o trabalho e o subúrbio de minha infância.

Riley se moveu e encarou-me com questões não verbalizadas saltando aos montes de seus olhos, de seus lábios cerrados em uma linha fina, das sardas em seu nariz que se espalhavam, claras, um pouco por suas bochechas. Cada traço de seu rosto era, no entanto, indecifrável.

Como um estalo, uma epifania momentânea, notei não era tão indiferente a ela assim. Como era por todos os outros. Não gostava de Riley, tampouco a odiava, mas sua presença me proporcionava sensações que eu não sabia se estaria disposto a abrir mão tão cedo. Sua companhia era abrasadora, e eu pegava a mim mesmo desejando conhecê-la melhor, que ela me contasse mais sobre si.

— Fiquei sabendo que é seu aniversário hoje. — Ela apertou os olhos e como quem não quer demonstrar se importar, não disse uma palavra, sem considerar que eu podia notar o menor sinal de mudança. Seu peito subiu em uma inspiração pesada e Riley prendeu o ar com o livro ainda erguido, mas o rosto voltado na minha direção. Os olhos concentrados em mim.

Deixei os livros na bagunçada da mesa de centro e coloquei a caixa na mesa da cozinha, onde seu olhar ainda me seguia. Ao parar, por fim, para tirar meu casaco, a flexão de meus músculos enviou pontadas absurdas de dor pelas minhas costas, e pelo canto de meus olhos, fitei Riley erguer-se para caminhar até

onde eu estava e afastei-me propositalmente para pendurar o casaco enquanto ela dava uma olhada desinteressada na caixa sobre a mesa.

O cheiro doce era quase enjoativo. Seu olhar descrente era quase engraçado.

— Comprou-me *cupcakes*, Adler? — Ela enfatizou como se considerasse cômico.

— Achei uma escolha melhor que bolo. Eu prefiro estes, você não? — Riley empurrou a língua contra a bochecha e mordeu-lhe a ponta por um instante. Um hábito irritante que ela possuía e que a fazia parecer infantil.

Ela, então, sorriu com o canto dos lábios e sentou-se com os cotovelos sobre a mesa, os dedos entrelaçados em movimentos inquietos. Alcancei taças no armário e uma garrafa de vinho que estivera ali por demorada eternidade, intocada.

— Sabe o que eu gostaria de ganhar? — Riley endireitou os ombros e pegou um *cupcake*, tirando-o cuidadosamente da forma de papel verde-água e deslizando o dedo indicador pela cobertura azul-cobalto para levar aos lábios. Quando não respondi, porque simplesmente não estava interessado e porque estava ciente da impossibilidade de seu pedido, ela buscou pelos meus olhos e tirou o dedo da boca. — Sair daqui seria um bom começo.

Ignorei-a mais uma vez e Riley deu uma mordida na massa doce.

— Você quer ouvir uma verdade sobre mim? — Eu abri o vinho e servi-o nas taças, mais para ela, o mínimo para mim. Segurei o saca-rolha contra minha palma a ponto de causar dor, mas não de cortar, e ergui o olhar em direção a Riley.

— Sim. — Concordei em um murmúrio debilitado. Como uma fraqueza sendo admitida aos quatro ventos. Riley escorregou para a borda da cadeira em direção a lateral da mesa, mais perto de mim. Seus braços deixaram o bolinho pela metade para que sua atenção fosse concentrada em mim.

O nariz dela estava manchado de glacê azul, mas não quis interromper sua intrincada linha de pensamentos que lhe consumiu alguns segundos para dizer-lhe aquilo.

— Eu não consigo te entender e isso está se tornando uma fixação doentia. Eu fico rapidamente obsecada com coisas que não consigo interpretar. — Não deixara de ser uma verdade. Aquela, entretanto, não me interessara, deixara-me apenas com o estado de espírito consumido por pensamentos indesejados.

— Você deveria ler um livro complicado, então. — Empurrei a taça em sua direção com a ponta de meus dedos tocando a base. — Eu indico Dostoievski ou algo assim. Vai ter algo mais interessante no que se obsecar do que minha mente, Riley.

Ela cravou o olhar em minha mão antes de erguê-lo em direção a meu rosto, pegou a taça e sorveu um gole raso da bebida. Virou-a devagar por entre os dedos. Observada dali, apenas a mesa entre nós, a luz ainda natural tingindo-lhe as feições delicadas, o fogo em seus cabelos consumindo os últimos raios de sol, ela pareceu soturna e desinteressada por quaisquer assuntos que eu pudesse por ventura mencionar. Tão parecida a Corinne que parei de pensar por um instante enquanto ela tomava mais um gole do vinho antes de voltar a mim e afastar minha mente daquilo.

Por um instante, como um segundo ébrio de insanidade temporária, tive vontade de virar toda aquela garrafa de vinho a espera de que o álcool, como todos diziam, fosse aliviar as dores de minha existência prolongada, mas ao estender a mão para alcançar minha taça, Riley repousou a sua sobre a minha e nossos olhares se moveram ao mesmo tempo em direção um ao outro.

Sua mão estava tão gelada quanto os membros de um cadáver antes que a decomposição putrefasse sua carne, mas o fato assustador sobre ela era que eu não conseguia decifrar seus pensamentos tão rápido quanto podia fazer com a maioria das pessoas em suas margens de obriedade.

— Você me faz lembrar dela. — Falei de repente. As palavras saltaram, não tive nenhum controle racional sobre o que estava lhe dizendo. Ou como Riley poderia ligar os pontos. Limpei a garganta em uma busca desesperada em dizer alguma coisa que pudesse anular minha sentença anterior e puxei minha mão de debaixo da dela para recuar um passo.

— É por isso que você disse que *ela* é o motivo de eu estar aqui?

— Sim e não. — Respirei fundo e retomei as rédeas de minha mente temporariamente confusa. — Não quero falar sobre isso. Coma os *cupcakes* e feliz vinte e um, Riley.

RILEY

Todas as minhas tentativas eram nulas e suas evasivas constantes me deixavam à deriva, sempre no mesmo lugar. Mas agora eu começava a entender o que se passava a minha volta. Ao menos uma parte ínfima do motivo de eu estar em sua cozinha no momento, comendo *cupcakes* e tomando vinho tinto, fitando a escuridão cair depressa lá fora em meu aniversário quando eu tinha imaginado aquela mesma cena, aquele mesmo momento, de forma tão diferente.

Noutro cenário.

Mordi minha bochecha por dentro e permaneci sentada a mesa, decidida ao menos a acabar com aquela caixa de *cupcakes*. Eram seis, ao todo, mais a garrafa de vinho. E então, parecia que ao menos havia algo a ser celebrado.

*“Para quem ama, não será a ausência a mais
certa,
a mais eficaz, a mais intensa,
a mais indestrutível, a mais fiel das presenças?”*

Marcel Proust

PARTE DOIS

**DIGA-ME DO QUE PRECISA,
VOCÊ ME PARECE TÃO LIVRE**

capítulo 10

Setembro cai depressa. Folhas de outono em tons laranja desbotados colorem o chão por todas as direções em que olho.

Por incrível que pareça, tenho desejado a presença de Adler por perto de forma exagerada. De forma que não deveria desejar. Mas não se trata necessariamente dele, se trata do que a falta de contato humano tem transformado minha mente.

Quero conversar com ele sobre qualquer coisa. O clima, as chuvas, o ar frio em pleno outono.

Seus livros de cálculos. Ou responder às suas perguntas tolas sobre mim.

Sinto falta da minha mãe, do cheiro de cigarro e menta impregnado em suas roupas e do som macio de sua voz.

Sinto falta de casa, do aroma do mar. Do incenso que eu odiava.

Sinto falta de escutar o som de vozes além da minha, de conversas que me façam refletir, de palavras desinteressadas. De contato humano.

Sinto que perco minha sanidade. Ela sai pelos meus poros, deixa meu corpo e escorre pelos cantos. Tenho uma fome violenta de proximidade com qualquer outro

ser humano, por mais ridículo que possa parecer para mim nesse momento.

Parece uma tortura estar presa a minha mente vinte e quatro horas por dia, há dias. Estar presa dentro do meu corpo enclausurado em um espaço tão delimitado que dói ter essa ciência. Quero sentir o sol de fim de inverno contra minha pele, a brisa banhando meu rosto...

Larguei o caderno e o lápis ao mesmo tempo em meu colo ao ouvir o som da porta sendo aberta e então fechada em uma fração de segundo. Meus olhos arderam e fechei-os com força por alguns segundos. A luz pareceu me cegar em uma explosão luminosa depois de tantas horas a fio dentro da escuridão.

— O que está fazendo aqui? — Ele perguntou enquanto tirava o casaco e endireitei-me. Seu sofá tinha se transformado em minha cama, e dados os fatos, sua pergunta era idiota.

Como estava frio, eu estava muito vestida, enrolada em uma manta azul-escura que encontrara no quarto, com os cabelos despenteados e uma taça em minha mão do que restara do *vinho de aniversário* que eu decidira terminar só agora, além do lápis encontrado ao acaso sob a estante, no qual fiquei mexendo, deslizando meu polegar pela superfície áspera e cilíndrica da cabeça.

— Esperando por você. — Não convencido, ele se aproximou com cautela de uma Riley recoberta pela escuridão do fim de tarde lá fora.

Não o via há três semanas. Queria que ele ao menos chegasse e falasse qualquer coisa, como “meu cachorro morreu, por isso eu te deixei sozinha por todas essas longas semanas geladas”, mas no fundo, como não esperava nenhuma explicação ou algo parecido, resignei-me ao silêncio e fitei os movimentos de Adler quando ele se sentou ao meu lado, a uma distância segura. Seus dedos alcançaram a ponta de seu caderno que eu tomara para mim, os olhos sempre atentos ao que eu estava fazendo com o lápis. Apertando-o, girando-o por entre meus dedos.

Quando movi o braço um pouco para trás, como que em uma permissão silenciosa, ele pegou o caderno e ergueu na altura dos olhos. Sua mão esquerda acendeu o abajur em um clique monótono e Adler mordeu o lábio por dentro, seu indicador remexendo na borda da página pautada de forma insistente enquanto seus olhos percorriam as linhas.

— Eu fui visitar meu pai antes do início das aulas amanhã. — Ele me lançou um olhar e inspirou devagar. — Deveria tê-la avisado?

Sua atenção voltou ao caderno. Tentei determinar o sarcasmo que devia ser puro e evidente em seu tom, mas senti apenas uma onda de casualidade no som cadente de sua voz, macio. Deslizei a língua pelos lábios e parei de mexer no lápis para aproximar a taça meio vazia de meus lábios, mas fiquei olhando para ele ao invés de terminar com a bebida e engoli em seco quando Adler abaixou o caderno devagar, voltou sua atenção para mim mais uma vez.

— Acho que não. — Foi o que *eu* a dizer quando esperava que ele o fizesse. Quando eu queria falar bem alto que “*sim, você deveria*”, mas não o fiz.

Aliviei a tensão de meus ombros e ergui o queixo, retorcendo meus lábios por ainda querer manter uma conversa com aquele homem.

— Onde seu pai mora?

— Ahn... — Adler remexeu-se, suas mãos ainda repousadas no caderno, como se quisesse mantê-lo consigo. — Em Swansea. — Eu não saberia dizer se ele estava mentindo ou não.

Ergui a mão e inclinei-me para recostar-me ao sofá, sentada de lado e com as pernas emboladas na manta, dei um gole curto no vinho sendo observada tão de perto e de forma tão intensa que era desconcertante.

— E o que você fez lá? — Adler jogou a cabeça para trás e cerrou os olhos enquanto eu corria a ponta dos dedos pela textura vítrea da taça, mordida meu lábio e soltava.

— Bem... Meu pai é professor. Nada como eu. Ele ensina arte em uma universidade local, expõe quadros... Então fui a uma

aula dele. — Seus olhos se fixaram diretamente nos meus, percorrendo meu rosto de forma deliberada e demasiadamente íntima, antes que ele desse continuidade: — Gosto da forma como ele pensa, é bem diferente de mim, mas conseguimos conciliar nossas discordâncias com louvor. De como expõe suas ideias diante das pessoas, mas principalmente como a expressa em tinta, texturas... É magnífico. Você gosta de arte, Riley?

— Sim. — Movi-me apenas para ter certeza que ainda podia sentir meus membros e controlá-los. — Até tentei entender há alguns anos, mas gosto de apenas apreciar a simplicidade colocada de forma mais complicada do que realmente é. — Ele sorriu com o canto dos lábios.

— Engraçado. Achei que fosse o contrário. Que a vida fosse complicada, mas que tudo pode ficar simples em uma tela. É um vazio imenso esperando para ser preenchido, e a mente do pintor, um caos incessante esperando por este momento de libertação. Ou é pura insanidade aguardando um estalo externo para ser consumida. — Cerrei os olhos e inclinei meu rosto um milímetro para a esquerda com um sorriso involuntário brincando em meus lábios.

— Como você pode ser tão brilhante e louco?

— Sua mente também será um eterno e fascinante mistério para mim. — Não percebi quando ele tinha se aproximado tanto, mas quando movi os olhos para longe da imensidão dos seus, nossos joelhos estavam se tocando através das camadas extras de tecido.

— Você acha que vai nevar? — Perguntei de repente, sentindo uma brusca necessidade em parar de falar sobre nós mesmos. Ou nossas mentes perturbadas, como fosse.

Adler inclinou o rosto para um lado e para o outro. Algo parecido a um sorriso ainda dominava seus traços, mas no momento, pareceu-me macabro demais quando em um primeiro instante fora tão puro e genuíno.

— Você gosta de brincar na neve? — Quando não respondi de imediato, ele contraiu os lábios: — Se nevar, podemos ir fazer bolinhas de neve no quintal.

Uma vez que estávamos falando do inverno iminente, que *talvez* nevasse em dois meses ou mais, eu não sabia se ficava animada e cheia de expectativa quanto meu corpo se permitiu ficar.

— Dê-me a sua mão. — Ergui as sobrancelhas sem entender e Adler estendeu a mão. Limpei a garganta, com uma secura repentina a me incomodar diante do rumo que a conversa tomava, e repousei minha pequena mão direita dentro de sua palma.

Observei-o concentrar-se em minha mão e me ignorar. Deslizar o indicador levemente pela veia na parte superior, tão sensível que enviou sensações completamente indesejáveis pelo meu corpo. Ele arranhou sua palma em movimentos lerdos com minhas unhas, então puxou uma tesoura de seu bolso do lado contrário ao meu e senti meu corpo gelar. Adler tocou minha mão com a outra, segurando a tesoura imóvel para me capturar por um instante antes de cortar a unha do meu mindinho.

Inclinei o ombro e a cabeça em direção ao espaldar, quase tocando-o, e permiti ao meu corpo que relaxasse diante de suas puras intenções, mesmo que não gostasse da ideia de estar tão perto dele. De sua pele tocando a minha. Era um alívio, no entanto, eu odiava unhas compridas demais.

— Você não deveria ter medo de mim, Riley. — Ele estava brincando, é claro.

Eu o observava de lado quando ele murmurou antes de erguer minha mão para levá-la em direção a seu rosto. Pude sentir sua respiração quente contra meus dedos, a textura de seus lábios por um milésimo de segundo fez com que eu contraísse meus ombros e todo o meu corpo enrijecesse.

Ele correu o polegar pela ponta de meus dedos em uma sensação estranhamente agradável. Cortar as unhas era um prazer ligeiramente bizarro do qual não pude aproveitar-me no momento.

— Você deveria... Parar. — Puxei minha mão, mas, mais rápido, Adler agarrou meus dedos e impediu que eu me afastasse.

— Dê a outra mão. — Ele a libertou para que eu trocasse a taça de mão e lhe estendesse a outra para que repetisse o processo.

— Por que eu não deveria ter medo de você, Adler? — Respirei fundo ao pronunciar as palavras, sentindo que, de repente, meu coração estava prestes a parar. Ele correu o polegar pela unha recém-cortada do meu anelar, então ergueu o queixo, e finalmente percebi que não tínhamos nos afastado um milímetro.

Que *eu* não tinha me afastado. Que, senti, parecíamos ainda mais próximos que antes.

— Porque não quero machucá-la. De nenhuma forma. — Limpei a garganta com muita dificuldade. Seus dedos ainda em minha mão não me permitiam pensar com plena clareza e fui obrigada a respirar fundo antes de tentar forçar palavras pela minha boca.

— Não quer ou não *vai*?

— Não quero. — Enfatizou e mordeu meu lábio por dentro com mais força do que planejava. A sensação latejante espalhou-se, rápida e incômoda. — Eu disse que você me lembra uma pessoa.

— Por que não a deixa ir? — Ele riu, para si mesmo, não para mim, e soltou minha mão para afastar o olhar.

— Você não sabe do que está falando. — Quando fez menção em se levantar, projetei meu corpo alguns centímetros a frente e coloquei minha mão em seu antebraço.

— Então me explique. Não é como se estivéssemos apressados para chegar a algum lugar. — Tirei minha mão dele e Adler parou por um instante.

— Por que está se esforçando, como se eu estivesse precisando de reparos?

— Não estou. Não te vejo assim e nem sequer gosto de você para isso. Mas quero te entender... Como eu disse. — Limpei a garganta e inclinei-me para deixar a taça na mesa de centro antes de colocar uma mecha de cabelo para trás da orelha e ajeitar meus ombros na tentativa de parecer que eu sabia do que estava falando. — Eu te contaria qualquer coisa sobre mim,

contei coisas que ninguém além de mim soube *por anos*, por que não fazer o mesmo? Você tem tanto medo assim de expor como se sente?

— Na verdade, sim. — A honestidade em sua voz me pegou de surpresa. Ele girou os ombros para ficar completamente voltado para mim e inspirou lentamente. — Falar sobre isso me faz sentir vulnerável, e voltar a pensar em coisas que já se passaram me faz ter uma visão sobre elas muito menos bela do que eu tinha na época, e se possível, eu gostaria de preservar ao máximo minha memória como ela está.

— Por que não encarar a verdade ao invés de ser cegado por falsas ilusões bonitas, Adler? — Ele relaxou um pouco os ombros e inclinou a cabeça uma polegada a sua direita.

— Não quero ter que lidar com isso agora.

Paramos por um minuto repleto do som pesado de minha respiração.

— O que você faria diferente se pudesse voltar no tempo agora mesmo, Riley? — Uma mudança brusca de assunto. Nada fora do esperado.

— Não sei. Diria que faria absolutamente tudo diferente, mas se pudesse mesmo, acho que faria as mesmas merdas, cometeria os mesmos erros, dormiria com as pessoas erradas... No fundo, é quem eu sou. E minhas escolhas não são racionais. Eu finjo que sim, mas os instintos governam minha existência a cada segundo. — Entrelacei meus dedos com nervosismo quando o silêncio pairou entre nós e ele não fez questão de quebrá-lo assim que fechei a boca. Ou de falar algo que refutasse minha afirmação. — O que você mudaria?

— Nunca a teria conhecido, para começar. — O som de sua voz mal ultrapassou um sussurro, macia e casual, e ele se virou para sentar-se direito e encarar o teto como que em busca de respostas em sua repentina crise existencial.

Adler respirou lentamente e ficamos em silêncio por um minuto inteiro. Não foi incômodo, foi calmo e intenso na mesma proporção, tempo em que eu podia ouvir o sangue pulsando em minha têmpora e meu coração foi voltando a um ritmo normal

enquanto eu abria e fechava as mãos em punhos bem devagar para me acalmar.

— Eu me mudei para cá porque tenho síndrome de sensibilidade seletiva do som, não por sua causa. — Crispei os lábios e enruguei o cenho em busca de seu olhar.

— O que é isso? Significa que você vai morrer em algumas semanas? — Como que em uma sincronia marcada, nós rimos ao mesmo tempo e os sons se misturaram em uma harmonia descomunal que eu queria repudiar.

— Não. Não é... Nem é uma doença de verdade. — Ele virou a cabeça para me encarar. — Só que alguns sons me irritam, ou causam pânico. Cada som provoca uma reação diferente e muito mais amplificada do que costuma causar em outras pessoas.

— Como é? — Murmurei devagar.

Merda, por que eu quero saber? Por que, de repente, minha visão desse sociopata maluco está mudando?

Por ora, continuei a ignorar meu lado racional a espera de sua resposta e Adler entrelaçou os dedos como eu. Seu peito subiu devagar e desceu ainda mais conforme ele soltava o ar, pensativo, o cenho retorcido em uma expressão contemplativa em direção ao teto.

— É horrível.

Ajeitei-me um pouco melhor quando minha perna começou a formigar, dormente e pesada. Tentei esticá-la, mas doeu demais e mantive-a imóvel, parada em uma posição estranha, até que parasse.

— Eu tinha ataques de pânico até alguns anos. — Outra coisa que eu não tinha contado a mais ninguém e estava compartilhando com ele. Quão idiota eu ainda conseguiria ser? — Era péssimo e eu não queria que ninguém mais soubesse... Eu odiava multidões e... — Senti minha voz ficar estranha, minha garganta se fechar de tal modo que parei de falar com meu olhar fixo em algum ponto aleatório no chão, entre o tapete e minha perna, que doía de forma absurda.

Fechei os olhos com força e ao respirar bem fundo, tanto que todo o meu peito doeu, senti as mãos de Adler em minha coxa, na curva do meu joelho, uma parte que foi ficando cada vez mais

sensível conforme a dormência passava com o movimento circular de seus polegares.

— Eu vou te contar como eu conheci Corinne. — Pressionei as costas da mão contra o nariz, prendi a respiração por dois segundos para impedir-me de chorar na sua frente, e ergui o olhar com o cenho franzido em confusão.

— *O quê?* — Sussurrei, sem forças. — Por quê?

— Porque você merece. Eu disse que você estava aqui por causa dela. — Soltei o ar de repente e enrijei meus ombros quando ele apertou minha perna com as duas mãos antes de soltar e se afastar. Eu concordei em silêncio com meu olhar confuso e ele recuou um pouco mais. — Mas não agora. Eu estou cansado, você está exausta, e parece que estamos aqui há uma eternidade.

Funguei e deslizei a língua pelos lábios. Não conseguia processar a mudança em seu coração, tão abrupta, mas não argumentei, é claro. Realmente, o tempo que passáramos ali parecia muito maior do que a hora estranha que transcorrera desde sua chegada.

Corinne. Então esse é o nome da mulher misteriosa que eu nem conheço, mas é indiretamente responsável pelas minhas desgraças.

— Está bem. — Concordei com um aceno e fiquei sentada no mesmo lugar quando ele se levantou e saiu.

Minha pele ainda formigando onde ele me tocara.

intermédio

Ela correu os dedos pelos cabelos do garoto. Eles afundaram por entre os fios loiros queimados pelo sol até o pescoço, e ele encolheu os ombros com um sorriso juvenil ao lhe dizer que o movimento provocava-lhe cócegas.

— Você acha que eu posso passar no teste de francês? — Ele folheou o livro e Corrine sorriu-lhe, desviou sua atenção das ondas e dos turistas esporádicos para olhar para ele, concentrado na edição surrada em francês de *O Silêncio dos Inocentes* que tinha em mãos, por cima dos óculos escuros. Não havia absolutamente nada no mundo em que ele não pudesse acreditar com seu olhar, combinado a um sorriso brando.

— Claro. Você pode fazer qualquer coisa. — Preocupado com coisas demais ao mesmo tempo, ele olhou para a mão dela serpenteando pelo seu pescoço em um vai e vem agradável até a parte detrás de seu pescoço.

— Você não deveria fazer isso em público.

Ele era alto para sua idade, mas não poderia enganar ninguém, com seus traços jovens demais, o rosto livre de pelos e um sorriso beirando a ingenuidade, dizendo que tinha dezesseis anos^[1].

Em dois anos e alguns meses, pensou, poderemos fazer as coisas mais bobas e ridículas em públicos. Coisas que outras pessoas não conseguem sequer aproveitar, ou sentem-se escandalizadas demais para qualquer coisa além de andar de mãos dadas.

— Eu posso dizer que você é meu filho se alguém se atrever a perguntar. — Corinne o levou a sério, no entanto, e afastou a mão. Como fez com o olhar para fingir que estava concentrada na paisagem.

— Não tem nenhuma graça. — Ele lhe lançou um olhar feio, mas arrependeu-se no mesmo instante. Já se sentia jovem demais, tolo demais, não tinha espaço algum para comportar-se como uma criança também.

— Vamos embora, está ficando frio. — Corinne declarou de repente e já estava de pé. No minuto seguinte, eles deixaram a pequena praia ao norte de Birmingham, onde o vento era muito forte e fazia muito frio, de qualquer maneira, para aproveitar, em pleno início de verão.

Ela abriu a janela no caminho e acendeu um cigarro, incomodada de repente com o silêncio do garoto. Como se pudesse dar-se conta, subitamente, que pedia demais dele. Mas era egoísta demais para notar o quanto ele se esforçava para estar a altura dela e ser digno das migalhas de sua atenção.

Corinne respirou fundo e atraiu sua atenção, que estava voltada em qualquer detalhe ínfimo dos borrões formados pelas últimas falésias e dunas de areia. Devagar, a noção de que o único tempo que teriam juntos até janeiro estava esvaindo pelos seus dedos como areia o tomava. E era difícil agarrar os grãos.

— Quer provar? — Ele retorceu o nariz antes de fazer que não.

— Não posso chegar em casa cheirando a cigarros. Além disso, não vejo nenhum propósito nisso. — Ela deu de ombros e apagou-o.

Pareceu ter perdido o significado de repente, para ela também.

— Você vai sentir minha falta? — Ele perguntou longos minutos depois e Corinne tamborilou os dedos no volante.

— Não seja bobo. — Charles continuou a espera de que ela fosse acrescentar algo como: “*é claro que sim, pensarei muito em você*”, mas então... Nada. Ele sempre permanecia à espera de algo mais, alguma emoção, demonstrações do afeto que ela sentia por ele, mas nada.

Nunca.

capítulo 11

— *Vamos cortar lenha para a lareira.* — Adler falou ao entrar na sala e segurando um pedaço escuro de tecido, ele começou a desenrolá-lo ao aproximar-se de mim, que estava sentada na mesa comendo um biscoito com gotas de chocolate com leite na tarde especialmente fria de sábado com um livro igualmente tedioso sobre ensino e fixação de conteúdo. Ele abriu o tecido e colocou em torno do meu pescoço de repente.

— Lá fora? — Soltei o biscoito pela metade para tocar o cachecol de um algodão suave e com um perfume gostoso. Estava mesmo frio. Com a proximidade do outono, as chuvas ficavam ainda mais incertas e era ainda mais frio a cada dia. A ponta do meu nariz ficava gelado. Ergui o olhar até o dele, que apoiou-se na borda da mesa, e sua expressão foi uma confirmação silenciosa e serena.

Levantei-me, entrelacei meus dedos atrás das costas e limpei a garganta ao segui-lo com os passos arrastados, meus dedos remexendo-se sem parar, contra a minha vontade, pela irreabilidade de tudo aquilo. Adler gesticulou para que eu fosse à frente ao abrir a porta e puxei-a devagar até tê-la entreaberta, com raios de sol alcançando a soleira e olhei para ele, como se pedisse permissão para colocar meu pé para fora.

— Você já cortou lenha? — Retorci os lábios ao me ver completamente fora da casa em tanto tempo, com meus dedos sendo remexidos sem parar, inquietos, com Adler parado ao meu lado e meu coração batendo em uma frequência cada vez mais assustadora e incontrolável no peito.

Olhei em volta quando ele me deu as costas e caminhou para longe. Ergui minhas mãos e puxei o cachecol, enquanto mordida os lábios, até o nariz, que estava gelado com o ar vespertino e frio que fazia meus ossos tremerem. Observei o padrão das árvores, alguns troncos gastos, folhas caídas no chão, Adler desaparecido na lateral da casa e uma vastidão imensa a minha frente, a perder de vista.

Talvez houvesse alguma coisa por perto, mas quando me virei na direção contrária em busca de resquícios de uma civilização por perto, tudo o que encontrei foi um sedan do ano parado ali, cinza, nada de extraordinário.

Ao me virar de novo, meus braços caíram ao lado do corpo e meus ombros ficaram rígidos ao ver que ele tinha voltado e estava bem perto de mim, segurando o machado. Como uma figura mais atraente e mais assustadora de um Raskólnikov^[2] inglês do século XXI.

Levei a mão em meu peito e sorri com meu coração prestes a sair do peito.

— Você me assustou. — Soltei o ar com força e esfreguei minhas mãos.

— Você escutou alguma coisa? — Ergui as sobrancelhas e olhei em volta, mas não havia nada nem ninguém por perto além de nós. Fiz que não e retorci meu nariz, incomodada com a brisa gelada que deixaria meu nariz irritado mais tarde. Por ora, parecia que Adler estava escutando coisas.

— Não. Nada.

— Preste atenção. Gritos. — Ele se virou e apontou com o machado a sua esquerda, por entre árvores e folhas secas, mas também não vi nada. Franzi o cenho e fiz que não quando ele olhou para mim. Quase pude vê-lo rolar os olhos. — Venha comigo.

Caminhei a sua frente sem entender para onde estávamos indo. Seguimos por aquela direção e a cada passo, mil possibilidades atravessavam minha mente de forma assustadora, cada vez mais vívida e sombria. Quis sair correndo e apertei minhas mãos em punhos até que as unhas cortassem minhas palmas, mesmo curtas demais para ferir como eu queria que ferissem. Para tirar da minha mente o que se passava por ela. O fato de ele estar segurando um machado me impediu de fazer algo estúpido no momento e quando estávamos cinco metros cercados de árvores, finalmente ouvi o som que ele mencionara e embora tenha sentido meu coração saltar, foi como um sopro de alívio que ele não estivesse planejando me matar ao inventar aquilo.

Como um grito desesperado de socorro, mas não muito forte, ao me inclinar e espiar, havia um menino sentado no chão por detrás de uma árvore, um tronco caído sobre sua perna enquanto uma mulher mais velha, ainda menor que eu, tentava tirá-lo de cima dele.

Ela gritava, porém era um idioma esquisito que eu não entendia, e sua voz era branda, seus gritos, roucos.

Adler passou por mim e para minha surpresa, foi ajudar a mulher.

Ele lhe disse alguma coisa no idioma esquisito que ela falava, algo com forte sotaque europeu, enquanto ela parecia lhe agradecer em muitas palavras. Parecia sueco ou sei lá, só consegui ficar parada, pensando no que fazia até que ele se colocou de pé e o garoto, que parecia ter entre seis e oito anos, levantou-se, mancando, e começou a desaparecer por entre árvores junto a sua provável mãe, que agradeceu muito mais antes de ir com ele.

— Você está pálida. — Ele cortou os três metros até onde eu estava parada e apoiei a mão na árvore de tronco largo com uma longa expiração.

— Eu estou bem. O que foi aquilo? — Adler encolheu os ombros.

— Má sorte, eu diria.

— Por que veio ajudar? — Seu olhar se voltou para mim, ligeiramente incrédulo, e ele contraiu as sobrancelhas.

— Por que eu não viria, Riley?

— Porque você é o vilão. Lobos não ajudam pessoas perdidas pela floresta — Inclinei meu corpo para frente até estar bem perto dele. —, ele as devora.

Ele sorriu e me puxou para perto dele, inesperadamente circundando meus ombros com o braço a fim de me manter bem perto dele e mais longe da minha ideia ridícula de *tentar*.

— Às vezes eu me esqueço de que você é uma adolescente com uma queda pelo drama. — Os dedos dele apertaram meu ombro e deslizei a língua pelos lábios, fitando minha rota de fuga ficando para trás pelo canto de meus olhos.

— Você me machucaria mesmo se eu tentasse fugir?

— Você quer tentar? — Sussurrou perto da minha orelha e contraí meus ombros, senti seu sorriso, seus dedos pressionados com mais força contra meu ombro rígido e trêmulo. Inspirei com força e fui soltando o ar aos poucos. — O que acha de jantarzinho caseiro hoje, Riley? — Pisquei, atordoada, quando ele se afastou e senti meu peito ficar pesado ao fitar seus olhos de novo a minha frente, o machado pareceu uma extensão bizarra de seu corpo e sua mente me pareceu cheia de ideias que eu deveria temer.

Dei de ombros, os encolhi e voltei a mexer em meus dedos.

— Se você quiser... Por que não?

— Então jantar caseiro é o que teremos hoje. — Coloquei uma mecha do meu cabelo para trás da orelha e ele pegou um pedaço grosso de madeira para colocá-lo no toco de um tronco e apontar o machado na minha direção, tão perto de mim. Perto de me provocar um colapso mental com suas nuances diversas. — Eu cozinho ou você cozinha?

— Eu posso cozinhar.

— Ótimo. Estou ansioso para experimentar sua comida.

Como se estivesse imaginando minha cabeça estirada no tronco da árvore, Adler abaixou o machado com força e separou a madeira em dois pedaços.

intermédio

*Charles deu a volta pela piscina enquanto lia um dos livros que Connie lhe dera. Era tão complicado que ele, por vezes, relia a mesma página quatro vezes e mesmo assim, era vencido pela exaustão e passava para a página seguinte sem estar completamente imerso na linguagem rebuscada demais de um Proust para leitores amadurecidos lidos por um garoto de *quase catorze anos*, como ele gostava de dizer, porque estava tão perto que ele já se sentia um adolescente de verdade com os hormônios e sentimentos à flor da pele.*

— Charlie? O que está fazendo aqui? — Seu pai foi até ele, saído de forma furtiva da cozinha pela porta que ficava atrás dele para encontrá-lo mergulhando o pé direito na água fria, sem camisa com o livro aberto em uma das mãos.

— Não estou com fome. — Disse apenas. Eliot o puxou pelos ombros em direção a terra firme com um sorriso fácil e usual, tão leve quanto sua personalidade livre e artística.

— Não seja um garoto malcriado. Sua mãe convidou os amigos dela para jantar conosco, você pode terminar isso depois. — Charlie soltou o ar e abaixou o livro, o polegar entre as páginas, e permitiu-se ser levado até a casa pela porta da frente, por onde poderia entrar sem ser visto e alcançar o quarto onde passava todos os dias durante todos os verões. Costumava

adorar, mas as primeiras horas daquele dia estavam sendo terríveis longe de Corinne. Não conseguia imaginar uma situação sequer em que não pensasse nela. Um segundo em que não fosse arrancado da realidade para fantasiar um milhão de coisas que ela poderia estar fazendo. Sem ele. Com outras pessoas.

Com um homem de verdade. Era uma tortura interminável.

Ele vestiu uma camisa e demorou mais que o necessário em sua tarefa. Guardou o livro, deslizou os dedos pelos cabelos e pensou em cortá-los um pouco mais antes de pegar o telefone e ligar para ela enquanto agitava seus pés ao sentar-se na borda da cama. Mal podia suportar a ansiedade enquanto ao som do toque de chamada.

— Oi. — Ela disse ao atender, sem palavras mais calorosas para acompanhar o cumprimento.

— Oi. Como foi o seu dia?

— Ocupado. — Corinne respirou fundo e ele apertou os dedos, cutucando seu polegar com a unha do indicador até doer. — Você não tinha alguma coisa para fazer?

Charles hesitou por um instante e inclinou os ombros para trás, considerando uma pequena vitória pessoal que ela tivesse se lembrado do que ele lhe dissera.

— Tenho. Só liguei para saber de você. — Ele respirou fundo devagar e emendou em seguida, antes que ela pudesse falar qualquer coisa: — Mas tudo bem se estiver ocupada. Nos falamos depois, tchau.

E desligou depois de uma despedida apressada, como se tivesse telefonado com entusiasmo apenas para poder ouvir o som arrastado de sua voz, de seu sotaque, o som lento de sua respiração, antes de precisar ir comer com os amigos idiotas de sua mãe, e fingir estar se divertindo com um bando de esnobes. Sua mãe inclusa.

capítulo 12

Respirei fundo e ignorei o nervosismo.

Está frio, vou fazer sopa, decidi e tirei o casaco, mas mantive o cachecol de Adler, ou fosse de onde saíra aquilo, para aquecer meu pescoço gelado. Será que ele tinha matado alguém e me dado coisas tiradas de um cadáver? Argh! Revirei os olhos diante da possibilidade de ficar pensando naquele tipo de coisa quando, em meu subconsciente, eu já tinha concluído que Adler queria me fazer pensar que ele era pior do que realmente demonstrava e do que podia ser e concentrei-me em fazer o jantar.

Sopa era rápido, a temperatura estava caindo bem rápido lá fora e comecei a cortar vegetais e temperos enquanto a panela com água esquentava. Receita da minha mãe.

Na verdade, esperava que ele fosse ao menos me ajudar ou ficar supervisionando se eu não estava escondendo uma faca sob as camadas de roupas para esfaqueá-lo enquanto ele dormia. Mas não. Ele sumiu no seu quarto e passei metade do tempo distraída, me perguntando se ele estava machucando a si mesmo e por que. E na outra metade, fiquei me perguntando por que eu me importava tanto.

A ideia me incomodava demais.

Mas antes que eu pudesse perder mais tempo imaginando coisas, ele surgiu na sala e foi caminhando devagar na minha

direção. Seus cabelos estavam molhados e mais ou menos penteados, seu corpo ainda estava quente pelos vapores do banho. Ele carregava aquele cheiro amadeirado e ainda exalava o perfume a flores silvestres como no dia em que eu o conhecera. Roupas escuras e de mangas longas, porém leves demais para uma noite tão gelada que se aproximava com o crepúsculo que recobria o céu lá fora quase que por completo.

— Eu não preciso de ajuda. — As palavras saltaram pela minha boca e ele ergueu as palmas por um instante breve, observado por cima de meu ombro, antes de colocar as mãos na borda do balcão e dar uma olhada na pequena bagunça que eu deixara por todo o lado.

Eu geralmente bagunçava tudo pelo caminho e arrumava ao terminar, não dava para fazer tudo ao mesmo tempo e entregar uma comida descente e comestível. Apertei os lábios em uma linha fina e mordi a bochecha por dentro antes de provar a comida sem sal e destemperada.

— Tudo bem. — Adler falou com a voz arrastada e pude ouvir o som ligeiro e breve de seus dedos tamborilando a madeira do balcão. — Quer beber alguma coisa?

— Tive a ligeira impressão de que você não é aficionado por álcool.

— Não. Mas é para você.

— Não gosto de beber sozinha, nem quando tentam me embebedar. — Virei-me com as sobancelhas contraídas e lhe lancei um olhar significativo que não pude dizer de imediato como ele tinha interpretado, pois no segundo seguinte, sorriu ao invés de se sentir ofendido.

— Eu posso te acompanhar. E não tenho motivos escusos. — Quando ele foi até a geladeira, ainda prestando atenção em mim por cima do ombro, deixei a colher em um prato e apoiei as mãos nos quadris.

— Por que está fazendo toda essa... Coisa esquisita de ser legal comigo e tentar puxar conversa? — Adler se virou com a garrafa de vinho e colocou-a no balcão e eu, por instinto, abri o armário acima da minha cabeça, onde eu sabia que ele guardava as taças, para pegar duas delas.

Para a casa de um homem, e tudo bem que não fosse um muito comum, tampouco normal, era tudo muito organizado e limpo. Nem sabia por que estava prestando atenção em seus métodos de limpeza. Quando exatamente eu tinha perdido meus objetivos e planos de fuga?

— Estou? — Soltei o ar devagar e umedeci meus lábios enquanto ele abria o vinho. Peguei a primeira taça e virei um gole curto na medida em que o acompanhava repetir o movimento.

— Essa coisa de... — Apertei os olhos e gesticulei com a taça ao me aproximar. — Beber e conversar, é meio que a maneira moderna de conhecer pessoas. Como você faz? — Adler segurou a taça pela haste e parou-a a meio caminho de seus lábios para me encarar. Parecia que me olhava de cima, bem mais alto que eu, seu olhar tão centrado em meu rosto que pareceu queimar.

— Quando você diz “conhecer pessoas”, está se referindo a... — Ele deixou as palavras no ar e ri ao captá-las e deixar a taça no balcão, movendo meus dedos pela base em um vai e vem lento, meus cotovelos apoiados na borda do balcão.

— Conhecer alguém para passar a noite ... Ou só para fazer amigos, sei lá.

— Como você faz, Riley? — Como que em um movimento calculado para que eu não precisasse erguer meu queixo e olhar para cima enquanto falava com ele, Adler sentou-se e ajeitei meus ombros, desconsertada de uma hora para outra.

— Achei que tínhamos passado do momento em que eu falava sozinha sobre mim enquanto você assente. — Por puro nervosismo, e para aliviar a tensão crescente pelo meu corpo, desviei o olhar do dele e virei um pouco a cabeça para dar um gole no vinho.

Vinho do porto. Se eu pensasse direito, não estaria bebendo perto de uma pessoa em quem eu não confiava. Nem pensaria em álcool perto dele porque eu tendia a ficar bêbada com duas taças pela metade e começava a falar demais; meus pensamentos perdiam todos os filtros do que devia permanecer só para mim e saíam sem permissão. Gritavam pelo mundo o que eu pensava e sentia.

— Se você me falar alguma coisa sobre você, eu conto alguma coisa sobre mim também. — Ele girou a taça devagarzinho com a ponta dos dedos na base dela, o olhar queimando em meu rosto até que minhas bochechas estivessem em vermelho vivo. Parecia um *verdade ou desafio* em uma versão adulta, arriscada. Ligeiramente perigosa.

Concordei com um aceno. Virei meus ombros e ofereci-lhe um sorrisinho meio cúmplice enquanto mordida meu lábio e pensava no fato menos embaraçoso sobre mim.

— Acho que sua comida está... No ponto. — Pisquei com força antes de ir desligar a panela. Sem esperar por mais negativas, Adler colocou pratos à mesa e as taças, junto a garrafa.

Quase queimou. Quase.

Sentei-me diante dele com uma expectativa quase vulnerável em meu peito, como se significasse qualquer merda o que ele fosse achar da comida. Senti-me ridícula de uma hora outra porque a conversa de mais cedo fora tão estranha e eu estava tão desconfortável que mal conseguia respirar a sua volta enquanto ele falava de jantarzinho e o escambau, mas pareceu normal quando nos sentamos para prová-lo, enfim.

— Então... — Tomei uma respiração enquanto ele provava a sopa devagar, sem parar de olhar para mim. Será que ele não notava o quanto desconsertava as pessoas com aqueles olhos azuis como o céu de verão mais ensolarado e a intensidade de tocar de sol? Limpei a garganta e mordi o lábio de novo. Que irritante. — Minha mãe é pintora, e ela... Ela tentou me ensinar por um tempo, mas eu não estava interessada porque meus quadros ficavam uma merda. E uma vez, começamos a pintar juntas. Meu quadro ficou uma droga, é claro. Minha história é como eu roubei um quadro de uma artista renomada e que devia valer umas cinquenta mil libras por duzentas, assim eu poderia comprar cerveja no ensino médio. — Ele sorriu com o canto dos lábios. — Tudo bem, eu sou péssima em selecionar histórias. Sua vez.

— Também não sei, mas... Quando eu era mais novo, eu passava as férias de inverno com meus pais em uma casa em Birmingham, e eu adorava tanto... Era como um paraíso por

algumas semanas. Com livros à beira da piscina, pés molhados, longas caminhadas; ainda é o meu lugar favorito no mundo. — Apertei os lábios e fiquei sem saber o que dizer. Não esperava algo... *Sincero* vindo dele. Piadas, talvez, meias verdades, sarcasmo. Tudo isso.

Mas não uma verdade tão pura que transbordasse de seus lábios e de suas palavras, inquestionável.

Finalmente prestei atenção à comida e provei-a na tentativa de não me embriagar.

— Você está sexualmente interessado em mim, Adler? — Ergui o queixo de repente e olhei direto em seus olhos, sem nenhuma hesitação desnecessária. Ele pareceu surpreso, como se não acreditasse por um segundo que tivesse dado a entender que estivera em algum momento.

— Sinceramente? Nem um pouco, Riley. De onde você tirou isso? — Franzi o cenho e retraí meus ombros.

É, Riley, de onde você tirou essa estupidez?

— Sei lá... — Encolhi os ombros e bebi um pouco mais de vinho para me livrar da minha timidez, mas sem querer ficar bêbada. Parecia que eu sequer sabia o que queria de verdade. Em um instante, tive a sensação de que queria conversar mais com ele.

Eu gostava de conversar com as pessoas, sempre tinha gostado, e se só tinha ele ali para falar comigo, que fosse. Era o que eu usava para mascarar meu lado interessado demais na conversa desprezível dele.

Adler sorriu e deu um gole bem curto no vinho.

— Eu sei que deve ter sido seu pensamento óbvio, mas na verdade, mal consigo me lembrar da última pessoa pela qual me senti fisicamente atraído. *Realmente atraído*. — Pressionei meus lábios e movi a colher pelo prato em movimento circulares.

— Sério? — Foi um murmúrio descrente porque, sem querer soar clichê nem nada, mas parecia uma piada porque ele era meio que o tipo de um terço de toda a população mundial. Sabia que ele era totalmente o *meu* tipo.

Eu era mais comum. Meu cabelo estava castanho-claro no momento, a tinta já tinha ido toda embora, meus olhos

chamavam um pouquinho de atenção a meu rosto, mas não muita. Eu me achava bonita, claro, mas era mais autoconfiança alimentada com o decorrer dos anos, não como se eu pudesse sonhar que... Dei um tapa mental na minha cara e fechei os olhos com força por três segundos.

Pare de pensar em merdas envolvendo esse homem, Riley. Agora! Volte a Terra e esqueça esses pensamentos sujos e impuros de gente louca que fica fantasiando ser comida pelo próprio sequestrador em cima da mesa de jantar.

— Então, como vai o trabalho? — Ele estranhou a pergunta, a mudança abrupta de assunto, e fitei-o com a taça pressionada contra meus lábios, ponderando se era melhor encerrar a noite e ir dormir ou ficar um pouco mais com ele.

Mais álcool.

— Legal. Os alunos são ótimos. — Sua resposta foi meio desinteressada, no entanto, e me senti sonolenta, prestes a cair da cadeira com tanto álcool.

Quanto eu tinha bebido? Calculei uma taça, mas voltando no tempo e analisando meus próprios pensamentos dos últimos minutos difusos, e em meio a tanta conversa, tive a impressão de estar flutuando ao contar que acabara com minha quarta. E que estavam bem cheias.

— Você está bem? — Larguei a taça na mesa e dei de ombros com uma meia risada saindo de mim, mas impedi-a, e transformou-se em um sorriso sem sentido.

— Com sono. — Adler sorriu e puxou a garrafa meio vazia quando estiquei a mão para alcançá-la. Colocou-se de pé e pegou os dois pratos pela metade.

— Você vai para a cama agora...

— Mas... A cozinha... — Fiz um muxoxo ao encarar a cozinha por cima do meu ombro e esfreguei os olhos, meio que a deriva. — Eu quero lavar os pratos! — Agarrei o braço de Adler de repente ao dar um pulo de pé e ele se assustou e encolheu os ombros. — Desculpe. Você pode secar. — Ele deixou os pratos sobre o balcão e respirou fundo. Pareceu assustado e sem paciência, os dois ao mesmo tempo. Soltei-o só por precaução.

— Não, eu disse que arrumo. Vá dormir, você está bêbada. — O som de sua voz irrompeu por todo o cômodo. Mordi meu lábio superior ao cair na cadeira com meu rosto entre as mãos. — Que merda!

Pude escutá-lo respirar fundo e tentei fazer o mesmo para ver se voltava a ser uma Riley ácida e ocasionalmente racional, mas minha própria mente estava me irritando e sabotando tudo o que eu tinha planejado. Senti quando ele se aproximou e abaixou-se para capturar meu olhar; fitei-o de perto por entre a abertura meus dedos, mas naquela luz, ele não podia ver meu rosto, tampouco notar que eu o estava encarando de maneira tão descarada.

— Você está bem? Quer um Advil? — Fiz que não e apertei mais os dedos contra meus olhos. As luzes pareciam ter explodido em luminosidade e me feriam de uma hora para outra, sem porquê. — Eu preciso de palavras. — A voz dele foi tão suave que não pareceu a mesma pessoa que tinha acabado de gritar comigo. Que homem maluco.

— Não, você gritou comigo. — Choraminguei e pude ouvi-lo rir e colocar-se de pé, ainda perto de mim.

— Quantos anos você tem? — Ergui o queixo, verdadeiramente magoada por ele ficar rindo da minha cara, e encaramo-nos em silêncio. O peito dele subiu e desceu, como o meu, mas com muito mais força, e meu lábio inferior estava trêmulo. — Vá dormir, está bem? É o melhor que você faz. Vai me agradecer pela manhã.



— Adler? — Ele espiou por cima do livro que estava lendo deitado no sofá meu corpo encolhido e escondido na escuridão, oculto quase que por completo pela parede que levava ao

corredor. Um pensamento me ocorreu que eu nunca deveria tê-lo deixado, mas agora era tarde. Eu o tinha chamado, ele tinha me visto e eu tinha toda a sua atenção então. — O que você está lendo?

— Achei que estivesse dormindo. — Dei uma olhada no relógio de parede para confirmar que passava da uma da manhã e encolhi meus ombros com os braços cruzando e a manta sobre os ombros por causa do frio, aproximei-me dele tremendo.

— Deixe-me fazer companhia, eu não vou conseguir dormir. — Ele afastou as pernas, não muito contente, para me deixar sentar, mas deitei minha cabeça nele, que fechou o livro e jogou-o perto abajur, o que fez a luz tremular.

— Que porra você está fazendo? — Suas palavras foram pronunciadas lentamente e livres do sotaque. Limitei-me a jogar o braço por cima dele e sorrir, finalmente em uma posição confortável.

— Eu estou com frio. E estive pensando... Nós não precisamos nos envolver emocional ou romanticamente para termos relações sexuais. Pessoas fazem isso o tempo inteiro. — Ele riu e ergui a cabeça para olhar para ele.

— Você está sofrendo de um fenômeno psicológico, e, pior ainda, está bêbada. Sabe quando isso vai rolar? Nunca, e não apenas porque eu deixei claro que não me sinto atraído por você, porque estou apaixonado por outra pessoa. Porque se tem alguém que não pode permitir que esse tipo de coisa aconteça e que tudo vá longe demais, tenho a impressão de que sou eu. — Apoiei a mão na borda do sofá com um sorriso que ele não poderia me arrancar com suas palavras ridículas e me virei, de forma a ficar sobre ele.

— Sexo é para o corpo, você não sabe bem disso porque não praticou muito ultimamente. Não preciso de conexões.

— Você tem problemas emocionais. *Eu* preciso de conexões, e pare com isso agora. — Adler tentou se erguer, mas sem se dar conta no começo, agora estava preso a mim.

— Quem está falando de problemas emocionais aqui, seu hipócrita de merda? — Sentei em cima dele e espalmei as mãos em seu peito e ele tentou se erguer sem me jogar no chão.

— Eu não quero você.

— Claro que quer, você só não sabe ainda. — Deitei meu corpo sobre o dele e uni nossos lábios em um beijo ofegante e em uma posição desajeitada. Arqueei-me e senti que o tinha vencido quando ele moveu os lábios sob os meus, os abriu com hesitação para me oferecer passagem, nossos gostos se misturando enquanto meu corpo doía de desejo.

Não fazia ideia de que podia me sentir daquela forma tão louca, tão inebriante, que pareceu ter nublado meus sentidos e deixou meu corpo a mercê dos instintos e dos movimentos que ele sabia como fazer mesmo que eu estivesse vendada. E, merda, eu nem gostava dele. Tinha chegado a um consenso interno de que também não o odiava, mas até então, tinha vivido em uma ideia de que eu precisava ao menos gostar de alguém para chegar àquele ponto, porém estivera errada o tempo inteiro.

Suas mãos repousaram ao lado do corpo, indecisos, e minha mão começou a descer pelo seu abdome, sentindo a maciez rígida de sua pele por cima da camisa leve até o elástico da calça.

— Riley, pare... — Foi um som alquebrado e vulnerável que ultrapassou seus lábios, ainda colados aos meus, e abri os olhos. Parei de beijá-lo. Porra, ele nem sequer estava duro. — Por favor... Não posso fazer isso.

Eu estava em cima dele usando um blusão e rebolando de calcinha no seu pau e ele nem estava duro. Adler segurou meus braços e encarei-o sem entender que porra tinha acabado de acontecer quando ele me tirou de cima dele e ao colocar os pés do tapete, tão desnorreado quanto eu estava, desapareceu em direção a seu quarto.

E eu fiquei com um imenso nó na garganta.

capítulo 13

Tirei uma vitrola de uma caixa preta e chique no domingo e revirei a estante da sala, na parte inferior onde ele guardava uma porção de discos com música, em sua maioria, antiga. Dei um sorriso de vitória em encontrar um do *The Doors* e cantarolei *Light My Fire* pela sala, usando meias e a mesma blusa da noite anterior, para deslizar até a cozinha.

O clima estava bem mais agradável do que na noite anterior, um pouco mais quente e não muito abafado, uma vez que a janela já estava aberta. Sobre a mesa, havia um bule de café ainda fumegante, apesar de eu ter calculado que Adler já havia saído há uma hora, pelo menos, com uma cartela com três comprimidos de Advil com uma nota em uma letra rabiscada sob eles.

Caso você precise deles, no fim das contas.
- Charles

Com o queixo caído, analisei sua letra e seu nome. Charles não combinava muito com ele, na verdade, parecia o nome de um garoto bonzinho que não quebraria as regras sob hipótese

alguma. Mas por que ele tinha mentido e decidido me falar seu nome de verdade de uma hora para outra?

Mordi meu polegar enquanto arrumava o pedaço de papel de volta ao lugar e dava um gole no café antes de colocar leite e então, fazer uma lista mental e selecionar uma das opções limitadas do que eu poderia fazer para preencher meu tempo enquanto Adler não voltava. Na verdade, eu também não tinha muito a fazer com ele, e ao me sentar para comer, percebi que estava faminta. Voltei a pensar no meu papel ridículo na noite anterior e enfiei o rosto entre as mãos.

O que eu não daria para dar uma de *Men in Black* com uma canetinha e apagar aquele momento idiota na mente dele! Puxei meus cabelos para o topo da cabeça e prendi-os com um lápis, achando a cor meio esquisita, em um tom quase natural agora.

Mexendo em algumas caixas na parte inferior da estante de livros na sala, perto de onde estavam seus discos e de onde agora um deles tocava, sentei-me na ponta do tapete em posição de lótus e puxei uma caixa quadrada e preta, feita de um plástico leve e bem escondida no fundo mais oculto do móvel. Mordi o lábio e ao remover a tampa, encontrei uma coleção memorável de Polaroides bem conservadas ao lado de uma câmera que fora abandonada ali sem muito carinho.

Era uma câmera bem antiga, com filme ainda guardado ao lado dela, mas foram as pilhas de fotografias esquecidas que me interessavam. A história que contavam.

Por cima, tinha a foto uma paisagem de um céu nostálgico de inverno, o que me fez lembrar do que Adler tinha me dito sobre suas férias de inverno em Birmingham com seus pais. Tinha a foto de uma mulher sob a primeira, com um vestido rosado e leve, solto pelo seu corpo esguio enquanto ela segurava uma bebida em uma taça para *bebidas chiques* e ria de forma espontânea, olhando para um ponto que fora cortado da foto.

Umedeci os lábios e fui passando para a próxima: um cacto bem enquadrado e bonitinho em meio a uma paisagem abandonada. E tinha uma foto de um garoto loiro lendo na praia. Uma foto dele olhando para a câmera, para quem tirava fotos suas e o distraía, com um sorriso vivaz, uma chama em seus

olhos. Pressionei os lábios com força um contra o outro e aproximei a fotografia de meu rosto, tentei detectar as semelhanças e as diferenças, mas bastou um segundo para eu parar e devolvê-la a pilha da minha mão esquerda para pegar outra.

Era a fotografia de um prédio daquela vez, tirada de baixo para cima. Um prédio antigo e triste, feito de tijolos e as janelas indicavam três andares acima em direção a um céu nublado, com gotas de uma chuva fina molhando a lente.

Por baixo desta, estava uma foto de uma mulher sentada em uma cadeira de praia vista por cima de seu ombro a um metro da câmera, talvez um pouco mais, com um livro de páginas envelhecidas seguro em suas mãos e óculos escuros, os cabelos castanho-claros presos, íngremes. Dava para ver que ela usava um vestido azul com pequenos e minúsculos detalhes; pareceram bolinhas, mas ao aproximar a Polaroid de meus olhos, pude ver que não eram, mas a foto era velha demais para conseguir identificar.

Virei-a à espera de que iria encontrar alguma anotação no fundo, mas só ao repetir o movimento com a foto de Adler lendo na praia foi que encontrei algo escrito com canetinha permanente.

Coloque um marcador em uma passagem da sua vida para mim.

- C

Aquelas palavras me deixaram com uma pulga permanente atrás da orelha. Na foto, Adler não parecia muito mais velho que eu quando conhecera Andre. Um pouco mais alto, definitivamente, mas com certeza não tinha mais que catorze anos. Uma idade em que eu não poderia ver alguém romanticamente envolvido com outra pessoa.

E, na verdade, acho que era normal ter paixonites bobas, mas não com aquela intensidade. Concluí de imediato que o C fosse de Corinne, e que ela era mais velha que ele. E que tinha manipulado seus sentimentos em desenvolvimento e partido seu coração bobo e apaixonado.

Pare de humanizá-lo, Riley.

Comprimi meus lábios sem saber mais o que pensar mais da relação doentia de Adler com aquela mulher. Sabia apenas daquilo: era doentia, me fazia pensar em um bocado de coisas.

No fundo da caixa, ao afastar todas as fotos para um canto, pude encontrar um envelope amarelo e velho com um pedaço de papel tão antigo quanto, bem amassado, que tinha, com muito esforço, sido alisado e colocado, talvez, dentro de algum livro na tentativa de preservá-lo e relê-lo mil vez mais. Tentando agarrar-se a alguma memória de algo que tinha partido.

Charlie,

Eu sei que você tem essas visualizações bobas e idealizações infantis sobre nós dois, mas, Jesus, era óbvio que essa merda não daria certo. E não estou reclamando, foi bom enquanto durou, mas vou ser franca: sabíamos que acabaria dessa forma no momento em que você pisou os pés em minha sala de estar pela primeira vez com seu sorriso ingênuo e uma péssima pronúncia em francês, mas gosto de imaginar os últimos meses como um aperfeiçoamento. Gosto de pensar que deixei uma marca em você, e você em mim, e que jamais será o mesmo, C. Que vai fazer as coisas estúpidas e imprudentes que quiser fazer e que vai virar um matemático brilhante e meio arrogante quando crescer (não de tamanho, por favor, você já está alto demais agora). E que não vai ligar para sua mãe porque eu disse para ser forte e não se importar com nada disso.

Enfim, vou sentir sua falta às tardes nubladas e com cheiro de chuva no quintal, bebidas de frutas e esse cheiro de flores que você tem; do seu perfume.

Você é especial e sempre vou ficar imaginando como teria sido te conhecer um pouco mais quando adulto. Sei que você vai ficar triste, arrasado, sei como se sente agora porque te conheço muito, muito bem, então vou te poupar dessa parte e te dizer que isso vai passar em alguns meses.

Não pense muito em mim daqui para frente.

- C

Funguei e fiquei encarando o pedaço de papel, fazendo a mim mesma milhares de perguntas que eu sabia, no fundo, que era como me torturar o fato de uni-las todas, pois jamais teriam uma resposta concreta que fizesse sentido. Talvez nenhuma, de jeito nenhum.

Será que ele tinha sofrido mesmo por isso?

E o que será que tinha acontecido?

Como será que acabou?

E depois?

E agora?

Onde ela estava agora?



intermédio

Eu fecho meus olhos e encolho meus ombros.

Como se não estivesse aqui. Como se não fosse uma tempestade violenta passando pelo meu lar, meu lugar seguro. Cheio de gritos. Sons de trovões lá fora que me assustam ainda mais.

Quero me encolher e chorar até que essas coisas parem. Essas pessoas. Mas nem isso eu consigo fazer.

— Como você pode fazer isso conosco, Charlie? — Entre gritos, minha mãe começa a chorar, o que é um drama péssimo comparado aos motivos que eu tenho para fazê-lo.

Eu me levanto e fico sentado na borda da cama. Estou usando apenas um short de dormir em pleno inverno, mas que relevância o frio em meu corpo tem agora? Quero gritar com ela como ela grita comigo, mas fico apenas esperando por mais. Fico pensando que isso é horrível, que os gritos abafados dentro de mim são piores que suas lágrimas farsantes, aqui apenas para compor uma cena que beira o ridículo.

Por um segundo, quero dizer tudo isso a ela, mas limito-me a engolir em seco e deixar para lá isso também, para a pilha de coisas que quero dizer. Esses sons me causam pânico, nervosismo. Ela sabe disso e nem se digna a parar quando sabe o que está fazendo comigo.

Ela é egoísta demais para tentar impedir a si mesma de suas reações exasperadas, sempre foi. Acho que sempre será. Mas na superfície, estou tão calmo, tão controlado enquanto um castelo inteiro desmorona que isso a irrita mais do que tudo o que provocou toda essa situação.

Olhamo-nos com apenas verdade: como nos odiamos. Como desejamos que o outro não exista nesse universo torpe e mesquinho.

Meu pai é que finalmente sai de seu posto reflexivo, apenas no segundo em que ela se aproxima e esmurra meu peito por cima de suas lágrimas. Quero rir dela, mas estou tão irritado agora que minha cabeça explode, o sangue pulsa a uma velocidade que me deixa tonto e quase desnortado.

— Ophelia, por favor, pare com isso. Não é com violência que você vai resolver as coisas. — Ele a puxa para fora do quarto e a porta fica aberta. Fico encarando o outro lado do corredor, respiro fundo.

Minha cabeça explode, é difícil respirar agora. Cubro meu rosto e tento me concentrar apenas nisso. Não em Corinne e onde ela está agora, ou em tudo o que aconteceu. Ou nos meus pais, nessa situação que me faz sentir um misto de terror seco e massivo, e pânico, e uma dor absurda dominando meu corpo, mas minha mente principalmente. Odeio com todas as minhas forças quando isso acontece.

Passos. Meu pai volta e se abaixa, repousa um joelho no chão e abro os olhos para encará-lo, apenas silêncio a revolver-nos e é uma paz que me provoca sensações de alívio por sob minha pele. É lento, mas é bom, como um êxtase do tamanho do paraíso.

— Eu sei que aconteceu muita coisa, mas podemos falar sobre isso em outro momento, está bem? — Sinto que tem lágrimas em meus olhos nesse momento e que sua figura começa a ficar embaçada. Meus olhos ardem de forma absurda ao escutá-lo murmurar as palavras em um fio de voz. — Não dê ouvidos ao que sua mãe disse, ela está... — Ele procura por uma desculpa que eu possa engolir. — Sobrecarregada com tudo isso. Você é a

melhor coisa que nos aconteceu, nunca duvide o quão orgulho temos de você, Charlie.

Faço que sim e coloco o braços em torno dele em silêncio. Minha mente se acalma, minha cabeça para de doer e finalmente respiro.

capítulo 14

— *O que você está fazendo, Riley?* — Ele pareceu calmo, o som de sua voz não se elevou.

Merda, por que você está tão calmo?

— Eu... Ahn... Vendo... Eu... — Por que eu estava tão ridícula e sem palavras? Tudo bem, guardei a carta bem rápido ao ouvir o som de seu carro se aproximando, mas não fui rápida o suficiente para recolocar todas as polaroides de volta à caixa, então permaneci sentada onde estava fingindo que apreciava suas fotos bonitinhas de paisagens de um inverno em tons quase depressivos.

— Procurando o que nas minhas coisas?

— Nada! Nada mesmo, falo sério. Só achei suas fotos, ahn... Fofas. — *Não, fofas, não, Riley.* Mordi meu lábio e entrei em um consenso interno de que era melhor ficar quieta e esperar por sua reação. Ele deu olhada na foto que eu tinha em mãos e na pequena bagunça a minha volta, mas não pareceu se importar tanto assim. — Onde você estava? — Perguntei, enfim, enquanto ele tirava o casaco e respirava fundo.

— Fui buscar minha correspondência. — *Que hora de merda para falar de correspondência, Adler.*

— Hoje é domingo.

— Na casa de um amigo.

— Você tem *amigos?! —* Falei boquiaberta com uma falsa expressão surpresa. Ele não parecia ser antissocial ao ponto de não ter amigos, podia mentir bem e fingir que apreciava a companhia delas.

— Por que está fazendo tantas perguntas? — Adler pendurou o casaco e deixou a correspondência na parte de cima da estante antes de juntar-se a mim.

— Quem tirou essa foto? — Ergui a foto dele na praia, sorrindo, olhos reluzentes e sua pele, outrora pálida, queimando alegremente ao sol. — O pequeno Charlie era tão fofo e amigável. — Fiz carinho no rosto dele, do Charlie da foto, é claro, com o indicador quando o da realidade se sentava a minha frente e puxava uma foto sem muito entusiasmo. Não como eu.

— Corinne. Eu não era *pequeno*, e por que está mexendo nisso? — Com o olhar distante do meu, ele pegou outra foto e fez meu sorriso desaparecer para adequar-se à situação de que ele não estava muito a fim de tocar no assunto. Mesmo que, na verdade, tivesse sido ele a me dizer que falaria dela.

— Só estou tentando te conhecer. Essa é a sua mãe? — Alcancei a fotografia da mulher de vestido rosa e sua bebida e Adler deu uma olhada de forma intensa antes de erguer o olhar até meu rosto e me fazer estremecer.

— É, sim. — Abaixei a foto e coloquei uma mecha do cabelo para trás da orelha, deslizei a língua pelos lábios bem devagar enquanto ele se ocupava em ver tudo o que eu tinha visto nos últimos minutos antes de ele chegar. — Por que está sendo tão legal, Riley?

Ergui o queixo e respirei devagar.

Eu não tinha uma resposta, na verdade, e agora que parava para pensar, não estava agindo de forma deliberada. Nem tinha notado que estava agindo assim, estava apenas sendo quem eu usualmente era com outras pessoas que não me sequestravam. E talvez não devesse.

— Eu não sei. Acho... Talvez, *talvez*, eu me importe com você e... — Desviei o olhar do dele por um instante ínfimo. Parei de falar antes que começasse a lhe dizer o que não devia. Abaixei o olhar para a fotografia em minhas mãos e funguei antes de

conseguir encará-lo mais uma vez: — Então... Charles? — Arranquei-lhe um sorriso mínimo e quase imperceptível ao sorrir também. — Por que Adler? Por que mentir para mim quando sabia que eu nem ia descobrir a verdade se você não me dissesse?

Ele pareceu ofendido por um segundo.

— Eu não menti para você, Riley. Meu nome é Charles *Adler* Loughy.

— Tão chique e esnobe. — Disse com falso ar de seriedade. — Combina com você. — Nós dois rimos no instante seguinte. Parecia tão bizarro que tivéssemos tal sincronia porque eu certamente não conhecia muita gente que fosse rir de verdade das coisas tolas que eu dizia.

Abaixei o olhar e comprimi meus lábios.

— O que foi? — Adler perguntou em um sussurro e ergui o queixo devagar para voltar a encará-lo, ainda mexendo nas laterais da Polaroid. Agitei a cabeça e me levantei, devolvendo sua fotografia a caixa ao passar por ele para fora da sala antes de me tornar muito emotiva.

Como eu não podia trancar a porta, ao menos a fechei, ciente de que Adler não viria até mim. Ao menos eu podia ficar sozinha. Eu me deitei na cama e curvei a cabeça para trás, assim poderia observar o céu pela janela ao colocar meus fones.

Tentava parecer melhor do que estava sei lá por que diabos, mas às vezes sentia falta da minha mãe. Às vezes era meio que o tempo inteiro, e às vezes me causava uma vontade incontrolável de chorar pensar em tudo aquilo, por isso coloquei *Lifted* para tocar e respirei fundo por alguns minutos, decidida a me recuperar de minha repentina onda nostálgica e, talvez, apenas um talvez perdido em mais um oceano de outras coisas, eu pudesse realmente entender o que estivera a fazer nas últimas semanas.

capítulo 15

Hardlyn, Lorcan, Landon e seu sempre prestativo e interessado em ajudar amigo, Andre, sentaram-se à mesa da cozinha que dava uma vista da mesa do quintal onde Hardlyn e Riley costumavam almoçar juntas e além da cerca vários metros a frente, dava para ouvir dali o som das ondas quebrando na praia. Além da atmosfera estranha que já pairava entre eles com a chegada de Landon e Andre, de terem que se encarar e deixar de lado seus conflitos mesquinhos, o dia nublado de outono não ajudava.

O verão tinha passado tão rápido e agora, com a porta de vidro entreaberta, uma brisa fria entrava e gelava-lhes os ossos mesmo que por sob camadas dos casacos que se começaram a retirar. Hardlyn lhes serviu chá com ligeiro mau humor e acendeu um cigarro ao parar perto da porta com o ombro apoiado no batente.

— Eu não entendo por que diabos levou todas essas semanas para nos ligar, Hardlyn. *Meses*, porra! — Landon começou a falar. Primeiro, como um pai que fora negligenciado, e, em seguida, enfurecido ao se virar para encarar Hardlyn por cima de seu ombro enquanto ela virava o rosto por um instante e retornava-o a seu rosto.

— Olhe como fala comigo na minha casa. O que você pretendia ter feito? — Havia um toque de cinismo em sua voz, mas apenas sinceridade em seu olhar. Ela estava muito cansada, na verdade, para ficar sustentando uma discussão com o babaca do pai de Riley e continuar a ficar imaginando coisas terríveis ao mesmo tempo.

— Organizado buscas, ter ido eu mesmo atrás de pistas, eu não sei. *Alguma* coisa.

— Landon, acalme-se, por favor. — Andre repousou a mão em seu braço por um instante quando ele fez menção em levantar-se de repente enquanto falava com Hardlyn e o movimento o acalmou, o fez repensar seus próximos movimentos durante um momento longo e silencioso.

Landon provou seu chá e Lorcan, do outro lado da mesa quadrada, comeu um pequeno biscoito de chocolate e fez o mesmo, tão silencioso quanto de costume, mas inesperadamente mais sóbrio nos últimos meses do que estivera durante toda a sua vida. Ele observava a cena desde o idiota do Landon a seu amigo a quem ele nunca vira com bons olhos, e o luto precoce e resolutivo de Hardlyn, que talvez tivesse começado a perder suas esperanças iniciais.

Ela apagou o cigarro e fechou a porta, foi se sentar ao lado de Lorcan, parecendo mais abatida de perto.

— Eu lamento por não ter ligado antes, você merecia saber, eu só... Não sabia como lidar com isso. E ligar para você, tê-lo por perto, parecia como assumir que alguma coisa de ruim teria acontecido como minha menina. — Hardlyn engoliu em seco e eles se entreolharam, sem saber se ela estava prestes a dar ordens ou cair em lágrimas. Entre um e outro, ela respirou bem fundo e serviu-se de um pouco de chá.

Bebeu-o ainda quente.

Landon, Hardlyn e Lorcan entraram na delegacia em direção a sala do detetive Starr, ao que Hardlyn se sentou ao lado de Landon e Lorcan ficou na porta como se vigiasse alguma coisa enquanto ainda prestava atenção a postura de seu ex-colega. Starr e Landon trocaram cumprimentos entediados enquanto Hardlyn revirava discretamente seus olhos e então respirava fundo.

— Você tem alguma pista?

— Infelizmente, não. Embora o caso dela esteja sendo tratado como uma prioridade no departamento, sobretudo depois de meses. — Ele reforçou a última parte apenas para Landon e

abriu uma gaveta para tirar anotações de lá em um bloco surrado. — Recebemos centenas de ligações depois que sua esposa ofereceu uma recompensa.

Hardlyn soltou o ar com força.

— Você sabe que ele não é meu marido. Você *tem* alguma coisa a nos dizer ou só me chamou até aqui para desperdiçar a porra do meu tempo? — Ela inclinou os ombros para frente e desconsertou o detetive, que nunca ficava sem palavras. Mas, na verdade, não era apenas a postura de Hardlyn, era o fato de que a polícia não tinha nada a lhes dizer, que ele tinha sido designado a um caso que não gerara nenhuma prova em longas semanas e, pior ainda, ele não queria lhe dizer que ele o todo o departamento estavam procurando por um corpo.

— Não. Só achei que fosse uma boa ideia ter o senhor Harred aqui para recapitularmos, descobrir alguma coisa que ainda não sabemos e darmos uma segunda olhada em todo o caso para ver se não deixamos passar alguma coisa. — Não tinham. Ele sabia que não tinha porque ele e seu parceiro, Marks, tinham passado muito tempo naquele vai e vem sem chegar a lugar algum para terem perdido alguma coisa.

Hardlyn observou a cena, distante, quando Starr começou a falar e apontar fatos, falar sobre cronologias em uma linguagem rebuscada para, na verdade, não lhe dizer nada do que ele e toda a polícia achava que tinha acontecido quando, no fundo, ela tinha esperanças de que Riley estava bem. Em algum lugar distante, mas bem, e levantou-se de forma abrupta. Landon encarou-a por cima do ombro e Starr ergueu o olhar quando ela se encaminhou em direção a porta.

— Foda-se essa merda. Fiquem vocês com suas teorias ridículas, *eu* vou encontrar Riley, e não preciso da ajuda de nenhum de vocês, seus filhos da puta ridículos. — Lorcan a seguiu porta afora e do lado de fora da sala, todos encararam a dupla quando ela saiu, surpresos por ela ter coragem de chamar um policial de filho da puta sem temer ser presa por desacato.

Qualquer um, no entanto, teriam reconsiderado e colocado a culpa em estresse e desgaste emocional.

Hardlyn acendeu um cigarro ainda na calçada e Lorc pegou-o da mão dela para recostar-se à seu carro.

— O que você quer fazer agora? — Lorcan deu um trago e ela deixou os braços caírem ao lado do corpo, desesperançada, mas não derrotada.

— Sei lá que porra eu vou fazer. — Ela riu e parou ao lado dele para pegar seu cigarro de volta. — Eu... Não sei. Como eu posso dizer que aceito isso, Lorc? Eu não aceito. Ela é minha melhor amiga, eu sou a dela, sempre achei que Riley fosse a pessoa que estaria para sempre em minha vida. — Hardlyn soltou o ar com força e encarou seus próprios Louboutins caros.

— Eu sei. Eu só não sei mais onde procurar.

— Você acha que eu deveria dar ouvidos àquele detetive de merda? Starr? Ele que se foda com esse nome de merda. — Ela levou o cigarro aos lábios e levantou-se, cansada de sentir pena de si mesma e, mais ainda, de sentir-se em um beco sem saída e abandonado, escuro demais. — Vamos lá. — Ela indicou para que ele entrasse no carro. — Vamos começar a nossa própria força-tarefa.

capítulo 16

Fez um calor agradável na terça-feira, mas parecia que eu estava sufocada sem ter o que fazer o dia inteiro, com as pernas para cima, por isso vesti uma blusa longa e coloquei meias de lã que, como o cachecol, Adler foi sutil em deixar em meu quarto porque meus pés estavam sempre congelando. *Meu quarto?* Mas que merda minha cabeça tinha se tornado!

Como se eu fosse só uma hóspede ou alguma coisa assim.

Concentrei-me em limpar a casa o dia inteiro em um mar de tédio. Limpei os livros na prateleira, a cozinha. Tudo. Estava com meus fones quando Adler entrou, dançando algum pop americano pegajoso e irritante. Tirei-os, saí de detrás do balcão e tentei consertar meus cabelos que caíam em mechas grossas pelo meu rosto, desprendendo-se do coque feito horas antes.

— O que foi? — Perguntei quando ele ficou me encarando perto da porta e analisando toda a cena em um lento deslizar de olhos.

— Você poderia se vestir, eu quero falar com você. — Franzi a testa e contraí as sobrancelhas. Eu odiava a frase “quero falar com você” vinda de pessoas que não falavam logo o que queriam dizer, como se fosse muito importante manter a porra do suspense em alta antes de abrir o bico.

— Está bem. O que se passa? — Umedeci meus lábios e ele se aproximou enquanto tirava o casaco. Tive a impressão de que, como na outra vez, o movimento parecia lhe doer, mas Adler escondia bem demais suas reações à dor para que eu pudesse dizer e eu odiava aquela sensação de incerteza enquanto ele se inclinava para pegar uma garrafa de *lagerøl*. Eu conhecia porque era uma bebida norueguesa esquisita, e com uma quantidade mínima de álcool que beirava o absurdo, que meu pai bebia excessivamente, como se não contasse que podia ficar bêbado com enormes quantidades, e que eu contrabandeava para o meu quarto.

Foi, na verdade, a única coisa sobre ele da qual senti falta quando ele e minha mãe se separaram e ele se mandou para algum lugar na Irlanda. Ou Holanda, talvez. Às vezes a pronúncia parecia a mesma.

— Não sei se é uma coisa que você vá considerar *grande coisa*, mas eu encontrei sua mãe mais cedo. — Apoiei as mãos nas bordas do balcão e inclinei-me para frente enquanto ele bebia.

Ele *não* bebia, na verdade. Por que estava bebendo agora por que tinha visto minha mãe?

— Como assim? Como? Como você a viu? Ela está bem?

Adler agitou a mão no ar para me fazer calar a boca.

— Deve estar. — Ele se serviu de outra dose e estendi o braço para pegar o copo pela metade e virar. Que merda! Eu queria alguma coisa tipo vodka, aquilo tinha gosto de água sanitária diluída.

— Onde você a viu? — Perguntei depois de respirar e lhe devolver o copo.

— No meu trabalho. — Com os cotovelos apoiados no balcão, coloquei-me a roer as unhas como se aquela fosse uma informação crucial e vital. — Não foi nada demais, só achei que você iria querer saber dela. — Ele virou mais uma dose, se é que aquela água misturada a álcool podia ser chamada de *dose*. Era um insulto às bebidas de verdade. — Ela parecia... *Ela*.

— Por que você está bebendo? — Adler encheu o copo daquela vez e respirou fundo, olhou em meus olhos e algo em

mim estremeceu, temendo o que estava por vir. Ele gesticulou para que eu me sentasse e fi-lo para não perder um segundo de sua linha de pensamentos. — Você já a conhecia?

Ah, não, Riley, não vá nessa linha. É claro que sua mãe não o conhece. Chega a ser absurdo.

Ele contraiu os ombros e continuou a beber ao invés de me responder.

— Mais ou menos. Quero dizer... Eu a vi algumas vezes há muitos anos, não foi nada relevante ou memorável. Ela não se recorda de mim tanto quanto eu não me lembraria de episódios aleatórios se...

— *Se? Se, o quê? Você pode parar com esse suspense de quinta? O que aconteceu? E como você a conheceu?*

— Porque... — O som de sua voz saiu mais baixo e arrastado, as palavras foram colocadas para fora com demasiado esforço até que seu olhar retornasse ao meu, seus olhos fixos nos meus com tanto intensidade e intimidade que senti meu corpo flamejar. — Corinne é irmã da sua mãe, Riley.

Soltei uma risada e entrelacei meus dedos antes de inclinar meus ombros para frente.

— Não me foda, Adler, por favor. Você acha que eu não saberia se a sua namorada ou sei lá o que fosse minha tia? Por que ficar se dando ao trabalho de inventar tudo isso? — Deslizei a língua pelos lábios e respirei fundo com as mãos nos quadris. Adler ficou a me observar do outro lado, ainda a beber sua água sem graça, a espera que eu surtasse ou qualquer coisa assim. — Você ao menos viu a minha mãe ou inventou essa história no caminho até aqui?

Ele soltou o ar bem devagar e fechou a garrafa, colocou o copo dentro da pia e olhou direto dentro de meus olhos.

— Não preciso inventar nada para você. Não é problema meu se *sua mãe* mentiu para você. — Ele passou por mim e me virei, boquiaberta, para acompanhar seus movimentos em direção a saída. Parecia um privilegio assisti-lo dali, mas no momento, ele me causava uma vontade enorme de acertá-lo com alguma coisa e gritar com ele, não de me afastar. Pior ainda se fosse ele a fazê-lo.

— Espera aí. — Fui em sua direção quando ele puxou o casaco. Ele olhou para mim por cima do ombro. — Como você a conheceu? — Inclinei o rosto e ele se virou. Ficamos olhando um para o outro bem de perto antes que ele relaxasse os ombros e que eu me dispusesse a escutá-lo para poder classificar suas palavras como falsas ou não.

— Corinne e Hardlyn foram a uma festa que meus pais deram em um verão em Birmingham. Antes, ela tinha ido a uma festa que minha mãe deu, mas não nos falamos. Também fomos juntos a uma exposição de sua mãe em uma galeria chique. Acho que foram as únicas vezes em que nos vimos, talvez tenhamos nos encontrado outras vezes, mas já tem muito tempo, nunca tivemos uma conversa significativa. — Ele parecia cansado ao dizer aquilo, e soltou o ar bem devagar ao terminar sem nunca tirar os olhos dos meus. Sem nunca hesitar. A espera de uma reação minha, mas eu já não estava propensa a lhe xingar ou atirar coisas.

Será que ele era capaz de mentir tão bem para mim? Olhando em meus olhos. Ou talvez eu devesse desconfiar sempre dele. Fiquei confusa no momento com tudo se acumulando em minha mente e coloquei meus braços a minha volta ao apertar meus olhos por um momento, desesperada para me proteger daquilo.

— Eu devo acreditar em você? — Murmurei.

Que pergunta idiota, Riley. É claro que ele vai dizer coisas idiotas para fazê-la acreditar em cada palavra que sai pela sua boca.

Preferia que ele estivesse mentindo pelo simples fato de me recusar a processar a informação de que minha mãe poderia ter mentido para mim sobre qualquer coisa. Éramos sempre tão abertas sobre tudo. Falávamos sobre *tudo* mesmo, não havia segredos entre nós. Ao menos não da minha parte, agora eu começava a acreditar um pouquinho só nele. Não muito.

— Nunca menti para você sobre nada. Também não perderia meu tempo inventando tudo isso. Por quê, Riley? — Encolhi meus ombros com um muxoxo.

— Sei lá. Para mexer com minha cabeça. Para benefício próprio. Eu ainda não sei o que você tem a ganhar com tudo isso,

então não sei como, mas há muitos motivos para se mentir para alguém sobre qualquer coisa. — Ele abriu um sorriso não muito contente e até meio tímido.

— Você é muito espertinha. Mas não. — Entreolhamo-nos por um momento longo e meio tenso, meu coração batendo a mil. Adler largou o casaco dele mais uma vez ao lado da porta e gesticulou em direção ao sofá. — Quer tentar de novo? Tem mais coisas que eu queria te contar.

Um pouco contrariada, eu fui me sentar no sofá. Fez frio de repente e quando parecia confortável mais cedo, a blusa me fez sentir meio nua. Adler saiu de perto da porta, depois de ter repensado muito se fugiria para longe de mim, e puxou o casaco para colocar sobre minhas pernas geladas. Pareceu a coisa mais legal que ele já tinha feito por mim.

— Você ainda tem... Aqueles cigarros? Acho que agora seria uma excelente hora para começar a criar um vício. — Dei um sorriso amarelo e ele correu os dedos pelos cabelos, deixando-lhes ainda mais despenteado, ao inclinar-se para alcançar o maço e me dei conta de que, na verdade, *ele* também não fumava.

*“Só se ama o que
não se possui completamente.”*

Marcel Proust

PARTE TRÊS

**O CORAÇÃO ESCONDE
COISAS TÃO INIMAGINÁVEIS**

capítulo 17

Estava frio quando acordei. Escuro. A brisa gelava minha pele a um ponto insuportável que fazia com que eu encolhesse os ombros sem conseguir me lembrar, na verdade, o que tinha se passado nas últimas horas, ou, melhor ainda, como eu tinha ido parar naquele lugar.

Que lugar era aquele? Apoiei-me em meu cotovelo e sentei-me, esfregando meus olhos. Amplo, iluminado, a céu aberto. Soltei o ar bem devagar, sentindo um aperto imenso no peito, com a ponta do meu nariz gelado e me levantei para revirar os bolsos do meu casaco. Estava usando uma calça *skinny* escura que não me lembrava de ter colocado, botas.

Senti um pedaço de papel e moedas no bolso e puxei-os enquanto observava a paisagem a minha volta, a praça abandonada e o banco onde eu estava deitada. Havia algo de familiar naquele lugar, mas eu não frequentava praças à noite. Embora não tivesse ninguém por perto, vi uma cabine telefônica na calçada a uns cinco metros e caminhei até lá, onde o poste de luz podia iluminar o bilhete em meu bolso e onde eu poderia fazer uma ligação.

Bem, eu não poderia te deixar na sua porta, podia?

*Tem moedas no seu bolso, ligue para a sua mãe.
Vou sentir sua falta. E da sua falta de jeito para
engatar conversas.*

- *Charlie*

Sentir minha falta?

Sentir a porra da minha falta?!

Comecei a rir sozinha e guardei o bilhete no bolso da frente da calça enquanto colocava as moedas no telefone público e digitava os números do telefone da minha mãe bem devagar. Ah, Deus, há quanto tempo eu não fazia algo tão rotineiro quanto ligar para alguém?

O que tinha dado na cabeça de Adler de repente? Peguei-me imersa em pensamentos sobre o que ele tinha me dito ao chegar em casa. Sobre minha mãe ter uma irmã sobre a qual eu nunca tinha ouvido falar, e o que, na verdade, tudo aquilo tinha a ver com ele e onde *eu* passava a integrar aquela história.

— Alô?

— Mãe! Eu sou, Riley. — Segurei o telefone com as duas mãos e sorri sozinha ao escutar o som de sua voz, a surpresa na cadência de sua respiração do outro lado da linha. Ela demorou alguns instantes a reagir de forma apropriada. Eu só podia imaginar todas as coisas que tinham passado pela cabeça dela e me senti tão mal por ter estado bem e ela, tão preocupada.

— O q... O quê? Como? Riley! — Ela suspirou meu nome e pareceu sorrir, e então prestes a desabar. — O que aconteceu com você, querida? Onde você esteve?

Funguei e comprimi meus lábios, olhando em volta.

— Eu posso contar tudo. *Eu vou*. Está tarde, mas será que você pode vir me buscar? — Procurei a minha volta por letreiros, nomes de ruas, mas àquela distância e naquela escuridão em que toda a praça estava imersa, era difícil ver muito.

— Claro! É claro. — Escutei-a levantar-se da cama. — Onde você está agora?

— Ahn, não sei realmente... Uma praça. — Mordi meu lábio com força por dentro e coloquei mais uma moeda quando uma voz me falou que meu tempo estava acabando. Localizei uma placa distante ao longe. — Ah, claro! Sabe aquela praça bonita onde costumávamos ir tomar café? O Café Hi-Hat, aos sábados, se lembra?

— Sim, eu estou chegando. — Ela sorriu e guardamos nossas palavras calorosas para alguns minutos. Ficava a uns vinte minutos de casa, e aquele lugar era tão estranho que me causava arrepios, então fiquei perto do telefone. Além do bilhete e as moedas, tinha um maço de cigarros no outro bolso, por isso, longe dos meus costumes, acendi um para minimizar meu nervosismo irritante.

Não conseguia arrancar Adler da minha mente por um segundo sequer. As coisas que ele tinha me dito ficavam se repetindo e se remontando em minha mente, as que não chegara perto de dizer continuavam a ser fantasiadas e inventadas.

Desencostei-me do telefone ao ver o carro da minha mãe, e ela foi bem rápida ao sair dele e ir me abraçar com tanta força que mal consegui respirar por alguns segundos.

— Eu estou bem. — Murmurei com a voz estrangulada, o que só a fez me apertar com mais força.

— Meu Deus, Riley! O que aconteceu? — Dei uma olhada a minha volta e dei mais um trago no cigarro.

— Podemos ir para casa? Juro que vou te contar. — Ela me lançou um olhar descrente e tão dela que tive vontade de deitar a cabeça em seu colo e chorar por horas. Dias, se eu pudesse. — Mãe, eu não sumiria assim do nada por livre e espontânea sem te dizer nada. Vou te contar o que aconteceu. — Abracei-a de novo para reforçar a ideia e naquele lugar escuro e deserto, e igualmente gelado, convenci-a a irmos conversar em casa.

Descobri que já eram quase duas da manhã e liguei o rádio do carro no trajeto silencioso que fizemos por alguns minutos. Minha mãe não estava quieta por falta de mil perguntas, ela apenas olhava para mim de vez em quando, parecendo processar a informação devagar demais.

— Seu pai e aquele amigo dele estão na cidade. Em um hotel.
— Ela respirou e olhou para mim. — Andre.

Retorci meu nariz e virei a cara, fingindo que não queria deixar seu carro cheio de fumaça quando era seu estilo habitual. Não para fingir que Andre era a última pessoa que eu queria ver até o dia da minha morte, mas como eu não tinha motivos além dos que eu tinha para lhe dizer que não gostava dela, limitei-me a uma reação mais sutil que um revirar de olhos.

— Quando você começou a fumar? — Olhei para o cigarro e dei de ombros.

— Agora, eu acho. — Ela não falou nada por um instante e, segundos depois, parou a carro na garagem de sua casa. O ar denso cheirava a sal, água, o som de ondas quebrando ao longe preenchia o lugar de forma agradável. Gostava de adormecer com aquele som, a janela aberta para permitir que a brisa fresca entrasse no quarto em que eu dormia desde muito pequena.

Saí do carro, joguei o cigarro no chão cinza-petróleo e esmaguei-o com o salto de minha bota. Talvez eu nunca mais dormisse com a janela aberta.

Peguei um pijama da minha mãe e chequei, duas vezes, se a janela estava trancada, as cortinas fechadas. Escondi-me sob o cobertor achando-me ridícula. Não era como se Adler fosse entrar pela minha janela para me raptar durante meu sono, mas eu não conseguia parar de pensar nele.

Segurei o cobertor em meus ombros e apertei tanto o tecido que meus dedos doeram e então ficaram dormentes, mas só assim consegui adormecer.



Acordei bem tarde na manhã seguinte, com o dia claro lá fora, mesmo através das cortinas, mas o sol se recusou a dar as caras por ora. Afastei o cobertor e joguei uma água no rosto antes de descer a escada, parar no patamar para finalmente me sentir ridícula com aquele pijama quente e confortável, e, também, para observar o que estava se passando lá embaixo.

Meu pai estava lá obviamente, eu podia ouvi-lo dali, e eu daria qualquer coisa para não precisar lidar com ele no momento. Qualquer coisa para não ter que estar no mesmo recinto que ele e minha mãe, mas lá vamos nós.

Não queria lidar com eles e ter que contar tudo o que tinha acontecido. Queria poder adiar o máximo possível, mas aquilo também não era justo com a minha mãe, nem com o meu pai babaca. Terminei de descer as escadas com apreensão e aquele rangido do penúltimo degrau que nunca fora consertado anunciou minha chegada ao mundo.

Fiquei imediatamente surpresa ao ver Lorcan perto de mim e sorri-lhe antes de pular o último degrau e envolver meus braços a sua volta. Eu o adorava, era uma das poucas pessoas que eu não suportava por obrigação ou conveniência, então o fato de ele foder minha mãe tinha arruinado um pouco nossa convivência e tornado suas visitas instáveis e escassas.

— Ray. — Ele sussurrou meu nome ao apertar os braços a minha volta. — Como você está?

— Estou bem. — Sorri ao me afastar e foi a vez do meu pai. Sempre dramático. Dizendo que se importava quando, em tempos normais, me ligava duas vezes por mês e olhe lá.

Não que eu me importasse muito.

— Você quase nos enlouqueceu. E sua mãe... — Ele gesticulou porque, na verdade, não tinha muito o que me dizer. Queria que ele fosse embora agora que tinha passado todo o drama, queria ficar com minha mãe porque talvez ela fosse a única que pudesse me entender. Ninguém mais.

— Eu sei, pai, eu sei.

Dei um tapinha em seu ombro e falei com Andre. Parecia uma fileira de cumprimentos intermináveis e pior do que vê-lo foi que

sua imagem agora sempre estaria associada a Adler. Nossa conversa no porão. Na mesa. Em seu quarto enquanto eu lhe fazia péssimos curativos. Associados, em minha memória, ao som de sua voz, a forma intensa com que olhava para mim enquanto conversávamos, com o azul de seus olhos como o céu mais limpo do verão brilhando com o sol mais escaldante.

— Eu gostaria de ficar a sós com minha mãe, se vocês não incomodarem. — Dei um passo para trás e encarei meu pai. Lorcan aproximou-se e despediu-se de mim, Andre acenou despedidas estranhas, como se escondêssemos um segredo em plena vista e fiquei retorcendo meus dedos quando eles saíram e meu pai ficou falando como era absurdo.

Talvez ele estivesse esperando que eu estivesse morta, no mínimo, para valer o tempo que ele gastara da Holanda até Surrey quando estaria trabalhando e fodendo qualquer uma por aí. Convenci-o de que nos falaríamos mais tarde e ele finalmente foi embora.

Hardlyn estava sentada do lado de fora, em um banco além da cerca do quintal que nos separava da praia, deserta com aquela temperatura. Esfreguei meus braços e tirei as meias para afundar meus pés na areia e ir me sentar ao lado dela, que estava fumando com uma manta por cima de seus ombros.

Eu devia ter pego uma também porque estava tão frio ali!

— Senti tanto sua falta. — Murmurei ao deitar a cabeça no ombro dela e fechar os olhos por um minuto, o vento piorando a bagunça que já eram meus fios. Minha mãe colocou o braço a minha volta e sorriu.

— Eu *morri* de saudades, Ray.

capítulo 18

Um tal de Detetive Starr apareceu na casa da minha mãe às onze e dezessete com um bloco e milhares de perguntas. Como a porra de um abutre, e, pior, como se tivesse o direito de querer saber coisas que eu não queria lhe contar.

Quero dizer, minha primeira reação ao ver o homem foi rir e perguntar onde estava o Detetive Cometa. Como poderia levá-lo a sério? Sobretudo quando eu não tinha nenhuma intenção de lhe dar nenhuma informação relevante para que pudesse prender meu grande e mau sequestrador.

Retorci meu nariz para um lado e para o outro e fiquei encarando minha xícara de chá segura com as duas mãos. Dei uma olhada na minha mãe, que estava fumando de lado de fora para nos oferecer *privacidade*.

— Riley? — O homem retomou as perguntas e capturou minha atenção dispensa. Fiquei com fome de repente, e agora até isso me fazia lembrar de Adler. Daquele jantar hiperesquisito que eu cozinhei e no que acabou rolando depois. Argh, eu deveria ser capaz de esquecer aquela cena; a mais embaraçosa de toda a minha vida. — Podemos tentar de novo. Em outro momento. — Anuí, sutil e Starr limpou a garganta ao empertigar seus ombros largos. Pareciam ainda mais sob as roupas escuras. — Do que você se lembra? Descrições físicas? Lugares, talvez?

— Não. Nada. — Dei um gole em meu chá e contraí meus ombros com tanta força que doeu por um instante. — Tenho certeza de que fui drogada.

Que mentira lavada, Riley!

Joguei os ombros para trás.

— Será que podemos falar disso depois? Eu tenho passado pelo mesmo estresse pelas últimas horas e minha mãe está passando por momentos difíceis processando tudo isso, então...

— Umedeci os lábios e ele abriu seu bloco.

— Claro. Meu cartão. — Ele deixou o cartão no centro da mesa, ao alcance de minhas mãos. — Ligue quando estiver pronta para compartilhar o que aconteceu. Ou se se lembrar de algo mais. — Starr colocou-se de pé, por fim, com um sorriso cordial e estendi a mão. Talvez ele não fosse um idiota completo, no fim das contas.

Mas só consegui relaxar quando escutei a porta da frente fechar, ainda retorcendo o nariz para o cartão a minha frente. Sentia-me tola e insana por não ter dito a ele tudo o que eu sabia sobre Adler, e se ele me dissesse a verdade na noite anterior sobre não ter mentido para mim, seria muito fácil para eles. Eu não conseguia, no entanto. Mesmo com parte minha se esforçando tanto.

Levantei-me, terminei meu chá e contra os protestos fervorosos de minha mãe, vesti-me e disse que iria em casa. Ela queria me levar, e tudo bem que eu estava um pouquinho paranoica também, mas peguei as chaves do carro dela e fui sozinha.

Fiquei quase que surpresa por não ter nada de extraordinário. Parecia apenas meu lar dos últimos anos, um pouco solitário no início de uma tarde nublada, e ao dar uma olhada no que estava faltando, encontrei uma bolsa preta em meu armário que certamente não era minha, contrastando com toda a bagunça de roupas jogadas ali.

Puxei o bilhete preso a ela.

Escrevi para você aos sábados, o museu fechou.

Venda todas as suas coisas ao fim desta viagem.

- C

Parecia até que éramos amigos, acabando a escalada em direção àquele patamar. Agora ele conhecia todas as minhas músicas favoritas e podia citá-las nos momentos mais oportunos. E quando diabos ele tinha estado ali para deixar minhas coisas? Ao abrir a bolsa, a primeira coisa que encontrei foi o disco do *The Doors* que eu estava escutando em sua casa e com um sorriso quase que inacreditável, coloquei-o para tocar.

Blue Sunday. Era a minha favorita.

Catei todas as minhas coisas, que tinham permanecido todas desarrumadas por todo o tipo de lugar; fui tentando enfiar em algum lugar. Sentei-me diante da penteadeira e soltei o ar com força, o suspiro fazendo meu peito doer e, pior ainda, olhar para a bagunça desordenada que eram meus cabelos. A tinta tinha saído, a cor de castanho-loiro estava horrível e desidratada, mas puxei-o de volta e preendi com um pedaço de tecido colorido.

Passei batom cereja com o cheirinho bom e estalei meus lábios. De alguma forma, não parecia combinar mais comigo como combinava há um tempo. Pareceu apenas... Fora do lugar. Como se aquela não fosse mais minha casa, meu sabor de batom favorito, uma música que eu adorava, e o dia nublado lá fora da forma que eu mais gostava.

Minha bolsa começou a vibrar na cama e fui pegá-la para alcançar o celular da minha mãe. Ela insistira tanto que acabei concordando em ficar com ele enquanto estivesse fora de casa. O nome desconhecido piscou na tela e larguei a bolsa na penteadeira para atender, ainda ocupada com mais camadas de batom de cereja.

— Alô? — Não era o telefone de casa, é óbvio, e imaginei que não fossem amigos da minha mãe com número desconhecido. Talvez fosse engano.

Esfreguei os lábios por dois segundos, ouvindo nada além de silêncio profundo e absoluto do outro lado da linha. Tirei o celular

da orelha para ter certeza que a chamada não tinha caído, mas estava lá. Contando cada segundo. Desliguei quando chegou ao onze e larguei o batom para ligar para mamãe.

— Está tudo bem?

— É, ahn... Um número desconhecido acabou de te ligar e ninguém disse nada por um tempo... — Mordi o lábio por dentro com repentino nervosismo. — Isso é normal? Já te aconteceu?

— Não se preocupe com isso, Ray. — Hardlyn sorriu e fez parecer que não era nada, permitindo-me soltar o ar preso no peito. — Deve ser a companhia do cartão de crédito, uma chamada ruim. Você vem para casa logo?

— Sim. Jantar. Eu estarei aí na hora do jantar, só preciso pegar algumas coisas e me organizar. Você acha que eu perdi para sempre meu melhor emprego? — Ela riu. Um som espontâneo e desprezioso.

— Tenho certeza que sim, mas não se preocupe com isso agora. Você pode fazer outra coisa.

— É, acho que vou ter que procurar outro. Nos vemos mais tarde, amo você.

— Amo você.

Não surte, Riley. Tudo isso é coisa da sua cabeça.

Devolvi o celular a minha bolsa e fiz uma anotação mental de que eu precisava comprar outro quando fui revirar a bolsa em meu guarda-roupas para separar algumas coisas para levar para a casa de praia, desde que mamãe e eu meio que tínhamos *concordado* que eu passaria ao menos algumas semanas com ela para me recuperar do meu *trauma* - não com essas palavras exatas, mas basicamente isso.

Além das minhas roupas com as quais eu já estava acostumada, encontrei o cachecol que Adler tinha me dado, as meias de lã que eu adorava porque realmente mantinham meus pés quentes em noites frias, encontrei meu celular, o caderno dele que eu tinha pego para mim e rabiscado um monte de coisa, a maioria sem sentido algum. E ao revirar o bolso na frente, achei a Polaroid dele. A daquele prédio desbotado em meio a uma chuva fina.

A mesma que ele não poderia saber que eu tinha gostado tanto porque eu nunca lhe dissera.

1999-2011

Que idiota! Como ele conseguia? Eu começava a pensar que o estava superando e ele tinha a audácia de deixar bilhetinhos seus por toda a parte pela minha casa. Revirei meus olhos com o instinto de amassar aquilo e jogar fora, junto com tudo seu, na esperança de que ele estivesse, sei lá, no prédio em frente observando toda a cena, mas então me ocorreu que não era o que eu queria.

Minha parte ridícula e possivelmente pirada que adorava a companhia dele e de falar o que me desse na telha com alguém queria guardar a Polaroid. As meias, o cachecol, o disco antigo. Os bilhetes. Todos os pequenos fragmentos que me fossem permitidos.

Enfiei tudo de volta naquela bolsa, recuperei meu celular e decidi que os manteria, mas longe da minha vista, para que eu pensasse nele o mínimo possível e visse coisas suas com ainda menos frequência.

Eu não estava mais em sua casa e estava na hora de começar encarar aquele fato.



1999-2011

capítulo 19

Soltei um grito e enfiei minha cara no travesseiro, meus dedos agarraram a bagunça que eram os lençóis de minha cama naquele momento e o tempo todo, quando fechei meus olhos em um êxtase explosivo, minha mente continuava dando voltas e mais voltas.

Merda, por que diabos eu não consigo parar de pensar em Adler enquanto outro cara me fode melhor do que ele poderia ter feito?

Eu estava fodida. Minha cabeça estava uma merda.

Eu não queria mais estar naquele lugar de repente, não queria ser eu. Só o queria de volta. Queria estar em casa em uma noite tranquila depois de um dia sem nada para fazer, esperá-lo chegar em casa, conversar sobre qualquer coisa para preencher meu tempo e o vazio na alma.

Eu me virei e prestei atenção a canção que estava tocando. *Shelter*, e na parte mais fodida possível.

Ainda quero me afogar

Sempre que você me deixa

Por favor, ensine-me gentilmente como respirar

Talvez eu tenha dito algo errado

Eu posso melhorar com as luzes acesas

E atravessarei oceanos como nunca antes

Para que você também possa sentir o que sinto

E enviarei mensagens para você

Para que consiga ver o que sinto

Tive vontade de rir, mas reprimi meus impulsos para que Darius não achasse que eu tinha surtado. O pior era que ele não era um desconhecido que eu tinha levado para casa e poderia dispensar sem mais nem menos. Éramos amigos e eu não queria menos, só precisava de espaço para respirar.

— Você está bem? — Ele perguntou quando me virei de costas para ele para acender um cigarro. Talvez não fosse uma ideia ruim, no fim das contas, me viciar naquilo. Relaxava parte da minha paranoia e levava embora os pensamentos que eu não queria ter.

— Sim, ótima. — Fitei seu rosto sem pressa, mas também sem muita emoção. Entusiasmo para engatar uma conversa idiota e sem sentido, tampouco. — Só estou cansada.

— Tudo bem. — Ele sorriu e respirou fundo antes de levantar-se. Fechei meus olhos e depois que ele saiu, caí em um sono profundo.

Despertei pouco tempo depois e tomei um banho antes de amanhecer. Fiz ovos mexidos para comer antes que o sol começasse a surgir lá fora. Era um bom dia para passar na praia, talvez na semana seguinte eu fosse procurar alguma coisa para fazer, mas por ora, decidi ir para a casa de praia. Ocorreu-me que talvez minha mãe estivesse trabalhando, mas ela não se incomodaria. E se estivesse ocupada, eu poderia ir sozinha.

Quando um sol tímido ergueu-se no céu, longe de ser adequado para a coisa de *dia na praia*, bati na porta do escritório de minha mãe, onde ela estava deitada no sofá lendo um bocado de papéis impressos presos com um clipe.

— Atrapalho?

— Não, nunca. — Ela abaixou os papéis para olhar para mim. — Como foi sua noite? — Encolhi os ombros sem querer entrar em detalhes, ainda parada nas portas duplas de correr, onde as sombras a impediam de ver minha péssima aparência de quem tinha dormido tão pouco e bebido tanto.

— Só pensei em passar por aqui e *talvez* se você não estivesse ocupada, poderíamos, tipo... Fazer alguma coisa.

— Não estou. Só estava lendo uma crítica de uma colega. — Hardlyn se levantou e abriu um pequeno sorriso. Fomos para a cozinha e tomei mais café do que já tomara mais cedo para impedir a mim mesma de cair com a cara enfiada na areia, então enfiei-me em um short por cima do maiô.

A praia ainda não estava *cheia*, sobretudo naquela parte em que tinham mais casas do que pontos turísticos, portanto era bom ter um pedaço de areia só para mim desde que minha mãe tinha aquela casa. A dela era a única por alguns metros naquele lado, havia outras do outro lado da rua, e a paisagem estava repleta de pedras. Uma enorme, a minha, esquerda, bem alta, onde as ondas colidiam com fúria quando a maré estava revolta. Outra a uns cinco metros na direção em que me deitei ficaria submersa quando a maré subisse, um pouco mais tarde.

Era plana e tinha uns três metros de diâmetro, ligeiramente retangular, parecendo corroída pelo tempo e pela força das ondas. Eu gostava de subir lá às vezes para me sentir mais alta quando a maré estava baixa, mas era uma merda porque acabava cortando o pé em minha escalada.

Por sorte, não estava muito frio e às dez da manhã, já dava para sentir o sol.

— Eu estava me perguntando se você não queria ir comigo à Swansea. — Minha mãe perguntou quando sentou-se ao meu lado e prendeu os cabelos em um rabo de cavalo. Deitei-me de costas enquanto roia as cutículas do meu polegar e tentava controlar o vento para que os fios de cabelo parassem de cair em meu rosto. — Vai ter essa... Palestra onde quero comparecer e uma exposição minha em seguida.

— Por que em Swansea? — Ela deu de ombros.

— Será uma reamostragem de quadros antigos adquiridos pela universidade e me convidaram. Eu não *tenho* que ir, mas acho que seria bom, e não tenho nada marcado. O que acha? — Agitei a cabeça, mais imersa em pensamentos e concentrada em roer minha mão a ponto de doer enquanto minha mãe esticava as pernas e acendia um cigarro.

— Quais são os quadros? — Hardlyn se virou e cerrou o olhar, pensativo.

— Eu não sei, tem tanto tempo. Mas tem, ahn... Aquele que eu pintei você sentada na varanda a partir de uma fotografia que tirei. — Eu sorri ao me lembrar do fato. — Você se lembra?

— Claro. Mas o quadro não tem nada a ver com a foto.

Eu tinha uns oito anos na época e era um quadro lindíssimo, de fato, mas minha mãe tinha um estilo de pintura e uma técnica modernista com influências impressionistas que não condiziam com retratos e com suas formas abstratas, não era como se fosse *eu* no quadro, mas era legal. E lindíssimo também.

— De quem é a palestra? — Apertei os olhos e tirei o cabelo do rosto.

— Um antigo conhecido, acho que nunca comentei dele, mas é um artista que eu admiro muito. Pena que ele tenha focado mais na carreira acadêmica. — Ela soltou o ar como um suspiro penoso por um talento desperdiçado e levou o cigarro aos lábios. — Eliot Loughty. Você pode já ter ouvido falar dele.

Virei o rosto para que ela não notasse o choque em minha expressão. Tudo bem, eu poderia estar vendo coisas e fazendo conexões que não existiam. Mas com aquele sobrenome peculiar, quantos pintores/professores podiam viver em Swansea?

— Eu vou com você. — Mamãe me lançou um sorriso e por alguns momentos, nós duas ficamos em silêncio a admirar o mar, observando as ondas quebrando ainda com calma. — Você vai me ajudar a escolher alguma coisa decente, não vai? — Virei-me quando minhas costas começaram a queimar. — Porque eu sou pior pessoa do mundo quando se trata de *vestir-se para alguma coisa importante*.

Ela sorriu e rolou os olhos.

— Claro. Vamos te arranjar alguma coisa decente.

capítulo 20

Achei um vestido lindo no início da semana seguinte. Preto, de alças, que ia até a altura dos joelhos com detalhes feitos a mão e um decote recatado. Coloquei um sobretudo por cima para ficar mais decente, ao menos enquanto assistia à palestra, que começava às quatro e ia até as cinco e meia, e então começava a exposição.

Na sexta, minha mãe e eu fomos de trem para Swansea. Eu adorava andar de trem, principalmente com ela, enquanto conversávamos sobre tudo. Desde livros que ela lia, que, na verdade, eram muito complicados para eu entender, ou alguma coisa sobre arte.

— Você deveria ir visitar seu pai antes de... Sei lá, voltar a estudar ou trabalhar, o que quer que você queira fazer. — Ela deu um gole em seu coquetel chique e pressionei a língua contra o céu da boca, meio que a espera de que ela fosse colocar um *mas* desinteressado no meio de sua frase, mas Hardlyn apenas ergueu os olhos e me encarou em busca de uma resposta.

— Por que eu faria isso? — Senti minha garganta ficar seca de repente e dei um gole longo em minha água meio quente.

— Porque é a Holanda! Você não precisa de mais motivo. Acho que ele está *excluído* ou sei lá, vocês quase não se veem mais...

— Desculpe, mas vou ter que te interromper bem aí. — Projetei meus ombros para frente com um sorriso desgostoso e até cínico. — Porque não é culpa minha que ele tenha decidido se mandar para outro país para tornar nossa comunicação tão escassa. E, para ser honesta, não sinto nenhuma falta de estar em qualquer lugar perto dele. De verdade. — Voltei a afundar no banco estofado e soltei o ar bem devagar. Minha mãe assentiu, descrente e observei a paisagem pela janela por um instante. — E eu vou me inscrever para alguma coisa no próximo semestre.

Ainda mais descrente, minha mãe escondeu seu sorriso tomando mais um gole de sua bebida.

— Tudo bem. Estou ansiosa por isso. — Rolei meus olhos com um sorriso e peguei meu exemplar de *O Sol É Para Todos* da bolsa para ler algumas páginas antes de chegarmos.



— Uau, que bonito! — Foi uma exclamação murmurada que eu poderia ter guardado para mim mesma, já que tinha feito com que nos atrasássemos, o que, para Hardlyn Ramsey, era o pior dos pecados capitais. Sentamo-nos em silêncio em uma sala absurdamente lotada enquanto um homem bonito ao fim de seus quarenta anos e bem vestido, com roupas que gritavam o nome de alguma grife cara que eu não poderia nomear.

Não dava para ver direito ou distinguir seus traços tão de longe, mas ele pareceu-me tão confiante que desde o segundo em que me sentei, não consegui tirar os olhos dele, mesmo que arte não fosse meu forte. Ele dissertava alguma coisa sobre *Arte em Tempos de Guerra*, como dizia o *flyer* que eu tinha em mãos, passando as imagens com um daqueles controles minúsculos em sua mão.

As imagens eram lindíssimas, estarrecedoras, e algumas, de tirar o fôlego. Chocantes a sua maneira, é claro. Eliot falou sobre períodos e descobertas de quadros que tinham sido escondidos e encontrados muito após o fim dos conflitos, e encerrou com alguns dados e lugares onde as obras estavam expostas ao público. A maioria, no entanto, permanecia escondida entre quatro paredes, pertencente a colecionadores particulares que eram egoístas o suficientes para privar o resto do mundo de apreciar aquelas obras-primas.

Quando acabou de falar, ele respondeu a algumas perguntas complicadas demais sobre técnicas, influências e algumas coisas mais antes de dar por encerrada sua palestra e permitir que a multidão começasse a se dispersar. Pegando *flyers* por todo o lado, comecei a ver mais o nome da minha mãe ser citado, alguns com as imagens que Eliot tinha exibido enquanto falava.

— Você gostou? — Hardlyn perguntou quando a primeira brisa de ar fresco soprou contra meu rosto e sorri.

— Adorei. — Continuei a ler o texto enquanto caminhávamos para fora do prédio da Universidade junto a pequena multidão que estivera na palestra, mal esperando pelo momento em que ela me apresentaria a Eliot e eu pudesse conhecê-lo melhor. — Onde você conheceu o professor Loughy?

— Em um verão em Birmingham. Ele e a ex-esposa davam festas em uma casa chique onde todo mundo ia, a maioria amigos dela, mas nunca ficamos próximos. Não sei por que. Poderíamos ter sido amigos. — Ela pareceu refletir por um momento, o que era mais do que o tempo usual que dispensava a maioria dos assuntos ou das pessoas.

E me dei conta de que ela o admirava de verdade. Cheguei realmente perto de perguntar a ela sobre sua irmã, mas logo afastei o olhar e dispensei o pensamento porque lhe perguntar aquilo seria como lhe dizer que eu acreditava mais em um desconhecido maluco do que em minha própria mãe, o que era inadmissível para mim.

— Ele não tem descendentes? São tão inteligentes e talentosos quanto ele? Porque eu quero saber se algum dia seus genes bons vão valer a pena. — Minha mãe riu e, com o vento

mais forte do lado de fora, puxou uma mecha de seu cabelo para colocá-la para trás da orelha enquanto eu enfiava todos aqueles papéis em minha bolsa de mão que, na verdade, não tinha sido feita para comportar mais que o celular e um batom, mas apertei até entrarem ali.

A verdade é que eu tinha dado uma olhada no que tinha sobre ele online no decorrer da semana, cheia de entusiasmo por antecipação. Não tinha encontrado muito, na verdade, como tinha esperado fofoca e seu nome em tabloides, só seu currículo, algumas informações sobre sua vida acadêmica no site da Universidade e artigos que eu me recusara a ler.

Aquilo era eu sendo sutil e tentando arrancar informações para saber o quanto minha mãe sabia sobre Adler. Ou Charles, como eu deveria chamá-lo. Será que Eliot era um maluco desequilibrado também ou os genes não eram transmitidos daquela forma?

— Ele tem só um filho, até onde eu sei. Ele é formado em física alguma coisa, mas dá aula de matemática. — Ela deu de ombros. — Publicou alguns artigos elogiados enquanto ainda estava na faculdade, mas depois desistiu de ser físico. — Voltando a olhar em meus olhos, Hardlyn parou e fez o mesmo, já na calçada. — E eu não sei de tudo isso porque somos amigos, mas porque eu o encontrei há uns dias e pesquisei sobre ele.

— Você era amiga da mãe dele? — Pude jurar que ela tinha rolado os olhos, mas foi rápido demais quando ela se virou e acenou para um táxi.

— Surpreendeu-me que ele tenha se saído tão bem com uma mãe desequilibrada. — Entramos no táxi e morde meu lábio com força por dentro, agora cheia de indagações.

— Como assim? O que se passava com ela?

— Ophelia era meio histérica, nunca me suportou. — Fiquei quieta por um momento, refletindo sobre tudo aquilo e lembrando-me da carta que eu encontrara na caixa na estante dele, junto às fotografias adolescentes.

Sua suposta amante citava alguma coisa sobre a mãe dele, mas eu já não me lembrava palavra por palavra o que poderia ter sido.

— Por que tantas perguntas sobre Loughy? — Minha mãe atraiu minha atenção mais uma vez e contraí meus ombros. — Está interessada nele?

— Meu Deus, não.

— Porque estou interessada nele desde sempre, e isso seria horrível da sua parte. — Eu ri e me virei para ela.

— *Não* — arrastei a palavra ao máximo que pude para deixar aquilo *bem* claro —, mas ele é bem bonito. Por que não deu uns amassos nele antes? — Hardlyn deu de ombros um pouco mais séria.

— Ele era casado quando nos conhecemos e depois que se separou, não nos vimos muito. Então, *falta de oportunidade*, eu diria.

O táxi parou diante da galeria e só então me lembrei de que o taxista estivera o tempo inteiro escutando nossa conversa constrangedora, mas saímos dali em direção a entrada antes eu pudesse esboçar uma reação apropriada. Com muitos cumprimentos, alguém pegou nossos casacos e bolsas na entrada. Vi-me em um salão amplo e com pouca luz, uma aparência moderna com predominância de tons cinzentos, sem nada que se destacasse.

Vi rostos de algumas das pessoas que eu tinha visto na palestra do professor Loughy, mas parei ao me deparar com um quadro imenso. Meu, usando aquele vestido rosa-claro com a delicada gola branca, com as pernas contra o peito sentada na varanda de casa, meus cabelos caindo por todo o lado. Chorando por alguma de minhas preocupações infantis e ridículas a qual eu não conseguia mais me lembrar.

E também não me lembrava mais da magnitude daquele quadro, de sua elevação temporal e complexa.

Eu queria me esconder no canto da varanda, perto do balanço para que não me encontrassem, e chorar de novo.

— Hardlyn? — Uma voz suave e aveludada, carregada pelo sotaque bem escondido, fez com que minha mãe se virasse para cumprimentar Eliot Loughy como se eles fossem, na verdade, bons amigos. Ela o abraçou com um sorriso e agora de perto, sob a iluminação enfraquecida para proporcionar uma atmosfera

sombria, eu podia ver as assustadoras semelhanças dele com Adler.

Seus olhos elegantemente azuis que se destacavam em seu rosto como o mar em um dia nublado, o nariz afilado e os cabelos loiro-escuros. Olhar para seu rosto, no entanto, era como encarar Adler bem diante de mim, e por um instante, o conjunto da obra me fez paralisar a encará-lo, e a prender meu fôlego.

— Está impressionante, como sempre. — Foi tudo o que escutei-o dizer antes que eles se voltassem para mim e eu precisasse me forçar a voltar à terra.

— Essa é Riley. Eliot. — Apertei a mão que ele estendeu com um sorriso cordial e quase profissional; acadêmico demais para comigo.

— Eu devo encontrar meu filho antes que ele faça todos se apaixonarem pelo seu carisma. — Eliot falou, um quarto de voz mais baixo, para minha mãe, mas fingiu que estava falando com nós duas. Seu sorriso com o canto dos lábios me fazia desconfiar se ele estava falando sério. — O que acha de bebermos alguma coisa depois?

— Claro, seria perfeito. — Hardlyn deu um de seus sorrisos encantadores e Eliot murmurou uma despedida apressada para mim antes de desaparecer detrás de uma das paredes móveis da sala ampla.

— Por que tem pouca gente? Achei que estávamos em cima da hora. — Achei que minha mãe fosse se ofender com seu ego de artista que não conseguiria lotar uma exposição, mas ela pegou meu braço e passou pelo dela, levando-nos através de quadros na direção contrária a que Eliot partira, até o bar.

— É uma exposição fechada, querida. Só algumas pessoas na universidade receberam convites. E acredito que todos tenham se distraído com a palestra. — Ela se sentou e pediu uma taça de vinho tinto.

Com meu coração batendo tão absurdamente rápido em meu peito que ficava até difícil formar frases concretas ou sequer pensar, mordi meu lábio com força e forcei-me a sentar e focar em coisas concretas. Como em manter uma conversa com minha mãe para que ela não notasse o quão no limite eu estava.

capítulo 21

Terminei o vinho branco servido na taça e o barman foi rápido em olhar para mim e preenchê-la mais uma vez enquanto eu apertava meus lábios e ia dar uma olhada no resto da exposição. Eu conhecia todos os quadros, mas não me lembrava da maioria, alguns tinham sido vendidos antes que eu pudesse ter alguma noção infantil do que sequer era arte.

Hardlyn, sendo ela mesma, me deixou sozinha cinco minutos depois de chegarmos com aquela frase de sempre “você não se importa, não é, querida?” quando eu queria lhe dizer “como posso dizer que me importo porque não conheço mais ninguém nesse lugar e, mesmo assim, sem querer impedi-la de desbravar o mundo da arte e conhecer pessoas e fazer contatos?”

Era uma frase meio complicada, na verdade.

Soltei o ar devagar e parei diante de um quadro, bem perto dele enquanto girava a taça, e percebi que estava tocando *1901* bem baixinho no segundo em que desejei estar longe dali e, ainda mais, longe daquela loucura para onde eu tinha dragado a mim mesma e agora que me via afundando em areia movediça, não sabia como sair dela.

— Não consegue mais pensar em como cair fora, Riley? —
Virei a cabeça para espiar por cima do meu ombro e encontrei

Adler perto de mim, seus olhos cravados em mim de forma deliberada. Só não podia decifrar o que via ali. Ainda.

— Qual a coisa com os bilhetes e as músicas? Você planejou isso por muito tempo? — Cerrei o olhar ao murmurar, para não parecer que eu queria lhe falar mais alto do que seria elegante para sair da minha cabeça. Dos meus pensamentos, da minha vida.

Como se meras palavras pudessem expulsá-los dali!

— Temos gostos parecidos. — Ele encolheu os ombros e cerrei meus olhos ao girar os ombros para colocar-me a sua frente. Embora pudesse ter interpretado como cinismo, ele falava tão sério que era impossível não acreditar em cada palavra sua. Inclusive, repensar nas mentiras que ele tinha me contado sobre minha mãe. Como eu podia ser tola às vezes.

— Vai ficar me seguindo agora? — Falei ainda mais baixo. Não tinha ninguém perto de nós o suficiente para ouvir, mas eu tinha medo até que a sala quase vazia em que nos encontrávamos pudesse transportar o eco de minha voz e de meu disparate.

— Não sabia que você estaria aqui. — Adler me lançou um olhar de bom moço e quando eu fiz uma cara desconfiada, e ridícula, eu acreditava, ele levou a mão ao peito. Quase ofendido por eu não acreditar. — De verdade. Não fazia ideia, Ray.

Soltei o ar e me virei rápido demais para passar por ele e prestar atenção no outro quadro a nossa frente. Este menor, de uma mulher em uma praia colorida em tons terrosos, indo do marrom-bronze a um tom de areia.

— Tão triste. — Murmurei, ciente de que ele estava bem atrás de mim. Prestando completa atenção.

— Lembro-me que você disse que, em uma tela, tudo fica mais simples. — Adler murmurou em um fio de voz enquanto eu virava um gole do vinho branco que estivera apenas dando um lugar onde colocar minhas mãos nos últimos minutos. No momento, fez-se necessário para que eu pudesse prosseguir com minha existência.

— Parece... — Inclinei o rosto sem saber exatamente o que *era* aquilo. Pareceu-me apenas deprimente sob aquela perspectiva, com o vento agitando os cabelos e o vestido de tons

desbotados da mulher enquanto ela segurava seu chapéu com uma das mãos. — Triste.

— Você não leu sobre a exposição da sua própria mãe, Riley? — Virei-me de repente para ver que ele estava sorrindo. Pareceu tão genuíno, tão puro, *tão raro*, que não consegui lhe dizer nada de rude do que se passou pela minha mente em um estalo. — *Mélancolie*. É o título da exposição. Está nos folhetos.

Soltei o ar com força e abaixei meu braço.

— Podemos falar em outro lugar... — Por força do hábito, a espera de que algo fora do comum fosse acontecer, ou alguém fosse surgir e nos pegar no flagra, olhei para a entrada da sala antes de voltar minha atenção para ele com a voz mal ultrapassando um sussurro frágil. — que não seja esse?

Adler, ou Charles, eu já não sabia mais como o via, parou e refletiu por um momento.

— Você vai sair com sua mãe e meu pai? Eu posso ir junto, se você quiser... — Agitei a cabeça e levei a mão a têmpora antes que ele terminasse aquela sentença.

— Digo, você e eu, não... Com várias pessoas a nossa volta. — Dei um passo para trás com a sensação de que impor uma distância me faria sentir mais segura, mas não era sua presença física que me fazia sentir como se meu coração fosse saltar boca. Com tantas perguntas surgindo em mente. — Acho que não ter dito nada a polícia sobre você me dá esse direito. *Você meio que me deve isso, Charlie*.

— Ai está você, querida. Andei te procurando. — Minha garganta se comprimiu ligeiramente e respirei fundo ao encarar minha mãe se aproximando com um sorriso, como o sol invadindo uma noite fria e de uma densidade sombria. — Charlie, querido, parece que você cresce a cada vez em que nos vemos.

Nada naquela merda de noite poderia ter me impactado mais do que vê-la abraçando-o e beijando seu rosto, como se fossem velhos amigos. Ou ele olhando para mim enquanto colocava os braços em torno dela em um abraço caloroso e tão amigável. Mas que porra era aquela?

Minha mãe tinha aparecido em uma péssima hora, mas por dentro, tive um calafrio que me dizia o quão elucidativo era

aquele gesto. Por isso, provavelmente, fiquei calada. Escondi muito bem meu choque, mesmo já sabendo que eles se conheciam, pareceu-me uma novidade surreal que se apresentava a minha frente.

— Espero que venha beber alguma conosco mais tarde. — Ela tocou o ombro dele e então o soltou com um sorriso. — Melhor ainda agora que você e Riley já se conheceram. Para não se perder em assuntos entediantes de gente velha.

Ele abriu um sorriso quase tímido.

— Eu nunca me entediaria, sabe o que penso do seu trabalho. — De forma quase que imperceptível, fizemos contato visual por um décimo de segundo. — Teríamos muitos assuntos, Hardlyn.

Minha mãe sorriu de volta e ele endireitou um pouco mais os ombros.

— Vou encontrar meu pai. — Ele deu um passo, então voltou-se para mim. — Acho que nos falamos mais tarde, Riley.

Enquanto fazia seu caminho em direção a saída, um grupo entrou na sala e voltei-me para minha mãe com o foco renovado.

— Sobre o que estavam falando? — Minha mãe também estava com outra taça de vinho tinto e deu um gole nele, distraída com a mesma imagem que eu tinha observado com Adler.

— Coisas de arte. — Alonguei as palavras de maneira meio esquisita e me aproximei dois passos para parar ao lado dela e relaxar um pouco. — Ele me falou alguma coisa sobre a exposição. *Mélancolie*. Parece que eu não li o suficiente a respeito.

Hardlyn voltou-se para mim com o cenho franzido e riu ao ver que eu estava falando sério.

— Eu te dei um encarte. Ou dois. Na Universidade. — Dei de ombros.

— Acabei me distraíndo lendo sobre a palestra do professor Loughy.

É, inacreditável.

Estava morrendo de frio quando vesti meu casaco. Minha mãe e Eliot estava rindo de alguma coisa a qual eu não tinha dado a mínima atenção por estar concentrada demais antes de ele se virar para Adler e perguntar se ele queria mesmo ir. De forma esquisita, e eu não deveria ter entendido o porquê de sua pergunta, nem me importado com a resposta, mas aguardei ansiosa por ela.

— Sim, está tudo bem. — Não sei por que, mas pareceu me *relaxar* ter a noção de que alguém se preocupava com ele. E com sua síndrome esquisita.

Argh, pare com isso agora, Riley!

Fechei os olhos com força e enfiei as mãos geladas em meus bolsos, indo em direção a calçada enquanto Hardlyn e Eliot enrolavam com sua conversa fiada.

— Eu vou falar com você. — Adler parou ao meu lado como se estivéssemos em meio a uma conversa casual entre amigos e ergui o olhar para ele. — Só não vou responder perguntas idiotas. Está bom assim?

— Ótimo. — Falei, distante. Decidida a permanecer imune a ele pelo resto da noite. Sobretudo com minha mãe por perto.

Fomos juntos a um pub barulhento e lotado perto da universidade, onde todos pareceram conhecer Eliot e ele conseguiu rapidamente uma boa mesa e bebida, deixando insatisfeitas as pessoas que tinham que esperar muito mais por atendimento.

Na verdade, sentados em lados opostos da mesa como se fosse a porra de um encontro de casais, Charlie e eu éramos os únicos que não tinham a palavra diversão estampadas em nossas testas. Por cima de todo o ruído e das conversas gritadas dentro do pequeno estabelecimento, minha mãe e Eliot pareciam bem interessados em manter um diálogo por entre risadas e bem perto um do outro.

Nós bebemos. Fingi que não estava nem um pouco interessada em Adler e enchi a cara com vinho branco, mas acompanhado de um verdadeiro café da manhã servido bem tarde da noite, era impossível ficar bêbada.

— Pai, Hardlyn... Vou voltar para o hotel. — Adler levantou-se e minha mãe finalmente se recordou de que não era apenas ela e Eliot na mesa.

— Tão cedo? — Ele jogou cinquenta euros na mesa e inclinou-se para despedir-se dela.

— Estou cansado. — Adler voltou-se para o pai. — Te vejo depois?

Hotel? O pensamento me fez suspeitar e passei a língua pelos lábios ao deslizar pelo banco estofado e puxar meu casaco comigo.

— Onde você está hospedado?

— No Montaigne. — A voz dele soou quase como uma interrogação ao me ver levantar-me e equilibrar-me em meus saltos para vestir meu casaco, consertar o cabelo que já tinha se transformado de um penteado de cinquenta anos atrás, com a cor alaranjada que eu tinha recuperado na quarta e alguns centímetros a menos, em um amontoado que só se resolveria na cama do hotel.

— Esplêndido. Se importa em dividir em táxi?

— De modo algum. — Ele me ofereceu o braço como um cavalheiro. — Swansea pode ser perigosa para uma donzela caminhando sozinha pela noite, Branca de Neve. — Murmurou perto do meu rosto para que ninguém além de mim fosse capaz de escutar e, ao aceitar seu braço, despedi-me de minha mãe rápido demais.

Melhor ainda deixá-la com Eliot depois de ter ocupado tanto seu tempo nos ultimamente. O que me deixava, eu diria, com o lobo mau. De braços dados até a calçada, pelo menos.

— Por que quis vir comigo? Não está com medo? — Avaliei sua pergunta por um momento ao pararmos e retorci os lábios, a analisar se ele estava sendo sarcástico ou tentando me intimidar. Acontece que não era nenhum dos dois, apenas uma pergunta demasiada suave empregada em um tom de sutileza e sinceridade.

— Não mais. E estamos hospedados no mesmo hotel. — Adler chamou um táxi antes que eu pudesse abrir a boca para fazer a pergunta que estava na ponta de minha língua e antes que eu

pudesse pensar em como formar aquela frase, estávamos em movimento pela cidade iluminada e barulhenta.

O contrário do meu lar quieto e silencioso.

— O que você tem feito nos últimos dias? — Ergui o olhar com um sorriso em meu rosto. Descrente, em parte.

— O quê? Você não está me seguindo? — Ele deu de ombros, nada surpreso com a suposição. — Nada relevante. E você?

— Nada relevante. — Que cínico. Virei-me com o lábio inferior entre os dentes e me remexi, desconfortável ao me ver tão perto dele.

— Por que não disse ao detetive Starr sobre mim, Riley? — Foi uma pergunta um pouco mais séria e que me pegou de surpresa. Encarei-o na penumbra obscurecida do interior do táxi e por um minuto, talvez mais, possivelmente menos, busquei todas as alternativas plausíveis, porém nenhuma me pareceu convincente o bastante.

E antes que eu pudesse elaborar uma mentira, notei que o hotel era perto demais do pub e que o táxi parava diante dele, assim, saímos os dois em silêncio e caminhamos lado a lado até o outro lado da rua. Através do saguão amplo e suntuoso demais, até os elevadores.

— Porque me importo. — Falei, finalmente, ao ver que o elevador estava vazio e que poderíamos conversar ali. — Não deveria, eu sei, mas ainda estou fascinada demais por você para deixá-lo ir.

— Você não acha isso doentio? — Dei de ombros e ele apertou o botão para fechar as portas, que iniciou a lenta subida em direção ao topo.

— Se nós dois sabemos o papel que jogamos aqui, não há motivo para se envergonhar da resolução de nossos atos, certo? — Parado a dois passos, ele ficou olhando para mim sem oferecer uma resposta que saciasse meu espírito e aqueles segundos em que a terra parecia ter sido arrancada sob meus pés fez meu coração saltar no peito.

Adler girou os ombros de modo a ficar de frente para mim, o olhar fixo em meu rosto de forma clara. Sem segundas intenções. E ainda assim, por um raio de motivo, fazia meus ombros ficarem

rígidos e doídos, meu corpo inteiro reagir de maneira precipitada à proximidade naquele novo ambiente ainda a ser explorado.

— Com que frequência pensou em mim?

— O tempo inteiro. — Sua resposta foi tão imediata e despretensiosa que causou impacto imediato pelo meu corpo. Adler desviou sua atenção para verificar o andar em que nos encontrávamos e repeti o movimento para ver o que ele tinha apertado no painel. Ele respirou fundo e deu um passo para o lado: — Qual o seu andar?

— O que acha de noite de pijama no seu quarto? — Mais dois andares e, *voilà*, décimo sexto andar. Adler me lançou um olhar incisivo de “me diz logo a porra do andar” e as portas se abriram.

— Não vou me aproveitar de você, nem da sua inocência, só temos muito o que conversar.

— Mas sem brincadeiras. E você volta para o seu quarto mais tarde.

capítulo 22

Depois de tirar meu vestido e vestir uma camisa dele, enfiei-me na cama para aquecer meus pés gelados ao lado dele, mas sem nenhum interesse oculto daquela vez. Caramba, como eu tinha sentido falta de passar um tempo com ele sem o mundo inteiro a nossa volta, e a liberdade de poder lhe dizer coisa.

— Sobre o que quer conversar? — Adler perguntou e encolhi os ombros ao me ajeitar no travesseiro e encará-lo. Por sorte, a cama era grande o bastante para que pudéssemos nos amontoar ali e nem sequer precisar nos tocar.

— Eu não sei. — Puxei uma mecha do meu cabelo e joguei-a por cima do meu ombro para me virar de lado. — Achei que fosse possível que nada tivesse mudado.

— Tudo mudou.

— Fale sobre a sua mãe. — Foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça e falei sem nem ao menos pensar.

— Não nos damos muito bem, mas fingimos gostar um do outro para todo mundo. — Sua resposta foi objetiva e sem hesitação. Franzi o cenho e senti um pequeno nó em minha garganta, enfiei a mão entre a bochecha e o travesseiro para ficar mais confortável.

— Por que não? — Ele respirou fundo.

— Eu não sei, Riley. — Adler soltou o ar com força. — Nem todo mundo tem uma mãe perfeita como a sua. — Pensando no assunto por meio segundo, eu não poderia ter pedido por uma mãe melhor. Nos dávamos tão bem, e não era como se eu me sentisse obrigada a amá-la tanto porque ela era minha mãe e porque era óbvio, mas porque sempre tinha sido natural. Porque ela sempre tinha sido a melhor pessoa que eu conhecia.

Respirei fundo e soltei o ar devagar.

— Fale sobre outra coisa então. — Encarando o teto por um longo minuto, ele finalmente virou a cabeça e olhou para mim como se realmente visse que eu estava bem ali. — Qual a sua música favorita? Coisas que você faz.

— Minha música favorita... — Ele se virou para alcançar o celular no criado mudo e pegou seus fones, me entregou um e ficou com o outro, o que meio que me fez chegar para perto até que nossos ombros se tocassem e estivéssemos deitados lado a lado, sentindo a pele um do outro, nossas respirações lentas e rápidas. — Isso é o que gente normal faz? — Ele perguntou enquanto zapeava por uma extensa lista de músicas em busca de *sua* música.

— Às vezes. — Sussurrei.

Fiquei feliz por ter arrancado um sorriso dele quando não devia. Eu sabia que não devia, mas já não tinha o menor controle sob aquela faísca que era acesa em meu peito quando ele estava por perto. Só conversar parecia uma simplicidade casual e necessária a qualquer ser humano, uma comunicação banal, mas começou a significar mais quando os acordes de *Walking Blind* soaram baixinho.

— Eu gosto dessa música atualmente. — Ele me deu um segundo para escutar o som suave, carros passando ao fundo, uma voz soturna e melancólica começou a cantar e fechei meus olhos.

*Não me conte a verdade,
diga que isso nunca aconteceu
Houve um erro, um mal entendido*

*Sujou suas mãos, rasgando meu coração em pedaços
Se este é o fim, sussurramos ao vento
E o libertamos
Não temos que saber
Não temos tudo indo bem
Nós podemos apenas continuar andando cegos*

*Não me dê sua palavra,
dê-me algo para segurar
Eu não quero lutar
Não quero nenhuma grande decisão
Se há um mundo de dúvidas,
então estamos no mais distante dos alcances
E eu não tenho medo de rasgar seu coração em
pedaços*

Infliei o peito e ele tremulou ao estar completamente vazio ao fim da canção, que começou de novo quando abri meus olhos e me virei de lado de novo.

— Que música triste. — Adler anuiu, em silêncio a fitar meus olhos. — Mas linda.

— O que você quer me contar? — Sussurrou perto de mim e contraí meus lábios. Não soube o que lhe dizer.

— Sabe de uma coisa? — Comecei no mesmo tom murmurado e arrastado. — *Eu estou andando cega* quando estou perto de você, ou quando penso em cada coisa que aconteceu e que não faz o menor sentido na minha cabeça.

— Não posso te dizer as coisas que você precisa saber. — Por um instante, eu estava certa de que ele estava prestes a emendar alguma coisa. Ao tencionar o maxilar e contrair os lábios em uma linha firme, mas então se calou. — Se está se referindo a sua mãe e as coisas que eu te disse, já deveria ter perguntado a ela.

— *Como?* Como poderia ter perguntado a ela essas coisas quando nem ao menos sei se posso acreditar no que você disse?

— Deixei o ar sair antes de começar a erguer minha voz. — Eu não posso, também. Não posso começar a questionar a confiança que tenho por ela ao começar a acreditar... *Em você.*

— O que estamos fazendo aqui então? — Sua condescendência foi a única coisa que me impediu de uma resposta imediata e impensada. Respirei fundo e desvencilhei-me dele para conseguir respirar em uma atmosfera em que Adler não fosse o centro. Em que não estivesse em cada canto, cada móvel. Cada detalhe.

Mas aquele universo já não existia, tudo tinha sido contaminado por ele. Possuído, tomado.

— Eu não sei o que você fez comigo, mas... Eu queria mais. — Senti meu lábio inferior tremular ao direcionar meu olhar ao dele mais uma vez. Tentei soar firme em minhas palavras, em minha postura, mas àquela altura, já não sabia o que era firme e o que funcionava apenas na minha cabeça. — Por quê? *Por que eu?*

— Eu já disse: por causa da sua tia.

— Eu não tenho uma tia. Eu saberia disso! — Crispei meus lábios, na borda de um ataque de pânico. Ou de nervos. Talvez um colapso, uma fusão dos dois.

Fechei meus olhos com força e respirei com força, tudo começou a doer e ergui as mãos para massagear a têmpora que pulsava a uma velocidade alarmante e violenta. Senti-me presa de uma hora para outra. Como se os cobertores embolados em minhas pernas fossem cordas me estagnando ali, os lençóis, um rio que me puxava para baixo.

Eu queria chorar e não sabia por que, quando, no fundo, só queria sair dali. Estar em lugar nenhum, sozinha.

Adler me puxou de repente e forcei-me a abrir os olhos, mas ao piscar, senti apenas um sem fim de lágrimas em meus olhos e um nó terrível em minha garganta impedindo-me de falar. O que quer que eu ainda tivesse a lhe dizer, já não sabia.

Meus braços ficaram entre meu peito e o dele e soltei o ar com força. Cobri meu rosto e voltei a respirar direito.

— Riley? — Escutei-o murmurar e quando não respondi nada, Adler levou a outra mão até meus cabelos. Notei que a esquerda estava apoiada em minha cintura e a direita percorreu meus fios

em silêncio. — Eu lamento por torná-la um efeito colateral. Não precisa nem acreditar, e tudo bem, mas mais cedo ou mais tarde, você vai entender.

capítulo 23

Acordei com a sensação de que nada do que tinha se passado na noite anterior tinha acontecido realmente. Porque, meu Deus, era tão malditamente surreal. Como eu poderia acreditar em minha mente para me dizer a verdade?

Eu me levantei, peguei meu vestido e enfiei-o sem dar tempo a mim mesma de pensar em acordar Adler. Por que tínhamos dormido juntos mesmo? Apertei meus olhos sonolentos e antes de sair, rabisquei meu número de telefone em um dos blocos com a logo do hotel, deixando perto de seu celular para que não houvesse a chance de não ser encontrado .

E fui embora com uma tremenda dor de cabeça, segurando meus saltos até o elevador. E com pensamentos desordenados atravessando minha mente. O celular vibrou um bocado de vezes antes que eu o alcançasse e apertasse os olhos para conseguir enxergar o nome da minha mãe na tela.

Merda!

— Onde você está?

Olhei para cima, apoiada nas paredes com medo de que fosse cair se desse um passo em qualquer direção. Precisava tanto de cafeína naquele momento que mal conseguia pensar.

— Subindo dois andares. — Ela soltou o ar com um pouco de drama.

— Está bem. Precisamos conversar? — Fiz um som irritante enquanto pensava. As portas se abriram.

— Acho que não. Talvez. Café da manhã?

— Eu estou no quarto, só liguei porque sua cama não estava desfeita. Vou tomar um banho...

— Também estou indo. Preciso de um banho. — Ela abriu a porta antes que eu conseguisse procurar pelo cartão magnético e quase tropecei para dentro do quarto para lavar meu rosto enquanto minha mãe tomava banho. — Meu Deus, eu estou tão terrível! — Gemi e me sentei na cama.

Minha mãe saiu do banheiro e rolou os olhos com um sorriso. Parecia tão bem que eu nem poderia ter dito que ela passara a noite inteira acordada. Cobri meu rosto e cai para trás. Que nojento pensar nela com o pai de Charles.

— Onde você passou a noite? — Afastei as mãos do rosto e soltei o ar com força. Saí do quarto com a desculpa de que precisava de um banho e em dez minutos, joguei um vestido leve para tomar café.

— Eu *meio* que comecei a conversar com Charles depois que saímos do pub. — O que não era inteiramente uma mentira, mas soava tão estranho chamá-lo de Charles em voz alta. A garçonete surgiu com nosso pedido quilométrico que forrou cada centímetro da mesa com comida e comecei a atacar a xícara do café encorpado e com ligeira sabor amargo. — Então continuamos a conversar no táxi...

— Não preciso de detalhes, Riley. — A julgar pelo sorrisinho em seus lábios, ela meio que *queria* os detalhes. Abaixei a caneca, já sentindo meu bom humor voltar.

— Temos o gosto musical semelhante.

— É só por isso que você está com essa cara? Por que passou a noite inteira fodendo com o Henry Cavill? Porque eu não julgo, querida. — Cobri a boca com a mão para reprimir uma risada escandalosa demais para um lugar como aquele, apinhado de pessoas e caro demais. Péssima combinação.

— Nós descobrimos que temos muito em comum. — Foi Adler quem respondeu e minha mãe se virou. Com um sorriso no rosto

que a maioria já teria perdido por ter sido pega no flagra. — Então passamos a noite inteira *conversando*, não fodendo.

— Também faz sentido. — Pareceu-me, observando o quadro a certa distância, que minha mãe era a pessoa que mais conseguia arrancar de Adler sorrisos. E os mais genuínos deles.

— Eu estava indo embora e queria dizer tchau. Pode ser que não nos vejamos por mais alguns anos. — Minha mãe girou os ombros e agitou a cabeça.

— De jeito nenhum. Sente-se conosco, por favor.

— Eu não quero constranger Riley ainda mais. — Ele falou, cínico, e lançou-me um olhar significativo com um sorriso ainda dominando seu rosto.

— Não fui eu a ficar constrangida ontem. Ou em qualquer outro momento. Eu também insisto, tome café conosco.

Cheio de cerimônia, ele se sentou.

— Posso te fazer uma pergunta? — Parecia uma frase que eu teria dito, mas foi minha mãe a fazê-la e ele anuiu prontamente. — Por que está hospedado em um hotel quando seu pai mora a dez minutos daqui?

Na verdade, quisera perguntar o mesmo a ele na noite anterior, porém perdera minha oportunidade ao entrar no táxi.

— Não me sinto a vontade na casa dele. — Ele disse e dois segundos depois, emendou: — Mulheres entrando e saindo de lá o tempo inteiro. Foi meio... *Estranho* na última vez. Mas nossa relação nunca esteve melhor.

— Meu Deus! — Minha mãe murmurou e abaixou sua xícara. Achei que ela fosse dizer algo chocante e revelador ao fitar Adler e meu coração acelerou diante do sopro de expectativa. — Eu acreditei que era a única.

O café da manhã transcorreu surpreendentemente bem e sem acontecimentos chocantes ou falar dramáticas. Hardlyn perguntando mil coisas a Adler coisas sobre sua vida e sei lá o que de física teórica que não entendi direito. Fui apenas uma mera expectadora, tomando notas do que ele respondia e tendo a chance de observá-lo de perto pelos trinta e dois minutos em que ele ficou sentado conosco.

Minha mãe e eu voltamos para Surrey no início da tarde. Guardei todas as perguntas que eu tinha em minha mente para mim e ao de chegarmos em casa, minha mãe disse que ia fazer chá. Como estava tão quente, fui dar um mergulho na praia.

A maré estava um pouco mais agitada do que de costume, mais do que o clima calmo que eu gostava para aproveitar um tempo na água. Andei pela parte rasa até o ponto em que meu pé afundou e a água alcançou meu pescoço quando, um passo para trás, estava pouco acima dos quadris.

Arregalei os olhos e dei um passo para trás, pega de surpresa, antes de mergulhar em direção a minha pedra favorita. Era fundo demais depois dela para continuar nadando, sobretudo com a praia vazia. Debaixo d'água, notei que estava repleto de algas ali, as quais eu não conseguia me lembrar quando nadara antes, e ao sentir que cortara o caminho até a pedra, avistei-a mais distante e ergui o queixo para flutuar de volta a superfície; meu peito gritando por oxigênio.

Arfei e tossei ao conseguir respirar. Virei-me, passando a mão pelo rosto e pelos cabelos para me livrar do excesso de água, com a sensação bizarra de que estava sendo vigiada antes de conseguir fôlego suficiente para nadar em direção à terra firme.

Merda!, praguejei mentalmente e mergulhei de novo.

Eu estava pirada, só me faltava ficar imaginando pessoas atrás de mim quando eu estava sozinha com apenas água a minha volta e em qualquer direção para a qual eu pudesse olhar.

Com esse pensamento, eu me virei e nadei em direção à pedra, convencida a deixar para lá porque não era nada e estava tudo bem. Quando eu estava prestes a alcançá-la, no entanto, meu tornozelo ficou preso em alguma coisa. Meu primeiro instinto foi agitá-lo para me livrar da alga pegajosa e tentar nadar para longe antes que eu ficasse sem ar de novo. Mas a coisa pareceu envolver-se em torno do meu tornozelo a um ponto em que, por mais que eu movesse meus braços e todo o meu corpo, não conseguia alcançar a superfície.

A água estava turva, meus movimentos tinham feito muita areia subir e não consegui ver o que agarrara meu tornozelo, só que já estava muito perto de não conseguir mais respirar. Comecei a me

desesperar com água entrando pela minha boca, meu peito explodindo em chamas, o que levou minha cabeça doer, minha visão tornou-se obscurecida. Não conseguia enxergar um palmo a minha frente.

Dobrei meu corpo para tentar libertar meu tornozelo. Senti algo mais sólido que algas gelatinosas me segurando ao invés disso. Girei meu pé direito que estava livre e acertei alguma coisa, mas não tive tempo, tampouco fôlego, para ficar e ver o que tinha sido, apenas movi meus braços para cima. Pareceu mais distante no momento, o oxigênio estava mais escasso e minha têmpora latejava a um ponto insuportável no instante em que alguém, e daquela vez eu estava muito certa, segurou meu tornozelo e me puxou de uma vez só para baixo.

Debati meus braços e mergulhei de uma vez, a cabeça voltada para baixo. Acertei o que definitivamente era uma pessoa antes de nadar o mais rápido que eu conseguia em direção a pedra. Ralei minhas mãos e meus antebraços, senti sangue nos cortes, em meus pés e em minha panturrilha, em meio a minha escalada para sair o mais rápido possível da água e encontrar um lugar firme onde eu pudesse respirar.

Apenas respirar.

Meu corpo caiu de uma vez contra a pedra e com o olhar obsecado e paranoico em qualquer movimento na água provocado pelas ondas, fiquei mais de vinte minutos queimando ao sol até ter certeza de que eu estava bem, minha cabeça não mais latejava e que eu podia nadar de volta a terra firme.

Voltei olhando para todos os lados, com braçadas rápidas e minha cabeça acima da superfície até a parte rasa, onde pude finalmente soltar o ar oprimido em meu peito ao sentir meus dedos afundarem na areia fofa em uma caminhada lenta até em casa.

*“Para tornar a realidade suportável,
todos temos de cultivar em nós certas loucuras.”*

Marcel Proust

PARTE QUATRO

**ESSAS MÃOS TIVERAM DE
LIBERTÁ-LO, MAS ESSE
AMOR VOLTOU PARA MIM**

capítulo 24

Hardlyn me deixou um bilhete ao lado de um prato de biscoitos recém-assados, dizendo que precisara sair para resolver qualquer coisa do trabalho. Joguei-o fora, ainda sentindo-me inclinada a revistar os cômodos e trancar tudo, mas como a casa era enorme, e eu não ia sair por aí visitando todos os cômodos com os trabalhos dela, contentei-me em trancar a porta de correr da cozinha e checar a porta da frente antes de ir tomar um banho.

Vesti um suéter ao sair do banheiro secando os cabelos, sentindo uma queda brusca de temperatura de repente. Peguei o celular na bolsa para checar as notificações e além de algumas pessoas que, mais por curiosidade que por preocupação, fingiam querer saber *como eu estava* e como estava indo *depois de tudo*, tinha uma mensagem de um número que eu não conhecia.

Só para você saber que salvei seu número.

- C

Fiquei parada no centro do cômodo, boquiaberta, mas, de alguma forma, não surpresa. O que o fez, no entanto, foi o fato

de eu digitar uma resposta, e enviar sem reler várias vezes, a mensagem de texto que ele mandara só há alguns minutos.

Quer sair para tomar um café?

Sentei-me na borda da cama e deixei o celular de lado. Sentia-me esgotada, pensando e repensando tudo o que tinha acontecido há pouco. Será que eu não estava surtando e tinha só imaginado tudo aquilo? Não. Agitei a cabeça e me forcei a acreditar em mim, em minhas memórias e no que eu sabia.

Onde?, a resposta chegou bem rápido e segurei meu lábio enquanto o movia de um lado a outro com o polegar. Percebi, só então, que meus dedos ainda estavam trêmulos e disfarcei a conclusão digitando-lhe uma resposta.

No Hi-Hat.

Ao menos era um lugar que eu conhecia. Ansiosa para ver onde aquilo daria, fiquei esperando que ele visse a mensagem fitando seu número no canto superior da tela, tentando associar com sua imagem quando nem salvara o contato ainda.

Nos vemos em uma hora?

Respondi com um *o.k.* e joguei-me para trás com as pernas penduradas. Tudo bem, acho que ele morava longe, apesar de não saber onde, mas devia ser afastado para ser tão calmo, sem que nenhum som ou traços de civilização pudesse penetrar seu habitat precioso.

Eu estava nervosa e tensa, no entanto, formulando teorias da conspiração em meu tempo ocioso. Desci as escadas com o celular apertado contra a palma com força e fui checar as portas de novo, as janelas. Tudo. Quando vi que eu só estava andando de um lado para o outro e que só vinte e oito minutos tinham se passado, sentei-me à mesa roendo as unhas e comecei a comer

os biscoitos que minha mãe tinha feito. Talvez eu devesse ir para casa, ficar um pouco sozinha em um lugar diferente, e bem longe da praia. Ajudaria a acalmar a crise de ansiedade que me consumia e me dava vontade de me esconder em minha cama.

Quando já tinha comido uns cinco biscoitos e não queria colocar mais nada boca, percebi que deveria sair de casa. Peguei o carro da minha mãe, o que ela quase nunca usava porque *não era descolado o suficiente* para ela, deixei outro bilhete para não preocupá-la sem necessidade, caso ela voltasse mais cedo, e disse que tinha saído com Charlie. Era mais esquisito ainda, mas deixei o pedaço de papel ali e saí.

Fiquei uma pilha de nervos o tempo inteiro, tamborilando meus dedos no volante. Com uma sensação de que não conseguia respirar quando o sinal ficava vermelho e eu me distraía por um momento.

Pare com isso, Riley, coloque a cabeça no lugar.

Inspirei bem fundo e a sensação me fez bem ao ficar parada por um minutinho na porta do café. Que merda, o que eu estava fazendo? Eu não podia sair com Adler. Não como se fossemos amigos, como se eu pudesse apenas chamá-lo para sair de forma casual e ter uma conversa ordinária. Cobri meu rosto com as mãos e pensei em ir para casa, mas escutei alguém bater no vidro e dei um pulo para o lado, batendo meu corpo contra o câmbio.

O vidro ao menos era escuro o suficiente para que ele não pudesse ver meu constrangimento e o estado em que eu estava. Soltei o ar e abaixei-o para encarar seus olhos, o azul profundo e ofuscante do qual eu me lembrava, com a paisagem pré-crepuscular como pano de fundo da normalidade eficiente que ele imprimia por fora.

— Está tudo bem? — Encolhi os ombros sem saber o que lhe dizer e coloquei o celular no bolso, peguei as chaves e sai.

— Eu sei que não deveria estar aqui, mas me aconteceu uma coisa meio esquisita mais cedo e senti que queria ter alguém por perto. — Abaixei meus olhos por um instante, a uns três passos dele ao fechar a porta. — Acho que esse alguém era você.

— Acho que você está errada, mas não vou argumentar contra isso agora. O que aconteceu? — Soltei o ar e olhei bem para ele. Em silêncio. Tinha pessoas ali. Dentro do Hi-Hat, no parque, andando pela rua, mas demorei demais a perceber que não era a multidão que me proporcionava um estado de calma mais tranquila quando era tudo o que eu buscava no momento. — Riley? — Ele falou meu nome e me arrastou de volta a realidade. Pisquei e limpei a garganta.

— Eu acho... Que alguém tentou me matar na praia. *Não*, eu tenho certeza. — Voltei atrás bem rápido. Isso, eu tinha certeza. Por um instante, Adler pareceu muito mais surpreso do que eu. Talvez pelo fato de eu ter dito que *achava*. Quem diabos *achava* que tinha alguém tentando matá-lo?

Tinha acontecido ou não, simples.

— Como? E quem?

— Eu não sei. — A cada respiração, meu peito pareceu doer cada vez mais, como se se lembrasse da sensação de tentar respirar debaixo d'água e engolir água salgada a cada tentativa. — Podemos entrar?

Entramos de forma meio desordenada. Parecia estranho estarmos juntos em algum lugar aberto, com mais pessoas a nossa volta. Pegamos uma mesa distante da parte da frente, onde estavam todas lotadas, e sentei-me na parte estofada de frente para ele. Pedi um *cappuccino* sem saber se queria bebê-lo e, desinteressado, Adler disse que queria o mesmo.

— Não sei se sou a pessoa mais indicada a te dizer isso, mas... Você deveria contatar a polícia se está com medo. — Mexi em uma mecha do meu cabelo sem olhar diretamente para ele.

Ele estava certo. Mas, ao menos por ora, eu não queria ter que pensar naquilo, o que era o motivo de eu estar ali. *Com ele*.

— Eu sei. — Anuí devagar e ele estendeu o braço por cima da mesa com cautela para pegar minha mão. Olhei para ele sem me lembrar como respirar corretamente, temendo as coisas que passavam pela minha cabeça e minha incapacidade e manter a calma diante da situação.

Adler esfregou afetuosamente o polegar pela parte de cima da minha mão e ficou olhando para mim, como se me transmitisse sua paz e tranquilidade daquela forma.

— Respire fundo, o mundo não está em colapso, está bem? — Fiz que sim e quando tudo pareceu bem, e quando me dei conta de que ele estava certo, senti-me ridícula por me sentir daquela forma e agradecida quando garçom nos interrompeu. Adler soltou minha mão e enfiei-a sob a mesa com o rosto em chamas.

Mexi na minha bebida e ele deu uma olhada na dele enquanto eu esperava que esfriasse a um ponto em que eu pudesse beber sem queimar minha língua.

— Desculpe-me por tudo isso.

— Não se desculpe. — Ele relaxou os ombros e jogou-os para trás, como que para se concentrar melhor em seus próprios pensamentos, mas eu nunca sabia o que se passava pela sua cabeça. Daquela vez, foi ele a tomar uma inspiração longa: — Quer me contar o que aconteceu?

— Eu fui nadar e *alguém* – enfatizei para *me* fazer crer, também – agarrou meu tornozelo. Foi agonizante não conseguir respirar por tanto tempo.

— E o que houve com suas mãos? — Encarei minhas palmas, os pequenos ralados espalhados até meus pulsos, cobertos pela manga da blusa de lã bem maior que eu.

— Arranhei em uma pedra enquanto saía da água. — Virei-as para baixo e como não sabia o que lhe dizer, dei um gole no *cappuccino* ainda quente demais e me arrependi.

Ele ficou me observando em silêncio enquanto eu fazia todos aqueles gestos curtos e desinteressantes, até abaixar a xícara mais uma vez com a ponta dos dedos quente.

— Você não achou estranha a forma com que Hardlyn agiu?

Ergui o olhar com o cenho franzido, meus ombros ligeiramente curvados. Encarei seu rosto em busca de indícios do que ele queria dizer e Adler crispou os lábios ao chegar um pouco mais para perto, o tom de sua voz sempre controlado demais, mesmo que, no momento, tenha parecido um apontamento de fatos misturado a uma acusação.

— Ela me disse sobre como te conheceu. Em Birmingham. Na casa dos seus pais. Por que acharia estranho? — Ele deu de ombros.

Estava começando a achar demasiadamente irritante quando eu fazia uma pergunta e ele dava de ombros, distante, ao invés de me oferecer uma resposta direta. E verdadeira, no mínimo.

— Não sei, só tive essa impressão. Ela me achava presunçoso em Birmingham, depois disse que meus artigos acadêmicos eram *pretensiosos* e *pedantes*. Não vejo por que ela mudaria de opinião do dia para a noite e começaria agir daquela forma. — Na sua mente, e em suas palavras, tudo parecia fazer sentido. Como um quebra-cabeças de mil peças bagunçadas. Para mim, parecia uma conclusão meio forçada a respeito de um assunto no qual ele tinha pensado demais.

— Ela chamou seu trabalho acadêmico de pedante? — Quis rir, mas me segurei e esbocei apenas um sorriso com o canto dos lábios. Ao contrário do que achei, ao ferir seu ego, Adler não pareceu se importar.

— Pelas minhas costas, sim. — Tive que rir daquela vez.

Afinal, o que ela sabia de física teórica ou sei lá o que para entender qualquer coisa do que ele escrevera?

— Olha... Eu acho que você está exagerando. Acho que ela gosta de você, minha mãe é simpática com todo mundo. Talvez você só fosse um adolescente chato. — Ele sorriu - aquele sorriso dizendo-me o quão bobinha eu era por acreditar no que dizia - e concordou com um aceno, finalmente dando atenção a seu *cappuccino*.

— Você conversa regularmente com sua avó? — Estranhei a pergunta, mas assenti.

— Às vezes. Eu devia ir visitá-la com mais frequência. — Ao parar para refletir sobre o assunto, dei-me conta de que eu era uma neta terrível. Que Adler se lembrou mais dela do que eu em anos.

Ela vivia em um lar em Londres, minha mãe ia visitá-la uma vez na semana, às vezes menos quando ela estava trabalhando em algo novo, mas quanto a mim, tinha quase um ano que não a via. E antes disso, só a via uma vez a cada quatro meses.

Eu era horrível, percebi tarde demais.

— Acho que tínhamos muito sobre o que conversar. Nós três.

— Ele fez uma pausa e ri quando limpou a espuma de seu lábio.

— Você quer vir comigo?

— Ir a Londres com você? — Ele assentiu e remexi-me, desconfortável. Eu não devia. Certo? — Não sei, não.

— Ela me adora — ele se gabou apenas um pouco com um sorriso. —, acho que, se eu estiver por perto, ela nem vai se lembrar que você é uma neta tão ruim.

— Eu não acho que ela seja capaz de se lembrar de muita coisa no estado em que está. — Rebatu, irritada com suas palavras cruéis e ele parou.

— Está bem, não está mais aqui quem falou. Mas caso mude de ideia... Tomaremos o chá da tarde na segunda.

Retorci o nariz e encolhi meus ombros.

Há! Até parece que eu vou a algum lugar com você.

capítulo 25

Sintonizei o rádio do carro de Charlie em uma estação de pop contemporâneo para dar um pouco de vida ao interior desbotado e silencioso do carro depois de uma hora e meia tentando assuntos neutros com ele, e ainda a vinte minutos do lar onde Liana, minha avó materna, vivia há uns seis anos.

Na última vez em que tocáramos no assunto, ela dizia que gostava de lá. Fora uma coisa meio voluntária, ela fez amigos muito rápido; minha mãe insistiu para que ela fosse morar conosco, mas ela gostava do clima úmido de Londres e de não precisar estar por perto da turbulência de nossas vidas porque sempre se sentia responsável em ajudar a resolver problemas e solucionar conflitos.

Agora que eu voltava a pensar em um assunto que fora abandonado, no entanto, parecia fazer muito tempo desde que nos faláramos pela última vez. A última vez em que ela realmente fizera parte da minha vida. Desliguei o rádio quando *Delicate* parou de tocar e senti-me chateada comigo mesma de repente por ser tão distante.

— Está tudo bem?

— Sim. Não. Não está. — Adler olhou para mim e esperou que eu elaborasse o problema ou que me calasse. Não pareceu importar realmente para ele qual das alternativas eu escolheria.

— Eu me sinto péssima agora. Não a conheço mais. Quando eu me tornei tão negligente com as pessoas?! — Soltei o ar com força e olhei para frente, para a estrada vazia ainda a percorrer.

Parecia assustadoramente perto e a cada metro, eu me desesperava mais e mais, sem saber nem sequer como começar a falar com minha própria avó.

— Não posso te responder isso. Mas você pode tentar de novo. — Ele virou o volante com uma confiança que eu não possuía para jogar o carro para fora da estrada principal e subir um declive suave de cascalhos e então parar diante do lar.

Parecia adorável observado dali. Uma propriedade imensa de um andar com janelas grandes e quase sempre abertas, cômodos arejados e algumas pessoas sempre passeando pelo gramado ou fazendo alguma atividade ao ar livre, como pintura.

Passamos pela recepção para assinar nossos nomes em um livro e seguimos pelo corredor até a sala de recreação, onde muitas pessoas conversavam. Não parecia triste e solitário como imaginara na minha cabeça e como minhas memórias me diziam.

Adler se afastou de mim e caminhou até uma mesa perto de uma das janelas. Levei um segundo para ver minha avó e segui-lo. Liana estava sentada, plácida, lendo com um copo de chá intocado a sua frente, com um suéter vermelho por cima de roupas sem muita cor, destacando-se, com seu corte de cabelos reto.

Ela se parecia muito com minha mãe, não muito comigo, e não apenas na aparência, mas em sua personalidade vivaz e extrovertida.

— Querido. — Ela largou o livro quando viu Adler e esqueceu-se até de marcar a página ao largá-lo no canto da mesa para envolvê-lo com seus braços em um abraço apertado. — Achei que não fosse vir hoje.

— Foi ela quem acabou nos atrasando. — Eles se afastaram e tentei um sorriso, mas o resultado foi péssimo e demos um abraço desajeitado enquanto ela sorria. Não pareceu tão feliz quanto o que direcionou a Adler, mas eu merecia.

Nós nos sentamos lado a lado. Adler puxou a cadeira para mim para que eu ficasse ao lado dela mesmo que não tivéssemos

nada sobre o que conversar. E, pensando bem, o que ele tinha para falar com ela? Suas respostas a minhas perguntas sobre o motivo das visitas frequentes tinham sido evasivas demais, então desisti no caminho até ali.

— O que você tem feito? — Ela falou comigo.

Ah, então seu bom garoto não te contou?

Retorci meus lábios e, inevitavelmente, meu olhar cruzou com o dele. Calmo demais.

— Nada demais. — *Absolutamente nada.*

— Eu trouxe Riley para falarmos sobre outra coisa, se estiver tudo bem. — Liana pareceu desconfiada, mas chegou mais para frente e apoiou suas mãos entrelaçadas na borda da mesa enquanto Adler tirava uma foto de dentro do bolso de seu casaco.

— O que é isso? — Dei uma olhada de relance na foto antes que ele a colocasse sobre a mesa. Franzi o cenho e olhei para ele, perguntando-lhe silenciosamente que merda era aquela. — Isso deve ser uma... Uma montagem.

— É uma Polaroid, Riley. E é bem real. — Liana pegou a foto pela borda e sorriu. Na foto, em uma festa, estavam seus pais, um casal desconhecido e minha mãe. Não, duas da minha mãe.

Boquiaberta, não consegui abrir a boca para tentar entender o que era aquilo e por que minha avó não tinha dito nada, apenas sorria para a fotografia ao invés de achar que Adler era louco e perturbado.

— Essa foi uma festa na casa dos pais de Charlie há muito tempo, eu também estava lá. — Ela deixou a foto na mesa e virei-a para que pudesse ver direito.

Encarei-a, além de qualquer reação. Minha avó estava louca e senil e Adler a estava manipulando para me dizer aquelas coisas. Ele devia ter até ensaiado as falas dela antes de me levar ali. Era a única explicação plausível.

Mas, se eu conseguisse clarear meus pensamentos, seria capaz de me dar conta de que, por um lado, ele estava certo: era uma Polaroid e parecia bem real para uma foto antiga e amarelada.

— Essa é sua mãe... — ela apontou para minha mãe perto de Eliot e então apontou para a outra, sorrindo ao lado do outro casal. — E essa é sua tia, Connie. Não nos vimos depois desse verão.

— Por quê? O que aconteceu? — Murmurei, ainda anestesiada, incapaz de acreditar em tudo aquilo.

Ela olhou para Adler e seguiu seu olhar. Sua expressão parecia impassível, mas em seus olhos, havia uma pontada de amargor, tristeza e talvez decepção.

— Bem... — Minha avó atraiu minha atenção de volta para ela, com o sotaque arrastado e a voz carregada de tristeza, também. — Ela foi presa, sentenciada à dez anos na prisão. E desapareceu em seguida, nunca mais ligou ou apareceu. Fiquei sabendo que ela cumpriu só metade da pena, mas ela nunca me procurou.

Olhando para ela, para seus olhos entristecidos e, no segundo seguinte, inundados pelas lágrimas, pareceu-me impossível duvidar que tudo o que ela dizia não fosse verdade. Liana ergueu o olhar para Adler.

— Por que trazer isso à tona agora, Charlie?

— Porque eu não sabia que eu tinha uma tia. Por que não? — Falei antes dele. Ela fungou e secou os olhos com a manga do suéter, não muito eficiente uma vez que elas ainda se acumulavam.

— Sua mãe não queria que ela fizesse parte da sua vida. Você não tinha nem oito anos na época, mas vocês nunca foram próximas e você também não sabia quando era Connie e quando era Hardlyn, então sua mãe parou de falar nela e ela apenas desapareceu da sua vida.

— E por que ela foi presa? — Minha avó limpou a garganta e desviou o olhar sem querer falar no assunto e houve um minuto de silêncio. Todo o resto do mundo a nossa volta pareceu explodir em atividade e vozes, conversas animadas.

Virei-me para Adler e ele se esquivou de mim. Não física, mas emocionalmente. E fiquei sentada entre eles, tentando entender aquela bagunça que tinham feito em minha mente e sobre a qual se recusavam a falar a respeito. Se recusavam a me explicar.



— Charlie? — Chamei-o ao aproximar-me por trás e parar perto da balastrada da varanda do lar, ao sair da sala de recreação, onde ele estava apoiado. Pareceu-me a primeira vez em que eu o chamava daquela forma e foi estranho. E novo.

— O que foi?

— Bem... Eu não sei se deveria ter acreditado em você, mas me desculpe por ter dito que você tinha inventado tudo isso. — Ele não pareceu se importar, apenas contraiu os ombros e respirei fundo. — Só que ainda não consigo entender essa bagunça. Minha mãe nunca mentiu para mim, parece insustentável que ela tenha escondido uma parte da família. A gêmea dela.

— Eu entendo. — Adler falou com a voz vazia. Não parecia entender, mas suas palavras eram válidas.

— Por que não me disse antes o motivo da visita? — Ele sorriu e rolou os olhos.

— Não seja hipócrita, Riley, você não teria vindo se eu dissesse. — Ele, então, respirou fundo e me olhou nos olhos, sem truques ou sacadas irônicas. Meu coração ficou fora de compasso por um momento e passei as palmas suadas nas pernas do jeans. — Além disso — Adler prosseguiu —, você estava abalada no sábado. Não queria tocar no assunto e começar uma discussão sem sentido mais uma vez com você. Achei que fosse uma oportunidade de te mostrar a verdade através de alguém em quem você confiasse.

Exprimi um *ah*, sem fazer ideia de que ele tinha pensado em tudo aquilo e caímos em um silêncio profundo de novo. De onde eu estava, podia ver o vai e vêm lá dentro, as conversas, os jogos, as pinturas coloridas em telas espalhafatosas que teria

feito minha mãe ter um treco. Minha avó precisava de um momento e foi para o quarto se recompor, talvez fosse muito estresse para colocar em seus ombros e Adler não queria tocar no assunto, embora tivesse sido ele a trazê-lo à tona, para me falar sobre o motivo que levava minha *nova* tia para a prisão.

Ele se virou de costas com os cotovelos apoiados na balaustrada e fitou o céu azul e o horizonte distante. Tão perto, ficamos mais distantes do que nunca, cada um com seus próprios pensamentos bagunçados tentando fazer com que tudo se encaixasse.

— E o que era tudo aquilo sobre minha mãe então? — Virei a cabeça para buscar pelo seu olhar. Ele, porém, negou-se a me encarar de volta por momento.

— Apenas desconfianças. — Ele tinha mais em mente e eu sabia. Mas por que era tão difícil dividir as coisas com outra pessoa? Soltei o ar com força e deixei-o sozinho para voltar para a sala de recreação.

Minha avó voltou quinze minutos depois, mas como estava muito perto das quatro, quando acabava o horário de visitas, ela deu uma olhada em direção à varanda, em Adler, e sorriu ao me abraçar.

— Vó? O que aconteceu entre Corinne e Charles? E por que ele vem te visitar? — Murmurei como se tivesse medo de que ele pudesse escutar lá de fora, recusando-me a tirar as mãos dos braços de minha avó.

— É uma história muito dolorosa para todos nós. Acho melhor você voltar outro dia. Sozinha. O que acha? — Ela forçou um sorriso e assenti ao me afastar.

Adler voltou para despedir-se ao mesmo tempo em que uma funcionária do lar entrou pela outra porta e disse que o horário de visitas acabara. Não tinham muitas visitas ali, na verdade, e ela pareceu lançar-nos um olhar rigoroso enquanto duas mulheres se despediam de um residente e saiam.

— Nem tivemos a chance de conversar sobre você, meu menino. — Ele sorriu e abraçou-a, depositando-lhe um beijo no topo dos cabelos. Adler era tão alto que ao envolvê-la, Liana pareceu muito menor e mais frágil do que realmente era.

— Isso não tem importância, podemos deixar para depois. — Eles se afastaram e abriu um sorriso amarelo.

— Eu venho te ver no fim da semana, prometo.

Mais um olhar da mulher e nós dois saímos pelo mesmo corredor em direção à saída. Enfiei as mãos nos bolsos de meu jeans e inspirei com força o ar fresco enquanto caminhávamos até o carro dele. Adler abriu a porta para mim e parei perto dele com ela entre nós. Soltei o ar e fiquei olhando para ele tentando interpretar tudo aquilo.

— Você está bem? — Perguntei por fim.

— Estou, é claro. — Quando alguns segundos de quietude se passaram sem que eu dissesse nada ou entrasse no carro, Adler apertou os olhos e estendeu a mão de repente. Recuei um centímetro quando ele tocou meu rosto e jogou uma mecha do meu cabelo que caía por ele por cima do ombro.

— O que foi? — Perguntou com suavidade e mordi o lábio por dentro.

— Eu gostaria que você conversasse mais comigo. Ao invés de ficar maquinando coisas e... Criando *desconfianças* para si. — Inspirei com dificuldade quando ele não disse nada. — Não é tão difícil.

— Eu já disse o que penso sobre conversas do passado. — Anuí e ele apoiou o antebraço na porta aberta. — Além disso... Não consigo confiar em você. Você me torna vulnerável e quer que eu te conte meus segredos depois de todas as coisas que eu te fiz. — Ele respirou fundo e a cada palavra que dizia, parecia estar sendo cada vez mais sincero comigo e, acima de tudo, consigo mesmo, o que era ainda mais triste. E solitário.

— Como? — Ergui um pouco o queixo. — *Como* eu te torno vulnerável?

Ele hesitou pela primeira vez e então encolheu os ombros, em busca de uma resposta que abrangesse tudo o que se passava por ele.

— Eu não sei como, mas... A forma com que você me olha. E tudo o que você já sabe sobre mim... — Adler parou de uma hora para outra e olhou para mim, finalmente *me vendo* diante dele, e então inclinou o rosto um centímetro a direita. — Você me faz

sentir nu quando estou com você, e acredite, não é uma sensação boa. Faz com que eu me sinta embaraçado por ser quem eu sou e por você conhecer essas partes minhas que eu queria esconder... — Ele comprimiu os lábios e retraiu os ombros enquanto seu peito subia devagar. — E a cada nova camada que ganhamos, torna tudo isso muito mais complicado.

Eu não esperava por tudo aquilo. Eu não esperava por profundidade, esperava que ele fosse me oferecer uma resposta longa que não saciasse em nada a minha sede por fazer perguntas e por saber mais, mas ele me deu mais do que eu podia processar.

capítulo 26

Remexi de forma impaciente em meus dedos, torci-os enquanto mordia meus lábios a espera de uma resposta e soltei o ar com força. O lugar tinha um cheiro estranho; não eram produtos de limpeza, mas a limpeza era incômoda e irritava meu nariz.

— Como está se sentindo nas últimas semanas, Riley?

— Bem, eu acho. — A mulher me encarou, um metro entre nós, mas parecia uma cratera imensa. Eu estava uma pilha de nervos, odiava aquele tipo de situação, e a Dra. Erin era condescendente demais. Calma demais.

— Gostaria de falar sobre algo em específico? — Ela insistiu um pouco. Acho que para que aquela coisa monstruosa, também conhecida como terapia, funcionasse, eu tinha que falar alguma coisa. Mas não queria falar nada. Não queria que ela comesse a perguntar e supor coisas sobre mim e me fizesse chorar como um bebê.

Eu era um fracasso naquilo, terapia não era para mim.

Soltei o ar com força e encarei-a, com seu ar indiferente, mas íntimo de modo forçado.

— Eu tenho saído com uma pessoa. É bom para me dar alguma coisa na qual pensar. — Mordi meu lábio e finalmente soltei meus dedos. — Não romanticamente, é mais como... Eu

não sei. Só tenho ciência de que não deveríamos mais nos ver, mas não consigo parar.

— Você já tentou? — Odiava sua obviedade forçada, também. Semicerrei o olhar e pensei em levantar e ir embora, mas parecia que minha mãe tinha esperanças de que terapia era minha única salvação ao me recomendar aquela mulher, por isso respirei fundo pela centésima vez.

— *Sim*, já tentei. Mas sinto falta quanto faço isso. — Fiz uma pausa e limpei a garganta. — Eu sei que não deveria mais vê-lo, mas é um enorme passo até de fato ter coragem de não vê-lo mais. E sinto que tudo tem girado em torno dele ultimamente. Meus pensamentos... Como uma obsessão, o tempo inteiro. — Abaixei o olhar, sentindo-me envergonhada por minha confissão ridícula. — E a cada vez em que nos vemos, a cada conversa que temos, parece que estamos mais próximos, sabe? Como uma conexão sinistra. Eu gosto de falar a ele sobre mim, e eu não gostava disso antes, mas acho que é porque ele gosta de escutar.

Erin remexeu-se e demorou um pouquinho a organizar seus pensamentos.

— Riley... Com que frequência você tem saído com seus amigos depois de... *Tudo*? Com que frequência tem conversado com alguém em quem confie sobre seus sentimentos? E sentido que se importam.

Eu via por onde ela estava levando aquilo. Só achava demais insinuar de forma tão *sutil* que eu era uma dependente emocional, louca, que precisava de atenção, não importando de quem.

— Eu saio, mas não mais com tanta frequência. Acho que isso deixa de importar tanto com a idade. — Estiquei as pernas e dobrei a direita sobre a esquerda enquanto ajeitava meu cabelo. — Aparentar ser legal e descolado, sabe? — Ela assentiu sem emoção e rabiscou alguma coisa em seu bloco. Rápido demais para ser uma palavra inteira, tampouco uma frase.

Ela devia fazer traçinhos ali para deixar os pacientes fantasiando o que era e dizer que eram loucos, maníacos e ansiosos.

— Qual o nome desse seu, ahn... *Amigo?*

— Charlie.

— Charlie. Você já pensou nele como algo mais que um amigo? Sente-se atraída por ele? — Retorci meus lábios e finalmente parei para pensar em uma das perguntas tolas que ela me fazia.

— Sim. Acho que sim. Não como algo mais que um amigo, mas ele é bonito. Muito mais que bonito, é impossível não pensar. Porém, não tenho interesses românticos nele, *como eu disse*. — Erin assentiu de novo.

Mais traçinhos no bloco e olhares cerrados.

— Falou sobre isso com ele? — Joguei os ombros para trás e recostei-me no sofá. — Ou já falou sobre isso consigo mesma — ela ergueu os olhos verde-água. Parecia uma ave de rapina observando a carniça, atenta demais. *Cortante* demais. — sobre mascarar seus sentimentos por ele saindo com ele e impondo uma amizade como forma de proximidade?

Soltei o ar com muito mais força do que seria educado. Alto demais.

— Meu Deus, eu não estou *apaixonada* por ele. Não gosto dele. Não tenho sentimentos não correspondidos, está bem? Somos amigos, provavelmente nem é adequado chamar assim. — Arrastei minha bunda para a borda do sofá. — Olha, acho que nosso tempo já acabou por aqui. — Puxei minha bolsa e coloquei-me de pé. — Obrigada por tudo.

Sai dali pior do que tinha entrado e como estava ainda pior, terrivelmente ansiosa, fui tomar um Milk-shake de chocolate sob o sol do início de outubro. Deveria fazer frio dali em diante, mas naquela quarta em especial, o mundo não estava do meu lado.

Fui para a casa da minha mãe e passei pelos fundos depois de tirar meus sapatos. Fiquei tentada a ir dar um mergulho, mas acabei desistindo. Ainda estava irritada com aquela terapeuta que ficara insistindo em dizer que eu tinha sentimentos por Adler ao invés de me consertar de verdade e nadar agora não ajudaria em nada depois do que tinha acontecido.

Estava me preparando para dizer a minha mãe que, sim, eu a amava, mas nunca mais pisaria naquele consultório de novo

quando parei perto da porta ao escutar o som da voz dela vinda da cozinha, mais alta que o normal. E ela quase nunca se descontrolava.

Pensei em ir embora e voltar mais tarde. Claramente ela estava com alguém e teria sido o mais correto a se fazer, mas com tudo o que estava acontecendo, fiquei escutando para descobrir o que ela. A história toda de ela não ter me contado que tinha uma irmã me causara curiosidade suficiente para ouvir detrás das portas.

— ... Jesus, eu não dormi com Eliot, não dormi. — Peguei a conversa pela metade e franzi o cenho. Tudo bem, parecia íntimo demais para ficar escutando.

— Melhor ainda: você é doente. Você fez tudo aquilo para me provocar... E por que? — Escutei-a suspirar e fiquei paralisada ao escutar a voz de Adler. Mas de que merda eles estavam falando?

E por que ela estava lhe dizendo aquilo?

Fiquei horrorizada e fervendo por dentro para sair dali e dizer que os tinha pego com seus segredinhos no flagra, mas me controlei e respirei devagar para que não me escutassem.

— Nós dois queremos atenção. E olhe todas as coisas que você fez... — Escutei-a respirar fundo e fazer uma pausa para repensar o que dizer. — Olhe, querido, eu nunca quis te magoar. Perdoe-me.

— Não sei se posso fazer isso. — Parecia um joguinho sórdido dali. Eles pararam por um momento e diante do silêncio repentino, prendi minha respiração e temi que pudessem escutar as batidas frenéticas de meu coração através da parede. — Eu também preciso te contar uma coisa, meu bem.

Meu bem?

— Tudo bem, pode dizer.

Adler respirou com força.

— Eu fui visitar sua mãe na segunda. *Com Riley*. Eu sei...

— Por que você faria algo assim, Charlie? Depois de tudo...

— Porque você me enganou e jogou comigo...

— E você está me punindo por isso agora? — Os passos dos saltos de minha mãe se afastaram e reprimi o impulso de me

esquivar para espiá-los pela janela. Não queria ser pega agora.

— Claro que não, jamais faria isso com você. Só contei a Riley porque me importo com ela. — Ela exprimiu um som de deboche e mordeu meus lábios. O tom de Adler parecia frustrado por não conseguir explicar tudo aquilo e por Hardlyn não entender.

— Tudo bem, eu sei, desculpe. Eu exagerei um pouco. Vou lidar com isso depois, está bem? — *Lidar?* Era como se referiam a mim em suas discussões de casal?

Ao escutar os passos dele se afastarem também em direção a sala, tomei um sopro de coragem e me inclinei para espiá-los pela janela. A casa estava mal iluminada, mas eles estavam bem no centro, se agarrando.

Que porra é essa?!

Eu via tudo aquilo acontecer a minha frente, mas não conseguia processar uma palavra sequer. Senti meu estômago embrulhar e quis ir embora antes que me descobrissem ali, mas não consegui. Eu precisava engolir e seco e ficar, e descobrir o que eles estavam tramando.

Adler a abraçou e deslizou os dedos pelos cabelos dela de forma afetuosa, beijou o rosto dela e lhe envolveu o corpo com os braços de modo quase protetor.

— Temos que discutir algumas coisas. — Voltei a meu lugar quando minha mãe afastou-se dele para olhá-lo nos olhos. Sua voz soou tão séria que tornou-se fria. Tive a impressão, ou o início de uma certeza, de que ela tinha mais controle sobre ele do que eu tinha noção de que poderia. De que ela o manipulava com palavras doces, mas não parecia se importar.

Ou talvez eu só estivesse imaginando coisas.

— Como o que?

— Como o fato de que você contou a Riley sobre mim. O que mais ela sabe?

— Não muito. Mas você sabe que ela te adora, nunca iria querer magoá-la. E se, como você disse, ela nunca desconfiou de nada durante todos esses anos, não é agora que vai se dar conta.

— Pode até ser. — Ela murmurou, reflexiva, e tomou um fôlego mais longo. — Mas não quero mais que a veja. Não gosto dessa

proximidade de vocês.

— Por quê? — Hardlyn riu, um som que pareceu até ecoar na minha direção.

— *Por que*, querido? — Inclinei-me para vê-la tocar o rosto dele, dedos dela roçando em sua barba por fazer de pelos tão claros que eu mal podia ver dali. — Não seja tão ingênuo, você sabe *por que*. — Ele afastou a mão dela e o movimento pareceu irritá-la.

— Eu gosto da companhia dela, não é nada demais. — Houve uma pausa em que eles se entreolharam, a tensão palpável entre seus corpos próximos demais. — Onde ela está, aliás? — Como sou exatamente o oposto do que ele queria, Adler emendou: — Para o caso de ela aparecer de repente.

— Com uma amiga. — Ele inclinou o rosto diante do sorriso de minha mãe quando ela se virou.

— Não diga que a mandou que a mandou ver aquela psicóloga fajuta.

— O que foi? Agora vamos saber o que aconteceu entre vocês de verdade. Porque, você não acha que posso acreditar que vocês passaram todas aquelas semanas no meio do nada brincando de festa do pijama, não é, Charlie? Faça-me o favor. — Ela se desvencilhou dele em direção à cozinha e ocultei-me rapidamente.

— Tudo bem... Nós nos beijamos uma noite. Mas não passou disso. Já disse que não me sinto atraído por ela. Nem por ninguém além de você. — Escutei os passos de Adler se aproximarem também e eles pararam perto da mesa, bem perto de mim se não fosse a parede nos separando.

— Quantas coisas mais você está escondendo de mim? — Minha mãe sussurrou em um fio de voz. Deliberadamente frágil, como se *ela* tivesse sido magoada e enganada ali, não eu.

— Nada, confie em mim. Só não contei antes para não irritá-la. Não significou *nada* para mim.

capítulo 27

A primeira coisa que fiz na manhã seguinte, assim que o sol começou a nascer, foi pegar meu carro e ir para Londres. Eu precisava de respostas e a única pessoa que me fornecera alguma até o momento fora minha avó. Eu precisava saber mais sobre a tal Corinne, minha tia perdida, sobre o que tinha acontecido entre Adler e ela e o motivo de ela ter sido presa e então sumido do mapa.

Entrei no lar às oito e encontrei minha avó pintando uma maçã sem graça com outra residente, contando histórias e rindo.

— Riley, querida. — Ela se afastou das outras pessoas para falar comigo e levei-a até a varanda vazia.

— Eu preciso sobre o que aconteceu. A senhora disse que contaria tudo se eu voltasse sem Charles. Eu escutei uma conversa *muito esquisita* ontem entre ele e minha mãe e tenho certeza de que eles estão... *Tendo um caso*. — As palavras saíram com dificuldade e finalmente parei para respirar.

— Calma, Riley. O que você está dizendo? — Ela balançou a cabeça, visivelmente perturbada. — Sua mãe... Ela não faria isso. Sente-se, eu vou te contar o que aconteceu.

Puxei uma mesinha abandonada ali, junto a duas cadeiras e nos sentamos perto da balaustrada enquanto minha avó

inspirava profundamente, ainda mais abalada que eu, se era possível.

— Vou te contar a história como eu sei... Corinne e Hardlyn conheceram o professor Loughy e Connie começou a ensinar francês ao filho dele e ajudá-lo com coisas do colégio. Ele tinha treze anos na época e como ouvi dizer, segundo testemunhas, tiveram um caso durante todo o ano. Eu estava sempre viajando muito a trabalho, mas não pude acreditar quando descobri, que minha própria filha teria coragem de abusar de uma criança. — Liana abaixou os olhos e agitou a cabeça, envergonhada. — Eliot e Ophelia se separaram pouco depois da condenação e Charlie passou alguns meses vivendo em uma espécie de casa de repouso ou alguma coisa assim, depois voltou a viver com a mãe e parecia muito bem. Todo mundo pareceu esquecer-se do escândalo e voltaram a viver suas vidas.

Engoli em seco e desabei contra a cadeira, incapaz de abrir a boca por um minuto inteiro.

— E onde minha mãe entra nisso?

— Foi ela quem apresentou Connie e o professor Loughy. Acho que ela se ressentia disso, mas a família fingia como se nada tivesse acontecido. — Ela se remexeu e desviou o olhar. — Eu gosto de Charles, sempre o adorei, ele vem me visitar quase toda semana e conversamos muito. Ele não fala sobre ele, na maior parte do tempo, mas é agradável e gentil. Gosto de tê-lo por perto. E o que quer que você tenha escutado entre ele e sua mãe, tenho certeza de que entendeu tudo errado.

— Ele é louco. — Soltei todo o ar e afundei o rosto entre as mãos, meus cabelos foram bagunçados e precisei de muito tempo daquele jeito antes de conseguir encará-la mais uma vez.

Tenha coragem e enfrente seus problemas de frente, Riley. Estranhamente, era uma coisa que minha mãe costumava me dizer quando eu era mais nova.

— Charlie disse que ela me enganou. Que eu *não desconfiei de nada durante todos esses anos...* Sabe o que isso quer dizer?

— Não faço ideia, querida. Mas o que quer que seja, tenho certeza de que Hardlyn só queria o melhor para você. Assim como queria o melhor quando escolheu não te contar sobre

Connie. Você deveria conversar com ela e tentar entender seus motivos. — Mordi meu lábio e anuí.

Ela estava certa, eu já deveria ter conversado com minha mãe. Talvez ela já tivesse me contado o que estivera acontecendo aquele tempo todo se eu já tivesse sido sincera com ela desde o começo.

Ah, merda, eu tentava. Tentei pra cacete entender o lado dela em minha viagem até Londres, mas aquela conversa dela com Adler continuava a voltar de novo e de novo na minha cabeça e me perturbou por cada segundo até que eu chegasse ali. Conversar com minha avó e obter respostas acalmou-me, por um lado. Perturbou, por outro, com aquela história horrível sobre Adler e minha tia desconhecida.

— Mais uma coisa... A senhora conhece uma psicóloga chamada Dra. Erin? Não consigo me lembrar do sobrenome dela nem achei nada na internet. — Minha avó cerrou os olhos e olhou para o nada por um segundo.

— Esse nome... — Projetei meus ombros para frente com expectativa. — Ah, claro. Ela tratou Charles por um tempo, fiquei sabendo. Onde a conheceu?

Fui o mais evasiva possível e decidi passar a manhã ali, colocar a cabeça no lugar e decidir o que eu faria com tudo aquilo antes de voltar para Surrey. Não queria mais falar de Charles, da minha mãe ou da tia maluca da qual ninguém tinha notícia. Passei grande parte da manhã tentando expulsá-los de minha mãe e prestar atenção a Liana.

Procurei na internet a respeito de Charles e, como eu sabia seu nome completo, não foi difícil encontrar o nome da escola onde ele trabalhava e seu endereço antes de sair de Londres.

Ele era popular entre as alunas, percebi depois de vinte minutos parada ali quando o vi, mas não lhes dava nenhuma atenção. Adler jogou uns livros no porta-malas e puxou o celular para atender uma ligação enquanto ligava o carro do outro lado

da rua, a vários metros para que não me visse. Que erro grave, professor!

Estava com meu carro, diferente do dia em que nos encontramos, e os vidros eram escuros o suficiente para que ele não conseguisse me ver. Não sabia o que estava fazendo, mas queria descobrir sobre ele coisas que ele não me contaria, por isso achei que fosse uma escolha mais simples segui-lo e ver onde aquilo daria.

Algumas curvas depois, e tomando cuidado para não ficar perto demais, achei que o tivesse perdido. Um carro vinho trocou de faixa, virou à esquerda e lá estava ele. Meu celular começou a vibrar e ao ver que era minha mãe, deixei tocar até cair na caixa de mensagens, onde ela deixou uma mensagem perguntando se eu queria jantar com ela e alguns conhecidos no dia seguinte, em algum restaurante chique sei lá das quantas.

Nem me importei em responder.

Parada no sinal vermelho com alguns carros entre Adler e eu, digitei uma mensagem de texto para ele perguntando se queria jantar comigo. Ele não respondeu, continuou dirigindo em direção a um subúrbio por mais vinte minutos e quando eu já estava perdendo a paciência de brincar de detetive, ele parou o carro e saiu dele.

Parei a várias casas de distância e observei-o caminhar em direção à casa do outro lado da rua com um SUV mal estacionado na garagem e uma placa de vendida com a logo de uma imobiliária. Ele falou com uma mulher e mesmo a distância, pude reconhecê-la como a mulher na fotografia na casa dele. Vários anos mais velha, mas ainda linda e parecida com ele.

Ophelia, se eu me lembrava bem, tinha o desenho do rosto elegante e aristocrático. A pele bronzeada como a de Adler e os cabelos estavam presos em um rabo de cavalo enquanto ela empacotava as coisas que estavam em caixas por todo o lado. Ainda me lembrava da expressão dela na foto, de seu sorriso. Ela abraçou o filho rapidamente e eles conversaram de forma breve na varanda.

Ela sorria quando ele chegou, mas conforme conversavam, seu sorriso desapareceu e Ophelia pareceu se aborrecer com o

que ele lhe dizia até apoiar a mão direita no quadril e suspirar com o rosto inclinado para baixo. Pareceu-me desapontada, mas Adler não demonstrou se importar com o fato, pois apenas lhe falou mais uma coisa antes de dar-lhe as coisas e voltar para seu carro.

Vi-o sentar-se no carro por um momento enquanto Ophelia batia a porta e então o meu vibrou, jogado de qualquer jeito perto do câmbio.

Está acontecendo alguma coisa?, ele respondeu.

Argh, por que precisaria estar acontecendo alguma coisa?

Não, tudo bem. Só queria conversar sobre tudo o que tem se passado.

Tentei parecer genuína em minhas intenções e fiquei relendo a mensagem uma dezena de vezes depois de enviá-la, alternando o olhar entre ele e a tela do celular.

Acho que te devo isso, ao menos respostas. Onde você quer ir?

Dei um sorriso rápido. Ao menos ele concordou, assim, parei de mandar mensagens de texto e pressionei a tecla de telefonar para ele, que atendeu no segundo toque.

— Eu estava pensando em jantar lá em casa. — Ele ficou em silêncio por um instante e encarei o Adler de vários metros dentro de seu carro. — Você está aí?

— Riley... Eu não acho que devemos continuar a nos ver. Eu sei que te devo respostas, então talvez possamos ir a um lugar público. Posso fazer reservas. — Inspirei com força, irritada por ele ter escutado o que minha mãe tinha lhe dito sobre mim. O que ele era ali?

— Eu não acho que possamos discutir esses assuntos em público, mas posso garantir que não vou encher a cara e te pedir pra me comer de novo. É uma conversa séria que requer privacidade. — Falei de uma vez. Não consegui me conter e ser condescendente quando estava tão puta com ele, com todo mundo. E com aquela farsa de merda dos dois.

— Tudo bem. — Adler pareceu sentir-se coagido a concordar com aquilo, não parecia a mesma pessoa que eu conhecia de repente. Se é que eu o conhecera em algum momento. — Às oito?

— Sete. Amanhã. — Fizemos uma pausa. — Não vai me pedir o endereço? — Tive a impressão de que ele rira da minha cara.

— Não seja tola, Riley, nos vemos amanhã.

capítulo 28

Meu pai me ligou mais tarde naquele dia, perto das oito e meia da noite, para me dizer que estava na cidade. Para perguntar *como eu estava* enquanto agitava minhas pernas com os pés apoiados na cabeceira, observando o teto sem graça do meu *flat*, enrolando mechas de meu cabelo em anéis em torno do meu indicador para então soltá-las e puxar outra.

Ele disse que estava em Surrey e me chamou para almoçar com ele e Andre no dia seguinte, antes que ele *fechasse seus negócios* e fosse embora, então voltou atrás e perguntou se eu queria jantar só com ele, como se buscasse por reconexão ou alguma coisa, mas, entediada e alerta ao mesmo tempo, disse que preferia que Andre também fosse. Para matar a saudade, eu acho.

De conversar, sem segundas intenções.

Desligamos pouco depois porque ele fingiu que tinha que fazer sei lá o que antes de ir se deitar, mas eu podia apostar que ele ia até o bar do hotel para encher a cara. A verdade era que não tínhamos nenhum assunto sobre o qual falar pessoalmente, tampouco por telefone, e mesmo assim, a perspectiva do tal almoço me soou interessante. Mexi em minhas pernas em silêncio ao deixar o telefone cair no colchão, ergui meus quadris em uma crise hiperativa, observando minhas pernas nuas e

excessivamente pálidas de quem precisava com desespero de um pouco de sol. Eu deveria usar jeans, acho, assim ninguém ia notar.

Assim *Andre* não iria notar. Tive que admitir a mim mesma que a ideia de vê-lo longe de todo aquele drama que estivera envolto na última vez em que eu o tinha visto me excitava. Mordi meu lábio e enfiei a mão por dentro da minha calcinha e reproduzi em minha mente a última vez em que ele tinha me fodido enquanto gozava, arfante.

Desisti da ideia ridícula do jeans e coloquei meu vestido que dizia que eu parecia casual, e ao mesmo tempo sofisticada, sem ter me esforçado só para ir a um almoço informal com meu pai e um antigo amigo. Prendi as mechas laterais dos cabelos com perfeição com um garfo de prata que minha mãe me dera há muito tempo.

Ele estava de costas para mim quando cheguei, atrasada como uma dama, mas sem parecer mal educada em deixar os cavalheiros esperando. Eu tinha me atrasado como uma tradição, enrolando até o último segundo diante do espelho, dando-lhes apenas tempo para escolher o vinho. Alguma coisa cara que eu não podia diferenciar do que bebia em casa.

Landon abraçou-me e *Andre* beijou meu rosto com cordialidade antes que eu me sentasse e desse uma olhada desinteressada no cardápio, mordendo meus lábios. Não estava com fome, na verdade, mas pedi uma salada. Eca, eu odiava salada, mas também odiava comer coisas gordurosas e hipercalóricas na frente das pessoas.

Tinha a impressão de que todo mundo estaria me olhando de soslaio, fazendo comentários em suas mesas.

— Eu vou começar psicologia no próximo semestre. — Comecei a falar por falta de um assunto melhor. Meu pai pareceu contente e surpreso ao mesmo tempo ao fechar o cardápio e entregá-lo ao garçom, que se retirou rapidamente enquanto eu tomava um gole de vinho.

— De verdade? — Se ele tivesse vinte anos a menos, aquilo seria o equivalente a “é pra valer dessa vez?”. Fiz que sim ao exprimir um grunhido quase exagerado.

O almoço foi um tédio. Na sobremesa – que eu tinha sido a única a pedir –, quando meu pai levantou-se brevemente para atender uma chamada de alguém importante, enfiei uma colherada de sorvete na boca e ergui o olhar para encarar Andre, que bebia seu vinho caro, e deslizei a língua pelos lábios. Fiz uma cara inocente quando meu pai voltou e anunciou ter que ir resolver os últimos detalhes de seu contrato e disse a Andre para descansar porque já tinha cuidado de quase tudo.

Ele mandou a conta para o quarto dele e deu um tapinha amigável nas costas do sócio antes de fazer seu caminho através das mesas quase vazias. Percebi que tínhamos passado muito tempo ali, que a maioria das pessoas que lotavam o lugar já tinham ido embora e eu nem tinha reparado. Dediquei-me a dar uma última colherada em meu sorvete de goiaba que deixou minha boca gelada antes que eu tivesse coragem de voltar-me mais uma vez para Andre, meu coração pulsando como louco, disparando a adrenalina que se espalhava pelo meu corpo.

— Seu quarto?



Bem pensado, Riley!

Eu merecia um *high-five* por ter pensado no vestido quando não era uma coisa que eu usava diariamente. Foi mais fácil de erguê-lo do que o lance todo com um jeans; era mais complicado do que apenas erguer um pedaço de tecido leve, rasgar outro e foder contra a parede, ainda ao lado da porta porque eu estava com pressa.

Só depois foi que o tirei, *depois* da segunda vez, e me deitei por cinco segundos. Tinha um maço de cigarros ao lado da cabeceira e puxei um.

— Achei que tivesse parado de fumar. — Engoli em seco e fechei meus olhos em um estado de profundo de relaxamento. Parecia tão bom estar com ele que eu quase não pensava no resto. *Quase*, se Andre agora não estivesse tão conectado a Charlie em minha mente - entrelaçados, era isso.

— Você me faz voltar rastejando aos velhos hábitos. — Eu sorri e soltei o cigarro ao sentir seus dedos envolverem-no, muito embora seu tom tenha sido tão sério.

— Achei que fosse uma coisa boa. — Abri os olhos e fitei-o, pairando acima de mim com o cotovelo apoiado no travesseiro e o olhar sereno. Seus olhos azul-esverdeados eram tão intensos que me pareciam etéreos, e não apenas a profusão complexa de cores, mas a forma com que ele não desconectava-se de seu jeito de despir as pessoas ao lançar um olhar. — Quer que eu vá embora? — Voltei a sentir meus membros e peguei o cigarro de volta. — Para o caso de alguém aparecer.

Senti-me meio óbvia por citar a mulher dele daquele jeito tão ridículo, mas Andre apenas encolheu os ombros.

— *Ninguém* vai aparecer. — Fizemos uma pausa curta e estendi o braço sem desviar o olhar para deixar que as cinzas encontrassem o cinzeiro na mesa de cabeceira. — Separei-me há um ano e meio.

— Por que não me contou? — *Pergunta idiota, bam!* Tentei pegar as palavras de volta, mas não consegui, fiquei olhando para ele em busca de aprovação. Era assim que eu costumava me sentir, eu tinha me esquecido como era querer tanto a aprovação de alguém.

Desde que nos conhecêramos. Eu abria a boca e falava algo estúpido e aguardava ansiosamente que ele sorrisse, como um indicativo de que estava tudo bem eu ter dito aquilo. Se era cedo demais. Se era invasivo demais, se eu estava querendo saber demais. E quando me dei conta, pareceu infinitamente pior do que pisar em ovos.

— Não achei que estivesse interessada. Vou me lembrar de te avisar quando o *status* mudar na próxima vez. — Ele se virou e soltei o ar, com força, mas com mais esforço para não sair alto demais. Para que ele não se virasse e me perguntasse se eu estava chateada *de novo*. Por que eu não conseguia agir normal e casualmente.

— Quando é seu voo?

— Amanhã, pela manhã. Na verdade, estou voltando. Comprei uma casa em Londres. — Parei de respirar por um instante e estendi-lhe o cigarro de volta antes de ousar tecer um comentário inoportuno cedo demais. — Seu pai não te contou? — Andre perguntou quando fiquei em silêncio e limpei a garganta.

— Não, não contou. Não temos nos falado muito. — Ele agitou a cabeça, como se quisesse dizer que não dava a mínima, com aquele ar de desinteresse.

— Enfim... Finja surpresa quando ele te disser. — Consertei meu cabelo e ele se esticou para pegar o cinzeiro e apagar o cigarro. A fumaça já estava começando a dominar o ar, mesmo que ainda na metade.

— É uma pena. — Murmurei para ninguém em específico; soou mais como uma frase ao vento do que uma resposta. Eu me virei e rolei para perto dele, deitada de lado com os dedos por entre a bagunça em que meu cabelo se transformara. — Você quer... — Ele pressionou o indicador contra meus lábios e aproximou a boca da minha, mas nunca proporcionando-me o alívio de seu toque.

— Você sempre falando no momento menos oportuno. — Seus lábios se curvaram em um sorriso breve antes de fundirem-se aos meus. Estendi a mão para tocar seu rosto, afundar os dedos em seus cabelos, mas ele me virou e ergueu meus pulsos. Prendeu-os unidos contra a cabeceira enquanto me beijava e erguia meus quadris para encontrar-se dentro de mim de todas as maneiras possíveis.

Havia algo de excitante em não conseguir mover meus braços, em não poder tocá-lo. Parecia ser mais fácil, conforme suas investidas se tornaram mais furiosas e seus lábios esmagavam os meus, seus dedos apertavam mais meu pulso a um ponto em

que meus gritos se tornaram um emaranhado tênue entre a dor que ele me causava e o prazer que despertava em meu corpo.

Esperava que as paredes fossem grossas.

Aquilo me fez lembrar do que ele tinha me dito uma vez, pouco depois de Lettermullan, quando, com meu rosto queimando de tão vermelho, eu lhe perguntei sobre suas *preferências*, porque eu tinha lido alguma idiotice do tipo em uma revista da mãe de uma das minhas amiguinhas em uma visita a casa dela. Ele riu de mim, ou da minha pergunta, o que me fez sentir ridícula, e me disse que me mostraria quando eu fosse *uma mulher de verdade*. Com aquelas palavras.

Ele me fez chorar tanto que eu nem conseguia respirar. Em meu quarto à noite, nunca na frente dele.

capítulo 27

Fiquei pensando em Ana enquanto dirigia de volta para casa com ele no fim da tarde. Estava com fome, mas esqueci-me daquilo. Ela era simpática, a então esposa dele, Ana. Na época em que ele ainda me comia escondido dos meus pais e a levava às festas que eles davam em casa e me lançava um olhar confiante de quem não se importava e que me fazia morrer de ciúme.

No fim da noite, eu escrevia cartas para Ana e fantasiava em segredo sua reação ao saber de tudo. Seu coração despedaçado. Claro que nunca mandei, eu só ia chorar em minha cama depois, então ninguém jamais saberia.

Comemos alguma coisa chinesa na minha casa e fiquei por cima daquela vez. Era novo, ao menos com ele. E enquanto olhava em seus olhos, disse a mim mesma que aquela seria a última vez, que ele aquele jogo de desinteresse e frieza dele tinha me cansado de vez. Certo, eu tinha dito aquilo desde a primeira vez, mas me comprometi que seria pra valer. Daquela vez seria pra valer.

Acabou, Andre, eu queria lhe dizer, mas espalmei em seu peito e senti um tremor pelas minhas coxas antes de gozar. Tive vontade de me deitar, me encolher envolta em lençóis e chorar. Eu sabia que não seria a última vez. No fundo, eu sabia que

quebraria minha própria promessa de novo, e o pior era que sabia disso enquanto a fazia.

Ainda pior era que ele sabia de tudo aquilo.

Ele sabia que eu queria mais.

Ele sabia o controle que exercia.

Eu me levantei, senti meu lábio trêmulo ao tirá-lo de dentro de mim e me afastei antes de começar a chorar como uma criança, que já era como ele me via. Lavei o rosto no banheiro e antes de me sentir recomposta, escutei batidas na porta e me sobressaltei.

Puxei uma blusa que ia até minhas coxas e fui abrir a porta. Recusei-me a olhar diretamente para Andre, mas fitei-o de soslaio e vi que já estava vestido. Pronto para fugir para o mais longe possível de mim e dos meus dramas.

Rolei os olhos e girei a maçaneta de repente. Quase caí para trás ao ver Adler parado na minha porta e arregalei os olhos, como que num estalo em minha mente.

Ah, mente, o jantar.

— Está tudo bem? — Ele ficou surpreso com minha reação, sua voz arrastou-se com o sotaque, lânguida, tão calma.

— Si... Sim. Eu, ahn... Tinha meio que tinha esquecido. — Passei as mãos pelos cabelos bagunçados. — Do nosso jantar. Eu tinha me esquecido, desculpe.

Ele esperou que eu concluísse meus pensamentos. Se queria que ele fosse embora ou se iria convidá-lo a entrar: — Tudo bem, não se preocupe. Só achei que fosse uma coisa urgente, foi o que você transmitiu. Eu posso voltar outra hora. — Soltei o ar com força e Andre passou pela parede que separava a cozinha do meu “quarto”, de modo que ele e Adler fizeram contato visual e o mundo parou por meio segundo. Meu coração, ao contrário, deu saltos inacreditáveis.

— Eu vou indo, nos falamos depois. — Ele beijou meu rosto e sorri, desejando que ele fosse embora logo para que eu pudesse puxar Adler para dentro e bater a porta com um suspiro de alívio.

Senti como se meu pai tivesse acabado de nos pegar no flagra e agora esperasse por uma explicação que eu não conseguiria dar porque estava paralisada atrás da porta. Não pela presença de Adler, mas por tudo o que tinha acontecido antes.

— Você está bem, Riley? — Ele se aproximou quando não respondi, o som sua de voz soando cada vez mais preocupada.
— Ei!

Ensaiei dizer-lhe alguma coisa, mas comecei a chorar ao invés de tranquilizá-lo. Abri meus braços e envolvi seu corpo em meio a meu choro copioso, em meio a tantas lágrimas que fechei os olhos com força e afundei em meio a suas roupas, encharquei-as. Seu corpo se retraiu com o calor do meu toque, de início, mas com o passar dos segundos ele relaxou e finalmente colocou os braços a minha volta. Com cautela, mas eu precisava de um pouco daquilo no momento.

Com mais delicadeza do que achei que ele pudesse possuir, Adler percorreu meus cabelos com movimentos suaves e me deixou chorar por alguns minutos abraçada a ele. Quando senti que a onda de pânico e a vontade esmagadora de chorar ia passando, não consegui soltá-lo para ter que encará-lo. Estava envergonhada demais para fazê-lo.

— Está tudo bem, eu estou bem. — Afastei-me e virei o rosto antes que ele pudesse ver o estrago. Fingi que estava secando-o com meus punhos e desvencilhei-me dele para ir até o banheiro.

Lavei o rosto e me sentei na borda da banheira enquanto o secava e respirava fundo várias vezes. Aquela não poderia ter sido uma hora pior para ter alguém por perto para me ver naquele estado deplorável. Pensei em dizer a ele que voltasse depois, assim eu poderia rastejar de volta para minha cama e passar a noite inteira chorando, soluçando e sentindo pena de mim mesma.

Terminei de secar o rosto e me levantei. Percebi que tinha ficado muito tempo ali. Evitei o espelho e respirei fundo, mas parei ao ver Adler na minha cozinha. Fazendo chá para mim.

— Tome. Você vai se sentir melhor. — Ele colocou a caneca em minhas mãos quando me aproximei e fitei o vapor subindo, o calor esquentando minhas palmas geladas. Tive vontade de voltar a chorar, meu nariz queimou e senti-me terrivelmente nua de repente. — Eu vou embora...

— Não! — Impedi-o de dar mais um passo. — Eu vou me vestir. — Limpei a garganta e fiz uma pausa para impedir que as

lágrimas retornassem. — Não vá embora, por favor.

Deixei o chá ali e peguei uma roupa qualquer. Minha cama estava uma bagunça e evitei encará-la. Vesti-me o mais rápido possível com medo de que ele fosse embora se eu o deixasse por mais de um minuto e prendi meus cabelos em um rabo de cavalo frouxo. Adler ainda estava ali, e por um momento, esqueci-me de que o único motivo pelo qual eu tinha pedido que ele jantasse comigo era para xingá-lo e para lhe pedir respostas para as perguntas cada vez mais absurdas que eu tinha em mente.

Ele tirara o casaco e ele sentado em uma das cadeiras ao lado da ilha da cozinha, entediado e interessado em tudo a sua volta ao mesmo tempo, o que despertou-me a memória de que ele já tinha estado ali antes. Sem mim.

— O que aquele homem te fez? — Ele perguntou e virou-se para me encarar. Senti-me estranhamente envergonhada diante de sua pergunta como não me sentia há muito tempo.

— Nada, eu só... Permitti-me envolver mais do que deveria. — Sentei-me a uma cadeira dele e esfreguei a têmpora, sentindo o início da dor de cabeça dos infernos que geralmente sucedia minhas lágrimas descontroladas.

Ele ficou em silêncio por um tempo e quando julguei que o chá já estivesse morno, dei um gole curto e consegui inspirar, sentir meu peito expandir até sentir uma dorzinha familiar e reconfortante.

— Você quer conversar? — Murmurou em tom hesitante. Ergui meu olhar e umedeci os lábios.

— Aquele era Andre. — Vi que ele ficou surpreso, mas tentou não demonstrar. O som da minha respiração ainda pesada preencheu o cômodo, percebi que havia uma tensão estranha entre nós. Fora de sua casa, tudo aparentava certa estranheza.

— Achei que o tivesse superado. — Foi uma conclusão. Eu acho. Mas, no fundo, senti parte de uma decepção dolorosa no tom soturno de sua voz. Na forma com que ele, propositalmente, não me olhou ao dizer aquilo quando estava sempre olhando em meus olhos. Encolhi os ombros e abri a boca, pronta para lhe dizer algo idiota, mas refreei a mim mesma.

— Eu senti falta. — Respirei com muita força e engoli e vontade de voltar a chorar de novo. — Mas tinha me esquecido de como eu me sentia horrível quando estava com ele. — Dei mais um gole longo no chá. — Não era para acontecer, mas acho que todos temos caído em nossos velhos hábitos ultimamente.

— *Nós?* — Adler finalmente voltou-se para mim, um olhar sagaz cravado em meu rosto me fez sentir melhor. O motivo era tão bizarro quanto desconhecido.

— Você... Corinne... Andre e eu. — De novo a colocação que eu odiava em uma frase. *Andre e eu*. Meu coração se apertou no peito de maneira quase física. Paramos de falar, ficamos nós olhando e submergimos no olhar um do outro. — Fale comigo. — Eu não ensaiara aquelas palavras, não as queria, mas elas saíram. Por vontade própria. Como um suspiro, um pedido sem esperanças.

— Não tenho nada a te dizer. — O tom dele mudou. Tornou-se áspero. — Riley...

Agitei a mão e umedecei os lábios.

— Deixe-me ajudá-lo...

— Me ajudar? — Ele me interrompeu, irritado, mas aparentando alguma calma na superfície. — Olhe só para você. Você não pode ajudar ninguém antes de ajudar a si mesma.

— E como sugere que eu faça isso?

— Pare de ver Andre, em primeiro lugar.

— Eu não vou mais vê-lo. — Balancei a cabeça. Ele não acreditava em mim, estava evidente em seu rosto quando se levantou. E tudo bem, eu também não acredito muito naquilo. — Não vou. Mas me escute... Eu só... Queria conversar. — Estiquei-me para repousar a mão em seu antebraço antes que ele se afastasse. — Fica comigo.

— Não posso, Riley. — Quando percebeu que fora ríspido demais e eu o soltei, ele dei dois passos e parou bem perto de mim. Tirou do meu rosto alguns fios de cabelo desgrenhados que caíam por ele. — Olhe bem... Pare de ver Andre, volte para a faculdade, não pense mais em mim e você vai ficar bem.

— Como uma fórmula pronta de física? — Sorri e rolei os olhos ao afastá-los de seu rosto. Belo físico teórico ele era.

O sorriso dele pareceu mais genuíno, mas também mais breve e melancólico.

— Exato. É uma fórmula de execução complicada, mas eficiente quando você a coloca em prática: você coloca todas as coisas tóxicas no passado e permite que vivam lá, onde podem sufocar a si mesmas com suas toxinas. — Ele segurou meu rosto e por um segundo de pânico misturado a excitação pós-coito, achei que ele fosse me beijar, mas então, Adler inclinou-se para depositar um beijo fraternal em minha testa. — Perdoe-me, eu não quis magoá-la.

Não soube se ele se referia a tudo, desde o segundo em que nos conhecêramos, ou o que tinha me dito sobre eu não poder ajudar a mim mesma. De qualquer forma, eu assenti e ele se afastou de vez.

Estava tudo bem no final.

*“Só nos curamos de um sofrimento
depois de o haver suportado até ao fim.”*

Marcel Proust

PARTE CINCO

capítulo 30

Aluguei um quarto de hotel na semana seguinte em um lugar especialmente pequeno, onde um cartão de crédito não era uma exigência e eu pudesse pagar em dinheiro para que minha mãe não soubesse que eu estava em Londres. Fui ver um homem no dia em que cheguei, com o sol quente brilhando com força e o suor pinicando minha pele assim que saí do ar-condicionado do meu carro.

O nome dele era Ayden Colton, detetive particular.

Sentei-me diante de Ayden e disse-lhe para encontrar tudo o que pudesse sobre Corinne e minha mãe. Tudo o que eu precisava saber. Teria que gastar quase todo o dinheiro que eu tinha, tendo-o ganho eu mesma, e odiava ter que pedir dinheiro a meus pais como uma criança querendo comprar balas sozinha, mas não era como se pudesse deixar toda aquela situação de lado.

E ela parecia adorar fazer cheques quando eu lhe pedia cem libras *emprestadas*. Meu telefone começou a tocar quando eu estava no corredor, com uma promessa de que o Sr. Colton me retornaria em alguns dias. Por incrível que pudesse parecer, Lorc o tinha indicado sob a promessa de que não diria nada a minha mãe, e disse que ele era excelente.

— Alô? — Atendi com as mãos suando, e não mais pelo sol quente que me castigava enquanto eu corria de volta ao paraíso gelado de ar-condicionado do carro. Mas porque eu conhecia o número de Andre, só não me atrevera a salvá-lo.

Ele sempre tivera o mesmo número. Podia ter tido a decência de mudá-lo para me livrar da tentação diária de ligar para ele.

Perguntou-me se eu queria tomar alguma coisa com ele e por mais que tudo tivesse acontecido de forma tão estranha e terrível da última vez em que o vira, eu disse que queria porque eu precisava. Fui na casa dele beber tomar a tal da bebida, em uma casa de estilo soturno em um subúrbio abastado, perto de onde ele me disse que seria o escritório novo dele e do meu pai. Era escura, em tons terrosos e com muitos detalhes de madeira.

Achei que se parecia com ele. Achei que ele tinha voltado rápido demais da Holanda, mas não falei nada. Disse a ele que não queria beber nada porque, no fundo, queria me livrar daquela parte. Queria só que ele me comesse para me afastar dele quando fingisse que não havia demais entre nós.

Ao contrário do que me disse minha intuição, uma hora depois, Andre me puxou para si e afastou meus cabelos para beijar meu maxilar, meu pescoço. Era o que indicava que eu tinha perdido, eu adorava quando ele fazia aquilo, as sensações que me causava. Como eu podia fechar meus olhos e relaxar completamente.

— Riley? — Ele chamou meu nome e abri meus olhos para fitá-lo pairar acima de mim. Eu gostava da vista, na verdade, de seus cabelos negros bagunçados, tendo sido eu a causar a bagunça, de seus olhos sempre a me desnudarem, muito embora não houvesse nada entre nós no momento e da forma terna e particular com que olhou para mim naquele segundo, dizendo-me uma porção de coisas no espaço de tempo em que levei para abrir meus olhos: — Quem era aquele homem que apareceu na sua casa no outro dia?

Umedeci meus lábios lentamente. Claro, ele não se importava realmente com *quem* Charles era. Ele viu um homem bonito na minha porta e queria me perguntar se ele estava me comendo também porque, no fundo, era o que todo homem fazia. E

mesmo assim, lá no fundo, pareceu bom que ele tivesse ciúme. Não era?

— Um amigo. — Tentei soar casual e me virei para sair de dentro de seus braços. Senti-me sufocada de repente. Eu não tinha pensado em Charlie naquele dia, não naquele dia, enquanto ia para Londres, dirigia dentro do limite de velocidade escutando meu álbum pop favorito do momento, sentia os cabelos balançando ao sabor do vento.

Fiquei sentada na borda da cama por um momento até localizar meu vestido aos pés da cama e puxá-lo. Quis tomar um banho porque me sentia suja, mas não queria mais olhar na cara de Andre, tampouco ter com ele uma conversa sobre Charlie.

— Eu tenho que ir.

— Você quer jantar comigo? — Eu queria, mas não devia querer. Levantei-me e fitei-o por um instante.

— Não posso, tenho muito que resolver. — Eu não tinha nada para fazer em Londres além de assistir tevê com um pote de sorvete no quarto de hotel e esperar que o detetive Colton me ligasse, mas, é claro, ele não precisava saber. — Talvez outra hora.

Eu me inclinei para beijar-lhe uma despedida e Andre envolveu minha cintura para me puxar de volta para a cama, seus lábios ainda contra os meus, mas nossos olhos bem abertos.

— O que está havendo com você, Riley?

— Nada. — Eu me afastei e fui embora.

Coloquei uma música para tocar que senti que combinava muito com o momento, *Getaway Car*, e cataloguei todas as bebidas antes de pensar em sair para comprar mais. Porque eu *precisaria* de mais. A dócil recepcionista idosa do hotel me deu as direções e caminhei até uma lojinha de conveniência para comprar sorvete e vodka e deitei-me na cama para misturar os dois com os fones de ouvido.

Tirei-os horas depois de horas. Era verdade, era bem silencioso ali à noite, mas tedioso na mesma proporção e eu não

conseguia dormir bêbada daquele jeito. Meu estômago estava se revirando depois de terminar com a bebida e com o pote enorme de sorvete, e ainda assim, eu não conseguia parar de pensar em Andre. Desliguei a música e afastei-me do celular para impedir a mim mesma de ligar para ele e depois me sentir mal, ainda pior, na verdade, por agir como a criança que ele já achava que eu era.

Não vou ligar para ele. Não vou ligar.

Cobri o rosto com o antebraço no rosto, ao invés de apenas apagar a luz, e relaxei com a cabeça jogada para trás aos pés da cama.



Funguei ao acordar ainda no meio da noite sob batidas suaves, mas contínuas. As pessoas não sabiam que não deviam bater à porta de ninguém àquela hora da noite? Afinal, *por que* alguém bateria na minha porta se ninguém sabia eu estava?

Levantei assim mesmo e percebi que estava tonta. Eu devia parar de beber. Outra coisa que me fazia mal, mas eu não conseguia evitar. Tive vontade de rir de minha própria infelicidade dos últimos tempos, mas pareceu muito miserável, até mesmo para mim.

Abri a porta com um solavanco repentino para ver Charlie a minha frente. Fiquei olhando para ele sem entender sua aparição repentina e cobri o rosto por um instante, afastei o cabelo por cima do ombro para ver se ele sumia.

— O que você está fazendo aqui?

— O que está havendo com você, Riley? — Um junco formou-se entre minhas sobrancelhas com a confusão que se instalou em mim. — O que houve? — Ele perguntou de novo quando

fiquei parada com uma cara esquisita olhando para ele, esperando por uma explicação.

— Eu... Eu não sei. Eu estava dormindo.

— Você deixou uma mensagem de voz. — Charles transferiu o peso para a perna direita. — Corrigindo: você lotou minha caixa de mensagens, eu fiquei preocupado e, contrariando todas as coisas que eu te disse sobre não nos vermos mais, senti que deveria, no mínimo, vir checar se estava tudo bem com você.

— Não me lembro de mensagens de voz. Mas eu posso ter bebido um pouco enquanto refletia sobre as merdas da minha vida. — Ergui a mão de forma dramática para esfregar a têmpora. — Isso nunca acaba bem. — Retorci os lábios e ergui o olhar para ele. — O que eu disse nas mensagens?

Ele abriu um sorriso de lado.

— Você não vai querer saber.

— Não, eu quero. Por que você não entra, nos confraternizamos com a minha amiga vodka e você me conta sobre isso?

— Não quero entrar. Se está tudo bem com você, eu vou embora. — Rolei os olhos e abri a porta para puxá-lo para dentro. — O que está fazendo em Londres? — Fechei a porta e encontrei um elástico para prender os cabelos antes de ir lavar o rosto no banheiro com a porta aberta, para poder vigiá-lo e evitar correr o risco de ele correr enquanto eu o fazia.

— Longa história. Você?

— Te contei que iria começar meu doutorado. — Se tinha mesmo dito, eu não me lembrava. Sequei o rosto e deixei o banheiro. — O que rolou mais cedo com ele?

— Como assim? — Quase pude vê-lo revirar os olhos em minha visão periférica, mas ele pareceu relaxado quando me virei e sentei na borda da cama. Tirou o casaco como se quisesse me dizer que decidira ficar para ouvir o que eu tinha a dizer e sentou-se no sofá de dois lugares, não muito afastado da cama.

— Você disse que foi ver Andre mais cedo, que ele é, abre aspas, um hipócrita de merda e você é ridícula por continuar a vê-lo, fecha aspas. — Eu ri porque achei engraçado a forma com

que ele falava. Quem, do século atual, dizia aquilo para citar uma fala?

— Eu me imagino dizendo isso, sim. O problema é que não consigo me forçar a parar de vê-lo. Parece a merda de uma droga. — Inclinei-me para trás, cansada demais para permanecer sentada, e me deitei com as pernas pendurada para fora. — Ele não gosta de mim. Não gosta de nada que eu faça ou diga. E por que ainda continuo me esforçando?

— Tente mais. — Ele falou simplesmente e lancei-lhe um olhar de poucos amigos. — O que foi? Sou um físico, não conselheiro amoroso, tampouco posso te dizer o que fazer. Eu acho que ele é um babaca de merda e só vim até aqui porque você disse *provavelmente* ia beber uma garrafa de vodka e se afogar na banheira.

— Eu disse isso? Parece um pouco dramático, eu não me imagino falando algo assim. — Apertei os olhos e encarei o teto. Não, não mesmo.

— A pergunta certa não é essa, e sim o que você quer de mim. Já disse que não podemos ser amigos. Que não devemos continuar a nos ver e ainda assim...

— Que você me usou — virei-me para fitar seu rosto, a expressão tranquila que o dominava. — e agora não precisa mais de mim por perto. Muito conveniente, não?

— Sim, foi. — Calmo demais.

— Como pode me dizer isso? — Aumentei o tom de minha voz e apoiei-me em meu cotovelo. — Como pode não gostar de mim nem um pouquinho, Adler?

— Eu não disse isso. — Ele se inclinou para frente com um meio sorriso. — Disse que não posso mais te ver, e que também é o melhor que posso fazer por você. Sim, eu te usei, mas nós dois sabemos disso desde o início, não precisa se surpreender agora. Já posso ir?

— Você é um cretino. — Eu me levantei de repente e ele respirou fundo, mas não me dei ao luxo de fazer o mesmo ao permitir que palavras que eu disse a mim mesma que não diria em voz alta saltassem pela minha boca. — O que está acontecendo entre você e minha mãe, Adler?

— O quê? — Ele abriu um sorriso descrente como se não fizesse ideia do que eu estava falando e, de fato, era um disparate sem precedentes.

—Você está fodendo a minha mãe? É uma pergunta bem simples.

— Nunca ouvi um absurdo maior. — Adler levantou-se, mas fiquei parada entre ele e a porta.

— Eu ouvi a conversa de vocês na casa dela. O que significou aquilo, então, se não o óbvio? Depois do que você me falou sobre ela, e vocês estavam *íntimos* daquele jeito... — Ele expirou devagar e recuou um passo, esfregou a têmpora e vi a mim mesma puxando o ar com força. Abaixei o tom de minha voz ao invés de continuar a disparar-lhe palavras irritadas em voz alta para que pudessem ouvir até do corredor: — Minha avó me contou o que aconteceu. Sobre você e Corinne. A casa de repouso e tudo mais.

Eu não sabia o que dizer de verdade daquela vez. Ele se sentou no braço do sofá com a cabeça inclinada para baixo, os dedos massageando a têmpora como se o som da minha voz o agredisse de forma violenta. Só então me dei conta. Ele não tinha se calado porque não queria responder, talvez também não quisesse, tudo era sempre muito cinzento em sua mente, mas lembrei-me que ele tinha me dito sobre a síndrome de sensibilidade ao som, ou alguma coisa do tipo, com o nome longo e complicado. Gritar com ele certamente não me ajudaria a obter respostas.

— Eu não dormi com a sua mãe, Ray. — Adler murmurou, por fim e remexi em meus dedos. Ele abaixou o braço, nossos olhares se encontraram e prendi a respiração. — Também não inventei nada do que te disse no café, eram apenas suposições minhas. E isso não tem nada a ver com Corinne. — Seu queixo ergueu-se um pouco mais. Parte minha sentia que ele estava sendo sincero, a outra parte já não sabia no que confiar. — Quanto ao resto, não preciso deixar mais claro que não pretendo te explicar minha vida, tampouco meu passado.

— Mas por que não me contou? Quando estávamos na sua casa, eu te perguntei por que eu, e você disse que era por causa

dela. Por que não me contou o resto? — Dei um passo a frente e fiquei mais perto dele. A três passos, talvez um pouco menos, possivelmente um pouco mais.

— Porque tenho dificuldades em me abrir. Porque ela não queria que você soubesse.

— Com quem você estava conversando na casa da minha mãe naquela tarde? — Interrompi-o com a voz branda, embora fosse a pergunta que eu quisera lhe ter feito desde o primeiro segundo, há muitos dias, e meu interior fervilhasse com nervosismo e expectativa. Retorcesse-se de medo e ansiedade. — Na tarde em que fui ver a Dra. Erin.

— Com Corinne.

— Você disse que não queria mais me ver por causa dela. Sim ou não?

— Sim. — Ele foi firme, sem espaço algum para hesitação, e foi a primeira vez em que senti total plenitude em dizer a mim mesma que ele estava falando a verdade.

— Na sua casa... Na noite em que cozinhei, quando eu te beijei... Você me parou *por causa dela*? Sim ou não?

— Sim.

— E você me sequestrou para chamar a atenção dela porque ela sumiu depois que saiu da prisão por molestá-lo. Sim ou não?

— Minha voz tornou-se mais intensa na última frase, a palavra *molestar* saiu com uma intensidade diferente, com um efeito diferente e fez sentir estranha ao mesmo tempo, não sei por que.

— Sim e não. Sim, foi por isso que fiz o que fiz. E não, ela não me *molestou*. — Ele pontuou a última parte bem devagar e franziu o cenho para que ficasse bem registrado em minha mente. Inspirei devagar, absorvendo suas respostas tão claras às minhas conclusões.

— O que foi então, Charlie? — Tentei manter o controle em meu tom, apesar dos absurdos que saíam pela boca dele. Não queria irritá-lo de novo. Nem com minhas palavras, nem com o som exasperado de minha voz. — Liana me disse que você tinha treze anos, como isso *não* aconteceu?

Fizemos uma pausa. Paramos e olhamos um através do outro. Foi estranho e intenso, meu coração foi parando a agitação e o

frenesi e ele deslizou os dedos pelos cabelos ao deixar sair o ar que prendera por nervosismo, talvez algo mais.

O silêncio que nos atravessou me fez lembrar do que ele tinha me dito há algum tempo sobre eu me esforçar tanto para repará-lo. E agora, sobre ele ter dificuldades em se abrir. E, de novo, da conversa breve que tivéramos fora do lar em que minha avó vivia. Sobre ele se sentir vulnerável comigo.

No fundo, pude perceber que ele era de fato. Talvez até mais que eu. Tentar mascarar nem sempre consertava o que havia se quebrado por dentro.

— Eu era apaixonado por ela. Eu *a amava*. — Ele se corrigiu com uma ênfase suave e franzi o cenho, desesperada por dentro para entender onde aquilo daria. — Eu ainda a amo mesmo tendo tentado evitar isso. — Ao se calar, ele inspirou bem devagar com o olhar distante do meu.

— O que aconteceu naquela última noite? — Nós nos olhamos mais uma vez. Ele hesitou, mas sabia exatamente a que eu me referia.

Ele tirou suéter de cor sem graça e ficou apenas com uma camisa azul-clara enquanto eu pegava uma garrafinha de vodka no frigobar e lhe estendia antes de sentar-me no braço oposto do sofá com a minha. Pareceu-me estranho seu pedido por álcool antes de falar, mas eu entendia melhor do que ninguém o quanto aquilo facilitava as coisas. Estava com frio, quase tremendo, mas não ousei me levantar dali até que ele começasse e terminasse de falar.

Charlie terminou de beber e ofereci-lhe a minha.

— Ela me deixou uma carta na escola. Sem remetente, só com meu nome no envelope. Quando saí da secretaria com a carta, encontrei sua mãe no corredor conversando com o diretor. Achei estranho, mas a cumprimentei e fui ver o que era a carta no meu carro.

— O que ela dizia? — Invasiva demais, talvez. Mas arrisquei mesmo assim. Ele virou o resto da bebida e peguei-a de volta

para deixar no aparador ao lado.

— Alguma baboseira sobre o tempo em que passamos separados. Esse não é o foco. Teria sido muita coincidência receber uma carta de Corinne e encontrar sua mãe no meu trabalho, no mesmo dia, depois de tantos anos. Depois, ela falou alguma coisa sobre amá-la muito no fim da carta, então soube que era hora de deixá-la ir. — Respirei bem fundo até sentir aquela dor incômoda que soou como um alívio imenso quando soltei o ar e ajeitei alguns fios que se desprenderam do meu rabo de cavalo e caíam pelo meu rosto.

— Por que depois tanto tempo? — Ele deu de ombros.

— Também não sei. Mas depois disso, teve o episódio em Swansea. Depois da exposição. Sua mãe nunca foi a maior fã do meu pai, ele sempre foi mais acadêmico que um artista, como ela, e isso parecia incomodá-la. A forma como ela agiu era incompatível, e então me dei conta do que havia de errado. Só depois da nossa conversa naquele café. — Ele foi um pouco para trás e peguei a mim mesma prendendo o fôlego, a espera. Adler aguardou como se eu pudesse lhe dizer como acabava.

— E então?

— Não era a sua mãe, Riley. Era Corinne o tempo inteiro.

— O que você quer dizer? — Senti traços trêmulos em minha voz e tive a impressão ligeira de que seu olhar tornara-se mais suave ao constatar a perturbação em meu rosto retorcido.

— Eu fui a casa dela. De início, não estava certo, mas quando começamos a conversar sobre alguma pintura, ela me chamou de querido e disse meio que sem querer que eu adorava azul, como as paredes do meu quarto quando eu era uma criança. Em minha casa em Surrey, não a casa de férias que Hardlyn frequentava, e Corinne me chamava de querido. Depois disso, ela começou a chorar, me abraçou, disse que tinha sentido minha falta. — Suas palavras foram desvanecendo até serem silenciadas. Umedeci meus lábios, chocada demais de início para corresponder à altura o que ele tinha acabado de me dizer.

— Você não acredita nela?

Algo em sua expressão parecia péssimo. Talvez desilusão, não sei.

— Quero dizer, eu deveria, mas algo nas palavras dela não parecia real, sabe? — Ele se virou e olhou-me diretamente nos olhos enquanto eu anuí sem forças. — Ela mentiu para mim, me deixou acreditar que tinha dormido com *meu pai* depois de tudo. Apenas para provocar ciúme e me magoar. E o pior é que ela sabe exatamente como fazer isso.

— Eu admito que ainda não consigo entender tudo isso. — Entrelacei os dedos em meus joelhos e suspirei, meus ombros caíram um pouco e apoiei o queixo em minha mão até que doesse um pouco.

— Nem eu.

Foi um murmúrio débil vindo dele. Os olhos ainda fixos em meu rosto, um azul profundo fazendo meu coração tentar fugir do peito para apreciar de perto. Ficamos em silêncio por alguns segundos, preenchido pelo som de nossas respirações, as engrenagens de nossos pensamentos que tentavam se conectar, mas a ponte era despedaçada ainda no meio do caminho.

Charlie esticou a mão alguns centímetros e repousou-a em meu cotovelo, seus dedos patinaram desinteressados e puxaram de leve os pelos do meu braço.

— Você pode me prometer uma coisa, Riley? — Fiz que sim e abaixei mais a cabeça. Ele afastou a mão e inclinou o rosto, buscando por algo enquanto fitava meu rosto. Eu não fazia ideia do que poderia ser. — Não saia mais com Andre. Nunca mais. Ele não merece que você dê a ele mais poder para magoá-la. Promete?

Fiz que sim. De verdade daquela vez.

Eu não ia mais sair com Andre, não ia mais deixar com que ele me fizesse sentir como eu me sentira a cada segundo com ele nos últimos anos.

Nunca mais.

capítulo 31

Fui me encontrar com o detetive Starr pela manhã no dia seguinte, em Surrey. Charlie fora embora ao amanhecer, muito antes de eu sequer acordar, e deixou um, *voilà*, Advil na mesa de cabeceira. Não soube dizer se ele andava com aquilo no bolso ou se tinha ia até a farmácia que eu vira no fim da rua para comprar, só que eu precisei de verdade daquela vez.

Dois Advil e óculos escuros ajudaram até eu tirá-los e me sentar à frente do detetive Starr em um pequeno e barulhento café numa rua movimentada. Tinha feito-o prometer que seria uma *coisa informal* e fora dos registros, ele concordou, interessado, e contei-lhe sobre o *episódio na praia*. Foi esquisito falar sobre aquilo tantos dias depois de ter acontecido, depois de eu ter pensado tanto sobre como me sentia, sobre como eu sentia medo. Sobre ter mesmo certeza.

— Você conseguiu se lembrar de algum detalhe sobre... Seu raptor? — Ele não era tão ruim quanto eu julgara. Péssimo erro. Starr tentou suavizar as palavras, olhou em meus olhos em busca de pistas do meu desconforto como *vítima* e fez que não.

Mentir para ele me fez sentir mal, percebi.

— Uma coisa não está relacionada à outra, tenho certeza.

— Não há possibilidades de que dois acontecimentos assim ocorram de forma isolada. — Em sua mente, pude vê-lo

descartar meu comentário de modo pragmático. — Você tem ideia de quem poderia querer machucá-la, senhorita Harred?

Fiz que não com cuidado.

— Não se lembra de ter visto o rosto de seu atacante na praia? Talvez algum detalhe ínfimo, pode ajudar.

— Não. Eu estava debaixo d'água no momento. Fiquei tanto tempo lá que minha cabeça começou a doer, minha visão escureceu depois de um tempo. E a água estava turva, de qualquer maneira. Parecia que usava uma roupa de neoprene. Não me lembro de nada mais significativo. — Ele fez rabiscos indecifráveis em seu bloco e dei um gole em meu café preto.

Starr ficou olhando para mim. Parecia ver através. Meus pensamentos, minhas mentiras.

— O que não está me contando?

— Nada. — Murmurei. Minha voz saiu afetada.

Diga isso com mais firmeza, Riley, nem você acreditaria nisso.

Ele respirou fundo. Tive a impressão de que diria mais alguma coisa, de que me pressionaria por mais respostas, que me interrogaria. Starr jogou os ombros para trás ao invés disso e recolheu seu bloco, pronto para levantar-se e ir embora, o que foi um alívio, mas então ele se voltou mais uma vez para mim e senti meus ombros enrijecerem diante de seu olhar.

— Mais uma coisa... Você viu algum barco ancorado por perto? — Apertei os olhos.

Uma pergunta pertinente e neutra. Não, eu não me lembrava. Disse isso ao detetive e ele foi embora em seguida, prometendo manter contato, caso necessário.

Fui para casa depois e mandei uma mensagem de texto para Charlie perguntando se ele queria me encontrar mais tarde. Ele respondeu alguma coisa dizendo que estava em aula e me ligaria depois. Parecia estranho aquelas palavras juntas. Enrolei-me como uma bola e adormeci daquele jeito mesmo, de jeans e toda desconfortável.

Estava esperando que ele fosse me dizer que tinha esquecido de ligar, mas, para minha surpresa, saímos juntos no fim da tarde como pessoas normais. Amigos que saem juntos, enchem a cara, riem e falam sobre os problemas. Não foi exatamente essa a fórmula, mas foi semelhante e funcionou bem. Primeiro, andamos pela rua do meu *flat* e acabamos em um bar barulhento demais para ele, por isso fomos embora depois de uma cerveja.

Ainda estava claro quando chegamos a praia, conversando no caminho sobre o segundo mestrado dele de aplicação de sei lá o quê – foi difícil fixar alguma informação enquanto bebia. O bar com vista para a praia era mais tranquilo, fora que tinha uma vista lindíssima para o pôr do sol que se aproximava e os raios na água cintilante.

Saímos de lá depois de alguns – vários – drinques e fomos andar na areia. Já não tinha mais ninguém por ali quando nos sentamos e, antes que ele percebesse, sentei-me bem ao lado dele e coloquei a cabeça em seu ombro. Não com segundas intenções por conta do álcool, longe disso. Eu estava com frio e queria que ele passasse o braço pelos meus ombros para me aquecer.

— Você tem falado com a sua mãe? — Ele perguntou meio que de repente, enquanto eu lutava com o vento que atirava cabelo em seu rosto, cada vez mais forte. Exprimi um ruído negativo antes de erguer o queixo.

— Não. Por quê?

— Estive me perguntando por que você ainda não foi falar com ela. Sobre tudo isso. Despejar sua dúvida e esperar que ela lhe ofereça respostas coerentes que ainda a faça parecer como sua mãe-perfeita. Era a coisa mais óbvia a se fazer, por que ainda não foi? — Charlie abaixou o olhar do horizonte e fitou-me, seu rosto pouco acima do meu.

— Também pensei em fazer isso, mas optei pelo plano B. — Umedeci meus lábios e virei-me novamente para tirar o cabelo do rosto. — Posso perguntar uma coisa?

— Vamos lá, você tem muitas perguntas a fazer e muito a saber sobre mim. — Ele esboçou um sorriso e nos afastamos.

Charlie inclinou-se para trás e coloquei os braços em torno de meus joelhos.

— O que aconteceu entre você e sua mãe? Você foi vago no hotel quando perguntei sobre isso, mas... Aconteceu alguma coisa específica que os afastou? — Eu podia pensar em uma coisa. — Tudo isso deve tê-la magoado, feito-a sentir-se culpada. — Afastei o cabelo do rosto de novo e joguei-o por cima do ombro. — Não consegui parar de pensar nisso desde aquela noite.

E porque eu te segui e você passou pela casa dela e não pareciam exatamente melhores amigos, mas vamos continuar a fingir que isso nunca aconteceu.

Fitei-o respirar bem fundo, parecia relaxado apesar da minha pergunta.

— Ela nunca foi *uma mãe ruim*. Acho que não, mas nunca gostou muito de mim como eu queria que gostasse. Quando eu era uma criança, ela cuidava de mim, me alimentava e me aquecia, e parecia suficiente, mas era mais como o papel dela. Conforme eu crescia, acabamos por nos afastar cada vez mais. Também foi culpa minha, é claro, eu nunca fui emocionalmente fácil de lidar. A sensibilidade seletiva do som também colaborou com isso. Eu odiava as festas que ela dava, odiava estar sempre cercado de barulho e pessoas. — Ele ergueu um pouco o queixo ao voltar-se para mim. Parecia incomodado com alguma coisa; talvez por lembranças, era difícil dizer. — Talvez minha mãe só quisesse uma criança sociável e inteligente para mostrar para os amigos e eu não era essa criança. Nunca vou saber.

— Você nunca tentou se reconectar a ela? Quando adulto, eu digo.

— Não importa mais, Riley. Bebês precisam da mãe, com o passar o tempo, eu não precisava mais dela e só queria me ver tão longe e desconectado de sua vida tanto quanto fosse possível. — Franzi o cenho e senti alguns fios caírem pelo meu rosto, mas daquela vez não fiz um movimento sequer para tirá-los dali. Eu o ouvia dizer aquelas palavras, ouvia seu tom firme, mas nada daquilo aparentava ser verdadeiro, no fundo.

— Por que não tenta agora? — Um junco suave surgiu entre suas sobranceiras, como um ponto de interrogação. — Só dizer que sentia todas essas coisas. — Endireitei meus ombros e joguei o cabelo por cima do ombro. — Você mesmo disse que era difícil de lidar, talvez ela não soubesse como se aproximar. Não soubesse o que você sentia, ou como te oferecer o afeto que você precisava. Acho que é difícil se sentir tão responsável por outra pessoa.

Por um momento, seu peito subiu e desceu devagar e ele pareceu pensar com cuidado no assunto.

— Não quero isso de volta. O caos que ela traz para minha vida. Está tudo bem agora. — Passei os braços em volta dos meus joelhos e virei-me em direção ao céu ainda crepuscular, agora muito mais perto da escuridão noturna com estrelas ao longe começando a brilhar.

— Posso fazer outra pergunta, uma que você pode não querer responder? — Tentei mudar de assunto e ensaiei um sorriso frouxo. Ele retribuiu sem muito entusiasmo.

— Vá em frente.

— Com quantas pessoas você dormiu? Depois... *Dela*, eu digo. Só curiosidade. — Ele olhou para mim como se eu fosse louca por perguntar, ou, mais uma vez, invasiva demais, e então jogou a cabeça para trás.

— Nenhuma. — Soou casual ao sair de seus lábios, mas quando escutei aquela palavrinha pequena, pareceu-me um tremendo absurdo.

Mas ele era tão bonito. Maluco, mas tão lindo. Que desperdício para a população feminina que adoraria se aproveitar dele. Não eu, claro que não, mas todo o resto. Nem estava pensando naquilo; em me aproveitar dele.

— Mas... *Como?*

— Eu não sinto essa necessidade pelo corpo de outra pessoa como a maioria sente. — Ainda era um absurdo imenso, porém, eu não tinha como argumentar contra aquilo. Eu consertei o cabelo pela vigésima vez, irritada com o vento e pensando no próximo tópico a perguntar sobre ele quando seu celular dele vibrou de repente, quebrando a paz tranquila sob o som das

ondas. Charlie deu uma olhada na tela e ignorou a chamada sem cerimônia antes de fitar-me mais uma vez.

— Você está com fome, Riley? Eu estou morrendo, devíamos procurar um restaurante.

capítulo 32

Todas as partes do meu cérebro me disseram para eu não ir dirigindo para Londres tarde da noite, sobretudo depois de ter bebido, mas ignorei cada uma delas. Peguei o carro e fui até a casa da minha mãe, ao invés disso. Era tarde, Charlie tinha me deixado muito antes em casa, e mesmo assim eu não conseguia dormir.

Fiquei pensando em tudo o que tínhamos falado. No que minha avó tinha contado, na conversa que eu escutara entre ele e minha mãe – que ele dizia não ser minha mãe. Em tudo aquilo, e continuava a remoer tudo e me sentir a grande idiota naquela história. Como se eles estivessem tramando pelas minhas costas.

O pior era que não parecia ridículo ou absurdo, era muito real. Eu queria perguntar a “*minha mãe*” sobre a tal de Dra. Erin, o que tinha Charlie tinha dito sobre ela, e as perguntas esquisitas da mulher sobre ele. Nada daquilo saía da minha cabeça.

Apertei os olhos e parei o carro de qualquer jeito diante da casa dela. As luzes da frente estavam apagadas, as do quarto às vezes ficavam acesas, como a das salas em que ela pintava, assim, não podia saber se ela estava em casa. Revirei minha bolsa procurando pela chave que eu sempre carregava comigo, uma pequena luta.

CHARLIE

Ela se inclinou e apoiou-se na borda da mesa, olhando para mim com um sorriso, sentado a sua frente com uma xícara de chá que ela insistia que eu bebesse. Mas algo naquilo tudo não podia me convencer. Na forma com que ela agia. Não parecia verdadeiro. Como antes. Desde a última vez, cada segundo parecia uma manipulação tosca, um jogo sujo dela para obter alguma coisa.

— O que há de errado, querido?

— Nada, tudo bem. Acho que bebi demais, só isso. — Não era uma péssima desculpa. Ela me conhecia, sabia que eu evitava excessos. Dei um gole no chá amargo e disse que estava muito bom. Não estava, mas Corinne não precisava saber.

Ela se sentou na cadeira ao meu lado e deixei a xícara na mesa. Podia muito bem ler os indicativos em sua expressão vez ou outra, em seu olhar, saber exatamente o que ela queria. Beijar-me, daquela vez. Ainda como um jogo, em que ela corria os dedos pelos meus cabelos antes que os afundasse neles, com uma calma vagarosa e arrastada enquanto olhava para mim.

Seu olhar me desconcertava de forma brusca. Não era como qualquer pessoa, como meus colegas olhavam para mim, ou meu professor de física aplicada. Nem mesmo minha mãe. Era o olhar que quem me conhecia e de quem queria deixar aquilo claro *daquela maneira*. Uma maneira brusca e dolorosa, mas é claro que ela não se importava muito.

Girei meu corpo alguns centímetros para dar a Connie o que ela queria de mim, porque era sempre assim que o jogo funcionava ou não jogávamos. Seus lábios estavam com gosto de pêssego. Ela de fato estava comendo pêssegos, mas também era seu batom. Nunca muito forte, às vezes imperceptível, mas sempre presente. Ela inspirou com força e prendeu a respiração para soltá-la aos poucos enquanto tomava meus lábios entre os

seus e permitia que sua mão – a que não estava agarrando meus cabelos – serpenteasse por dentro de minha camisa até minhas costas.

Era uma sensação estranha. Ser tocado de forma tão íntima. Um misto de sensações dolorosas e prazerosas que me deixavam em dúvida se eu queria aquilo ou só aceitava passivamente o que quer que Corinne quisesse fazer comigo. Como se lhe desse total permissão a ela para que tomasse meu corpo para si e usasse-o como bem entendesse.

Sua boca afastou-se da minha, não muito. Ainda estavam unidas, porém não mais em um beijo. Estavam unidas tanto quanto nossos olhos estavam na mesma altura quando seus dedos começaram a desfazer os botões de minha cabeça. Ela se afastou, então, não precisava olhar o que fazia pois já era um caminho conhecido – até demais. Ela parou só para fitar meu rosto, ainda de perto.

— Quero que passe a noite aqui comigo. — Connie continuou a abrir botões. De baixo para cima, até o fim. — Você faria isso por mim?

Senti minha boca seca em um misto de ansiedade e aflição. Disse que sim, se era o que ela queria. Ainda estávamos com um pé atrás um com o outro desde a última vez em que nos viramos, a primeira em muito tempo. Ela não confiava em mim por causa de Riley, eu não conseguia acreditar nela por conta de suas atitudes, sempre com motivos ambíguos. Mas se eu a amava tanto, parecia fazer sentido passar por cima de tudo para apenas *estar* com ela. Convenci-me de que sim, fazia todo o sentido.

Sáímos da cozinha e ela segurou minha mão, entrelaçou nossos dedos juntos através da parede que dividia a cozinha e a sala e reconheci que estava tudo bem. Sob as luzes da sala, ela parecia ainda mais bonita. Seu sorriso era genuíno, a luz refletia em seus cabelos castanhos e longos, caindo pelos seus ombros por cima da camisola escura e longa, descendo até suas costas.

Eu a puxei de repente pela mesma mão com a qual ela me levava pela sua casa e a beijei. Um beijo de verdade, não um equilibrado demais, ou calculado demais. Pareceu quase obsceno quando ela me beijou de volta, porém, eu tive vontade

de fazer aquilo por muito tempo. Sem temer que alguém fosse aparecer e nos flagrar fazendo algo tão impróprio e terrível. Corinne sempre sorria quando era eu a beijá-la, suas mãos deslizaram por dentro da minha camisa aberta e segurei seu rosto. Saboreei seus lábios sem pressa, mas com paixão.

Permiti-me fechar os olhos sem espiar por cima do ombro e meu coração bateu acelerado, em êxtase, por vê-la tão alegre. Um ruído nos interrompeu de repente. Connie se virou e abriu os olhos, voltei-os em direção a porta da frente, que moveu-se entreaberta pela força do vento. Nada aconteceu por um segundo, e então Riley entrou.

Não tínhamos bebido muito mais cedo, mas quando ela tropeçou em suas botas de salto alto e agarrou a porta, parecia completamente embriagada. As chaves de seu carro caíram no chão e ela riu com uma rápida olhada em nossa direção antes de abaixar-se para alcançá-las e devolver a bolsa aberta.

Eu não deveria me preocupar com ela, mas não conseguia mais evitar o sentimento ascendente, os pensamentos de ela dirigindo bêbada por aí. Tive o desejo de lhe dizer para crescer e parar de agir como uma adolescente inconsequente, que ela era muito mais inteligente que isso, mas é claro que não lhe disse nenhuma dessas coisas.

Corinne pareceu surpresa, embora Riley parecesse estar sempre bêbada, e caminhou até a porta quando ela a bateu com um pouco mais de força do que a necessária, o ruído estalou pela sala de estar em absoluto silêncio e as ondas do mar preencheram o cômodo, distantes, como um suspiro agonizante que causa um aperto no peito.

— Querida... O que aconteceu com você? — Tive o desejo de sair dali sem que percebessem, mas pareceu ainda pior do que dizer que iria embora quando eu claramente nem deveria estar ali. A cena toda pareceu terrivelmente deslocada de uma hora para a outra, um encanto mágico se rompendo de forma abrupta.

— Eu preciso conversar com você. — Connie tirou o cabelo dela do rosto e jogou-o por cima do ombro. — E você... — Ela apontou para mim. — Não ouse ir embora.

Riley desvencilhou-se de Corinne e jogou sua bolsa no sofá.

Finalmente me dei conta de que minha camisa estava aberta, tão imerso me senti assistindo àquela cena, e só então comecei a fechá-la bem rápido, como se tivesse acabado de cometer um atentado ao pudor e estivesse sendo recriminado com olhares de nojo e desgosto vindos de todas as direções. Odiava a ideia de ter Riley e Connie no mesmo cômodo, como um anacronismo de fundindo com violência. O presente e o passado ocupando o mesmo espaço era inconcebível.

— Sobre o que você quer conversar? — Connie perguntou com muita calma ao caminhar até o aparador no canto da sala para servir-se de uma bebida. Permaneci parado atrás do sofá quando Riley sentou-se no outro em minha diagonal, parecendo cansada.

— Sobre você, sobre o que mais? Antes disso... — Connie virou-se com o copo em mãos, uma expressão de pura tranquilidade invadindo seu rosto, e Riley estreitou os olhos ao me encarar. — O que você está fazendo?

— Hora do chá. O que mais seria? — Cínico demais. Ela tinha dito que escutara minha conversa com Corinne no outro dia, eu não sabia o quanto ela escutara e Riley continuara a esconder as cartas no hotel, portanto não tinha como saber o que ela tinha concluído.

Senti-me um traidor, entretanto. Há algumas horas, eu estava com ela. Tínhamos nos divertido, de certa forma. Era aquela a forma com que Riley olhava para mim: como se eu a tivesse traído estando ali com sua suposta mãe, e ela transmitia bem suas intenções fazendo-me sentir o mesmo.

Ela olhou para Connie, então, enquanto provava sua bebida.

— O que significa isso? Vocês estão dormindo juntos? O que exatamente está acontecendo entre vocês?

— Não. Teríamos feito isso, mas ainda não. — Corinne estava irritada. Eu odiava estar perto dela naquele estado de humor. Ela não se importava em poupar a ninguém, principalmente a mim, em suas palavras cruéis. Talvez porque ela soubesse que eu não iria odiá-la, tampouco me recusar a perdoá-la com tamanha facilidade que chegava a *me* irritar. — E por que isso te incomoda, Riley?

— Não é *isso*. É tudo. É você. — Riley inclinou-se para frente, respirando rápido demais, e aumentou o tom de sua voz para algo ligeiramente descontrolado. — Quem é você? Minha mãe ou uma tia perdida que se aproveita da ingenuidade de crianças?

Connie riu.

— Aproveitadora de crianças? — Seus olhos faiscaram por um momento. Ela realmente achava aquilo remotamente engraçado? — Faça-me o favor, Riley!

— Que nome você dá para isso, então? — Riley falou mais séria, a voz controlada e quase ácida.

— Parem de discutir, por favor. — Finalmente falei e percebi que apertava as mãos em punhos que resisti em soltar. — Ninguém se aproveitou de ninguém, Ray. — Soltei o ar com força e me virei para pegar minhas chaves que eu deixara sobre o balcão da cozinha. — Vou deixar vocês conversarem.

Não pareceu que nenhuma delas tivesse interesse, tampouco condições, em *conversar*, não sem atacar uma a outra. Corinne não sabia escutar e Riley estava bêbada demais para manter a calma. Se tinha uma coisa que eu não me permitiria era ficar entre elas.

— Não vai embora, Charlie. — Connie repousou a mão em meu braço quando tentei passar por ela, um movimento tão suave, o som de sua voz macio e tranquilo, que parei e fitei-a. Tentei decifrar o que ela queria realmente me dizer, mas ela me lançou um olhar distante e desviou-o à Riley, que parecia inquieta no sofá. — Vamos conversar como adultos. Eu não sou sua mãe, Riley, essa é a verdade, mas estamos juntos há tantos anos. Eu sinto como se fosse.

Tentei detectar os sinais de que ela estava falando sério, mas não encontrei nenhum. Poderia ser pura hipocrisia, podia ser sério. Eu nunca saberia. Connie largou meu braço e alcançou sua bebida para terminá-la.

— Onde está minha mãe, então? — Riley perguntou, consternada, por cima do meu ombro, mas não tive coragem de olhar para ela. Corinne soltou um suspiro dramático.

— É uma história complicada.

— Complicada? Onde ela está? E... Por que você está aqui, *fingindo* ser minha mãe por sei lá quanto tempo? Você é louca, meu Deus! — Riley, transtornada, inclinou a cabeça para baixo e puxou os cabelos. Corinne olhou para mim e revirou os olhos.

— Eu vou embora. — Movi os lábios para lhe dizer e então ela espalmou a mão em meu peito.

— Vamos dar à Riley um pouco de espaço.

— Acho que vocês precisam conversar agora, Connie. Sozinhas. — Afastei sua mão com o máximo de delicadeza, embora estivesse incomodado com a forma com que ela negligenciara a situação sem se importar com os sentimentos de Riley e o que ela deveria estar sentindo no momento.

— Eu preciso conversar com você. Agora. — Ela pontuou com muito cuidado cada palavra, sua voz se arrastou com a ênfase e fiquei parado. Dei-me conta do quão próximo dela eu estava e, sobretudo, da forma com que, ao captá-la de soslaio ali no canto, Riley olhava para nós.

— Tudo bem. Mas seja rápida.

—O que você disse a Riley sobre mim, querido? — Tive o impulso de lhe dizer para parar de me chamar de querido. Ela não parecia fazer ideia do quão forçado e enjoativo era naquele momento. Superficial. Não consegui, no entanto. Engoli minhas palavras ao invés disso e tentei lembrar-me com exatidão. Cada palavra que eu trocara com Riley nas últimas vezes em que nos viramos.

— Eu *não sei* de nada sobre você para ter dito a Riley, Corinne. Sei de muitas mentiras. Posso ter compartilhado com ela que você agia de forma estranha, mas o que mais eu poderia ter dito?

Ela inspirou com força e sentou-se na borda de sua cama. Quanto a mim, permaneci parado detrás da porta, a um segundo de ir embora e largar tudo ali, daquela forma. Estava tão aborrecido com ela que disse a mim mesmo que era capaz de tal

movimento, mas no fundo, soube que não conseguiria. Se ela me pedisse para ficar, eu ficaria sem nem ao menos piscar.

E odiava acima de qualquer coisa aquela sensação de me sentir tão preso a alguma coisa. A alguém. Eu não queria mais estar ali, mas não era capaz de me virar e ir embora.

— Eu sei, lamento. — Ela enfiou as mãos entre as coxas e ficou olhando para mim. Sabia, por aquele olhar, que ela queria me dizer algo, mas ainda estava repensando sua decisão. Quis me aproximar, mas concluí que era melhor deixá-la pensar no que faria a seguir. — Você me ama?

— Não seja boba. — Connie ergueu o queixo e mordeu o lábio.

— Você mentiria por mim, Charlie?

— Sim.

— Então eu preciso te contar o que aconteceu com minha irmã. — Ela estendeu a mão e a peguei. Sem hesitar. Parecia automático àquela altura. — Você precisa escolher entre mim e Riley. Ao lado de quem você quer ficar.

capítulo 33

Ela se levantou e pegou uma bebida, andando de um lado a outro pelo cômodo. Àquela altura, já me sentia sóbrio; talvez sóbrio demais para escutar o que Connie tinha a me dizer, mas eu tinha dito que ficaria ao lado dela. De verdade.

— Eu e minha irmã sempre fomos próximas, sabe? Éramos gêmeas, era inconcebível que não fossemos. Mas não próximas de forma efetiva, não. Não gostávamos nem um pouco do fato de uma cópia nossa andando por aí, mas com o passar do tempo, começamos a usar isso a nosso favor. Às vezes nem nossos pais sabiam diferenciar. Começamos com pequenas coisas. Trocávamos de roupas para testar se alguém poderia nos reconhecer, mas quando tudo ocorreu com tranquilidade, a coisa foi progredindo. Provas na escola, encontros com garotos do ensino médio. Algo com nossos pais que a outra não gostasse. — Ela virou seu uísque de uma vez e respirou fundo.

“Quando seus pais deram uma festa em Birmingham, no verão em que nos conhecemos, foi o que fizemos. Ela ficou com a parte chata de socializar, eu fingi ser a irmã legal que pode fugir do resto e te adular no seu quarto quando você queria estar em qualquer outro lugar no mundo, exceto ali. E depois o francês. Eu continuei a fingir e naquele ponto, não tinha mais como voltar atrás. Por isso eu me tornei Corinne, e minha irmã ficava

brincando de casinha com Landon e Riley quando isso me sufocou a um nível em que eu não conseguia suportar. As traições que ele fingia que eu não sabia, uma rotina esmagadora... Foi fácil.

“Eu sentia falta de Riley, é claro — ela colocou mais uma dose dupla de uísque e soltou o ar com força enquanto falava. Não acreditei cem por cento daquela vez, mas não fiz nada além de respirar e escutar. Corinne não queria nada além de um ouvinte atento e cativo. —, mas eu gostava daquela liberdade. Eu te dava aulas, pintava no meu tempo livre.

Ela virou a bebida e esfregou as pálpebras de leve ao apoiar-se na lateral da mesa.

— Depois de tudo... Eu voltei. Foi estranho, na verdade. Não senti como se me encaixasse mais. Aqui, com Riley, mas comecei a gostar tanto dela. — Ela fez uma pausa demorada. — *Coisas* aconteceram, Charlie.

— Que coisas? — Foi a primeira vez em muito tempo que o som de minha voz se fez ouvir, como um sussurro direcionado ao vento. Connie jogou a cabeça para trás de forma dramática antes de olhar para mim, deslizar os olhos pelo meu rosto como se me visse pela primeira vez em uma década.

— Bem, minha irmã e eu não lidamos com isso de forma exatamente pacífica. Ela não queria voltar a ser... *Ela*. A pessoa que eu tinha sido por tanto tempo. Riley estava em Lettermullan, de férias com Landon, e nós ficamos sozinhas uma noite. Na casa afastada da cidade. Eu deixei um cigarro aceso ao adormecer na sala e quando acordei, tudo estava em chamas. Eu corri da casa pela porta dos fundos, mas minha irmã não teve tanta sorte. — Connie mordeu o lábio com força e abaixou os olhos. — A Corinne de verdade está morta.

— Então por que disse a Riley que não é a mãe dela? — Finalmente me levantei. Tomei sua mão entre as minhas e ela deixou que o ar saísse como se oprimisse seu peito e a impedisse de respirar durante um minuto inteiro.

— Não acho que ela vá acreditar em mim. Quero dizer... Parece loucura, não sei se eu mesma acreditaria. — Ela se virou

e tocou meu rosto com a mão livre. — Você acredita em mim, não é?

— Claro. — Beijeí sua mão e ela afagou meu rosto com um sorriso languido, os olhos avermelhados. Não por lágrimas. — Claro que acredito.

Eu tinha dúvidas. Sim, parecia uma versão duvidosa, mas eu a conhecia. Corinne – ou a Hardlyn que eu conhecia – nunca machucaria ninguém. Às vezes os acidentes mais tolos podiam acontecer quando não se prestava atenção em tudo a sua volta. Sim, eu acreditava. Além disso, eu a amava, devia ficar ao seu lado não importando o quê.

— De qualquer maneira, vocês precisam conversar. — Ela assentiu. — Riley está confusa. Eu não sei o que você tem em mente para dizer a ela, mas diga alguma coisa.

— Sim, vou falar com ela. Mas depois, ela está bêbada. Vai acordar cedo amanhã, já deve estar na cama. Por que não fica aqui?

— Acho melhor não. Depois de tudo isso... — Eu deveria ser capaz de me lembrar que não podia contra-argumentar com ela. Sempre perderia. Ela pressionou o indicador contra meus lábios e me beijou.

Não deveria corresponder, precisava ir embora, ficar a sós com meus próprios pensamentos, mas de uma hora para a outra, tive uma sensação de urgência crescendo, expandindo-se pelo meu corpo até entorpecer minha mente. Eu sentira a falta dela mais do que poderia tentar explicar, não precisava mais de tempo para entender seu passado ou desvendar seus segredos. Só precisava que ela estivesse comigo.

— Está pior do que eu me lembrava. — Ela espalmou as mãos pela pele desnuda de minhas costas, percorreu as marcas. Dos declives suaves às cicatrizes em alto relevo que ainda latejavam. Seu toque provocou pontadas intensas de dor, mas foi uma dor diferente a ser saboreada. Gostava de como ela o fazia.

Como se tentasse explorar minha pele em busca das mudanças que ela perdera com o passar de tantos anos. Corinne tinha razão. Estava *muito* pior, mas aquilo já não importava. Nós nos viramos e encontramos um ao outro. Ela virou a chave na

porta ao passar por ela e apagou a luz, de modo que apenas a lua iluminasse um trecho do cômodo perto da cama com suas sombras prateadas e geladas.

— Você está tão bonito. — Ela sorriu. Sorriu de verdade para mim e me fez sentir feliz por algo tão ridículo. Eu não me esforçava para ser bonito. Não era como se ela dissesse que eu era inteligente. Que era um mestre em física porque tinha me dedicado muito. Era uma circunstância inalterável e eu sabia daquilo, mas ela me fazia sentir feliz sem me dar conta do quão tolo, ou do quão vazio, era o elogio. — E tão crescido, também.

Seus dedos, então, alcançaram meus cabelos e brincaram com os fios.

Pensei em alguma coisa a lhe dizer, mas tudo pareceu-me ridículo e bobo. Ela sabia que era linda, sabia que eu a achava a mulher mais linda do planeta. A mais inteligente, a mais incrível. Verbalizar tais coisas parecia torná-las frívolas.

Senti uma necessidade abrupta de dizer que a amava, mas estava ciente de que ela não me amava de volta. Não na mesma medida. E teria sido ainda pior para meu coração fragilizado; o silêncio que sucede uma declaração de amor a minhas fantasias delirantes de que ela poderia me amar. Por isso não lhe disse nada. Limitei-me às palavras que meu corpo poderia lhe dizer e fiz amor com ela.

capítulo 34

Esperei por Riley enquanto ela corria na chuva para entrar em meu carro. Com os cabelos em um tom intenso de cobre ligeiramente mais curtos agitando-se, lançando minúsculas gotículas de água conforme ela se movimentava. E as pequenas gotas, por sua vez, mesmo em um dia cinzento e escuro, produzia um pequeno arco-íris a sua volta. Seus olhos, o azul escuro com toques de verde com pontinhos avermelhados no centro, os olhos reluziram de longe, falando um milhão de palavras quando inclinei-me para abrir a porta da ela.

— Eu trouxe café. *Cappuccino*, para você. Não sabia do que gostava, temos que nos atualizar. — Ela deixou seu café ao lado do meu no porta-copos e envolveu seu corpo. A blusa fina vinho-escura aderiu a sua pele, encharcada.

Puxei meu casaco e tirei o suéter para entregar a ela.

Riley ficou sem jeito por um tempo. Encarou o pedaço de tecido vermelho e quente em suas mãos e então ergueu os olhos, em dúvida se colocava por cima quando era melhor tirar a blusa. Ofereci-lhe um sorriso quando ela se decidiu e me virei, tanto quanto eu poderia dentro do carro, e ela puxou a blusa com o queixo trêmulo. Eu ainda podia vê-la através do vidro, com o som da tempestade preenchendo tudo a nossa volta. Voltei a minha posição e ela deixou a blusa aos seus pés. Liguei o carro

e ela encolheu os ombros, pegou seu café preto para dar um gole. Eu fingia que não, mas tinha notado que ela tomava café sem leite ultimamente. Senti que havia um motivo por trás, mas não como se devesse perguntar qual era.

— Antes de qualquer coisa... Dirigir não é uma coisa que você possa fazer depois de beber daquele jeito. — Riley consertou os cabelos molhados e jogou-os por cima dos ombros, ainda trêmulos e projetados para frente enquanto ela ajeitava o suéter em seu corpo para que cobrisse o máximo possível.

— Acho que vou colocar a culpa na bebida dessa vez e me isentar da responsabilidade. Além disso... — Ela passou o café para a outra mão e esticou o braço para ligar o rádio. — Não era como se eu pudesse *esperar* meu corpo ficar sóbrio. Eu bebi demais depois que você embora, tinha muita coisa em mente. — Ela meio que olhou de soslaio para mim, mas desviou o rosto quando olhei de volta.

Pressionei os lábios com irritação, mas guardei minha replica. O som da chuva e de *Crave* inundaram o carro por um minuto inteiro, um som melancólico com uma letra terrivelmente semelhante ao que eu sentia naquela manhã.

*Você mantém o mínimo
Às vezes eu não posso senti-la de jeito nenhum
Mas de vez em quando
Você me torna incrível
Viva no limite comigo
Porque nós realmente não precisamos do resto deles*

*Mas eu não entendo o seu jeito cruel de dar amor
E então voltar ao início
Eu acho que estou com medo de respirar
Porque tudo que eu acho que preciso é você...*

Estendi a mão e desliguei o rádio com um pouco mais de força que a necessária. Riley se sobressaltou, concentrada na

paisagem a nossa volta, e suavizei meu olhar ao fitá-la.

— Para onde estamos indo? — Ela indagou ao remexer-se e respirar profundamente.

— Eu não sei. Para onde você quer ir?

— Onde você está morando em Londres?

— Em Westminster, perto da universidade. — Ela roeu a unha do polegar e então deu um gole no café enquanto pressionava a língua contra o céu da boca. Riley era repleta de hábitos irritantes e inconscientes dos quais nem fazia ideia que fazia enquanto os executava.

— Leve-me para sua casa, então. — Ela afundou e curvei o rosto para o lado contrário para evitar o início de uma conversa sobre outros assuntos que não fosse o que estávamos fazendo *naquele momento*.

Eu não podia me dar ao luxo de responder suas perguntas sobre o que ela queria saber.

Ela estava sonolenta quando o celular começou a vibrar. Um número em uma fonte escandalosamente grande surgiu na tela e ela o desligou antes de voltar os olhos para mim. Fingi que estava distraído no preparo de um chá, mas estava incomodado com o som de seus dedos batucando sem parar na mesa de madeira bem perto de mim, na cozinha.

Um som incessante e progressivo que me causava vontade de bater com minha cabeça na parede, se o movimento fizesse o som parar. Era um instinto que eu tinha desde sempre, ao invés disso, me virei de repente para Riley e lhe lancei um olhar que a fez parar.

— Você vai me contar o que aconteceu? — Ela apoiou os cotovelos na borda da mesa e tapou os ouvidos com uma risada infantil, um olhar dramático na minha direção. — Por favor, sem detalhes!

Agitei a cabeça em reprovação e lhe entreguei o chá antes de me sentar diante dela, que abaixou os braços para adoçar a bebida.

— Não sei, não. Eu posso me sentar aqui por horas e te contar como foi minha noite. — Riley retorceu os lábios e desviou o olhar daquela vez. — Mas longe de mim fazer isso. Vamos nos ater ao básico. — Ela agitou a cabeça, sonolenta.

— Antes disso, eu queria dizer obrigada. Eu sei que significou muito para você fazer isso, que você tem sentimentos por ela... — Ela meio que revirou os olhos, mas foi breve demais para que eu pudesse ter certeza do que tinha visto. Riley, na verdade, parecia estar se esforçando muito para não demonstrar o quão enojada se sentia a cada vez em que abria a boca. E por um segundo que fosse, eu conseguia me imaginar na mesma posição. Não tendo os mesmos sentimentos, mas era uma visualização importante para entender seu ponto. — Está bem, pode continuar.

— Ela me disse que é sua mãe, mas a essa altura, já não sei mais se acredito. Que a verdadeira Corinne morreu em um incêndio provocado por ela. Acidentalmente. Você não acreditaria em nada disso, por isso ela mentiu. — Soltei o ar devagar.

Parecia-se com uma traição a Corinne. Senti isso de forma quase física, embora meu cérebro estivesse certo sobre estar fazendo o que julgava ser mais correto. Era uma coisa semelhante a uma sensação provocada por um som agudo e persistente, de novo e de novo; eu não conseguia afastar-me dele e seguir em frente.

— O que mais?

Poupei-lhe da parte de que Hardlyn estava *entediada* com sua vida familiar para focar somente no que importava. Bati meu polegar na asa de minha xícara de chá intocado, o vapor subindo em ondas sutis, permeando o ar já úmido de um típico outono londrino.

— Eu não fiz muitas perguntas para não parecer óbvio. Sou um péssimo mentiroso. — Riley mordeu o lábio e emendei em seguida: — Para ela. *Para ela* eu sou um péssimo mentiroso.

— Eu sabia que era uma péssima ideia. — Ela massageou a têmpora e fiquei em silêncio. Esperei-a terminar. — Desde ontem, eu soube. Eu notei o modo como age perto dela. — Seus olhos se ergueram como em uma acusação comedida misturada

à pena. — Se ela te dissesse para arrancar seu fígado com uma faca de serra você perguntaria o tamanho da incisão. — Ela abaixou os olhos mais uma vez, sempre movendo os dedos em movimentos circulares, como que em dor constante. Seu celular vibrou ao lado. Uma mensagem daquela vez. — Mas não é sua culpa, Charlie. — Seus lábios se curvaram em um sorriso. Nada parecia ter graça no momento.

— O que deu em você? — Indaguei com muita seriedade e Ray agitou a cabeça devagar antes de tomar um gole do chá.

— Não estou me sentindo bem hoje. Deve ter sido a bebida. Eu vou para casa, preciso ficar um pouco sozinha. — Riley puxou o celular para enfiá-lo no bolso e ignorou-o mais uma vez enquanto vibrava. — Você vai ficar bem?

— É claro. — Quis completar que era uma pergunta tão tola que chegava a ser ridícula, mas foi atencioso demais por parte dela perguntar, então limitei-me à minhas palavras iniciais. Ela se inclinou, tomou meu rosto entre as mãos e beijou minhas bochechas.

Riley parou e apoiou a mão na mesa.

— Prometa-me uma coisa? — Anuí devagar, atento à suas palavras. — Não vá vê-la de novo. Não importa se ela é minha mãe ou não... Nós dois sabemos que ela não é a melhor pessoa do mundo. Nem para você, nem para ninguém. — Ela aproximou a mão da minha e esticou o mindinho. O som de sua voz transformou-se em um sussurro: — Eu não vou mais ver Andre e você não vai mais ver minha mãe. — Ela puxou meu mindinho.

Não posso prometer isso, Riley, quis lhe dizer. Nunca poderia prometer aquilo nem a mim mesmo nem em meus pensamentos mais secretos que eu poderia fingir esquecer-me no segundo em que Connie quisesse. Eu peguei a mão dela, no entanto. De forma ridícula e infantil. Ela me lançou um olhar convicto de quem dizia que agora eu não podia mais quebrar a promessa.

Pensei em perguntar se ela queria que eu a levasse em casa, ela não parecia em condições nem de atravessar a rua e chamar um táxi, mas Riley desmaiou antes que eu tivesse a chance.

capítulo 35

Riley

— *Riley?* — *Escutei a voz ecoar distante* e abri os olhos com cuidado. Meu corpo parecia estar se movendo através de um líquido espesso e meus olhos queriam se fechar a todo momento. Eu sabia que era meu pai, mas demorei um momento para conseguir localizá-lo ao lado da cama. Também entendi de imediato que estava em um hospital. Branco, bem iluminado. Então eu não poderia estar às portas da morte, certo? — Meu anjo, fiquei tão preocupado com você. Como você está?

Pisquei e ergui as mãos. Tinha uma agulha em minha mão, outra no braço direito, cada uma conectada a fluidos diferentes que entravam em meu corpo. Uma gota de cada vez.

— O que aconteceu? Acho que eu desmaiei. — Fechei os olhos por um instante, uma dor de cabeça nauseante a me torturar.

— Na minha casa, sim. — Segui o som. Meu pai deu um passo o lado e vi Charlie parado à porta. Soltei o ar com força e esforcei-me para me sentar.

— O que... Como?

— Os médicos disseram que você foi envenenada. — Foi meu pai quem falou, com receio permeando cada traço de sua voz. Fiquei emudecida e por um instante e me ajeitei enquanto Charlie se aproximava, como se dissesse com seu olhar que não tinha sido ele. Não dizia nada ao mesmo tempo.

Nós dois sabíamos que não tinha sido.

— Disseram que havia uma enorme quantidade de arsênico com seu organismo, proveniente de um envenenamento ocorrido ao longo de algumas semanas. — Apertei os olhos e olhei para meu pai. Ele parecia cansado, preocupado e me vi sem voz, de repente, para tentar tranquilizá-lo. Pareceu-me a primeira vez em muito tempo em que eu não sabia o que dizer.

— Como isso poderia ter acontecido?

— Bem, o arsênico é usado em muitas coisas. Você pode ter sido exposta a ele no ar, talvez tenha inalado algum produto. — Landon parou de falar. Havia uma possibilidade implícita que ele, propositalmente, esquecera-se de citar.

A de que eu poderia ter sido propositalmente envenenada com arsênico. Tentei me lembrar de como poderia ter acontecido, mas é claro que não tinha como saber. Não tinha inseticida em casa nem nada do tipo. O resto era uma possibilidade remota demais, usado em quantidades absurdamente mínimas.

Minha cabeça estava latejando e fechei os olhos devagar.

— Eu tenho que ir. — Abri os olhos quando Charlie disse e aproximou-se da cama. Queria lhe pedir que não, mas o olhar suave dele indicava algo mais. Vi-me incapacitada por uma dor que espalhou-se pelo meu corpo em forma de um mal estar terrível. — Descanse, está bem? Eu volto para ver para você está quando puder.

— Por favor... Não vá. — Murmurei. Não queria que meu pai escutasse, mesmo que ele estivesse parado a poucos passos. Ele sorriu e tirou uma mecha do meu cabelo que tinha caído para frente.

— Eu falei com Andre. — Ele sussurrou no mesmo tom. Como se mantivéssemos um segredo que não podia ser dito muito alto.

— Ele está aqui? — Tentei não soar alarmada ou ansiosa. Meu pai estava perto o suficiente para escutar cada respiração

descompassada que eu tomava, mesmo que tivesse se virado para fingir que não. Charles assentiu, ainda movendo a mão pela mecha de cabelo que prendera atrás de minha orelha.

— Para fazê-la companhia. Fique aqui com eles, eu venho te ver mais tarde, preciso fazer uma coisa.

— O quê? — Meus lábios se moveram. Tive certeza de que ele não tinha me escutado, tão baixo foi o som que minhas cordas vocais produziram. — Por favor, não faça nada idiota. — Segurei sua mão quando ele a afastou. — Escute...

— Nós dois sabemos o que está acontecendo aqui, Riley. E eu preciso de um por que. Você estava certa. — Ele pareceu transtornado antes de segurar minha mão de volta com força. Eu precisava daquele contato no momento. — Você estava certa e eu deveria tê-la escutado ao invés do meu coração. E eu lamento por isso.

— O que você vai fazer, então? — Consegui fazer com que minha voz saísse.

— Só vou falar com ela, não se preocupe.

Ao soltar minha mão, pronto para levantar-se e ir embora, eu o puxei para um abraço. Apertei meus braços com tanta força em torno dele que meus músculos doeram, mas foi uma dor confortável quando senti que ele retribuiu com a mesma intensidade.

— Não consigo parar de me preocupar. — Falei com os olhos fechados e o rosto firmemente enterrado em seu pescoço.

— Eu disse que você era uma adolescente dramática. — Soltei o ar quando ele sorriu. — Eu volto. Você precisa que eu prometa? — Nós nos afastamos e sorri-lhe como se concordasse com ele.

— Está bem. Eu vou ficar bem, pode ir.

Parte minha não acreditava cem por cento que Adler fosse voltar. Minha intuição me dizia aquilo. Meu coração se preocupava com o que minha mãe louca seria capaz. Fiquei roendo minhas unhas na maior parte do dia nublado. Não queria conversar. Não com

meu pai, definitivamente não com Andre, apesar de ter agido como se quisesse os dois por perto. Eu queria Adler e ninguém pareceu-me ser bom o suficiente para substituí-lo. Eu queria falar sobre coisas que eu só poderia falar com ele, queria poder fitar o azul de seus olhos e respirar bem fundo, sentir aquela tranquilidade que ele me proporcionava.

Pensei por um instante em pedir para ver um psiquiatra. Depois do desastre em minha última tentativa, talvez fosse uma boa oportunidade de falar com alguém sobre minha dependência emocional, mas desisti da ideia depois de remoê-la por uma hora inteira, sem mais unhas para roer. Eu não conseguia me abrir com facilidade. Não era capaz de admitir meus problemas em voz alta.

Definitivamente não queria falar sobre Charlie com um desconhecido. Queria falar com *ele*.

Fiquei surpresa quando ele voltou. Meu pai saiu de fininho dizendo que ia tomar um café e deu um tapinha no ombro dele. Tínhamos falado de forma breve sobre Charlie. Coisas como se ele era meu amigo. Quando tínhamos nos conhecido. Se estávamos nos vendo romanticamente. Meu pai era perceptivo em muitos sentidos, ele fingia que não via as coisas quando não queria se meter em algo ou tomar partido de alguém, e toda a conversa me deixou pensando como ele nunca notara Andre e eu.

Claro que não éramos óbvios nem nada; esforçáramo-nos para aparentar o contrário. Mas, sei lá, dava para notar se prestasse atenção.

Respirei fundo, ainda com dores por todo o meu corpo, e puxei o cobertor para que ele se abrigasse ali ao meu lado. Seus cabelos estavam molhados, só um pouco com a água da chuva leve que eu via cair do lado de fora através da janela perto da cama.

Não falamos nada por um minuto ou dois. Fiquei olhando para a água caindo com um pouco mais de força, escorrendo pela janela.

— Acho que nunca me senti tão horrível. — Ele murmurou e espiei-o por cima do meu ombro. Queria uma frase mais coesa

que aquela, mas, pelo que pareceu ser a primeira vez, não o pressionei por respostas complexas demais. Seu rosto estava retorcido em sombras e agonia. A ponta de seus dedos tocou a parte de cima da minha mão repousada na lateral do meu corpo. Fiquei parada daquele jeito para permitir a ele que evitasse meu olhar; de lado sobre meu braço que começava a formigar. — Ela me disse para escolher entre você ou ela. Ontem à noite. E foi como se eu dissesse que escolhia você. Não sei como pude fazer isso.

— O que você acha? — Charlie ergueu o queixo e respirou devagar.

— Eu não fui ver sua mãe, se é o que está pensando. Não consegui. Ela me ligou várias vezes, mas eu fui para minhas aulas ao invés disso. Não pude parar de pensar em tudo o que ela me disse e em tudo o que aconteceu ontem. — Ele abaixou os olhos e na penumbra, quase pude ver sua pele corar. Era quase engraçado se eu deixasse de considerar todo o resto. — Eu a amo, sempre vou amar, disso eu sei. Só acho que não consigo mais gostar da pessoa que ela é agora. — Seus olhos encontraram os meus de novo. Aquele azul parecia me roubar o fôlego enquanto segurávamos nossas mãos sob o cobertor. — É tão fácil gostar de você que se eu não precisasse mentir, eu teria dito que sempre escolheria você, Riley.

Eu me virei, enfim, e afaguei seus cabelos. Puxei-o para perto, nossas mãos ainda unidas sob o cobertor, nossos dedos acabaram se entrelaçando quase que por acidente. Ele apoiou o rosto em meu ombro e fechou os olhos enquanto eu me respirava devagar.

— Diga que você não vai morrer.

— Não pretendo morrer tão cedo. — Primeiro eu sorri, ele tentou fazer o mesmo, mas não pareceu muito feliz. — O médico disse que conseguiu agir rápido o suficiente. — Mordi o lábio e emendei com uma pontinha de um tédio dramático em minha voz: — Só que é um saco ter que ficar nesse hospital.

intermédio

Ophelia continuava a murmurar incontáveis e inúteis “Ah, meu Deus!” como se realmente significassem alguma coisa enquanto lágrimas caíam pelo seu rosto. Seus amigos, todos reunidos na casa com vista para praia em Birmigham estava chocados e horrorizados, alguns bêbados demais para notar que algo tinha acabado de acontecer.

Eliot colocou o braço em torno de sua esposa ao entrar na sala de estar e lançou a Charlie um olhar antes que ele saísse correndo escada acima em direção a seu quarto. O som da porta batendo ecoou por toda a escadaria até encontrar os convidados e Eliot e Ophelia saíram dali em direção à área externa da casa por uma porta lateral. Ela tentou desvencilhar-se de seus braços para voltar.

Arrancar do projetor o disquete com belas fotos da família em suas férias de verão antes de chegarem à Birmigham que, na verdade, começou a reproduzir cenas eróticas protagonizadas pelo filho do casal e sua adorável e sensível professora de francês, cuja residência ele passara a maior parte das tardes no último ano. E então gritar com Charles, e entender que merda acabara de acontecer ali. Como ele ousara envergonhá-la de tal forma.

Em seguida, descobrir quem tinha colocado as fotos ali sem que ela percebesse.

— Ophelia, acalme-se, por favor. — Ele segurou os braços dela e os dois pararam ao perto da piscina, sob a sombra que o telhado projetava em sua lateral. — Gritar com Charlie não irá consertar uma coisa que já aconteceu. Precisamos ser racionais.

Ele a soltou com cuidado e Ophelia curvou o pescoço, escutando as conversas falsamente sussurradas vindas da sala de estar de estar.

— Como não, Eliot? *Como não?* Você está ouvindo isso?

— Fofocas? — Ele tentou manter a cabeça fria, mas o som da voz saiu tão firme e acusatória quanto a da esposa. — Sim. Estou escutando fofocas de pessoas sobre uma mulher que se aproveitou do nosso filho, que mal é um adolescente. Colocar a culpa nele é pedir um pouco demais, não acha?

— Charles é grandinho para saber o que faz e com quem, pare de agir como se ele fosse seu garotinho que não pode ser responsabilizá-lo pelas suas ações. — Ela gesticulou em direção a porta, espumando de raiva e eles se olharam por um momento com tamanha raiva que parecia que queriam se matar ali mesmo, de pé ao lado da piscina com a casa lotada. — Tenho certeza que ele fez isso para nos constranger na frente de todo mundo.

Ophelia se virou andando em círculos e passou as mãos pelo rosto para limpar as últimas lágrimas, tão cheia de raiva que acabou por arranhar o próprio rosto com as unhas. Charlie saiu da casa, agora usando uma camisa depois de secar os cabelos ao sair da piscina. Seus ombros estavam tensos, os lábios quase roxos e seu rosto em um tom de vermelho-escarlate.

— Pai... — Ele começou a falar, mas não havia muito que pudesse dizer. Não existiam explicações simples, como se pudesse dizer “não é isso que aconteceu” e inventar alguma coisa sobre a qual fossem rir na hora do jantar. Charles estava, na verdade, preocupado que o pai fosse se irritar e Ophelia fosse odiá-lo ainda mais pelo que tinha acontecido e o que ele ainda nem entendia: quem tinha tirado aquelas fotos e as colocado no projetor para que todos soubessem de seu caso romântico com Connie?

— É melhor você ir para o seu quarto. — Eliot colocou a mão nas costas do filho e impôs-se entre ele e Ophelia. — Eu vou acabar com essa festa.

O falatório acabou ao menor sinal da aproximação da família. Ophelia hesitou e por fim, permaneceu do lado de fora para não precisar ter que lidar com os olhares condescendentes, mas cheios de julgamento sobre o qual negligente uma mãe tinha que ser para não notar o que estava acontecendo sob seu nariz.

Alguém tivera sensibilidade suficiente para desligar o projetor, portanto, a casa estava escura quando Eliot escancarou as portas e pediu a todos que fossem embora. Muitos driques depois, a luz do sol queimou nas íris dos convidados por alguns longos instantes antes que começassem a se mover.

Carros foram ligados às pressas e em minutos, a frente da casa dos populares e bem vistos Loughy estava vazia. Tornaram-se párias.

capítulo 36

Quando Charles parou de falar, percebi que ainda movia minha mão pelos seus cabelos. Que ainda sentia seus cachos ondulados sob minhas digitais e seus cabelos tinham cheiro de morango. Meu nariz estava enfiado neles e, de alguma forma, meu corpo estava relaxado. Percebi que a escuridão caía rapidamente e ainda estávamos deitados lado a lado, agora em silêncio.

Suas palavras não careciam de resposta, deixaram-me boquiaberta demais para conseguir falar por muitos minutos. Temi apenas o momento em que ele teria que ir embora quando senti seu peito subir e descer com um pouco mais de força.

— Eu não quero dizer a você que sinto muito porque seria um eufemismo perturbador, tudo bem? — Eu sorri em silêncio, ciente de que ele não podia ver e então exprimi um ruído afirmativo. — Também gostaria de nunca mais vê-la, mas eu sinto falta disso.

— Da minha personalidade adorável ou da conversa? — Ele percebeu que eu estava sorrindo e soltou o ar.

— Dos dois. — Eu continuava a achar ridículo o fato de ficar feliz ao fazê-lo sorrir; era tão raro, sobretudo quando seus olhos seguiam o movimento suave de seus lábios. Antes que eu pudesse lhe responder com alguma tolice, meu pai tocou suavemente a porta antes de empurrá-la.

— Só queria conferir se está tudo bem antes de ir. — Apertei os olhos ao ser atingida pela luz branca vinda do corredor e fiz que não.

— Não, eu estou bem, obrigada. — Ele deu mais uma olhada e então se despediu. Pareceu sentir-se enganado, mas não disse nada.

— Eu tenho uma pergunta a fazer. — Charlie falou e jogou a cabeça um pouco para trás para olhar para mim. Mordi meu lábio inferior e consertei o cabelo com a mão que não estava debaixo dele.

— Eu também preciso fazer uma pergunta se for te responder isso. — Ele deu de ombros em uma afirmação de que aceitava os termos e condições.

— O que ele disse depois que eu saí mais cedo?

— Nada demais. Perguntou se éramos “*só amigos*” e há quanto tempo nos conhecemos. Minha vez. — Ele ergueu a mão por um segundo e ajeitei-me, um sorriso travesso surgindo aos poucos em meu rosto. — Você disse que falou com Andre. O que disse a ele?

— Isso é golpe baixo, totalmente diferente. — Encolhi os ombros, como que dizendo que ele me prometera e Charlie relaxou os ombros.

— Ele estava diferente, eu meio que tenho que saber. Você pode, sei lá, ter dito que iria matar o gato dele se não fosse amável comigo.

— Não, claro que não. Eu adoro gatos. Eu disse para ele cair fora da sua vida se não tivesse a intenção de permanecer nela. Foi uma conversa bem amigável, na verdade. — Não pude evitar rir com ele. — E ele não se sentiu ofendido nem nada, achei que fosse me socar pela forma como me olhou, de início. — Fizemos uma pausa para recuperar o fôlego e ele prosseguiu, sério: — Acho que ele gosta de você. Mas não isso o redime de um babaca aproveitador.

— Então você acha que eu devo jantar com ele? Não como se ele tentasse me esconder dos amigos, jantando em um quarto de hotel, em um restaurante de verdade. — Mordi o lábio e tentei não soar séria demais.

— Não. Acho que deveria seguir em frente porque agora você sabe que não precisa dele como achou que precisava. Mas também não precisa me escutar, eu não sei absolutamente sobre relacionamentos. — Ele estava certo. Em ambas as situações.

Sobre Andre. E também sobre não entender como funcionava uma relação. Mas ainda assim, sempre parecia a pessoa mais sensata em uma sala; aquela a quem se dá ouvidos.

— Quer que eu vá embora? Você deveria descansar. — Segurei a mão de Charlie com um pouquinho mais de força. Em algum momento das longas horas que passáramos ali, elas tinham se unido de tal forma que eu não sabia mais como libertá-la.

— Não, quero que fique. — Expirei bem devagar. — Eu nunca consigo dormir bem em lugares estranhos quanto estou sozinha.

Acordei de repente sem Charlie ao meu lado. Uma sensação estranha no peito ao me ver sozinha naquele lugar escuro. Sentei-me com a mão no peito e precisei de vários minutos para perceber que me sentia melhor. Fisicamente, meu corpo já não doía tanto. Em minha mente, meus pensamentos insanos tinham cessado e tudo tinha ficado silencioso e quieto de uma hora para a outra.

Mordi meu lábio e consertei o cabelo antes de me deitar de lado e em silêncio, meus olhos fixos na porta. Fiquei pensando e relembrando tudo o que ele tinha me dito, e eu estava contente por ter finalmente sentido como se quisesse ter me contado sobre ele e minha mãe. *Minha mãe*. Ainda me sentia terrível pensando naquilo.

E pior ainda ao pensar de forma clara no quanto eu gostava de Charlie. *Eu gosto dele*, foi como dizer em voz alta em uma autoaceitação esquisita. Da mesma pessoa da qual *minha mãe*, que eu também gostava tanto, se aproveitara. Fiquei pensando no que eu deveria fazer no dia seguinte, quando me sentisse melhor, até que caí em um sono profundo.

CHARLIE

Demorei muito tempo até perceber que era incapaz de ser sincero com Corinne. Não no sentido mais simples da palavra, mas no que dizia algo que iria contra o que *ela* queria – que acabava se tornando o que eu queria também, sem nenhuma linha clara. Eu não sabia como mentir para ela. Não sabia como magoá-la.

Quando olhava em seus olhos, fitava seu sorriso doce e entusiasmado, só queria ser o motivo de seu sorriso e era impossível controlar. Ela apoiou o queixo nas mãos e ficou parada olhando para mim; nossos olhares cruzaram através do espelho e fiquei concentrado na visão dela, sentada em sua penteadeira enquanto falava sobre alguma coisa. Eu tinha perdido o fio da meada, entretido demais em meus próprios pensamentos para conseguir acompanhar a conversa.

Alguma coisa sobre a faculdade, eu acho. Só não sabia se a conversa era sobre mim ou Riley.

— Você foi visitá-la? — Ela se virou como se não soubesse do que eu estava falando e encarou-me por cima do ombro. — Riley. Você foi visitá-la?

— Não. — Ela agitou a mão no ar antes de voltar ao que estava fazendo. Penteou os cabelos como se já não estivessem penteados à máxima perfeição e limpou o rosto para retirar o resto de maquiagem. — Riley é meio dramática, Charlie, você não deveria dar ouvidos a metade do que ela diz. A maior parte é coisa da cabeça dela. — Connie se virou com um sorriso e fiquei olhando para ela.

Seu corpo se moveu até a cama em passos lentos, quase que uma tortura até onde eu estava, de braços a observá-la sem pressa. Não podia perder um segundo do espetáculo.

— Ela poderia ter morrido. Isso não tem a ver com o fato de ela ser, *ou não*, dramática. — Pontuei sem querer concordar com

ela, mas também sem me dar ao trabalho de discordar e mover o assunto para começar a falar de Riley de novo.

— Eu sei, meu bem. — Ela se sentou na borda da cama e afundou os dedos em meus cabelos, o que fez com que eu me virasse e a fitasse com uma expressão quase deliciada em meu rosto ao mesmo tempo em que em pânico. Lembrei-me do que dissera a Riley: eu não podia mentir para Connie. Só o fato de estarmos ali, sozinhos, me deixava à flor da pele a imaginar mil coisas que poderiam acontecer. Ela tinha aquele efeito sobre mim que ninguém mais possuía. Fazia-me sentir um garotinho que queria deixá-la no controle.

O que eu ainda não podia definir de forma concreta era se aquela era a parte boa ou ruim. A que gostava da permissividade que se espalhava pelo meu corpo quando ela estava tão perto. Do quão liberto eu podia me sentir diante de um sorriso seu, de como ela me desfazia em pedaços.

— Sabe de uma coisa que senti falta? — Ela umedeceu os lábios e seus dedos continuaram a percorrer meus cabelos. Os despentearam de modo casual. — Tomar sol e ler com você. Eu gostava de ouvir seus pensamentos sobre o que tinha acabado de ler.

Era ela quem me indicava o que eu devia ler, com uma breve síntese de seus pensamentos sobre a obra, então minha opinião era meio que parcial demais para ser levada em conta naquela época. Só então percebi que não sentira muita falta daquilo, também, como as outras coisas, tão pequenas diante de meus sentimentos infinitos.

Não sentira falta de seu comportamento possessivo. De sua personalidade controladora. A forma com que ela me fazia sentir às vezes. Como suas palavras eram tão bem calculadas para me fazer sentir incrível ou o ser humano mais desprezível da face da terra, a depender do que ela queria extrair da situação.

Eu beijei sua palma ao me aproximar, mas meus pensamentos estavam distantes de novo. Eu busquei com afincos algo de bom que fosse nosso, e só nosso, que o tempo não fora capaz de destruir, que as outras pessoas não tivessem sido capazes de macular. Do que eu sentira falta, então?

— No que está pensando? Você me parece tão distante. — Sua voz continuou dócil, mas seu sorriso desvaneceu lentamente.

— Nada importante. Olhe... Eu estava pensando em fazermos alguma coisa no fim de semana. Jantar, fazer uma viagem curta de carro a Cardiff. Tenho me sentido aqui da mesma forma como costumava me sentir antes; como se ainda estivéssemos presos em algum lugar sem poder nos mover. — Connie franziu o cenho e relaxou os ombros quando parei de falar, movendo o polegar pela parte de cima de sua mão.

— Eu não tinha pensado assim. Mas acho que faz sentido. — Ela puxou a mão de repente e virou-se para enfiar seu corpo ao lado do meu sob o cobertor e deitou-se com a cabeça em meu braço, seus cabelos espalharam-se e desceram pela lateral da cama por vários centímetros. — Não vou dizer que não pensei em fazer alguma coisa fora daqui, é só que... Não paro de pensar no que todos vão pensar. Eu sei. — Um sorriso preencheu seu rosto e ela enlaçou meu pescoço. Pairei acima dela com o sorriso mais genuíno que tivera a oferecer-lhe no que parecera ser o tempo de uma vida inteira. — Sei que não temos mais que nos preocupar... — Ela expirou e tocou meu rosto. Fechei os olhos por um momento apenas para absorver a forma com que ela o fazia. — Cardiff por um fim de semana seria ótimo.

Deslizei meus lábios até os dela e entreguei-lhe toda a minha paixão em um beijo. Enquanto o fazia, não pude evitar lembrar-me de minha conversa com Riley há poucas horas, do que senti ao deixá-la. E ao beijar Corinne, pareceu-me ser aquele o momento em que eu deveria escolher entre as duas. Não sabia se conseguiria.

Fiquei deitado na penumbra observando-a dormir, ciente de que era a última vez em que eu me daria ao luxo daquela visão. Parte minha sentia um pânico seco instalar-se, uma espécie de dor paralisante com a ideia de deixá-la partir mais uma vez, para sempre, mas o lado racional tranquilizou-me e pouco depois de o

relógio ao lado da cama marcar uma da manhã, libertei meu braço e me levantei.

Encontrei minha calça e comecei a revirar o quarto ainda no escuro. Ela não iria acordar, daquilo eu sabia, depois de uma dose de calmante em seu vinho seco. Aquilo me fazia sentir ainda pior, porém, segui em frente e lancei aquela parte ridícula para o mais longe possível.

Saí do quarto quando não achei nada relevante em direção ao estúdio dela. Cheio de janelas e espelhos que refletiam a luz do luar neles, acendi rapidamente a luz quando tive a sensação de ter visto de um vulto. Havia quadros em cavaletes, alguns estavam pela metade, outros secavam; nenhum em especial me chamou a atenção.

No fundo da sala, havia coisas de todo o tipo amontoadas. Desde bonecas dentro de caixas com outros brinquedos, uma cadeira. Empurrei-a para abrir o armário, parecia ser o lugar mais bem guardado onde ela colocaria algo, pois tinha muita tralha a percorrer até alcançar a porta escorada com pedaços de madeira. Eu sabia que a ela, tanto quanto a mim, incomodava ver aquele tipo de bagunça.

Como ela podia trabalhar bem de frente para aquelas quinquilharias que poderiam ter sido facilmente descartadas? A porta estava emperrada, precisei de um puxão com mais força e o cheiro forte de poeira invadiu-me de repente. Um tipo de poeira antiga, guardada ali há tanto tempo que uma camada tinha se instalado por cima de outra, e mais outra e mais outra.

Dentro do armário com três divisórias, tinha somente uma pasta de couro com vários papéis. Mais uma vez, passou-me pela cabeça que, sendo algo importante, Corinne não teria sido tão negligente a ponto de deixar ali, correndo o risco de serem corroídos pelo tempo, pela poeira excessiva. E não sendo importantes, ela os teria descartado para manter a organização.

As bordas estavam amarelas quando puxei um deles. Certificado de alguma coisa, pude ler. Outro, um certificado de compra de uma propriedade. Uma dezena deles, percebi, e me dei conta de que ela devia ser mais rica do que eu tinha pensado. E em seguida, por que alguém teria tantas propriedades.

Só ao sair da parte bagunçada para aproximar-me de uma das janelas que tinha uma vista deslumbrante para a praia deserta lá embaixo, com a lua cheia e radiante atingindo os documentos e tingindo o amarelo de prata, comecei a ler tudo o que estava escrito.

Todos os certificados de propriedade, na verdade, estavam em nome de Riley, não no de Hardlyn. De uma hora para a outra, tudo fez sentido em um clique imediato.

capítulo 37

Riley

Charlie entrou no meu quarto na manhã seguinte com uma péssima aparência. Com os olhos avermelhados e olheiras. Ainda era muito cedo, imaginei que ele não tivesse dormido muito antes de ter de dirigir de Surrey a Londres para me ver. Mas havia algo mais na forma como ele me olhou e pedi a meu pai para nos deixar conversar à sós.

— O que aconteceu? — Sentei-me direito. Estava muito melhor depois da medicação que o médico me dera e já queria dar uma volta, nem que fosse pelo quarto, com meus joelhos doendo pela inércia prolongada.

Ele espiou por cima do ombro e expirou de uma vez, segurando uma bolsa de lado, que apoiou na borda da cama e abriu.

— Eu sei por que sua mãe tentou te matar. — Arregalei os olhos, mas não consegui falar. Deixei que ele se explicasse e Charlie começou a tirar um bocado de papéis de dentro da bolsa. Virei o rosto para o lado com o cheiro de poeira. Durante toda a minha vida inteira tinha sido alérgica, fugia de qualquer traço dela

para evitar uma crise de espirros. — Está vendo? — Franzi o cenho e dei uma olhada.

— O que é isso? — Desci os olhos pelo documento que ele estendera. — A escritura da casa de praia... — Bati com a língua nos dentes enquanto lia até chegar ao final. — Isso é... De verdade? — Olhei para ele, boquiaberta.

— Muito. E não é só a casa onde ela vive. São todas as propriedades; todas elas pertencem a você. Não se lembra de ter assinado isso? — Fiz que não e cobri a boca e o nariz. Ele afastou os papéis.

— Quero dizer... É a minha letra, mas se parece com minha letra ao começar a aprender escrever. Talvez eu tenha assinado quando criança, não consigo me lembrar. Mas por que minha mãe passaria propriedades para o meu nome? — Virei o rosto e interrompi meus pensamentos para espirrar.

— Eu tenho uma teoria. — Encaramo-nos e dei-lhe silenciosa permissão para que continuasse. — Corinne passou tudo isso para o seu nome. A verdadeira, não... Quem sua mãe fingiu ser. *Corinne* passou tudo para o seu nome porque não confiava em sua mãe. E agora... Ela tentou te matar por conta do que você sabia e porque, fazendo isso, ela conseguiria encontrar uma brecha para retomar as propriedades. — Ele se virou, os olhos voltados para o caso e balançou a cabeça. — Não consigo acreditar que ela teria feito nada disso.

— Nem eu. — Murmurei e senti meus olhos lacrimejarem. — Digo... Eu consigo, mas, meu Deus, como eu não percebi isso antes? — Pisquei com força para afastar as lágrimas e busquei pelo meu celular com o olhar antes de me lembrar que eu não o tinha por perto. — Você pode me emprestar seu celular?

Ele o tirou do bolso e me entregou.

— O que está pensando em fazer, Ray? — Funguei e umedeci os lábios.

— Estou pensando em colocar um ponto final em tudo isso. Porque não sei se terei coragem se adiar. Nem vou conseguir conviver comigo mesma, consumida por dúvidas. — Respirei bem fundo. Dor se espalhou pelo meu peito enquanto eu digitava

o número do detetive Starr, um número que eu, curiosamente, tinha decorado na última vez em que fizera aquilo.

O detetive Starr retornou minha ligação no fim da tarde depois de, segundo ele, ter estado em minha casa. Ao fazê-lo, no entanto, ele apenas perguntou se eu poderia receber visitar e surgiu à minha porta. Parei de conversar com meu pai e de folhear uma revista desinteressante ao ver o homem parado ali, perguntando o que era tão importante que ele não podia ter me dito por telefone.

Que o fizera ir de Surrey a Londres para falar pessoalmente.

Ele parou ao lado da cama e encaramo-nos como que em uma conversa silenciosa por segundos longos. Talvez ele, como detetive, tivesse dificuldade em dar certo tipo de notícias. Era mais fácil dizer *“sua filha não irá voltar para casa porque ela está morta”* do que *“sua mãe tentou te matar envenenada”*. Era aquela a frase que eu podia ler em sua expressão.

— O que você encontrou?

— Você comeu biscoitos ultimamente? — Franzi o cenho e movi a língua pelo céu da boca.

— Sim. Minha mãe sempre assou biscoitos para mim nos fins de semanas. O que isso tem a ver? — Tinha sido mais do que isso nas últimas semanas, notei. Agora que eu começara a lembrar, ela tinha feito quase todos os dias.

Na verdade, no momento, eu pensei que ela estivesse abalada demais com tudo. Claro que aquilo não era verdade. Mas passou pela minha cabeça que ela tentara não parecer superprotetora quando estava preocupada e me dava mais atenção que o normal. Achei que os biscoitos fossem só porque eu gostava deles, um mimo de mãe ou sei lá.

— Você acha que alguém pode ter feito isso de propósito, detetive? — Meu pai falou com os olhos concentrados no homem e Starr tomou um fôlego lento.

— Eu interroguei um suspeito mais cedo. Uma testemunha afirmou tê-lo visto nadando na praia, seu barco estava ancorado

próximo ao dele, com roupa de mergulho e tanque de oxigênio. Ele confessou tudo. E na sua casa... Tinha arsênico escondido em uma prateleira do armário, assim como nos biscoitos, que foram mandados para o laboratório. — Fiquei olhando para ele, boquiaberta, e meu pai ajeitou os ombros.

— Você não pode achar que Hardlyn faria algo assim. Deve ter sido... Um invasor, o mesmo indivíduo que a raptou. — Meu pai se levantou e a revista que ele tinha em mãos se fechou. — É muito estranho que isso tenha acontecido assim. Sem ligações ou pedidos de resgate.

— Senhor Harred, eu não acho que o rapto de sua filha tenha qualquer coisa a ver com isso. — Ele me lançou um olhar como que para se retratar pelo que tinha me dito no café no outro dia. — Acredito que tenha a ver com as propriedades no nome de sua filha.

— Propriedades? — Ele repetiu, atônito, e buscou pelo meu olhar.

— Nós precisamos falar sobre isso.

— A senhora Ramsey foi detida. Ela disse que não queria um advogado, mesmo sendo capaz de pagar pelo melhor do país. — O detetive voltou-se para meu pai depois de um olhar rápido na minha direção, medindo meu silêncio. — Posso falar à sós com sua filha?

Hesitante, meu pai saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

— O que Charles Loughy significa para sua mãe? — Ele foi bem direto, livrando-se de seu tom delicado de um segundo atrás na presença de meu pai.

— Eu não sei. — Gaguejei demais para poder afirmar que estava mesmo dizendo a verdade.

— Riley. — Seu tom foi um alerta e ele se aproximou. Starr sentou-se na borda da cama antes de calcular suas palavras e prosseguir em tom controlado, quase sussurrado. Respirei bem fundo. — O que está escondendo sobre ele? Sei que o conhece, sei que ele significa muito para sua mãe. Qual a peça faltando nesse quebra-cabeças que você se recusa a me entregar? Porque não sou capaz de fazer tais conexões. — Deslizei a língua pelos lábios e endireitei.

— Digamos que ele seja um amigo da minha. Eu o conheci em Swansea em uma exposição de obras da minha mãe. Ela conhece o pai dele, um professor de arte da universidade local. — Starr apertou os lábios e pensou, então cerrou os olhos e agitou a cabeça.

— Como eles se conhecem? Loughy e sua mãe. Sem ser pela conexão com o pai dele.

— Não sei. O que minha mãe disse? Ela confessou alguma coisa? — Ele liberou o ar, ainda reflexivo e hesitante demais comigo.

— Ela estava em um hotel, em Cardiff, quando a detivemos. Pediu para falar com o senhor Loughy e isso tem me intrigado em todo o caminho até aqui. Sua mãe podia ter pedido um advogado, chamado algum familiar ou amigo próximo, mas chamou o filho de um conhecido distante com quem teve quase nenhum contato nos últimos dez anos ou mais.

— Como sabe que não tiveram? — Recebi um longo olhar avaliativo daquela vez e seus ombros se ajeitaram.

— Sua mãe tentou, por duas ocasiões, acabar com sua vida, Riley. Por que está agindo como se não fosse nada? — O som de sua voz foi alto e claro, sem mais delicadezas ou tentativas inúteis de conforto. Nada. Ele quis me atingir, extrair alguma coisa.

Uma emoção. Uma confissão. O que fosse.

— Eu tinha concluído isso. Por que acha que eu te mandei procurar na casa dela? Quando vi os certificados de propriedade, tudo fez sentido. Quem mais iria querer me matar? — Usei meu tom mais cínico e ele assentiu, não convencido. — Responda minha pergunta: como sabe que Charlie e minha mãe não tiveram contato nos últimos anos?

— Consultamos os registros. Da universidade que ele frequentou em Londres, de seu emprego no último ano nos arredores de Surrey, em seguida, sua mudança para Westminster. Hardlyn esteve o mais distante dele nesse tempo, eles só voltaram a se encontrar agora que você começou a *sair* com ele. — O detetive colocou-se de pé e um peso pareceu ter saído de seu peito. — Tenho que ir agora, Riley. Você está bem?

- Quase recuperada. — Tentei um sorriso.
- Acho que vamos nos ver de novo. Em breve.

epílogo

Remi

Três anos depois

Ele escolheu a mim, mamãe, desejei poder lhe dizer enquanto sorria amplamente. Deitada em uma espreguiçadeira com uma bebida chique na mão e observando Charlie sorrindo do outro lado da piscina enquanto batia papo com uma garota meio magricela em um biquíni comportado demais. Ela também era física, ainda se graduando, então eles tinham sobre o que conversar.

Ele sorriu para mim quando me flagrou encarando-o dali, em um maiô vermelho e as pernas estendidas pela espreguiçadeira na casa de praia de Eliot. A mesma casa de praia de Birmingham. Estava apinhada em um dia especial e um dia ensolarado à beira da piscina para comemorar o fim das aulas e o início do verão.

Quando terminei minha bebida, ele voltou para mim. Estava tão feliz que senti-me orgulhosa o suficiente do trabalho que vinha fazendo para poder sorrir de volta com vontade.

— Desculpe por deixá-la sozinha, você não conhece ninguém aqui. — Rolei os olhos com aquele sorriso impregnado em meu rosto.

— Não se preocupe com isso. Eu vi que você gostou daquela garota. — Eu sabia que não tinha, mas um empurrãozinho não custava nada. Charlie deu de ombros.

— Não estávamos flertando. — Sentado ao meu lado, observamos o vai e vem e as conversas. Eliot era muito popular na universidade, todo mundo, das universitárias a seus colegas, queriam ir à sua festa e confraternizar com ele. Alguns mais que outros.

Meu doce Charlie ainda estava meio fechado a minhas tentativas de lhe empurrar alguém, mas fizemos progresso. Ele estava *vendo* uma psiquiatra simpática, que também era professora na universidade que frequentávamos, em Westminster. A mãe dele era mesmo uma vadia que não se importava com o filho, ela podia ter feito aquilo quando ele era uma criança com síndrome de sensibilidade aos ruídos que o circundavam, mas continuara a ignorar seus problemas.

Mais que tudo, ele parecia mais aberto.

Graças a mim. Olhei de novo para ele enquanto colocava na boca a azeitona do meu martini.

Eu me senti mal nas primeiras semanas, confesso, eu morria de ciúme a cada segundo em que a ciência me corroia de que ele estava com minha mãe, mas não mais. Ele era como meu irmãozinho mais velho, sempre comigo quando eu precisava dele. Era a única coisa que importava. Não tínhamos mais minha mãe no caminho porque, quando realmente precisara, ele escolhera a mim.

A Riley. Quis poder esfregar aquilo na cara cínica dela, mas teria sido idiotice. Ela já sabia. E eu esperava que a traição dele fosse sua maior dor, como o abandono dela fora a minha por muito tempo.

Até eu conhecer Charlie, eu achava que precisava dela. Mas só precisava tomar para mim o dono de seus afetos mais proibidos. Por sorte, ele era tão desequilibrado quanto eu. Éramos perfeitos um para o outro, eu estava errada. E depois do incidente que resultara com a morte de Riley, eu podia dizer que o carma era mesmo uma vadia.

Primeiro minha tia e então minha irmã. Mortes diferentes, mas gêmeas igualmente inteligentes para se livrarem de uma cópia ambulante.

— Você quer outro? — Charlie perguntou, de pé ao meu lado, e assenti ao soltar a taça.

Ele desapareceu pela casa à minhas costas e parei a fitar a entrada da casa. Onde eu vira minha mãe pela primeira vez, onde vira Riley. Tinha sido há muito tempo, a lembrança veio sem que eu tivesse clamado por ela. Uma de minhas muitas mães

adotivas tivera uma overdose de heroína e depois de procurar de forma incessante, eu fugi ao descobrir sobre Hardlyn.

Sua vida de luxo, cheia de festas e bebidas e minha duplicata que roubara a minha vida. Com vestidos de princesa e laços nos cabelos. A que tinha roubado minha mãe e seu afeto. Eu voltei para o orfanato e deixei que o tempo rolasse, fingi ser uma boa menina e fui levada para uma casa bonita nos campos de Southampton para viver com um casal de idosos que *vieram a falecer* e me deixar dinheiro quando completei dezoito anos.

Livrar-me de Riley não fora suficiente por si só. Eu me tornara ela, mas meu último objetivo, então, era ferir Hardlyn como ela me ferira. Por isso fui naquela exposição em Swansea. Meu primeiro ato como Riley Harred fora me tornar próxima de Charlie e então usá-lo. Mas acabei gostando demais dele, um obstáculo que transpus.

Não sentia mais ciúme dele há algum tempo, o tomara como um projeto meu para restaurá-lo e torná-lo novo outra vez depois do desastre que Hardlyn, ou Corinne, como ela quisesse ser chamada, causara em sua vida.

Depois da psiquiatra, ele parecia normal. Com uma beleza extraordinário, é claro, e então o ensinei a flertar e partir corações, mas ele não estava interessado naquilo. Eu terminaria meu curso de psicologia no próximo ano e morávamos bem perto, em Londres. Fazíamos coisas normais e frequentávamos lugares normais enquanto eu me deliciava a noite ao pensar em minha mãe na cadeia, acusada de ter tentado me matar.

Eu tinha lido os diários de Riley, tolinha. Parecia viver em uma bolha de ficção, quem mantinha um lugar onde qualquer um poderia saber tudo sobre o que acontecia em sua vida? Tinha vontade de rir dela às vezes, mas, tadinha, só tinha sido protegida demais pelos pais para pensar nos males mundanos. Envolver-me com Andre me trouxe os pensamentos de Charlie, sua atenção, sua preocupação em quão autodestrutiva eu era e por que perdia tempo com alguém que não se importava comigo.

Charlie olhava para mim para uma mocinha vulnerável, preocupava-se comigo como se fosse uma boneca de porcelana. Que pudesse rachar a qualquer sinal de impacto.

— Aqui está. — Ele voltou com outro martini e abriu um novo sorriso ao olhar para cima e encontrar seu olhar, da cor do céu de um azul puro e sem nuvens. — Quer dar um mergulho? — Provei a bebida e liberei-me de meus devaneios ao ajeitar meu chapéu para encará-lo.

— Não, eu estou bem. Mas pode ir, eu fico bem sozinha. Você tem sido um ótimo anfitrião.

Ele sorriu para mim e pensei na primeira visão que eu tivera dele. Como um garoto assustado que eu tivera suas fotos íntimas expostas e seu relacionamento com uma mulher mais velha arruinado; um coração partido. As visões anacrônicas se fundiram e ele estava ali de novo. Um homem, sem medo de mais nada.

Tomei mais um gole do meu martini e joguei os ombros para trás para vê-lo saltar em direção a água.

FIM

Nota da autora

Eu quis, por algum tempo, escrevi alguma coisa que envolvesse Síndrome de Estocolmo. Muito tempo mesmo. É um daqueles temas pelos quais eu fico facilmente obsecada. Depois de uma pausa de mais ou menos um mês desde que terminei *Enquanto Você Dormia* foi que tirei um tempo e comecei a escrever uma novela romântica, *Borboleta na Roda*, o que é o que geralmente faço entre coisas tão pesadas. Mas tive que parar porque alguns personagens *demandaram* meu tempo e Adler, em especial, começou a tomar muito de minha mente para que eu largasse tudo e fosse falar sobre ele, então comecei a escrever sua história em 30 de agosto (e a concluí em 29 de setembro) sem saber exatamente como conduzi-la.

Depois de pausas, reflexões e anotações, Riley e eu tomamos um rumo porque eu não queria falar sobre dependência emocional no sentido romântico, tampouco um romance que tratasse do tema, mas mostrá-lo numa trama maior que os dois.

Seis dias antes, quando Riley começou a ganhar forma em minha mente, foi o lançamento do DOGVIOLET, que inspirou muito de Adler. Sobre atenção, amor, paixão e obsessão e sobre a dificuldade de seguir em frente quando você sabe que aquela relação não é para você, o que também é uma questão na minha vida. Seguir em frente quando você sabe que vai sentir falta e precisar tanto da aprovação de outra pessoa a ponto de que ela sempre será mais importante e mais amada e mais qualquer coisa na sua vida, mas você nunca significará um traço na vida dela, então acabou que uma coisa se juntou a outra. Só durante o período entre o término e o lançamento foi que percebi que todo aquele período, todos aqueles meses de chuvas e músicas tristes ao acordar, foi uma catarse imensa. Que esse não é meu livro favorito, mas foi com o que mais me conectei reunindo todas essas questões pessoais, um dos livros onde mais vi minha

personalidade sendo refletida como se encarasse um espelho;
porém, citando um dos meus livros favoritos, terminada a peça, o
rei é mendigo e tudo acaba bem.

*“You’d be a love song/Baby, I’m lovesick/Tasted the devil, now I
can’t be apart from you.”*

agradecimentos

Quero agradecer pelo apoio imensurável do começo ao fim dessa odisséia tortuosa minha tia (que foi, recente e informalmente, eleita como melhor membro da família), a minha irmã por aguentar minhas mensagens de texto e, sobretudo, as mensagens de áudios com mais de um minuto de duração no meio da madrugada. À Laurel, cujos *singles* me acompanham desde 2013 e que finalmente conseguiu montar um álbum e me inspirar tanto a dar forma a este livro.

Em seguida, às pessoas mais maravilhosas: Amanda, do *A Traça Literária*, que se tornou o primeiro lugar para onde vou quando estou procurando uma leitura fantástica e cuja opinião crítica eu respeito tanto que me sinto imensamente orgulhosa por tê-la como parceira nos últimos meses dando sua opinião mágica sobre o que eu ando escrevendo. Rafaella, do blog *Âncora Literária*, minha primeira parceira que mora no meu coração e a quem sempre procuro para falar sobre o mundo literário e que, conseqüentemente, me traz novas visões sobre minhas próprias histórias.

Tainá, do blog *Uma Ideia e Vários Rabiscos*, por surtar comigo nos momentos mais oportunos e improváveis e sempre *shippar* o casal mais errado do mundo de cada livro. Cirlene, do *Coruja dos Livros*, por ser tão incrível, criativa, e sempre, *sempre* ter palavras tão gentis, uma das minhas pessoas favoritas do instagram (minhas fotos favoritas também).

Confira um trecho do *thriller* em #1
lugar nas listas de mais vendidos
da Amazon há mais de trinta
semanas:

enquanto
você dormia

capítulo 1



britt

Posso escutar o som da minha respiração ofegante, dos meus tênis contra o asfalto conforme corro pela rua longa através da vizinhança tranquila onde todos me conhecem agora e sorrio às vezes, paro de acenar conforme minhas passadas se tornam mais largas e tento apenas me concentrar em dar a volta e chegar em casa para um banho relaxante antes do trabalho.

A senhora Allen acena para mim na porta de sua casa quando estou prestes a alcançar a minha, passo por ela com um sorriso ligeiro e cansado. Ela pega sua superestimada edição do *New York Times* e *Washington Post* antes de entrar em casa para preparar o café da manhã para seus filhos adolescentes de idade escolar. É um dia comum, segundo minhas expectativas; posso dizer pela forma rotineira como ele começou.

Entro em casa com um leve empurrão na porta, giro a chave para trancá-la enquanto passo pela parede ao lado dela e alcanço a cozinha para abrir a modesta geladeira que comprei há um par de meses para pegar um pouco de água. Com a garrafa entre os lábios, vou arrancando os tênis e jogo minha roupa, que adere ao corpo por conta do suor, no chão, onde sei que não vou me esquecer de lavar depois do trabalho.

A garrafa d'água fica no criado-mudo do quarto quando coloco os pés na banheira e abro o chuveiro, largo sobre a pia a borrachinha que prende meus cabelos e deixo que o jato de água fria lave o suor do meu corpo. Com os olhos firmemente fechados, fico ali por um minuto inteiro antes de estender a mão e alcançar o sabonete que deixa meu corpo com cheiro bom.

— *Merda!* — Murmuro baixinho ao correr minha cortina de patos e perceber que esqueci a toalha azul-marinho sobre a cama. Meus pés ensopam o pano no banheiro e coloco o braço a minha volta para pegar a toalha.

Vou secando o chão com o pensamento de que se enrolar demais, não vai dar tempo para tudo o que cronometrei fazer de modo a chegar ao trabalho na hora certa. Odeio com veemência esse verão insuportável que faz com que eu, recém-saída do meu banho, fique toda suada e grudenta em um minuto.

Posso dar graças a Deus pela informalidade dessa cidadezinha, mas não pelo calor. Junho é um mês terrível para eu abrir a gaveta da minha cômoda e pegar um jeans que é fresco o suficiente para ir trabalhar, uma blusa azul sem mangas, mas que ainda possui ar formal. Antes de colocá-la, vou andando só de sutiã através do quarto para pegar o secador e dar um jeito no cabelo para não sair de casa daquele jeito. Com o fio longo, vou secando meus longos cabelos castanhos através do cômodo pequeno que é meu quarto e colocando coisas em minha bolsa.

Junto os papéis que estão sobre a cama e fecho meu laptop sem ter tempo de ver o que ainda falta fazer no projeto. Com toda aquela correria, dou uma olhada no relógio que pego no criado-mudo e fico cinco minutinhos parada diante do ventilador antes de precisar sair de casa. O sol ainda se eleva no céu e a sensação térmica é horrível, sinto que sufoco lá pelo meio do dia. Como uma torrada e enfio a blusa antes de sair de casa com as chaves do meu Volvo cinza parado ao meio-fio.

Gosto de viver em Troutman com os poucos meses desde que me mudei. É uma cidade pacata, familiar e hospitaleira que me acolheu desde que cheguei aqui, vinda de um interior confuso no Missouri para fugir da proteção da minha avó e daquelas

pessoas e encontrar um lugar que fosse só meu depois da faculdade e dos períodos conturbados.

Dirijo por sete minutos até o trabalho, todos os sinais abertos que encontro no caminho reduzem em dois minutos minha viagem diária até onde paro meu carro, no estacionamento amplo diante da agência de publicidade onde trabalho agora, já faz quatro meses. Respiro fundo ao sair do carro e ir até a porta, empurrá-la com força e entrar, não antes de acertar o batente com o pé protegido pela sapatilha. Meu mindinho lateja pelo caminho até meu cubículo para que eu deixe minhas coisas, sorrio para os três colegas que chegam cedo como eu e vou em direção à copa para tomar café sozinha, recostada a pia enquanto observo uma mesinha bem arrumada com uma toalha branca rendada, copos de vidro em uma bandeja e um bebedouro ao lado dela.

Algo nessa paisagem me deixa cansada às vezes, mas algo sempre me anima depois das nove quando todo mundo já chegou e estamos todos reunidos no cômodo amplo da agência e discutimos sobre nossas ideias. Adoro isso e o fim de dia me faz amar Troutman também, quando saímos para beber alguma coisa e meus colegas de trabalho me tratam como o resto dele; como se eu fosse uma deles e tivesse vivido ali a vida inteira, frequentado o ensino médio com eles.

Gosto disso. Não havia nada dessa familiaridade no Missouri, por isso o deixei para trás e sentir que tenho amigos e uma vida agora me faz sentir melhor, mais forte e menos sozinha por não ter ninguém por perto. E como hoje é sexta, nem preciso esperar todo mundo chegar para saber o que faremos no fim do expediente, pois é quase como um ritual.

Lavo o copo quando vejo Michael chegar através das persianas. Estamos meio que em um projeto juntos e estou ansiosa para trabalhar com ele a cada dia. É para uma marca de *jeans* e parte minha está tão nervosa quanto ansiosa por fazer parte de uma coisa tão grande e importante.



Trabalhamos juntos na sala dele o dia inteiro, mal tenho tempo para sair e comer, e não saio. Almoçamos na sala dele entre uma ideia e outra e o tempo inteiro alguém entra para falar com ele. Fico sentada no sofá perto da porta e ele, detrás de sua mesa, sua secretária entra, depois Bonnie e Sheila, uma de uma vez. Às vezes tenho a impressão de que nada do que dizem a ele ou fazem perto dele é importante, só ficam indo e voltando com cada vez mais batom e cada vez mais pele exposta para que ele as note.

Mas Michael está assinando alguma coisa ou fazendo algo em seu laptop e mal as nota, mal percebe sua presença, tampouco olha para elas como querem que ele o faça. Sei que deve ser frustrante, mas parte minha ri por dentro com toda aquela situação e fico comendo em silêncio e enrolando por trinta minutos.

Por um minuto, olho para ele quando está distraído. Parte minha sabe que ele é atraente e é por isso que as mulheres continuam de um lado a outro para impressioná-lo. Outra parte sabe que não sou idiota para *olhar* para ele como o resto delas. Gosto do meu emprego, por fim, e acaba que ficamos amigos. Ele me chama para beber alguma coisa com o resto do pessoal e saio da sala dele para pegar minhas coisas.

É a primeira vez no dia em que sento na minha cadeira e giro até ficar tonta enquanto espero que ele termine de fazer suas ligações. Já são cinco horas e todo mundo está se preparando para ir embora, fechando tudo, indo até o banheiro para checar a maquiagem e fico ali apenas respirando depois de um dia tranquilo, mas de muito trabalho.

Zoey chega em mim por trás e me dá um susto. Ela é quatro anos mais velha, tem um ar divertido e carismático e embora eu seja a pessoa menos extrovertida do mundo, quase posso chamá-la de amiga se nos dermos um pouquinho mais de tempo.

— Você vem conosco?

— Claro. — Dou um sorriso lerdo e ajeito o cabelo por cima do ombro. Não está mais quente, o ar no fim da tarde é fresco e

o ar condicionado ainda está ligado. Não gosto muito da parte da bebida que tem no bar, sou muito fraca para um copo de cerveja sequer, mas gosto de ficar lá com eles, conversando, conhecendo mais gente na cidade e me tornando um rosto conhecido também.

capítulo 2



elena

Entro no bar e vou direto para o banheiro para me livrar dessa blusa e substituí-la, passar um batom carmesim pelos lábios, conserto meu cabelo de forma a não parecer tão comportado no início da noite. Ao sair, vou direto para o bar para encontrar meu chefe, teoricamente, que acabou de pedir duas cervejas. Pego uma ao me sentar ao lado dele e lhe ofereço meu melhor sorriso; sei que tem muitas mulheres que lançam olhares a ele quando passam e gosto dessa confiança de estar com um homem bonito por perto e que, ao mesmo tempo, não é um completo babaca que só sabe falar sobre si mesmo ou um assunto para o qual não dou a mínima e ele é simplesmente incapaz de notar.

Vou para frente e tomo um gole da cerveja gelada, olho para ele de perto. Seu sorriso é bonito e encantador, seus olhos são de um tom de verde-escuro que pode passar despercebido sob as luzes escurecidas do ambiente, mas *eu* noto. Ele sabe que eu noto e estou olhando para ele tão fixamente e tão de perto que quando inspiro dessa vez, sugo para mim o perfume dele. Almíscar. Amadeirado. Eu gosto.

Sinto que ele está tímido e também decido que gosto disso, de ser eu a dar um passo a frente, mas que não seja rápido demais para que ele ache que estou desesperada. Ainda estamos no primeiro gole da primeira cerveja, por isso me afasto

e coloco para trás uma mecha do cabelo com um pequeno sorriso. Meus olhos não estão mais nele, mas ele os alcança para ver se ainda estou interessada no flerte inocente enquanto dou mais um gole na bebida.

Meus olhos sorriem para ele, que faz o mesmo.

— Então... Você cresceu aqui? — A cidade é pequena, eu sei que sim, mas quero perguntar e saber mais detalhes sobre ele antes de chegar onde quero chegar desde que coloquei os olhos nele.

— Sim. — Um sorriso mínimo surge em seus lábios e agora parece que cada pessoa aqui está olhando para nós, seus olhos acompanham o movimento e uma fileira de dentes brancos e certinhos aparece um pouco. O som das conversas atrás de nós fica mais alto e ele olha por cima do ombro enquanto gira a garrafa por entre seus dedos. — Quer ir se sentar com o pessoal?

— Claro. — Abro um sorriso entusiasmado e dou uma olhada nos seus amigos e algumas de nossas colegas de trabalho. — Você pode me apresentar meus futuros novos amigos. — É como se eu dissesse que ele não se encaixa nessa categoria e ele concorda.

Levantamo-nos e vamos até uma mesa a poucos passos. O bar é como um corredor longo, porém estreito, e as mesas ficam do lado esquerdo, o bar ocupa o lado direito com uma ampla variedade de bebidas, bancos para quem quer só ficar por ali para beber alguma coisa.

As mesas estão ficando cheias rápido e ainda não são sete da noite, mas esse é o melhor lugar para se estar em uma cidade pequena em uma sexta à noite.

— Sabe? — Interrompo-o ao chegar mais perto e as duas garotas erguem os olhos para me encarar. Isso me incomoda pela primeira vez, mas quero que só ele escute. — Por que não vamos para outro lugar e conversamos um pouco mais? Só eu e você. — Sinto seus olhos, ele me encara de perto por cima do ombro e pensa durante um instante.

— Está bem. — Termino minha cerveja e deixo a garrafa ali, como ele, que diz alguma coisa aos amigos e em poucos

segundos, estamos na calçada. Não vim de carro porque pretendia beber, talvez eu pudesse andar para casa depois ou tomar um táxi se estivesse muito tarde. Mas como ele só bebeu metade de sua cerveja, entro no carro dele e damos uma volta por ali antes que ele me pergunte para onde vamos e sugiro a agência dele, que concorda com um aceno.

Não temos tempo para conversar no carro, a agência fica a dois minutos do bar e quando entramos, o lugar está escuro e começamos a nos beijar antes que Michael feche a porta. Sua mão ainda consegue girar a chave e seu corpo fica contra a porta, sua boca é macia e ele me toca com força e delicadeza, me leva para junto dele.

Há uma dose de adrenalina pulsando entre nós e ela é forte, cresce e toma forma a uma velocidade vertiginosa. Ele me puxa para si e enrosco as pernas em torno dele. Ergue minha camiseta e me beija ali mesmo. No minuto seguinte, estamos na sala dele. Minhas costas estão contra o sofá e ele está tirando o resto do caminho.



Como é sábado, permito-me ficar na cama por mais tempo, mas tenho que me levantar as oito e dar um tapa no despertador antes de jogar minhas pernas para fora da cama. Não quero tomar banho tão cedo, então apenas coloco um short e camiseta antes de para o zoológico para meu trabalho voluntário, umas das melhores coisas que faço nesse lugar.

Está tudo tão calmo no fim da tarde que fico com Meg, a girafa, minha predileta aqui. Ela sabe disso e parece feliz ao me ver também, mas logo tenho que ir comer alguma coisa. Adriana, que é veterinária e trabalha no zoológico, e eu sentamo-nos na frente do zoológico e comemos cachorro-quente de uma barraquinha ao lado, o sol já foi quase embora e conserto meu rabo de cavalo firme no topo da cabeça.

Adoro o sol quente contra a minha pele, mas nada paga a brisa fresca enquanto o tom alaranjado e crepuscular se estende pelo céu. Adriana quer sair comigo mais tarde, mas estou acabada depois da noite anterior e a semana foi cansativa. Concordo quando terminamos de comer e pego minhas chaves ao aproximar-me do meu carro.

Dá tempo de tomar um banho para me livrar do suor que é insuportável em minha pele e me faz ficar grudenta e nojenta – as palavras até parecem estar em harmonia. Arranco os tênis dos pés ainda na porta e vou indo para o banheiro. Mas paro por um segundo e encaro meu reflexo no espelho, puxo uma mecha do cabelo por entre os dois dedos e penso em cortá-los, talvez ficar loira por um mês, mas afasto a ideia maluca da cabeça e relaxo por cinco minutos, tempo em que tudo o que posso ouvir é o som da água contra o meu corpo, o gotejar quando ela encontra a banheira e o som do líquido escorrendo pelo ralo.

Quando saio, no entanto, pego meu celular que está sobre a cama e mando uma mensagem a Adriana dizendo que estou com dor de cabeça, depois peço uma pizza e me jogo no sofá para assistir *The Bachelor*, que deve estar na temporada de número mil. Os exercícios durante a semana inteira pagam a quantidade de calorias em um único pedaço de pizza dos oito que comi diante da tevê.

Acabo pegando no sono encolhida aqui e acordo de repente às duas da manhã. Está tudo calmo, então acho que o que me acordou foi a luz branca repentina na tela da tevê em um comercial de uma marca de roupas, então desligo e vou cama a cama me encolher e tentar adormecer mais uma vez, mas por algum motivo, não consigo. Fico me virando e revirando e longos minutos depois é que percebo o porquê: há um barulho do lado de fora.

Quando coloco minhas pernas para fora da cama, não consigo dizer o que é. Parecem vozes de várias pessoas falando ao mesmo tempo, mas o ruído também se assemelha a vários insetos irritantes, como vespas ou alguma coisa assim, não posso dizer ao certo. E continua, parece mais perto e isso me assusta por um segundo, faz meu coração bater agitado.

Empurro a coberta para longe e saio do quarto em direção à sala de estar que acabei de deixar, meus pés tocam o chão frio e me encolho com os braços a minha volta para espiar pela janela e ver que devo estar com tanto sono que devo estar sonhando acordada, pois a rua está vazia e silenciosa, nem sombra de atividade a essa hora da manhã.

Agito a cabeça e tento voltar a dormir, mas fico lá, olhando para o teto e perguntando a mim mesma se estou ouvindo coisas agora. Pressiono os dedos contra a testa, arfo e percebo que estou suada. Levanto-me perto das quatro e decido que um banho é a melhor coisa para despertar e sento-me na banheira pela metade, fico lá por um tempo sentindo a água contra a minha pele.

Embora não tenha visto nada na rua, fico inquieta como se algo se movesse sob minha pele e me impedisse de dormir. Ando de um lado a outro pelo quarto envolta em minha toalha antes de sentar-me na borda da cama e perceber que o sol está nascendo. Odeio domingos. São tão entediantes, e nunca tem nada para fazer em Troutman que não seja se reunir com a comunidade. Decido que é o que vou fazer hoje.

Tem um piquenique no lago, ouvi falar no trabalho e antes das cinco, decido que vou. Ainda tenho muito tempo, por isso passo parte das horas até que o sol esteja alto no céu preparando café da manhã, ovos frescos e bacon, saio para correr em seguida. É a única coisa que me faz sentir bem para que o dia *transcorra* bem. Coloco os fones com uma música bem alta e corro pela rua até o fim, dou o que parece ser uma volta completa por todo o bairro e volto para casa em trinta e três minutos. Apoio as mãos nos joelhos ao parar diante do meio-fio para recuperar o fôlego sob a brisa fresca antes de entrar em casa.

— Querida! — Vejo minha vizinha acenar e vir na minha direção, o que me faz retirar os fones e sorrir de volta. Gosto dela desde que me mudei, ela me ajudou com a mudança, na verdade, e me ofereceu comida por duas semanas inteiras enquanto eu andava pela cidade e conseguia comprar móveis decentes para conseguir fazer minha própria comida.

Troutman é o melhor lugar para se viver.

— Oi, Chrissy.

— Você sumiu. — Ela para perto de mim e empertigo os ombros com um fôlego longo. — Vai ao piquenique mais tarde?

— Faço que sim com um sorriso alegre.

— Sim, acho que nos encontraremos lá. — Ela acena e digo que preciso de um banho, assim entro em casa. Preciso de mais tempo para manter tudo em ordem. Jogo minhas roupas todas no cesto, inclusive as que estavam guardadas e jogadas pela casa.

Durante meu banho, elas ficam na lavadora e ainda tenho tempo de estender as peças daquela semana no varal do pequeno quintal aos fundos da casa. Depois penteio meus cabelos e coloco um vestido de alcinhas com uma sandália de tiras antes de sair de casa.

capítulo 3



britt

Quase pulo da cama na segunda, pois estou atrasada. A noite passada é um borrão na minha cabeça e tento me afastar disso para chutar minhas roupas para longe e tomar um banho de menos de cinco minutos antes de ir trabalhar. Odeio me atrasar, por isso corro e encontro um logo um jeans e blusa. Não é uma coisa que eu teria usado comumente, mas serve porque está muito quente lá fora e ainda são oito e pouco.

Todo mundo me cumprimenta quando chego ao trabalho e dessa vez, procuro meu lugar para me sentar e terminar o que tinha começado com Michael na sexta, está tudo quase acabado pela minha parte e só falta que eu mande para ele o que deveria ter terminado no fim de semana. Só que não pude, então faço qualquer coisa na hora que falta antes que ele chegue.

Acho que dormi mal na noite passada, pois sinto meus olhos queimarem e as nove, levanto-me, pois preciso desesperadamente de cafeína. Muita. Para o meu azar, não tinha visto Michael chegar e o encontro na copa. Ele me oferece café com um sorriso e abaixo os olhos porque o verde em seu olhar parece me queimar. Além disso, só posso pensar em dormir cedo hoje, assim que chegar em casa. Precisava arrumar tudo, mas

quando acordei, vi que já estava arrumado. As roupas estavam no varal, o chão estava limpo e os pratos no corredor.

— Tudo bem?

— Só dormi mal. — Tento sorrir e coloco para trás da orelha uma mecha do meu cabelo enquanto bebo o café. Ele me olha por um segundo estranho e fico parada, meus músculos não parecem responder mais aos meus comandos quando meu cérebro me diz que preciso sair daqui.

— Quer comer alguma coisa hoje? Tem um novo restaurante que eu queria conhecer.

— Eu... Tenho que terminar meu trabalho. — É tudo que consigo falar e não sei dizer se essa é uma recusa apropriada. Parece que ele está flertando comigo e sinto que *comer alguma coisa* soa como um encontro que não quero ter com ele.

— Não precisa de pressa, ainda temos prazo. — Dou mais um gole longo no café e Sheila entra. Seu perfume exagerado o faz antes que eu olhe por cima do meu ombro para vê-la entrar, e quando a vejo, o primeiro ponto para onde meus olhos se encaminham é seu decote.

Parece um pouco exagerado e vejo que Michael desvia o olhar e se sente constrangido; suspeito que ele queira lhe dizer alguma coisa sobre esse não ser o tipo de roupa que se usa para trabalhar, mas ele deixa a oportunidade passar e sorri para mim antes de sair e nos deixar a sós, o que não foi uma decisão muito boa, visto que Sheila me fuzila com o olhar como se eu fosse a vadia tentando roubar o cara bonito e popular por quem ela tem uma tremenda queda e simplesmente odeio esse comportamento adolescente.

Consigo preencher a caneca com café e sair em direção a minha mesa. Michael se trancou na sala dele e me sento, vejo que Zoey, cujo cubículo fica ao lado do meu, está digitando em seu computador, mas ergue a cabeça para espiar por cima da divisória e falar comigo de modo que ninguém mais escute. De qualquer forma, todo mundo parece bem distraído ou concentrado com seus deveres.

— Acho que você acaba de ganhar uma arqui-inimiga, Britt.
— Ela murmura com um sorriso camuflado e retribuo.

— Acho que todas aqui são minhas arqui-inimigas, então. — Ela volta ao que estava fazendo e concentro-me em meu trabalho pelo resto da manhã. Almoço um sanduíche que estava na minha bolsa. Devo ter feito ontem à noite e estava excelente. Não sabia que podia fazer algo tão simples e tão bom.

Acabo ficando sozinha depois.

Está perto do fim do horário de almoço quando me levanto com a caneca para ir até a copa em busca de mais café, sinto-me horrível hoje, mas vou até o banheiro antes, lavo o rosto e forço-me a despertar, pois o expediente acaba em poucas horas agora. Quando estou voltando para a copa para buscar o café, sou surpreendida por Sheila e um copo quente de café que ela despeja em mim, mas que finge muito rápido que foi um acidente.

— Desculpe, Britt. Foi sem querer. — Sei que não foi, mas não tenho muitas opções e não sou exatamente uma pessoa que gosta de discussões, mas queima. Minha barriga dói e o café quente escorreu pelo meu decote, tudo dói e está ficando vermelho. Quando me viro para ir até o banheiro tentar limpar aquilo, vejo Michael. Ele vem até mim com o cenho franzido e encara Sheila por cima do meu ombro.

— O que aconteceu?

— Foi um acidente. — Ela se apressa em dizer e passo por ele sem dizer uma palavra. Dói demais para que eu tenha tempo em pensar em ficar irritada. Bato a porta do banheiro e arranco a blusa sem pensar, molho as mãos e passo toalhas de papel molhadas pelos seios. Meu sutiã meia-taça é claro e agora está manchado de café. Minha pele está vermelha e lateja, não sei se água fria vai adiantar muito.

Viro-me com um pulo para ver quando Michael entra no banheiro e fecha a porta atrás de si. Ele não parece se importar que seja o banheiro ou com o fato de minha blusa estar ao lado da pia, não no meu corpo.

— Você está bem? — Por ora, também não me importo muito. Concentro-me na tarefa de molhar meu antebraço esquerdo quando ele se aproxima e para ao meu lado. — Quer que eu a leve ao hospital?

— Não, não estava tão quente assim... — Começo a negar, mas ele puxa meu braço e parece preocupado ao ver quão vermelha minha pele está e seu toque dói. Minha pele está sensível demais para recebê-lo agora.

— Eu vou te levar até o hospital. — Ele me solta e seu olhar é sério. Não é uma pergunta e sei que devo aceitar porque não quero que piore, talvez receitem alguma pomada para não ficar pior ou algo do tipo, mas algo em meu cérebro me diz que tem algo errado e exige que eu fique longe dele agora. Não posso dizer o porquê, porque gosto dele – como meu chefe, é claro, ele sempre foi simpático, esse sentido de gostar.

— Não precisa, só preciso de um banho agora.

— Tem certeza? — Seu olhar fica mais intenso, o verde parece ficar mais verde agora e faço que sim com um movimento. Agarro minha blusa e a torneira para quando afasto a mão, pressiono o tecido contra o meu peito e o encaro. — Está bem, mas ligue se precisar. — Faço que sim de novo, não consigo responder. — E pode tirar o dia de folga amanhã.

Quero dizer que não precisa, mas não digo.

Só quero ir para casa agora.

Está tudo calmo na vizinhança quando chego. Tiro a blusa assim que bato a porta e me vejo sozinha, tomo um banho longo, coloco roupas confortáveis e decido ligar para a minha avó. Não encontro chamadas desde quinta à noite em meu telefone e percebo que não tive tempo nos últimos dias para telefonar. Ela é minha única família, eu deveria ligar mais vezes.

— Olá, querida. — Faye tem a voz alegre, me faz sentir melhor e até sorrir, apesar de sua idade avançada. Ela fez sessenta e sete em maio. — Como está indo aí?

— Tudo bem. — É tudo o que digo e ela muda o tom.

— Aconteceu alguma coisa? Achei que estaria no trabalho a essa hora. — Conto, sem muitos detalhes e sem adicionar meus pensamentos e conclusões, sobre o pequeno *incidente* no trabalho. Não quero preocupá-la – digo mil vezes que estou bem

para garantir –, mas também não gosto de esconder nada. — Estou bem, só vim para casa tomar um banho. Estava coberta de café, foi só isso. — Não conto que eu estou usando uma camiseta fina porque minha pele está sensível e que tomo cuidado ao menor movimento que faço para não piorar.

— Está bem. — Ela expira aliviada. — Conte-me mais sobre como as coisas estão indo aí. — Digo a ela que está tudo bem, que gosto do meu emprego e todos – *a maioria* – são simpáticos e cordiais, a cidade é hospitaleira e não penso em voltar para o Missouri ou qualquer lugar.

Parte dela fica feliz, eu sei sem que ela precise se expressar tanto, mas outra sente minha falta como sinto a dela. Estou bem em Troutman e lhe escondo minhas preocupações. Conversamos mais um pouco e quando desligo, vou para a cozinha para ver que fiz compras no fim de semana. Acabo no quarto com uma das sopas que estavam prontas na geladeira, pego as roupas que ficaram no varal quando saí apressada pela manhã e vou me deitar cedo depois de anotar minhas ideias sobre o trabalho, mas desperto pouco antes das dez com uma luz distante que entra pela janela e reflete direto no meu rosto.

Isso me incomoda e acabo levantando para ver o que é e fechar a cortina. Mas pelo meu quintal, além da cerca baixa de madeira, vejo que tem algumas pessoas no quintal dos Thompson. Estão de pé e parecem vestidos com um casaco preto e igual – são três pessoas que não posso dizer se conheço, pois estão de costas, longe demais e a luz está acima deles.

Não sei se fico preocupada, não posso ver o que está havendo, mas os Thompson, como os Allen do outro lado, estão na cama sempre as oito com sua filha de treze anos. É estranho e fico tensa, quero ver se está acontecendo alguma coisa com eles. Assim que me mudei, acabei por descobrir que o senhor Thompson teve um infarto no último ano e algo em mim quer checar antes de voltar para a cama. Enfio os pés em minhas pantufas de ursinho para sair de casa.

Apesar de ser verão, é frio à noite, venta bastante, e assim que fecho a porta, abraço meu corpo e espio a casa ao lado. As portas da frente estão fechadas e as luzes, apagadas. Será que

ele morreu sem que eu saiba? Será que é o velório do senhor Thompson? Sinto juncos em minha testa, meu coração bate um pouquinho mais forte quando escuto o som de conversas baixas e murmuradas vindas dos fundos da casa. Eles estão reunidos ali, onde o homem tem uma casa de ferramentas e constrói coisas.

Todos falam em tom lamentoso e sussurrado e estou começando a ter certeza de que é um velório.

Esgueiro-me até a frente da casa. Logo ao lado fica a pequena porta de madeira que leva aos fundos e é baixa o suficiente para que eu veja um homem ao longe, a vários metros de mim. Não posso ver o rosto, uma das luzes amarelas está pendurada bem acima dele, mas posso ver agora que o que ele usa – o que todos usam – não é um casaco escuro. Parece um manto negro e quando o homem me dá as costas, percebo que tem um capuz. De costas para mim, ele sussurra algo com uma mulher perto dele e fico mais tensa.

Meu coração está a ponto de saltar do meu peito e tenho o instinto de sair daqui. Estou com medo, algo errado parece acontecer ali, mas por um segundo, continuo espiando por cima da porta para descobrir o que estão fazendo e eles não se movem. Um homem surge em meu campo de visão e os dois conversam com a mulher. Inclino-me um pouco para a direita na tentativa de ver seus rostos e aperto meus braços com mais força a minha volta.

— *Britt?* — Ouço meu nome ser sussurrado atrás de mim, a voz está tão perto que sinto um sopro de ar quente ao me virar e dar de cara com Babi, a filha dos Thompson. Vou para trás e sinto a porta contra minhas costas, não consigo me mover. Os olhos dela estão sinistros e o capuz do manto negro que ela usa cobre seus longos fios loiros e parte de seu rosto angelical, mas quando ela dá um passo a frente, enxergo seus olhos azuis brilhando no escuro, vejo que há um sorriso maligno em seus lábios e desenhos tribais em seu rosto. Preciso de um segundo, uma inspiração entrecortada, para perceber que o vermelho intenso não é tinta. É sangue. — O que está fazendo, Britt? — Ela pergunta sorrindo e chega mais perto.

Está a um passo curto de mim quando inflo o peito de ar e trêmula e assustada, sem entender o que está havendo, mas com mil possibilidades rondando minha mente, colido em seu ombro e saio correndo.

Corro como louca pela rua deserta e parece que tudo está se afastando por um segundo, mas levo um segundo para olhar para trás e perceber que fui pela direção contrária a minha casa. No entanto, o pânico domina minha mente de tal forma que não me dou ao luxo de sentir que fui idiota. Babi parece ter sumido quando olho por cima do meu ombro sem parar, então esbarro em alguma coisa e caio no chão. Meu corpo treme e sinto meu joelho latejar, minhas mãos também. Meu peito sobe e desce e tento me controlar para levantar e sair daqui.

Quero voltar para casa, quero me sentir segura de novo uma vez que estiver em minha cama com todas as portas trancadas e estar aqui me faz sentir vulnerável demais. Pior, me faz ter a sensação de que eu surtei de uma vez por todas por estar imaginar todas as coisas que estão passando pela minha cabeça nesse momento.

— Ei. Você está bem? — Olho para cima antes de me levantar e vejo alguém me encarar. Um homem. Ele estende a mão e aceito, não sinto medo dele por um minuto. — Precisa de ajuda?

— Não, eu... — Gaguejo, e de pé, olho por cima do ombro, tento respirar e dessa vez, perto dele, sinto que o ar mais fácil em meus pulmões, deixo que ele saia antes de olhar para o homem mais uma vez.

— Tem alguém atrás de você? Quer que eu ligue para a polícia? — Ele tira o celular do bolso e agito as mãos.

— Não, não precisa. — Sou rápida em dizer, mas não pareço convencê-lo. — Eu me assustei, mas... Não tem ninguém atrás de mim. — Forço as palavras para fora e quando respiro fundo, sinto que meu peito treme. — Obrigada, eu estou bem. — Ele guarda o celular e abraça a mim mesma pelos ombros.

— Precisa de ajuda? Uma carona?

Faço que não e sorrio.

— Não, eu moro nessa rua. Você está indo naquela direção?
— Ele faz que sim e tenta sorrir, ainda parece preocupado, mas noto que deve ter a minha idade, talvez pouco mais, e seu sorriso me acalma.

— Eu sou Jacob. — Aceito a mão dele.

— Brittany. *Britt*. — Murmuro.

— Você se machucou? — Ele olha para minha palma e vejo que está ralada, mas faço que não. Não é grave. — Eu também moro nessa rua, se importa em andar comigo? — Faço que não e vamos andando juntos a uma distância moderada porque estou com medo de ir sozinha. Ainda me encolho com os braços a minha volta. — É tudo tão quieto aqui a noite. — Ele encara as estrelas no céu. — Você mora aqui há muito tempo?

— Não, alguns meses. E você?

— Seis meses. — Ele me olha e sob a luz da lua em rosto, posso ver seus olhos castanhos agora. Como os cabelos caem pelo seu rosto, os fios lisos e fartos em sua testa me fazem comprimir os lábios e virar a cabeça por um segundo de distração para encarar a casa do senhor Thompson e aperto os braços com mais força a minha volta.

— Sabe... Deve ter sido algum gato ou alguma coisa assim.
— Falo mais comigo mesma do que a Jacob, que se limita a um pequeno sorriso. Paro na minha calçada e tomo um fôlego profundo. — Obrigada.

— Por ter ficado no meio do caminho e te jogado no chão? Não precisa agradecer. — Ele sorri e vejo-me fazendo o mesmo. Parte minha esquece-se do que acabou de acontecer e deixo que meus braços caiam ao lado do corpo.

— Bem... Acho que nos vemos por aí. — Despedimo-nos e dou um passo em direção à porta, mas paro por um minuto para olhar em volta. Não há mais sinais de movimentação na casa do senhor Thompson, parece que tudo não passara de um sonho louco ou imaginação criativa, mas quando olho para o outro lado, vejo Jacob entrar em sua casa a alguns metros da minha do outro lado da rua.

Talvez tenha acontecido mesmo.

Sobre a autora

Anne Hølt Muller é autora de diversos livros, como *Areia Movediça*, a trilogia distópica que conquistou os leitores e a crítica literária, com os três primeiros volumes na lista de mais vendidos. Escreveu também os romances *Minta Por Mim* e *Limerência*. O primeiro volume de *Enquanto Você Dormia* está há mais de vinte e sete semanas em primeiro lugar na lista de mais vendidos da Amazon. A novela *Sob Sua Pele* alcançou o primeiro lugar na lista por uma semana e tem se mantido na lista desde seu lançamento. *Eu Desaparecerei Com a Fria Brisa de Inverno* alcançou o primeiro lugar na lista ainda em sua pré-venda.

Texto por Camila Bergamini dos Reis

Informações sobre a autora:



www.aneholtmuller.weebly.com



www.instagram.com/aneholtmullerbooks



www.facebook.com/aneholtmuller



www.amazon.com/author/aneholtmuller



[Playlist de “Eu Desaparecerei Com a Fria Brisa de Inverno” no Spotify.](#)



www.skooob.com.br/autor/8838

Para saber mais sobre os títulos, acompanhe nas redes sociais e acesse o site para inscrever-se na newsletter e receber novidades, como os próximos lançamentos, além de receber conteúdo exclusivo, além de poder enviar suas sugestões, impressões e dúvidas. Ou entre em contato por e-mail: aneholtmuller@gmail.com

editora intempérie



intemperie.tk



www.instagram.com/edintemperie

[1] Dezesesseis anos é a idade de consentimento no Reino Unido.

[2] Personagem do livro Crime & Castigo, do russo Fiódor Dostoiévski, que assassina duas senhoras com uma machadinha.